

COLEÇÃO APLAUSO CINEMA BRASIL

CASADE MENINAS

romance **original**
eroteiro inédito
por **INÁCIO ARAÚJO**

 **CULTURA**
Fundação Padre Anchieta

mprensa ficial

Casa de Meninas

Romance e Roteiro Cinematográfico



Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Geraldo Alckmin
Arnaldo Madeira

Imprensa Oficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretor Financeiro e
Administrativo
Núcleo de Projetos
Institucionais

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Alexandre Alves Schneider
Vera Lucia Wey



Fundação Padre Anchieta

Presidente
Projetos Especiais
Diretor de Programação

Marcos Mendonça
Adélia Lombardi
Rita Okamura

Coleção Aplauso Cinema Brasil

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
Revisão e Edição

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne

Casa de Meninas
Romance e Roteiro Cinematográfico

por Inácio Araújo



São Paulo, 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araújo, Inácio

Casa de meninas : romance e roteiro cinematográfico / Inácio Araújo. –
São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura - Fundação
Padre Anchieta, 2004. –

416p. : il. - (Coleção aplauso. Série cinema Brasil / coordenador
geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 85-7060-233-2 (obra completa)(Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-257-X (Imprensa Oficial)

1. Araújo, Inácio. Casa de meninas - Crítica e interpretação 2. Cinema -
Roteiros 3. Cinema e literatura 4. Romance brasileiro - História e crítica I.
Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

04-5034

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance e roteiro cinematográfico : Literatura
brasileira : História e crítica 869.93

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca

03103-902 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: (0xx11) 6099-9800

Fax: (0xx11) 6099-9674

www.imprensaoficial.com.br

e-mail: livros@imprensaoficial.com.br

SAC 0800-123401

Apresentação

Do roteiro ao romance

Casa de Meninas foi escrito como roteiro cinematográfico em 1985. Me interessava na época a idéia de que em 1986, o movimento de maio de 68 chegaria à maioridade, o que me parecia um bom momento para revê-lo. Como não via perspectiva de produzi-lo a curto prazo, pensei em extrair dali um romance com a minha visão desse momento, ou antes, desses dois momentos, pois ali havia duas gerações se encontrando, observando-se mutuamente.

Um romance com esse nome era, desde então, algo incômodo, pois já chegava ao mundo à sombra de *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles, que tratava de assunto próximo. No entanto, me pareceu que não devia me importar com a aproximação, pelo contrário: embora o romance de Lygia seja admirável, a verdade é que desde a motivação minha história trilhava caminhos bem diferentes.

Do ponto de vista pessoal, a passagem do roteiro ao romance foi vertiginosa. Logo de início constatei que um romance, diferentemente de um filme, possui um narrador, enquanto o narrador cinematográfico é oculto, ou brinca de se ocultar. O de uma história escrita, não.

Para resolver esse problema, promovi Leon a personagem central. No roteiro, ele é decisivo, mas só o é porque aparece pouco. Na transposição para romance, foi necessário de certa forma explicitá-lo, mostrar claramente quem era nosso personagem.

A escrita do filme e a escrita literária são fundamentalmente diferentes, não raro opostas. O personagem romanesco tem a personalidade definida por idéias e palavras, enquanto o personagem cinematográfico define-se por seus atos. Daí roteiros serem peças necessariamente incompletas: o que lhes dá vida é um rosto, uma gestualidade, um cenário - coisas que com frequência passam despercebidas ao espectador e mesmo ao leitor profissional de roteiros.

6

Já no livro o escritor esmera-se o mais possível em descrever.

O fato de partir de um roteiro e minha admiração pelo romance noir me levaram a tentar escrever um livro que pretendia imitar, pelo sentido de urgência, as histórias de detetives. Antes da descrição me interessava a ação. Isso não deriva, é bom deixar claro, de um hábito cinematográfico: com raras exceções (Kafka é uma delas) as descrições me aborrecem e tendo o mais das vezes a pular as páginas descritivas e a imaginar as coisas a meu modo.

Não creio que, quando o autor diz que *“a cama fica à direita, encimada pelo pôster de uma exposição de Paul Klee, e a porta à esquerda da estante, tendo à frente uma espreguiçadeira”*, por exemplo, o leitor realmente se esforce por figurar as coisas dessa maneira. Se ele for como eu, vai imaginar um quarto próximo àquilo que conhece, parecido com o seu ou com o de alguém próximo e pronto. O pôster sobre a cama, ele não pensará em Paul Klee se não conhecer os seus quadros ou se conhecê-los mal. Mas se ele imaginar um pôster qualquer naquele espaço as coisas não se alterarão em nada. Por essas e outras optei por restringir ao máximo as descrições (mas não aboli-las: o leitor precisa de um referencial, mesmo que seja para imaginar as coisas à sua maneira).

7

A principal influência para a escrita do roteiro vinha de um escritor, Antonio de Alcântara Machado, de maneira que isso não precisou se alterar substancialmente. Embora me agradem certas passagens que acrescentei ao livro, voltando ao roteiro não consegui integrá-las ao texto. Mudaria a concepção da história e não vejo que pudesse ser para melhor.

Por fim, tive a intenção de fazer um livro de leitura leve - ainda que os temas tratados possam ser graves.

Um livro de aeroporto, desses que ajudam a passar o tempo no vôo. Os amigos, especialmente os que suportaram minhas inseguranças e praticamente me empurraram ao fim da empreitada, como se empurra um carro defeituoso la-deira acima, acharam que valeu o vôo. Queria agradecer a cada um deles, mas já faz tempo e me lembro especialmente da contribuição de Augusto Massi, Luiz Schwarcz, Rodrigo Naves e Mário Sabino Filho. Rodrigo foi, no mais, quem sugeriu usar um quadro de Matisse na capa. Sheila Schvarzman, de paciência infinita, foi quem encontrou o quadro.

8

Quanto ao roteiro, ao menos na minha lembrança cheguei quase ao final sozinho. Mas não conseguia encontrar um desfecho interessante para a história de duas personagens: Marina e Renata. Se não fossem as sugestões de Carlos Reichenbach, acho que até hoje estaria à procura dessas soluções. No final, terminei por utilizá-las também no romance, embora ali, sobretudo a seqüência da dança, tão importante no desenvolvimento do personagem de Renata, não me pareça de todo convincente, justamente por ser tão visual.

Inácio Araújo

julho 2004

Casa de Meninas

Romance

Inácio Araújo

*“Hoje carrego estas cadeias, mas estou aqui.
Amanhã serei livre – mas onde?”*

Edgard A. Poe

*Para Sheila & Heloisa
Para Bel, na memória.*

Prefácio do Princípio

Às 22h25 eu pensava desesperadamente em uma maneira de escapar do xeque que Miguel Kobayashi me aplicara, quando o som de passos subindo pela escada interrompeu minhas meditações.

- Sujou! – berrei para o japonês.

Kobayashi, tão rápido e certo no manejo das peças de xadrez, parecia ter a bunda colada na cadeira e uma admirável incapacidade de perceber o que estava de fato em jogo. Embora trabalhasse comigo há dois anos – tempo em que executou com paciente habilidade centenas de diplomas que eu comercializava – parecia ignorar que participava de um negócio não propriamente legal. Na verdade, nunca lhe falei sobre a natureza dos diplomas que colocávamos no mercado com crescente sucesso. Mas esperava que ao menos longinquamente suspeitasse de alguma trapaça na sistemática derrama de papéis que promovíamos.

Ele olhava ora para mim, ora para a porta. Concluí rapidinho pela obtusidade de Kobayashi e corri para a janela, deixando para trás os planos de expansão do negócio. Por sorte ou por cálculo, o muquifo era num primeiro andar da Rua Santa Ifigênia, o que me permitiu jogar o corpo para fora da janela, mantendo por um momento, as mãos presas no parapeito.

Soltei o corpo, rezando para que as pernas agüentassem o tranco.

Embaixo, podia ouvir Kobayashi levando uns safanões e o ruído dos arquivos sendo revirados. O tornozelo direito, torcido na queda, doía muito, mas naquela hora só conseguia pensar que tinha de me mandar, enquanto Kobayashi, sem saber, me dava cobertura.

Deu para escapar. Mas para onde? E para quê? À meia-noite e meia, Samantha saiu do Teatro Santana. Era uma morena sem graça que trocou a datilografia pelo strip-tease na esperança de se descoberta por algum produtor e virar artista de televisão. Completava o salário fazendo programas a preços módicos com os freqüentadores do teatro e tinha a vantagem de largar qualquer um quando eu aparecia. Achava que comigo era diferente porque eu “sabia conversar”.

Talvez minha conversa não estivesse boa naquela noite. Ou então Samantha (Conceição Maria na pia batismal) se irritou porque, por mais que me esforçasse, eu não tinha vontade de trepar. Reclamou que estraguei o programa dela com um velhinho por nada e me botou para fora a tapa, dizendo que seu quarto não era pensão. Três horas da manhã é o inferno ou o limbo. Quem está na rua já foi dormir; quem dorme ainda não acordou.

Não há ninguém por perto e a noite parece se

eternizar. Minha única certeza era que não podia voltar ao escritório ou ir para o apartamento até que a poeira assentasse. Resolvi andar sempre, não dormir, não deixar que o cansaço me vencesse.

A manhã me pegou de surpresa, sentado em um banco da Praça Buenos Aires. Tinha o colarinho sujo, o paletó amarfanhado, as calças puídas na queda. E os olhos em uns PMs que começavam a tomar posição para o policiamento da praça. Por sorte, a atenção dos PMs estava toda nas babás que, logo cedo, vêm passear com as crianças ricas.

Tomei café, fiz hora num sebo, assisti a um filme pornográfico, olhei as vitrines das lojas. Calculei que, pela hora em que o escritório foi invadido, os jornais não podiam ter saído com minha foto. Isso me dava uma tranqüilidade que eu já vislumbrava provisória.

Comecei a sentir na pele que, para quem não tem aonde ir, o tempo inexistente. Você flutua num espaço inconsistente, com infinitas opções de partida e nenhuma perspectiva de chegar a alguma parte. Meu problema era imediato. A poeira, não devia me iludir, não ia assentar. Seguir era inútil como parar. Nada tinha a esperar, nem do acaso. Nessas condições, o acaso costuma se manifestar.

1. O Acaso Objetivo

Eu reconheceria aquela mulher em qualquer parte. Ainda assim, não acreditava no que via dentro da loja. Minhas andanças tinham me levado até Pinheiros, na esperança de cruzar algum amigo que desconhecesse minhas atividades recentes. Não me passava pela cabeça encontrar ela.

Na boutique, Sofia conversava com a balconista. Tinha os cabelos morenos caindo sobre os ombros, como antigamente, embora não conservassem o desalinho do passado. Pelo vidro, percebi que ela falava energicamente com a balconista; esta parecia desculpar-se. O diálogo interrompeu-se de maneira abrupta e Sofia deixou a loja batendo a porta. Olhou para os lados, cobriu o rosto com enormes óculos escuros e começou a andar rapidamente.

Usava um vestido preto e, sobre ele, uma capa cinza, com as abas erguidas; carregava uma enorme bolsa na mão direita e podia-se ver que suas pulseiras não eram nada baratas.

Seguia-a a distância, pensando em como havia mudado nesses mais ou menos quinze anos em que não nos vimos. Na certa, me passou pela cabeça, casou com algum milionário e passava as tardes torrando o dinheiro do marido nas compras. Ou – não era impossível – trocara as idéias revolucionárias por um belo salário.

Para minha surpresa, uns cem metros depois, entrou no Lanches Oásis, um bar que estava longe de ostentar qualquer pretensão à elegância. Entrei um minuto depois.

Cheguei por trás, contornando a mesa onde estava sentada e, sem querer, acabei assistindo à operação: com um gesto quase imperceptível ela passou para a bolsa um vestido que tinha sob a capa, onde ele estava escondido. Ainda não tinha acabado de fechar a bolsa quando me coloquei à sua frente; olhou para mim com quem olha um tira.

Fiquei com cara de besta, meio sorriso, mãos paradas. Queria há um tempo ser reconhecido e sumir: tinha pilhado minha ex-amiga em pleno furto, mas sentia como se eu é que tivesse sido apanhado fazendo alguma coisa errada. Ela se recompôs muito mais depressa do que eu.

- Que que você quer? – perguntou acendendo um cigarro.

- Lembra de mim?

Fixou o olhar demorada, sem nenhum constrangimento aparente por não me reconhecer. O garçom apareceu com um copo de vodca. Ela tirou os olhos de mim sem dizer palavra e tomou um gole enorme.

- Não, não me lembro - disse por fim.

- Estudamos juntos na Filosofia... O Leon...

Finalmente me encarou com um jeito familiar.

E riu:

- Evaristo Ponce de Leon... – pronunciou lentamente cada sílaba e levou uma das mãos à testa. – Como é que eu pude me esquecer. Senta... Ponce de Leon... Louco de pedra... Especialidade: Schopenhauer.

O garçom voltou, agora com um pedaço de bolo velho. Pedi uma laranjada. Ela esvaziou o copo com outro gole e pediu mais uma vodca.

- A não existência do mundo é tão possível quanto a sua existência. Lembrei com alegria disso que não falava há anos e em que provavelmente nunca pensei a sério.

- Não sei se algum dia acreditei nisso – falei.

Ela tirou a capa, deixando à mostra os ombros e o vestido decotado.

- Naquele tempo – disse com um ligeiro sorriso – você precisava se identificar a um livro, um autor, uma frase. Todo mundo era assim... – Mudou de expressão subitamente. – Você está mudado...

- Tirei a barba.

- Ficou melhor assim.

- Você continuou na Faculdade?

- Estou na pós-graduação...

- Hum...

- Você continuou na Faculdade?

- Estou na pós-graduação...

- Hum...

Não tive saco nem de acabar a graduação.

Achava que ninguém ensina os outros a pensar (tinha razão até certo ponto). Andava com Rimbaud na cabeça. Rimbaud e Sofia. A diferença é que ela me achava um ótimo amigo e eu era apaixonado por ela. Eu namorava já não me lembro quem. Acabei o namoro sem dizer até logo e fui morar no interior por uns tempos, com um bando de hippies. Tudo que queria, na época, eram os olhos de Sofia, saber o que havia neles que lhe dava um jeito de diabo, quando se virava para os lados, e criava um vazio que lembrava os quadros de Matisse, quando te olhava de frente.

20

Ela não havia mudado e era bem nisso que eu pensava enquanto a gente lembrava os velhos tempos, a política dos velhos tempos, o que havia acontecido com os amigos. O Bastos, que eu vira há algum tempo, virou um dramaturgo de merda (só assisti a uma peça dele, saí no meio, sei que fez sucesso). Houve os que fizeram carreira, os que desapareceram. E os que morreram...

Resumindo, tomei umas três laranjadas, ela, umas três vodcas, puras, sem gelo.

-Você bebe sempre assim?

- Só por desgosto. E você? É o rei da laranjada? Não tinha perdido o costume de alternar uma frase que tanto podia ser confidência como invenção, com uma pergunta ríspida.

Eu a teria mandado para o inferno, se não sentisse que estava me apaixonando por ela naquele fim de tarde.

Sexta feira sempre me pareceu um dia melancólico. Não é a véspera dos feriados, mas a hora de um último, abafado esforço contra os desgostos vergonhosos e contínuos da vida real. No sábado, os sobreviventes parecem se esquecer das humilhações da semana e saem à rua carregando o alívio de quem escapou de mil pequenos perigos. Não se vê as pessoas correndo para chegar ao banco antes do fechamento, ou os empregados que procuram tomar um bom lugar na fila de ônibus. Os derrotados da última semana somem da rua.

- Quem de nós vai perder na semana que vem?
- perguntou Sofia enquanto saíamos do bar.

Andamos por algum tempo, o suficiente para eu omitir minhas recentes aventuras e contar umas tantas trivialidades sobre minha vida: dois anos de desespero comunitário, me sentindo um banana porque não entrava na guerrilha.

- E pensando que você estava morta.

- Morta, eu?

Casei, separei, dirigi uns negócios do velho no interior, fui pra falência para deixar de ser honesto.

- E agora você vive do quê?

- Negócios...

Ela olhou incrédula para minha barba por fazer e conteve o riso. Pela primeira vez eu não queria impressionar Sofia me fazendo de inteligente. Na vida famigerada que vivia, pelo menos isso eu tinha aprendido: a não querer impressiona-la.

- Você era um cara inteligente... Provocador... – Sua voz parecia vir de outra pessoa, embora continuasse linda. Disse isso a ela, que tinha uma voz linda. Cometi, pela primeira vez na vida, a besteira de me dirigir a ela admitindo sua beleza. Ela estava completamente bêbada. Levantou um dos braços fazendo pose de melindrosa, e gritou um “uau” tão escandaloso quanto possível. Tentei consertar a situação, dando um toque de sinceridade ao que tinha dito.

22

- Não tou brincando. Eu era apaixonado por você. Ela parou de andar, colocou a mão na cintura e me olhou de lado – jeito de diabo.

- E agora?

Desviei o olhar:

- Você já sabe.

Filha da puta, me olhou com pena, com tristeza.

- Me procura outro dia, Leon... Hoje eu tenho que estudar senão me cortam a bolsa.

Meu riso amarelo, amarelo como nunca. Dando um tempo para reagir:

- Que bem comportada...

A pior reação, claro. E o coração. E o coração disparado outra vez.

- Você só gostava de se meter com cara mixo... Continua assim?

- Leon, me dá um tempo, vai.

Acabamos entrando em outro bar. Sofia tomou mais uma meia dúzia de vodcas e terminou por me contar sua história com Wanderley Leal.

Em poucas palavras, pelo que entendi e passo a interpretar, as coisas se deram mais ou menos assim. Por volta de dez da manhã, Sofia foi ao apartamento de Leal. O porteiro tocou o interfone, mas ninguém respondeu. Sofia subiu assim mesmo. Tocou a campainha três vezes. Na quarta, enfiou o sapato na porta com força. Por pouco não pega Leal, que tinha saído do banho às pressas e ainda estava amarrando o robe de chambre, quando abriu a porta. Sofia entrou no apartamento em silêncio.

- Que é que foi, agora? – perguntou, verificando os estragos.

- Estou te procurando há três dias. – Sofia falou jogando a bolsa no braço da poltrona e sentando.

- Senta... – Leal ofereceu fora de tempo. – Eu tenho andado muito ocupado... Muito serviço...

- Claro. Você é um bem-sucedido yuppie – disse com ironia.

- Vai ofender? Ok, ofende. Eu sou um cara sério.

- Sério o cacete. Nessa história só tua secretária acredita.

Leal respingava por todos os lados. Tinha sabão, ainda, em algumas partes do rosto e estava espantado demais para ficar bravo.

- Vamos aos fatos. Algum problema?

- Pequeno. Fiquei grávida de novo. Leal empalideceu.

- Eu tenho alguma coisa com isso, por acaso?- perguntou secando o rosto na manga do robe.

- Que que você acha?

- Sei lá. Quem me garante que você não andou transando com outro cara nos últimos tempos?

- argumentou desanimado.

- Eu sou uma mulher leal, Leal. – Sofia sorriu com o canto da boca.- – Ah, é... Só...

- Sofia levantou-se:

- Claro que o filho é seu – explodiu. – Quem mais consegue pôr filho num elefante só de chegar perto?

- Você não é um elefante.

- Obrigada.

Em menos de um segundo, a bolsa de Sofia voou na direção de Leal, que conseguiu se esquivar a tempo. A bolsa bateu na parede e foi resvalar num vaso chinês – presente da mãe de Leal, trazido de uma viagem a Macau. O vaso rodopiou três vezes sobre si mesmo; Leal rodopiou em

volta, tentando segurá-lo. No seu desespero, terminou dando o impulso final de que a peça precisava para se espatifar no chão em mil pedaços.

Ânimos serenados. Na aparência, ao menos. E os dois sentados cara a cara para resolver a situação.

- Por que você não se cuida direito, hein? Não toma precauções, como todo mundo? – Leal recomeçou a conversa tentando ser diplomático.

Sofia bufou, impaciente:

- Vamos ser práticos? – disse por fim. – Você paga metade, eu tiro a criança. Só que você me adianta a outra metade. Estou lisa.

- E se a gente pensasse melhor? Você fez um aborto há pouco tempo...

- Mais de um ano.

- Isso... Mais de um ano... Não é muito tempo. Pode te fazer mal.

Sofia olhou feio. Ele simulou um ataque de tosse antes de prosseguir.

-... Não acha? Você precisa refletir um pouco, tomar uma decisão mais madura, ver o que é melhor para todos.

- Pára de enrolar, Leal. Cadê a grana?

Sofia agarrou a bolsa com força e com ódio.

Leal andava de um lado para o outro e tergiversava.

- Além do mais, foi você quem quis...

Sofia achou que já era demais.

- Como você é baixo nível, hein, Leal? E saiu indignada.

Sofia estava voltando da clínica de abortos – onde foi marcar hora – quando me encontrou. Discorreu sobre o hábito de furtar lojas, que adquiriu quando se convenceu que esta era a única maneira de “expropriar a burguesia” e “promover a redistribuição de rendas” numa ditadura.

- Se o mundo está pelo avesso, o jeito é virar outra vez.

26 O prazer tomou o lugar da ideologia assim que começou a desenvolver inúmeras técnicas para despistar balconistas e fiscais.

- Está vendo a minha roupa? Ninguém desconfia que uma senhora tão bem vestida vem para roubar – disse, pedindo outra vodca.

- E os amores?

Ela franziu a testa, acendeu mais um cigarro, pousou um braço sobre o outro:

- É... É isso...

E nada mais quis dizer. O caso com Leal parecia resumir um pouco as cabeçadas que andou dando. Houve outros amantes, muitos. A maioria, eu não cheguei a conhecer. Casos de um mês ou um dia, que em geral começavam por um

olhar insinuante e terminavam numa tempestuosa gritaria. Nessa vida cheia de movimentos apaixonados – nenhum deles, infelizmente, dirigido a mim – Leal representava uma espécie de estabilidade: atravessou todos esses anos em sua vida, indo e vindo. Era um pouco mais canalha que Sofia nessas coisas e provavelmente por isso ela o admirava. Eu o conheci ainda no tempo da faculdade. Estudava Direito, mas freqüentava a Filosofia. Desde essa época, Sofia tinha um fraco por sujeitos meio boçais e nós, seus colegas, não tínhamos dúvida de que Leal era o tipo mais acabado dessa categoria, ao menos entre os que nos freqüentavam.

A força de vontade compensava a estupidez; ele conseguiu suportar olímpicamente a distância que lhe era imposta pelos outros. Sofia o auxiliava na tarefa. Fechava os ouvidos àqueles que o acusavam – injustamente, creio – de dedo-duro e freqüentemente iam a um bar das redondezas, depois das aulas. A coisa convinha a ambos: a Sofia, porque estava meio apaixonada por Leal e os boatos que espalhávamos não chegavam nem de longe a arranhar a liderança política que ela exercia na época.

A Leal, porque pegava carona no prestígio de Sofia e começava a angariar, por aí, o prestígio que sempre perseguiu para si próprio. Ainda agora, escrevia de tempos em tempos artigos

para jornais, onde discorria sobre direitos humanos. Conseguiu dar aulas em duas ou três faculdades obscuras, lecionando Direito Civil. Não é pouco: na época, costumávamos duvidar até mesmo que tivesse capacidade de chegar ao fim de algum curso. Eu só podia imaginar que isso aconteceu graças a virtudes que demonstrou durante nossa convivência: uma imbatível capacidade de enrolar os que sabiam menos do que ele (sim, existiam); de concordar cegamente com os que podiam mais; de esquecer as injúrias no dia seguinte e tentar seduzir mesmo os que mais o desprezavam. Desde, é claro, que vislumbrasse nesses atos no mínimo uma possibilidade remota de auferir algum lucro ou vantagem. Não era, esta é a verdade, um personagem único. Mas a mim feria de maneira especial. Não era alguém que eu gostasse de rever, após tantos anos, mas curiosamente ele me aproximava de Sofia: depois de tantas mudanças, de tantos anos de separação, Leal era o único assunto sobre o qual ela parecia, no desentendimento, se entender comigo.

2. A Casa das Meninas

A casa era um sobrado que, para se transformar em república de estudantes, alguém tinha reformado segundo conceitos arquitetônicos peculiares. As salas, embaixo, tinham sido divididas, virando dois amplos dormitórios. Só sobrava como área comum o corredor que dava, numa extremidade, para a porta de entrada e, na outra, para a cozinha.

Sofia morava no andar superior, o que nesse instante era um fato deprimente. Ela se arrastava pela escada. Eu seguia logo atrás, amparando seu corpo. Trabalho inútil, já que essa trôpega subida devia fazer parte da rotina da casa, a ponto de não despertar nenhuma emoção nas outras habitantes.

A primeira que apareceu foi Vivian. Se encostou por alguns segundos junto à porta de seu quarto e ficou olhando a cena. Fingi não reconhecê-la e talvez ela tenha feito o mesmo. Alguns segundos depois desapareceu em silêncio.

Mais alguns degraus e surgiu Adriana, no andar de cima. Esta eu não conhecia: bem mais jovem, morena, precipitou-se até nós e praticamente arrancou Sofia dos meus braços.

Não parecia alarmada e quase não me olhou:
- Deixa que eu faço! – falou com tal autoridade que não me atrevi a replicar. Era eu o intruso, o desconhecido. Adriana afetava uma perfeita familiaridade com o caso.

Nada pude fazer para impedir o seqüestro: bêbada ou não, ter Sofia em meus braços, enlaçá-la e carregá-la escada acima era uma graça de que Adriana me privara bruscamente. Acompanhei até o quarto a penosa caminhada que terminou com Adriana colocando Sofia sobre a cama, enquanto eu observava o cômodo numa espécie de transe. Nunca estivera tão próximo à intimidade de Sofia. E que intimidade. A cama desarrumada mais parecia uma bola em que se encontravam fraternalmente lençóis, vestidos, livros, jornais, recortes, papéis anotados. No canto, um armário com a porta semi-aberta continha o essencial de um guarda-roupa muito mais sofisticado do que o quarto. O chão, entre um pé de sapato e outro, estava coalhado de pequenas pilhas de livros. Na mesa próxima à janela, papéis, máquina de escrever, mais livros, uma garrafa de vodca. Alguns pôsteres na parede e um pequeno armário para guardar objetos de higiene completavam o quadro.

Adriana, que começara a desabotoar a blusa de Sofia, olhou-me significativamente, como a di-

zer que minha hora tinha acabado. Mais do que minha hora: minha festa.

- Me dá um jeito, Adriana – Sofia pediu quase desmaiada. – Preciso sair hoje à noite.

- Nem pense nisso.

Fechei a porta e desci as escadas, resolvido a não sair dali, nem que isso me custasse...

...Visitar Vivian. Eu me sentia um ridículo frajola, com terno e gravata; ela sentada sobre almofadas, tendo ao fundo uns objetos indígenas, vestia bata e tinha cara de drogada. Me olhava ironicamente.

- Que que você anda fazendo?

- Nada... Importação e exportação.

A filha da puta riu. Anos atrás, eu me achava uma espécie de símbolo do desespero de nossa geração, pois me levantava sem piedade até contra a revolta. Vivian exercia uma tolice inversa, e já cuidava de seu futuro meticulosamente, adulando em tempo integral os professores da Antropologia e preparando terreno para uma futura contratação. Como futuro era uma palavra que não me dizia nada, seu deslavado carreirismo me repugnava. Eu devia lhe parecer repugnante por outros motivos; o fato é que não íamos com a cara um do outro.

Sua história era especialmente trágica. Conseguiu, de fato ser contratada pelo Departamen-

to de Antropologia e passou algum tempo no Xingu fazendo pesquisa para sua tese. Poucos dias após voltar, Rothstein morreu afogado em Ubatuba durante uma viagem que fizeram juntos. Vivian tentou o suicídio três vezes, como demonstravam, em seus pulsos, as marcas que pulseiras e relógios não chegavam a esconder totalmente. Depois, partiu com um grupo para Xavantina, onde se dizia, esperariam o fim do mundo. Abandonou tudo, inclusive a carreira.

32

O relato me chocou, pois ignorava a morte de Rothstein. Ele era o único ponto comum entre Vivian e eu. No tempo da Faculdade, eu o vivia desencorajando de ficar com Vivian. Nessas ocasiões, ele me abria um sorriso franco, olhava para o lado e procurava mudar de assunto. Sua atração por Vivian devia ser muito forte para não perceber todos os defeitos que eu via nela, inclusive o de corneá-lo com uma constância mais ou menos semanal, entre outros com Noronha, um professor que mais tarde se tornaria cacique da Antropologia, com muitos títulos e, reconhecidamente, limitados méritos.

Que ela tivesse tentado o suicídio tantas vezes, de algum modo mostrava que o amor é mais complexo do que eu queria imaginar. Essa estação em Xavantina, que durou entre 1972 e 1974, era a comprovação – ao menos a meus olhos –

de como o acontecimento a tinha afetado. Ou antes: de como podia ser afetada por qualquer outro fato que não exclusivamente sua carreira.

Para muitos de nós, aqueles anos pareciam mesmo o fim do mundo. Xavantina, segundo algumas teorias, era o reduto onde alguns eleitos estariam preservados do Apocalipse. Como este tardou, a solidariedade comunitária esboroou-se em pouco tempo e a maior parte do grupo resolveu voltar para São Paulo e Rio, deixando naquele fim de mundo apenas os ideólogos da empreitada.

Tudo isso mexeu demais com a cabeça de Vivian. Tão certinha em outros tempos, agora vivia entre um cigarro de maconha e outro, num torpor mais ou menos permanente.

33

Vendo-a, eu sentia alguma pena, não simpatia. Como, aliás, sentia pena de mim. Éramos, aos trinta e tantos anos, expressão de vidas perdidas, de acasos infaustos e decisões equívocas. Ambos, cada um à sua bem oposta maneira, tentáramos conduzir a vida em lugar de ser conduzidos por ela. Eu me fazendo de niilista. Ela, compondo o papel da judia ativa, cheia de metas determinadas e com as energias voltadas para atingi-las.

Ficariamos os dois no meio do caminho e esse encontro era uma amarga constatação do mútuo fracasso.

- Me cortaram a bolsa da tese. Há três meses...

Ficou falando de suas desventuras estudantis, da falta de emprego após retornar de Xavantina, das bolsas de estudo que batalhara junto a Capes, CNPq, Fapesp, e que bem ou mal lhe permitiram sobreviver esses anos todos. Falou, reiteradamente e com fervor, de um professor que lhe prometera descolar um emprego em João Pessoa ou arredores.

- O Rocha... Você já deve ter ouvido falar...

- Nunca.

34 - Claro que sim. De vez em quando ele escreve artigos na imprensa aqui do Sul. Se chama Messias Rocha da Silva.

- Não acompanho muito essa área, Vivian – falei para não decepcioná-la.

- Puta cabeça... Dava aulas no Rio quando veio o AI-5... Se exilou... Se mandou... Fez doutoramento em Paris... Puta cabeça...

De tempos em tempos eu balançava a cabeça afirmativamente, apenas para que ela não percebesse meu profundo desinteresse por tudo o que dizia. Tudo que queria, naquele momento, era estar mais ou menos próximo de Sofia.

Quando houve o estrondo na escada, Vivian permaneceu imóvel. Levantei de um pulo e vi Sofia agarrada ao corrimão, com os cabelos desgrenhados caindo pelo rosto e as pernas abertas, estateladas entre dois degraus.

Adriana apareceu com um ar assustado na porta da cozinha e colocou as mãos no rosto. Me explicou rapidamente que estava fazendo um café forte para Sofia e que Sofia enquanto isso deve ter tentado descer as escadas. Eu, por favor, que a levasse para cima.

- Cala a boca. Eu só escorreguei. – Sofia tentou erguer a cabeça, sem êxito.

- Leva ela pro quarto – disse Adriana com energia e voltou para a cozinha correndo, antes que o café fervesse na panela.

Cheguei algum tempo depois, segurando Sofia pela cintura, enquanto ela se agarrava em meu pescoço, andando penosamente. Acomodei-a numa cadeira, junto à mesa de fórmica.

- Merda!

Adriana praguejou enquanto limpava o café que transbordara sobre o fogão; Sofia enfiou o rosto entre os braços, os cotovelos apoiados sobre a mesa; e eu acendi um cigarro. Procurava afastar meus olhos de Sofia para não contemplar a degeneração de seus traços, tão nítida naquele instante. Como uma foto distorcida.

Seja como for, a nova situação me libertava do vazio que Vivian instaurava em seu redor. Adriana – ainda que furiosa – trazia um pouco de paz ao ambiente. Era bem mais moça que as outras e parecia um espírito mais prático. Embora menos intelectual do que Sofia ou errática do que Vivian.

Deveria ter ficado nessas divagações, mas Adriana já vinha trazendo o café e me senti na obrigação de dizer uma palavra de bom senso a Sofia (tomando o cuidado de cobrir sua mão com a minha):

- Toma um café, você vai ficar boa.

36 Ela me olhou com desgosto e berrou, escandalosa, para a amiga:

- Está vendo porque eu bebo? É por isso...

- Não liga. Ela é assim. – Adriana pôs o café na xícara e panos quentes na situação.

- Que é que há? - e Sofia olhou-me nos olhos com fúria. – Foi ficando burro com a idade, é?

Adriana recuou dois passos e mordeu os lábios.

- Cadê aquele desvairado que você era? – Sofia continuou, irada.

- Agora fica aí ruminando como um porco.

- E tira essa mão de mim – libertou sua mão da minha com um gesto brusco. Levantei os braços para o alto.

- Paz!

- Paz o cacete! Sabe que eu te ouvia com fascínio. Fascínio!

- Por que não disse naquele tempo?

Tentei a ironia como última defesa. Ela fez que não escutou, enfiou o rosto na xícara de café. Voltou dali a alguns segundos.

- Que é que ia mudar?

Sorri amarelo. Se ela fazia a pergunta é porque não compreendera que tudo o que eu dizia na época, os argumentos que tirava da cartola (ou buscava em autores poucos conhecidos), as opiniões paradoxais, tudo absolutamente tudo, era para impressioná-la.

- Sabe que eu saí da organização por tua causa? Sabe que se eu não tivesse saído, a essa hora provavelmente estaria morta? Que nem o Bazzani, a Malu, o Éder, o Jairo, quase todo o grupo.

Era uma conversa de bêbado, tudo bem, mas para o apaixonado isso faz pouca diferença. Até pelo contrário, a emoção te leva a valorizar ainda mais aquilo que o ser amado fala sem muita consciência, mas que certamente ocultou durante muito tempo. Na essência, o relato dizia de uma antiga culpa em relação aos amigos mortos. Pessoas valentes, todas, inteligentes, às vezes, ou excepcionais, como Malu.

Na última vez que visitou Sofia, Malu vinha de um lugar que nunca informou qual era para ter um encontro. Saiu sem a bolsa, o que propiciou a Sofia verificar que carregava, além dos documentos falsos e de uma pistola, um maço de dólares (Sofia contava isso inconformada por ter feito a investigação e faltado à confiança da amiga). No último dia, Malu saiu da casa de Sofia (naquele tempo um pequeno apartamento próximo da Rua da Consolação) para cobrir o ponto e foi imediatamente cercada pela Oban ao chegar ao local combinado, na praça da República. Se atirou debaixo de um carro para não ser torturada e morreu com o crânio estilhaçado. O caso ficou famoso e eu ouvira falar dele tempos depois, no interior.

Tivesse ou não culpa, eu era culpado por ter me enterrado no mato cultivando hortaliças junto com os hippies, enquanto Malu e tantos outros quebravam a cara tentando fazer alguma coisa pelo País, seja isto o que for. Eu era um bosta e agora Sofia aproveitava para dizê-lo com crueldade e clareza, talvez até porque ela própria não se sentisse melhor que eu.

- O espelho reflete certo; não erra porque não pensa. Falei tentando mudar o rumo dos acontecimentos. Em vez do silêncio, prossegui: - Pensar é essencialmente errar. Errar é essencialmente estar cego e mudo.

Citava Fernando Pessoa não sei bem por quê; para aliviar o clima ou porque acreditasse mesmo no que dizia. Estava zozzo. Seja como for, Sofia se calou. Não por admiração, mas por piedade. Essa superior e detestável piedade que as pessoas amadas dispensam àquelas que não amam. Estava na segunda xícara de café amargo quando se ouviu uma voz vindo do andar superior berrar:

- Adriana!

- Já vou!

- Você não falou que voltava logo?

- Não deu, pô!

- Então vem cá.

Era Rubinho, o namorado de Adriana, que a chamava do quarto. A menina logo o atendeu.

39

Os Poetas de Safron Park

Sofia significa saber. Um nome é a mais perfeita formulação do ser. Seu resumo e aparência. Sofia era aquela que sabia, no nome e na minha imaginação. Por isso eu a amava. Porque proclamava o nome e seu sentido aos quatro ventos, enquanto eu nunca soubera que diabo queria dizer o meu ridículo nome. Ou, pior, tudo o que ele evocava eram coisas tão exteriores como leões e conquistadores espanhóis.

- Dá licença, querido. Quero experimentar minha roupa nova.

Se não estiver boa, tenho de passar na loja e trocar.

Recado claro. Era minha hora de sair. Não podia recorrer a Adriana, entretida com o namorado, nem a Vivian. Também não podia ir embora.

Sozinho, tomando café frio, pensava em Vivian, a quem desprezava e que era meu espelho. Cada qual à sua maneira, deixáramos que se dissipassem as coisas substanciais. Esse Rocha, de que tanto falava, era para ela o mesmo que Sofia para mim: um elo impossível com uma natureza primeira, que podíamos entrever, mas éramos incapazes de tocar. Me lembro dela descrevendo-o:

40

- O Rocha é incrível. Doze anos de exílio. Saiu do Brasil quando a organização já estava aos pedaços. Foi estivador na Suécia... Imagina... Até em Cuba ele andou... Puta cabeça...

Esperava por Rocha torporizada em seu quarto, assim como eu esperava por Sofia. Queríamos coisas diferentes: ela uma segunda chance, outra possibilidade de seguir carreira; eu, uma primeira oportunidade de resolver meus afetos após tantos anos perdidos. Sofia era como o tempo para mim: presença e memória, permanência e fugacidade. Aquela que, ao escapar, continuava em mim sob a forma de pequenas

rugas, de uma flacidez já sensível, de transformações imperceptíveis, porém contínuas da ossatura – mas reencontrada, visível, palpável, desaparecia por entre as brechas da própria evidência.

Os pensamentos transitavam a jato pela minha cabeça, misturadas com a imagem – recorrente ao infinito – dos dois poetas de Safron Park imaginados por Chesterton. Gregory, o poeta dos cabelos vermelhos, para quem a arte era o mesmo que a anarquia. O homem que atira bombas sustentava, é o poeta porque prefere um grande momento a tudo mais. O poeta só está à vontade na desordem. Não fosse assim, a coisa mais poética do mundo seria o metrô. Para Gregory, a tristeza dos trens do metrô vinha de as pessoas saberem perfeitamente qual a próxima estação, de estarem na rota certa, seguros de que chegariam à estação Vitória.

O outro poeta, Gabriel Syme, defendia posições simetricamente opostas. Entendia que o caos é estúpido. Um trem que pudesse ir a Baker Street ou Bagdá seria o caos. A magia do homem e da vida consiste justamente em que ele diz “Vitória” e – zás – é Vitória mesmo. E dizia a Gregory: “Tome todos os seus livros de poesia e prosa, A mim, deixe-me ler, com lágrimas de orgulho, uma tabela de horário do horário de trens...

É a boa marcha das coisas que é poética! Nossa digestão, desde que se mantenha sagrada e silenciosamente normal”.

Lembrava essas palavras de maneira um tanto incompleta e fora de ordem. Tinha a boca amarga e, portanto, bons motivos para recordá-las. Minha geração tinha crescido lendo Oswald de Andrade e pregando a desordem. Agora, tudo isso nos parecia remoto. Não éramos nem Gregories nem Symes, mas um meio-termo abortivo entre uma desordem que não vingou e uma ordem que não nos incluía. Tínhamos tomado, há muito, nossas decisões fundamentais. Houve os que morreram, os que amargaram exílios antes de poderem voltar e recomeçar. Mas houve os que, como eu, perderam a glória da morte e da vida. Esse meio-termo não nos deixara profissão (a mim, seguramente) ou solo palpável (a Sofia), arrasara até aqueles que tentaram imprimir à sua vida uma positividade e um desejo de realização pessoal em meio à confusão completa (esse era o caso de Vivian).

Pensava nisso sozinho, esticado no sofá colocado no corredor de entrada. Tinha me instalado ali, um pouco sem perceber, depois que as meninas subiram para o andar superior, e diante da impossibilidade em que me encontrava seja de ficar longe de Sofia, seja de abor-la nova-

mente. A noite anterior passada em claro tinha me arrasado: haviam localizado minha verdadeira identidade e é bem provável que, com meu escritório vasculhado de todas as maneiras, já tivessem encontrado elementos capazes de me incriminar.

A prisão não é um lugar que chegava a me intimidar. Sumir, ou antes, consumir-se na sombra de alguma penitenciária, abandonando qualquer ligação anterior, me parecia igualmente um meio de abandonar essa meia cidadania que nos é ofertada. Pois os bozos não se imolavam no Vietnã? Ser preso, deixar os pequenos privilégios que constituem a vida média, experimentar todas as vergonhas da miséria, seria a minha forma, menos ruidosa, mas não menos verdadeira de fazer o meu protesto.

43

Não obstante, fugira. E agora, ao encontrar Sofia, tudo se transformava. Eu era o seu prisioneiro.

Foi com algum susto que escutei em dado momento o ruído de vozes vindo do corredor superior.

- Que tal?

- Linda. Vai sair com o Leal?

- Esquece, Adriana...

- Sofia, do que você tá a fim, hein? De fazer uma coleção de homens?

- Pode ser...
- Você não consegue ser feliz com um cara só?
Eu me sinto muito bem só com o Rubinho.

- Putz, que papo careta!
Adriana deu um tempo:

- Sabe o que o Rubinho disse de você?
- Pra ser franca, não me interessa nada.
- Ele disse que você é má influência pra mim.

Sofia fez um sinal com os dedos, a sugerir – eu transmito com gentileza o que se passou – que ele fosse para o inferno. Depois, comentou quase de passagem:

- Engravidei de novo.
- O Leal?

Passou as mãos pelos cabelos, desanimada.

44 - Quem mais consegue engravidar alguém que usa DIU, toma pílulas e está fora do período fértil?

- Ele vai assumir?

Adriana fazia perguntas objetivas e à queima-roupa. Sofia, ao contrário, respondia de forma um tanto reticente.

- Você está brincando... Além do mais eu não quero... Na semana que vem, tiro...

- Com que dinheiro?
- Dou um jeito.

Sofia deu de ombros. Adriana respirou fundo.

- Eu acho você engraçada – disse. – Sabe que na Faculdade até hoje falam de você?... Da tua capacidade, da capacidade de organização...

- Quando eu estava no Centro?
 - Você foi vice-presidente, não foi?
- Sofia concordou com a cabeça.
- Naquele tempo era duro, não era? Debaixo de repressão...
 - Esquece, Adriana.
- Sofia caminhou em direção ao quarto, Adriana seguiu-a.
- Eu não te entendo... Virou tão individualista... Parece que nem se incomoda com os outros... Te aborrece falar sobre isso?
 - Aborrece.
 - Então apaga.
 - Tou bonita?
 - Você sempre está. Também com essas roupas...
 - Quando quiser, a gente arranja umas pra você também.
 - Acha que eu tenho dinheiro?
- A gente se vira.

Adriana tinha uma série de dúvidas a respeito de Sofia, mas, embora hesitasse, parecia disposta a desfazê-las.

- O Rubinho falou que você tem essas roupas porque você ganha dinheiro dos caras pra sair com eles.
- Quem é Rubinho? – e Sofia virou-se para ela, tinindo de ódio.
- Meu namorado... Mas não liga, não... Ele falou um dia, por falar...

Disse mil coisas e no meio veio essa... Eu guardei...

Adriana estava sem jeito. A expressão de Sofia abrandou-se. Ela sorriu, apertou a garota contra si, segurou seu rosto com as duas mãos e deu um beijo na boca de Adriana, naturalmente estupefata.

- Você não gosta de ter dúvidas – disse.

Adriana recobrou a voz pouco depois, ainda trêmula.

- Você é lésbica?

Sofia tinha feito uma cena semelhante comigo, anos e anos atrás. Não se abria com ninguém, mas quando pretendiam lhe tocar a intimidade, tornava-se íntima demais, inventava uma identidade só para chocar e obtinha quase sempre efeitos assombrosos. Adriana permaneceu, por um tempo, atônita, debruçada no parapeito da escada, até que Rubinho abriu a porta do quarto e saiu colocando a camisa para dentro.

- Que é que ela queria?

Perguntou agressivo, levando uma das mãos ao rosto e apalpando as espinhas.

- Nada. Só perguntar se o vestido estava bem.

- Ele coçou as espinhas e fez ar de mistério.

- Eu ouvi a conversa pela porta.

- Ah, agora essa, é?

- Eu tenho direito.

- Não tem direito porra nenhuma. Por que não vai conversar com ela? Sabe quem ela é?

Ele levantou os ombros:

- Não me interessa. É uma subintelectual.

Adriana fez uma careta.

Rubinho tinha duas ou três idéias claras sobre as coisas. Julgava que o gênio era uma espécie em extinção e, naturalmente, incluía-se entre os últimos representantes dessa raça. Usava a ascendência intelectual como forma de dominar a namorada e, da mesma maneira, procurava desqualificar qualquer concorrente. Desde que Sofia se mudara para a casa, Rubinho temia que as relações entre as duas moças ameaçassem esse estado de coisas com o qual, no mais, Adriana parecia conivente.

- Ela pode ser meio louca – argumentou Adriana, - mas tem uma puta cabeça.

- Um mito. Nada mais que um mito – ele brandia as palavras encarando-a com firmeza, como se sua simples afirmação fosse critério de verdade.

- Ah, vai Rubens, corta esse papo.

- É isso mesmo. O que que ela fez? Foi militante? Bela merda. O que ela faz agora? Diga! Nada! Nada vezes nada. Uma medíocre – sentenciou definitivo.

- E você, o que fez?

- Tenho três livros escritos.

- Inéditos.

- Não tenho culpa se os editores são todos umas bestas.

Adriana levou as mãos à cintura, irritada:

- Que é que nós vamos fazer hoje, hein?

- Vamos ficar aqui – disse apontando a cama.

- Pô... Eu não estou a fim, Rubens... Vamos sair, pegar um teatro... Tá passando uma peça de Brecht.

- Brecht... – ele repetiu torcendo o nariz e aproximou-se dela, abraçando-a. - Você não acha que eu sou muito melhor que o Brecht?

Sorriu, acariciando-lhe os seios. Adriana entrou no quarto sem dizer palavra.

48

Eu estava atordoado com a arrogância de Rubinho. Julgava que o gênio fosse uma mania própria da minha juventude. Rubinho era a demonstração viva de meu equívoco. Todas as suas indagações pareciam voltar-se sobre ele mesmo e terminavam por reduzir-se a uma só, sobre sua própria importância na ordem das coisas, o valor do que pensava, o amor e a admiração que seria capaz de despertar nos outros.

Sem ser convidado e quase clandestinamente, eu ocupara o improvisado corredor e o sofá que nele se encontrava. Sem esperar, mas com inegável prazer, começava a conhecer a intimidade dos moradores da casa. Já sentia aquela parte da casa como se fosse um pouco minha.

O meu quarto, na minha casa. Tinha a boca amarga e teria gostado de escovar os dentes, se apenas tivesse uma escova comigo. Por ora, não pensava em Sofia e sim em minhas necessidades alimentares. Fui à cozinha e preparei um pão com manteiga. Vivian passou por ali um pouco como um fantasma e fez um aceno de mão. Acendeu um cigarro no fogão e foi embora, sem se incomodar com minha presença. Imaginei que isso me concedia uma certa estabilidade na casa. Estranha ilusão que se dissipou alguns segundos depois, quando ouvi tocar uma buzina e Sofia saiu correndo escada abaixo, metida numa roupa de noite que mais fazia pensar que iria a um baile em algum palácio.

49

Ela não teria me visto, se não fosse a fechadura da porta da frente engasgar desgraçadamente. Fazia força e se agitava na tentativa de abri-la, dava socos na parede e na porta, alternadamente. A certa altura, olhou para trás por acaso e deu comigo na cozinha.

- Orra... Até que enfim... Pensei que não fosse acordar nunca mais.

Permaneci imóvel, sem entender com clareza o que dizia, mas ressentido pela maneira indifferente como se referia a mim.

- Resolveu ficar pra sempre? – insistiu.

Acenei que sim com a cabeça, completamente indefeso.

- Será que eu vou ter de te mandar embora?
 - Eu atrapalho?
 - Atrapalha.
 - Será que eu não posso ficar aqui?
 - Você não tem casa?
 - A polícia está atrás de mim.
 - Leon... Ela estava tão indignada com a indigência da desculpa que nem chegou a concluir a frase.
- Do outro lado da porta uma voz masculina a chamava.
- Empurra aí que a porta emperrou - berrou.

50

O sujeito deve ter recuado alguns metros, pois meteu o ombro na porta com tal força que veio parar quase no meio do corredor. Me olhou com cara de macho ofendido. Disfarçou o melhor que pôde, passando a mão sobre o ombro dolorido e movimentando a região atingida.

Sofia enlaçou o rapaz pela cintura e puxou-o para si. Beijou-o escandalosamente, colocando-se numa posição tal que eu podia vê-los perfeitamente. Não me senti apenas afrontado: estava francamente desesperado. Olhara bem para o tipo e percebera seu ar de retardado. Sofia o beijava como nunca me deixaria fazer, tomando o cuidado de proporcionar um espetáculo que, sabia bem, me deixaria arrasado.

- Vamos sair? – perguntou a ele.

- Aonde você está a fim de ir?

- Aonde você quiser.

Maurício – este o seu nome – deixou-se arrastar por ela. Esperei que Sofia me dirigisse a palavra, autorizando-me a ficar, ou me enxotando, ou ainda inventando algum sarcasmo que redobrasse minha dor. Nada. Saiu como se eu não existisse, e do meu ponto de vista nada poderia ser mais desastroso.

Estou certo de que menos coisas teriam acontecido naquela noite caso a polícia tivesse me apanhado. Não necessariamente menos emocionantes, admito, mas menos satisfatórias ao “voyeur” em que me transformara.

51

Voltei ao meu sofá após o pão com manteiga e mal havia me instalado quando entrou Renata, a quarta habitante da casa. Me deu um boa-noite sem simpatia e seguiu direto para seu quarto. Botou uma música indigesta na vitrola, mas por felicidade devia ter o hábito de não incomodar os vizinhos mais do que o necessário. O som não estava muito alto e eu podia tentar dormir.

Mas é exatamente quando o corpo se encontra no limite da exaustão, que as circunstâncias parecem conspirar contra todo tipo de repouso. Assim, não bastassem os infinitos momentos em que me vinha à cabeça a figura de Sofia tendo

prazer com outro homem (e que homens: Leal e Maurício), tinha agora de suportar o entra e sai de Renata, passando da cozinha para o quarto e do quarto para a cozinha, ligando e desligando a vitrola, trocando os discos, batendo os pés no chão, no ritmo da música. Fazia ginástica aeróbica todas as noites, conforme eu saberia mais tarde, razão porque ao encerrar seus exercícios subiu para tomar banho.

Esse momento coincidiu, mais ou menos, com a saída de Adriana do quarto, falando em voz baixa, mas sem cerimônia.

- Vou me lavar.

A voz de Rubinho veio do interior do quarto.

52

- Desculpa, que eu fui depressa?

- Tudo bem. Já estou acostumada.

Respondeu num tom conformado e tentou abrir a porta do banheiro, que estava ocupado por Renata.

- Merda. Mais essa.

Enrolou-se na toalha e tratou de descer a escada, procurando o banheiro dos fundos. Quase chegando embaixo deu de cara comigo (ainda deitado no sofá, mas atento). Tratou de se comportar, ajeitando a toalha, mas percebi que estava desconcertada menos por aparecer seminua diante de um estranho do que pelo que eu ouvira sobre a natureza de suas relações com Rubinho. Ela devia imaginar que o mundo a julgava a mais

satisfeita das mulheres. Um engano tão óbvio quanto a mentira que pregava e que eu já havia percebido em sua primeira conversa com Sofia. O entra e sai de namorados, a distância e a desenvoltura com que Sofia se relacionava com os homens, sua capacidade de resposta rápida e cortante – tudo isso fazia Adriana sentir-se inferiorizada em relação à outra. Era fiel a Rubinho e, de certo modo, percebia ter uma força de sedução que não utilizava.

Rubinho, ou talvez a inegável beleza de Rubinho servia como biombo de uma insatisfação que não queira ver revelada às amigas. Agora, sem perceber, me entregava esse segredo, acrescido de um outro: sua vida sexual com o namorado estava longe de ser um paraíso. A forma como me olhou, indefesa, não deixava dúvidas quanto a isso.

Um instante depois se recompôs e, perdido por perdido, continuou sua descida, agora mostrando ostensivamente o corpo, ao mesmo tempo em que fingia protegê-lo com a toalha. Tinha orgulho de seu corpo e, talvez, a involuntária inconfidência tenha lhe dado a chance de expressá-lo. Não quis decepcioná-la: olhei para ela da maneira mais sacana que pude.

Adeus, sono. Ali, não dava para dormir. Nenhuma esperança. E eu pouco me importava, no fundo, se Adriana era bonita ou não.

Decidi subir para o quarto de Sofia, certo de que ela não voltaria antes do dia amanhecer. Até lá teria um pouco de paz. No momento, não me preocupava que, ao chegar, ela me enxotasse.

Abri um dos armários e encontrei um acolchoado. Com isso, poderia recostar o esqueleto sem profanar sua sagrada cama. A proximidade das coisas de Sofia de certa forma anulava meu sofrimento. Não sei bem quando, dormi.

3. O Sol por Testemunha

Imaginei que seria o primeiro a acordar, o que foi um engano. Sofia dormira ali, o que era perceptível pelas mudanças de disposição no ambiente – as roupas atiradas numa cadeira, os sapatos de saltos altíssimos jogados um a cada canto, as roupas de cama revolvidas. O espantoso, porém, é que, tendo dormido ali, não me enxotara. Para quem acorda e percebe que continua a pensar na imagem de uma mulher – identificando essa continuidade obsessiva com a paixão – o mais insignificante detalhe adquire sentidos diversos e não raros conflitantes.

Sofia não se importara por eu ter invadido seu quarto, e isso queria dizer que, pelo menos, minha presença não a incomodava. Em compensação, essa ausência de qualquer reação eu interpretava como um sinal definitivo de indiferença.

55

Esses pensamentos me ocorreram simultaneamente, quando eu ainda relutava em levantar e examinava as múltiplas embrulhadas em que afundava. As jurídicas e as amorosas. Amedrontava-me perceber que os fracassos se acumulavam e eu jogava a vida pela janela. Devo ter dormido bastante.

Na cozinha, havia um bule de café do qual, imaginando, cada um que acordava ia se servindo. Passei direto, meu estômago não resistiria a um só gole. Vivian se depilava sentada nos degraus da porta que dava para os fundos. Atrás da cozinha, num pátio murado por todos os lados, Sofia, Adriana e Rubinho tomavam sol. Estavam todos estirados sobre toalhas e mal responderam ao meu cumprimento. Ou bem me excluíam ou bem já me consideravam integrados aos móveis e utensílios da casa. Sentia-me ridículo, todo vestido no meio daquelas pessoas de maiô. Procurei proteção numa sombra junto ao ângulo formado pelo encontro de dois muros e acompanhei o diálogo que se interrompera por causa da minha chegada.

- Mas você é louca... – dizia Adriana enfática – a Renata é completamente infantil, não tem estrutura pra dormir com um homem que ela mal conhece.

- Bom – respondeu Sofia -, um dia ela vai ter que começar.

- Sabe que ela nunca teve namorado desde que chegou em São Paulo?

- É uma boa fresquinha – Vivian se intrometeu abandonando o estado catatônico em que aparentemente se encontrava.

- Não tem nada a ver, Vivian – retomou Adriana.

- Você só diz isso porque ela reclamou que você não anda pagando tua parte no aluguel.

- Não pago porque não tenho dinheiro, porra.
- É – interferiu Rubinho -, mas são elas três que estão rachando a tua parte...

Não chegou a completar o pensamento, atropelado por Adriana:

- E por acaso – disse dirigindo-se a Vivian -, você conhece os problemas econômicos da Renata? Ela trabalha, estuda e vive no aperto. E você? Faz o quê?

Vivian deu de ombros e continuou a depilação. Sofia começou a rir convulsivamente. Só depois de algum tempo conseguiu retomar a palavra:

- Você precisava ver... Eu provoquei a Renata, dizendo que ela não tinha coragem de ir pra cama com o cara.

- E ela? - Ficou puta.

Começou a imitar o jeito de falar de Renata:

- Pensa que eu sou o quê, alguma virgem? Faço o que qualquer uma é capaz de fazer. – Dorme com ele? – Durmo. – E aí olhou bem na cara do idiota: - Está a fim?

Adriana levou as duas mãos ao rosto, impressionada. A narrativa não surtira o efeito humorístico que Sofia esperava.

Rubinho acompanhava a reação de Adriana, Vivian continuava imperturbável o trabalho de depilação, enquanto eu pensava se não cometera um equívoco atroz ao me apaixonar por

essa mulher que ignorava o abismo etário que a separava das outras moças.

- E ele? – perguntou Adriana após um pesado silêncio.

- Topou. Naquela altura, topava qualquer negócio...

O cara estava querendo passar um fim de semana divertido... Comigo não conseguiu nada...

Nesse momento, o objeto de todas as atenções – Renata – entrou na cozinha vindo de seu quarto. Esquentou o café, colocou-o em duas xícaras e, sem mesmo aparecer na porta do pátio, levou-as para dentro numa bandeja.

- Parece que não foi tão traumático assim - falou Vivian logo que Renata se retirou.

58

O comentário caiu como uma pequena bomba na cabeça das outras. Para Sofia, sua pequena perversidade tinha ido por água abaixo; para Adriana, a saúde afetiva de Renata deixara de ser um biombo atrás do qual ocultava seus próprios males. Ambas agora fingiam tomar sol, quietas.

Rubinho levantou a cabeça e a voz, percebendo que na falta de assunto das moças poderia, enfim, falar sem ser interrompido.

- Que tempo! Aqui estamos nós falando de besteiras como virgindade... Todo mundo se preo-

cupando com o destino individual de uma pequeno-burguesinha. Ninguém se coloca questões realmente importantes.

- Ih... - reclamou Adriana – vai começar.

- Não é nada disso. Pega a Sofia. Pelo menos foi de uma geração mais lúcida. Queria melhorar as coisas. E nós? Vivemos afundados nos fantasmas do passado, completamente incapazes de encarar o presente, de uma atitude verdadeiramente rebelde. Você não acha, Sofia?

- Sei lá. O sol está tão gostoso.

- O que você acha da geração de agora? - insistiu Rubinho. Nessa hora, pelo que me lembro, Sofia olhou para mim pela primeira vez, desde que eu aparecera.

- Que é que você acha, Leon?

- Eu? Não sei. Nem a minha conheço direito.

A resposta foi meio besta, mas agora já não me sentia um pária na conversa. Na verdade, em tudo o que fora dito só me interessava o fato de Sofia não ter dormido com Maurício. Rubinho me ignorava, inebriado com suas próprias palavras.

- Vocês estiveram à altura do seu tempo – prosseguiu com solenidade. – Nós só ficamos macaqueando o que vocês fizeram. Uma reiteração obsessiva. Poucos percebem a mudança, como eu. Poucos notaram que a hora é de rachar os crânios, desorganizar os rumos dados. A linguagem é que ordena a exploração.

Adriana tomou a liberdade de interferir no discurso fazendo, com as mãos, um sinal a indicar que estava com o saco cheio.

- Nós éramos um bando de idiotas – começou a falar Sofia em tom de monólogo. - Pensávamos que sabíamos tudo e podíamos mudar tudo... Que as questões estavam resolvidas... Você nunca vai encontrar um bando de cretinos tão completos.

- Mas se você pensa assim, é porque evoluiu. Consegue perceber as necessidades de luta atuais – acrescentou Rubinho.

Ela fez uma longa pausa, acendeu um cigarro.

- Eu quero é que as necessidades atuais se fodam.

60 Rubinho pigarreou desconcertado.

- Você não se incomoda pelo com a exploração dos operários?

- Ah, vai Rubinho – interveio Adriana indignada

- olha quem fala... Com um puta pai rico...

- Que é que tem uma coisa com a outra?

- Você vive de mesada, pó.

- Isso é outro assunto.

- E o que é que o companheiro tem feito pelo proletariado? – perguntou Sofia.

- Você já leu minhas poesias?

- Não.

- Pois leia! – completou definitivo.

- Rubinho levantou-se e Sofia voltou, irônica, o olhar em minha direção:

- Dormiu bem?

Respondi com um aceno de cabeça, ainda uma vez sem conseguir dirigir-lhe a palavra. Ela voltou-se para Adriana.

- Engraçado esse teu namorado, Adriana.

Adriana levantou a cabeça, que estava repousada sobre os braços.

- Que é que ele tem?

- Um chato de galocha, não percebeu? Se fosse comigo, já tinha dado um pé nele.

Sofia lançou longe a ponta do cigarro.

- Você podia namorar o Leon. Evaristo Ponce de Leon, aqui presente. Bem que ela anda precisando de um namoro.

Adriana mal olhou para mim:

- Ficou maluca?

Voltou a deitar a cabeça entre os braços. Passei a mão no rosto, menos por frustração do que por impaciência.

Rubinho apareceu na porta, carregando uma resma de papel rascunhado e sua imensa vaidade. Entregou as folhas a Sofia. Ela puxou-o para perto de si e, em seguida, tirou a parte superior do biquíni. Começaram um diálogo reservado, do qual nada escutei exceto fragmentos que versavam sobre literatura, música pop e a natureza do gênio. Acompanhava obstinadamente os movimentos dos dois, como se meu olhar pudesse policiá-los.

Rubinho era um belo rapaz, nem alto nem baixo, magro, físico bem formado embora nunca agressivo, rosto de galã de matinê a que o corte dos cabelos conferia certa personalidade. Sofia agora o seduzia escancaradamente, a dois passos de Adriana, que continuava com o rosto enfiado entre os braços. Sofia segurou uma das mãos de Rubinho e a trouxe até um de seus seios.

Abaixei a cabeça para não ver a cena. Mais uma vez pensei que era hora de sair e esquecer tudo aquilo, mas Vivian, que de tempos em tempos, despertava de estado letárgico, se manifestou.

- Ei! Que sacanagem é essa?

62 Adriana saltou do lugar; Sofia e Rubinho se afastaram rapidinho um do outro.

- Que é que foi? – perguntou Adriana, que não conseguia enxergar direito e procurava os óculos escuros.

- Nada – respondeu Rubinho apressado -...A gente estava conversando sobre 68.

- 69 – corrigiu Sofia. – Eu prefiro 69.

- A Sofia sabe das coisas – falou Rubinho tentando mudar de assunto. – É inteligente pacas... Adriana colocou finalmente os óculos escuros.

- Ué! Ontem mesmo você me disse...

- As pessoas se entregaram à indiferença, hoje em dia – cortou Rubinho suando por todos os poros.

- Eu não estou nada indiferente – Sofia falou observando minuciosamente o corpo de Rubinho.

- Nisso eu concordo com o Rubinho – seguiu Adriana inocente. – Hoje em dia o pessoal é mais indiferente, mais medíocre.

- E daí? – reagiu Sofia. – Pelo menos vocês são uma gente saudável, que sabe trepar.

- Trepar não é tudo nessa vida – resmungou Rubinho.

- É sim – contestou Sofia.

O Diabo a Quatro

- Que dia lindo!

Todos levaram algum tempo sondando com o olhar, o local de onde vinha a voz feminina, que não era de nenhum dos presentes. Era de Renata, que apareceu retumbante pela porta da cozinha, trazendo Maurício enlaçado pela cintura até o centro do pátio. Ela vestia um biquíni minúsculo; ele estava de terno e tinha a cara amassada.

Renata se plantou sorridente no meio do pátio, esperando que as outras deduzissem o que se passara entre ela e Maurício na noite anterior. Adriana contemplou a cena por um bom tempo; levantou-se muito devagar.

- O quê?... Quer dizer então?!...

Apontava o dedo indicador, alternadamente,

para Maurício e Renata. Por fim, jogou-se nos braços da amiga:

- Conseguiu?

Renata fez que sim com a cabeça e sussurrou alguma coisa no ouvido da amiga. Adriana separou-se dela e cumprimentou quase formalmente a Maurício:

- Parabéns...

Só então Sofia deu sinal de compreender a situação:

- Está brincando...Você papou mesmo a menina?

- Olha o respeito! – estrilou Maurício.

- Respeito – continuou Sofia. – Ontem comigo você não veio com esse papo de respeito, bancário.

64

Era um golpe baixo em Maurício. Ninguém ali, exceto Sofia, sabia a profissão de Maurício. E ser bancário, ao menos num meio de estudantes, não era coisa que o deixasse orgulhoso. Maurício ameaçou partir para cima de Sofia e dar-lhe um tabefe, o que sem dúvida teria se consumado caso eu e Rubinho não nos tivéssemos levantado e posto panos quentes. Renata completou o serviço:

- Não liga, amor. Ela é assim mesmo.

Os ânimos estavam serenando quando Vivian, que aparentava perfeita indiferença ao incidente, levantou perguntando:

- Vou fazer um rango. Quem mais tá a fim?

Rubinho respondeu em cima:

- Eu não. Combinei almoçar com o velho. Ele deve estar esperando. – Que que é isso? Fica com a gente. – Sofia aproveitou a desatenção de Adriana para olhar sedutora o rapaz.

- É... Eu também vou indo – Maurício aproveitou a ocasião para anunciar a retirada.

- Como assim, bancário? – Sofia perguntou sarcástica. Desta vez, ele se fez de desentendido.

- É...A minha mãe está me esperando...

- Liga pra ela e desmarca – sentenciou Adriana.

– Onde já se viu interromper assim a lua-de-mel?

- Que interromper?! – Renata aproveitou a dica

– O Maurício me convidou pra almoçar na casa dele.

Maurício fez cara de poucos amigos.

- Não precisa ficar com vergonha, amor. Você me convidou.

Maurício enfiou o rosto num par de óculos escuros, para ganhar tempo ou se esconder.

- Como é – inquiriu Sofia -, convidou ou não convidou?

Maurício olhou pra ela e, apesar dos óculos, dava para perceber que sentia ódio de Sofia. Respondeu com irada segurança:

- É isso aí. Convidei.

Renata recostou a cabeça no ombro de Maurício.

Sofia, Adriana e Vivian continuaram na casa.

Todos os demais debandaram e eu aproveitei a chance para sair, prometendo nunca mais voltar a ver Sofia. Era preferível me entregar à polícia, o que não fiz por um inútil instinto de conservação. Saí como cheguei: sem destino. Precisava me abandonar, decidir que não mais amaria Sofia, suportar a perda que tal decisão representava. O esquecimento é algo viável, talvez inevitável, mas não exclui a perda – essa é eterna como o inferno, irremovível e, de certo modo, impermeável à vontade: um apêndice com o qual se convive, mas que nunca é assimilado pelo organismo. É um voluntário empobrecimento, e sabia estar me resignando a ele. Mas era preciso. Era preciso deixar essa casa que mais se assemelhava a um limbo.

4. A Ronda da Noite

Comi um prato de Miojo, zanzei pela Liberdade, assisti a uma suportável história de monstros no cine Niterói. Ao sair, não pensava em Miguel Kobayashi, o nissei que eu arrastara em minha desventurada negociata, mas em Sofia. Assim é o sujeito que se pode chamar de “romântico incurável”. Com a cabeça a prêmio, apenas me freqüentava a falta de Sofia, a humilhação causada por seu desprezo. E, sobretudo, a idéia (obtusa, admito) de que se ela tivesse na barriga um filho meu e não do abominável Leal, as coisas talvez pudessem ter se passado de outra forma e minha vida não fosse uma sucessão de desperdícios.

67

Minha cabeça estava cheia de dúvidas. Nossa oficina fora estourada na sexta-feira à noite e Miguel estava preso. Até aí, eu sabia. Não fazia a menor idéia é sobre sua capacidade de resistência. Seria apertado pela polícia e, com tudo perdido, o lógico seria dar com a língua nos dentes. Não tinha um motivo sequer para apagar em silêncio. Eu que o envolvera em minhas trapças. Ou, a bem dizer, me utilizara de sua notável habilidade no trato com o papel e as letras para induzi-lo a partilhar do negócio dos diplomas, em troca de uma pequena porcentagem do total apurado.

Não se envolvia em mais nada e não fazia perguntas.

Miguel Kobayashi era um nissei com uns vinte anos de idade, se tanto, com quem eu trombara certa vez em Guarulhos. Operário gráfico, nas horas vagas, aproveitava para fazer pinturas em miniatura. Faltava-lhe cultura para passar do artesanato à arte e iniciativa para vender o produto. Ele não percebeu com nitidez os meus objetivos quando lhe levei um diploma universitário e pedi que me fabricasse uma réplica. O diploma era de uma escola de jornalismo e Miguel conseguiu fabricar um produto talvez melhor que o original. Imitou as letras dos diretores e reitores e, com uma paciência que eu creditava a sua imbecilidade, reproduziu os selos e carimbos.

68

Ao receber o papel, não pude me conter e disse-lhe que era um artista. Artista autêntico, capaz de reproduzir, senão a vida, pelo menos um fragmento dela.

O diploma de Miguel me valeu um emprego, durante alguns meses, como responsável da seção de necrológicos de um jornal. Ganhei, pela função, o incômodo apelido de Evaristo Boa-Morte. Os colegas me evitavam: raramente um deles falava comigo, era considerado na redação uma espécie de coveiro.

Aquilo poderia me enlouquecer a qualquer momento: ficava todos os dias esperando a lis-

ta dos mortos que a Prefeitura mandava; depois, tinha de colocar todos os óbitos (esse é o nome técnico) na ordem usada pelo jornal, começando pelo nome (em maiúsculas), idade, data da morte, parentes que deixava, parentes já mortos, etc...

Com um mês de trabalho, percebi que poderia simplificar bastante a minha vida, bastando para isso esquecer a lista real e forjar, no lugar, uma lista falsa, composta pela repetição de mortos recentes, pela compilação em arquivo de velhos mortos e, finalmente, por mortos imaginários. A coisa ia mais que bem e os chefes elogiavam minha eficiência: chegava sempre tarde, mas terminava o serviço sempre na hora. Depois, tinha só o trabalho de jogar no lixo a lista que a Prefeitura mandava todos os dias. Ninguém devia ler o jornal, porque o expediente funcionou durante uns três meses.

O caldo entornou no dia em que, por azar, incluí na minha lista o nome de um sujeito que entrara no noticiário (na qualidade de vivo) uns seis meses antes. O dono do jornal era amigo do homem; deslocou um repórter até a casa dele; mandou uma coroa de flores e uma grande faixa alusiva às qualidades do falecido. Tudo que conseguiu foi provocar um enfarte na mãe do homem, uma velhinha que tinha certeza que o filho fora passar o fim de semana em Guarujá e ficou roxa ao receber a coroa de flores.

Fui despedido na hora. É possível que conseguisse outro emprego, já que mesmo meu chefe fez um elogio final à maneira imaginativa como me empenhei no serviço (havia em suas palavras uma inegável dose de ironia, é certo, mas que misturava à mais genuína admiração). A verdade é que me sentia enjoado cada vez que pisava a redação e via aquelas pessoas correndo e se agitando, cultivando doenças nervosas e se preparando para ter um enfarte, em nome da busca de uma “verdade” cujos princípios ignoravam.

Conhecera, nesse tempo, pessoas interessadas em ingressar na profissão e que não o faziam apenas por falta de diploma. Não sei que atração pela indecência me fez sugerir a duas delas o ingresso em uma nova atividade. Outros ainda – e talvez fossem maioria – limitavam-se a enquadrar o papel e colocá-lo na parede. Não me sentia um falsário. Não mais do que agora, ao escrever estas anotações.

O negócio dos diplomas foi por água abaixo como começara: através de um diploma de jornalista. Após alguns meses no emprego, o editor desconfiou que o desgraçado não possuía escolaridade mínima, tais e tantos os erros de português praticados, e falou, em tom de reprimenda, que não acreditava que meu cliente jamais tivesse posto os pés numa faculdade. Com a consciência culpada, o rapaz não conse-

guiu permanecer em silêncio:

- Como é que você soube? – perguntou ruborizado.

O chefe retrucou à sua incontinência verbal com uma pasma, porém definitiva exclamação:

- Eu não sabia!

O jornal aproveitou para investigar o caso com estardalhaço. Segundo fiquei sabendo, o rapaz de fato escrevia meio esquisito, mas era um repórter promissor.

Para quem é perseguido, nenhum olhar é inocente à luz do dia. Cada um parece reconhecer o criminoso e possuir um incontrolável desejo de denunciá-lo; cada ruído de sapatos batendo contra o calçamento de maneira regular anuncia o caçador que, obstinado nos persegue; todo o corpo é exposto à vigilância hostil de cada uma das pessoas. À noite, ao contrário, essa exacerbação dos sentidos que por vezes beira o delírio cede lugar ao repouso. Os rostos à nossa frente convertem-se em sombras desinteressadas e destituídas de vontade.

Ao sair do cinema já havia escurecido e me senti à vontade para caminhar até o Centro. A região que vai da praça da Sé até a avenida São Luis, uma sucessão de viadutos que eu me acostumara a considerar triste nos fins de semana a noite, tão abandonada ela fica, agora me transmitia calma e criava condições para que – uma vez afastado o fantasma de Sofia da cabeça –

eu refletisse sobre meu destino e definisse as medidas práticas a tomar. Para onde fugir, se fosse o caso de deixar a cidade; onde me ocultar, se concluísse que ficar era uma hipótese mais cabível.

Ao chegar à avenida Ipiranga, pensei primeiro em atravessá-la, pegando a praça da República e evitando a aglomeração de pivetes (e policiais) que se concentram nos fliperamas próximos à avenida São João. Decidi enfrentar o movimento. Comprei um “Notícias Populares” numa banca que existe exatamente na esquina, dobrei-o com cuidado e enfiei no bolso do paletó, para lê-lo mais tarde. Há muito já não lia os jornais com noticiais políticas e internacionais, que me pareciam repetitivas e destituídas de sentido. Mas, em cada título escandaloso estampado por “NP” havia, ao contrário, uma verdade concreta, um capítulo novo desta luta de homens inconformados com o destino: travestis, ladrõezinhos, traficantes, cornos que matam a mulher e o amante, miseráveis que incendiam o barraco com os filhos dentro. Enfim, todos os que têm em comum a vontade quase sempre desequilibrada de saltar fora dos trilhos. São pessoas mais ou menos abomináveis, conforme o ponto de vista, cada uma delas capaz de apresentar as justificativas mais estranhas para seus atos. Queriam, esta é a verdade, sair da merda

– psíquica ou econômica – e isto os tornava interessantes a meus olhos.

Caminhei pela São João até a Praça Júlio Mesquita, sem me dar conta de que estava indo em direção à kitinete da Barão de Limeira. Por uma vez, me surpreendi olhando aqueles prédios. Ali viveram os grandes bandidos, como Hiroito e seu rival Quinzinho; hoje é um conjunto de edifícios que lembram um esqueleto de uma cidade abandonada. Não é um lugar de miséria, mas de penúria: a precariedade da vida que abrigam, mais do que a qualidade das construções ou a ação do tempo parece se refletir no tom encardido das paredes externas e na iluminação amarelada dos interiores.

Percebi parado junto ao restaurante Tabu, o carro de um gigolô que conhecera por acaso e que tinha um apartamento debaixo do Minhocão, onde abrigava três putas – isto no momento em que o conheci, pois o número de mulheres era variável, podendo cair a uma e chegar a cinco. O malandro se chamava Vieira, dormia durante o dia e à noite saía de casa para que suas mulheres pudessem garantir-lhe o sustento. Tinha um Passat, carro de que se orgulhava mais do que tudo, e a crença de estar cumprindo uma missão de recolher moças que se encontravam mais ou menos ao léu, quase sempre chegadas do Interior, e dar-lhes um encaminhamento e umas certezas na vida.

Não tinha a menor dor de consciência por agir dessa maneira. Sentia-se malandro, apenas. Esse, já me esquecia, era outro motivo de orgulho: trabalhara muito pouco na vida, apenas o tempo necessário para descobrir que a simpatia poderia franquear-lhe o coração dessas jovens que batiam na Capital para fazer a vida.

- Malandro, puta gosta de ser puta. – Me disse essa frase uma vez que lhe perguntei sobre a natureza de suas atividades. Era um existencialista, convicto de que tudo na vida é uma questão de escolha e de que existe uma cumplicidade quase pavloviana entre as pessoas e seu modo de ser. Malandro é malandro, puta é puta, doutor é doutor. Suas definições tinham o vício da tautologia e, se me ocorria complicar um pouco as coisas, perguntando-lhe a respeito dos “doutores que são malandros”, isso lhe parecia a confirmação definitiva de seu pensamento:

- Esse aí é que é malandro mesmo!

Minhas relações com ele, devo dizer, foram puramente episódicas, mas a simpatia e a sinceridade com que enunciava seus raciocínios quase me levaram a procurá-lo. Rondei seu carro durante um tempo, antes de concluir que sua simpatia era, também, um apetrecho comercial e que sua ambígua profissão – onde o infrator da Lei se confunde com tanta frequência com o delator e o policial – poderia lhe propiciar a

oportunidade de, ao me dar ajuda, exercer algum tipo de chantagem. Já resolvera dar as costas e seguir caminho, quando ele apareceu à porta do restaurante e me chamou em voz alta. - Ô irmão!

A palavra definia em parte a fraternidade que o ligava até a semidesconhecidos como eu e em parte comprovava a sua irresponsabilidade verbal. De hábito, me irritava ser chamado de "irmão"; naquela ocasião, ao contrário, me aliviou: não me chamava pelo nome talvez porque não o lembrasse, mas se dissesse meu nome, nessas circunstâncias, eu seria tentado a crer que estava sendo denunciado, pois de alguma forma ele ecoaria pela Boca do Lixo, atraindo policiais e delatores.

75

Destacou-se do grupo de quatro ou cinco homens que o acompanhavam e chegou perto de mim. Me vira apenas de costas e não estava certo de que era eu. Pensei em não me deter, mas o chamamento fraternal, àquela altura dos acontecimentos, era sedutor. Aproximou-se, a camisa berrante semi-aberta, deixando à mostra um medalhão pendurado no pescoço, a calça deselegante, os cabelos encaracolados e a barba por fazer. No geral, dava a impressão de alguém que não tomava banho, embora tomasse o cuidado de usar até água de colônia.

Talvez minha aversão por ele viesse do fato de tudo em Vieira, das roupas à barba desleixada, fazer parte de uma indumentária estritamente profissional. E, no entanto, não sei de mais ninguém que naquele momento empregaria a palavra ‘irmão “a meu respeito.

Agora, Vieira chegava, braços abertos. Recuei instintivamente e ele deve ter percebido minha repulsa, pois conteve o gesto e limitou-se a dar uns tapinhas nos meus braços.

- Estava atrás de mim?

- Não. Passei por acaso.

- Vamos tomar uma.

Respondi com um movimento negativo de cabeça. Ele olhou bem nos meus olhos, tentando descobrir o que eu pensava. Em seguida, dispensou os homens que o acompanhavam.

- Vão indo. A gente se vê mais tarde – fez uma pausa, me observando.

- Qual é o problema?

- Nenhum.

- Que é isso, irmão! – me desacreditou com um sorriso de cumplicidade, e olhou como se eu tivesse cumprido uma profecia e ingressando em seu mundo, eu que jamais lhe falara de minhas atividades ilegais. – Eu já li no jornal.

Pegou o “NP” no meu bolso e abriu na página seis, onde uma manchete secundária anunciava: “Desbaratada rede de falsários”. Embaixo duas fotografias, a de Miguel e a minha, e a

notícia pela qual pude compreender que o maldito japonês tinha contado tudo tim-tim por tim-tim e, não obstante, devia continuar apanhando como cachorro, já que a polícia acreditava – ou fingia acreditar – estar apenas começando a puxar um fio que a levaria a desmontar um negócio de proporções fantásticas; coisa que, a bem dizer, nunca esteve em meus planos.

- Entra no carro.

Segui até o carro, menos para satisfazer à solidariedade de Vieira do que pela cega obediência que me sugeria o fato de agora estar em seu poder; de ele me conhecer e poder me denunciar. Estava em pânico, esta é a verdade, confrontado pela primeira vez com o horror de parar nas mãos da polícia e conformado com a idéia de estar sob o domínio do maldito gigolô.

- Fica na minha casa – ele disse, afrouxando o freio e ligando o carro.

- Não precisa se incomodar. Eu vou mesmo me entregar – respondi para deixar claro que ela nada teria a ganhar comigo e que seria inútil querer me chantagear.

- Larga de ser burro. – E deu partida.

Entrou no prédio cumprimentando as putas que se aglomeravam à porta chamando os poucos passantes. Atravessamos um hall amplo e maltratado, como o da maior parte desses prédios que o Minhocão – essa avenida elevada e inversa construída sobre a Avenida São João –

transformou em um punhado de bordéis. Entramos pela cozinha, o que não cheguei a estranhar, mas Vieira preocupou-se em pedir desculpas, explicando que fazia assim porque a sala – para onde dava a entrada principal – estava ocupada por uma das moças para afazeres profissionais.

Pelo que pude entender, as três mulheres estavam ocupadas naquele instante, inclusive Rosa, a quem ele chamava de “minha esposa”. Na sala, porém, ficara Yara – a mais jovem e mais rentável delas – ocupando uma cama redonda que ele considerava seu principal investimento desde que montara o treme-treme.

78 Pouco depois, entrou na cozinha, vindo de um dos quartos, um senhor grisalho. Atrás dele, uma jovem vestindo camisola cor-de-rosa, que passou por nós lançando um cumprimento meio vago. Para ela, o familiar e o estranho se confundiam, de maneira que seu protetor e eu podíamos ser abarcados num só movimento de mão, no mesmo “oi”, num único olhar, despojado de qualquer curiosidade. Ela passou por nós e levou o senhor até a porta. Depois cruzou outra vez à nossa frente em dizer palavra e sumiu pelo corredor, seguindo para o banheiro. Vieira, que falava sempre baixo, de maneira a não perturbar as atividades sexuais que se desenvolviam no apartamento, fez um sinal e eu

o segui pelo corredor, entrando num dos quartos. Dentro, havia duas camas de solteiro unidas, que ele agora se ocupava em separar. O cômodo era preenchido por uma quantidade aparentemente infinita de objetos femininos, que iam desde roupas até uma coleção de perfumes e bibelôs dispostos sobre a penteadeira. No criado-mudo, havia o cinzeiro e um urso de pelúcia; ao lado, cravado na parede, um cofre e, sobre a cama, um quadro vagabundo representando Jesus Cristo com o olhar compreensivo. A luz era fraca e a pintura estava manchada; aqui e ali percebiam-se infiltrações de água que deviam ajudar na formação do cheiro de bolor. Indiferente a isso, Vieira preocupava-se em estender o melhor possível os amarfanhos lençóis da cama que me destinara.

- Aqui é michê rapidinho. Quinze minutos, zás... Entra outro... Dorme ai.

Mal acabara de me dar as explicações quando entrou no quarto a mesma moça de agora há pouco. Desta vez seu olhar era de surpresa, não, naturalmente por ver um homem em seu quarto, mas por encontrar as camas separadas.

- Melina, o meu amigo vai ficar aqui por hoje. Amanhã eu falo com o Barata, você vai pro apartamento dele.

A moça assentiu com um movimento de cabeça e vestiu o penhoar que estava jogado numa cadeira.

Tirou um cigarro do bolso, me olhando de cima a baixo e depois desviando a atenção novamente para as camas.

- Quer dormir ou vamos tomar uma cerveja antes? – Vieira fez a pergunta quase sugerindo que saíssemos para a mulher pegar mais um ou dois fregueses.

- Prefiro descansar um pouco.

- Você que sabe – coçou a cabeça desconsolado e saiu, fechando a porta com delicadeza.

Olhei para o quarto enquanto tirava o paletó e só então me dei conta de que a decoração, embora formada por objetos aparentemente recolhidos aqui e ali – que por acaso constituíam a memória de sua existência – puxava o tom geral do quarto para um verde forte e abafado. O puteiro onde eu tinha caído era um anexo do inferno, circunstância que me constrangia tanto mais quanto Melina – que agora desganhava os cabelos compridos com a ajuda de um pente – parecia sentir-se completamente à vontade ali, a não ser, talvez, pela minha presença. Pensei por um momento em oferecer-lhe dinheiro para compensar o faturamento perdido com minha intrusão, mas logo abandonei a idéia, convencido de que estaria contrariando as leis da hospitalidade que um amigo – e Vieira se considerava assim – me oferecia. Estava de pé, adiando o mais possível o momento de me encontrar com aqueles lençóis freqüentados sabe Deus por

quem e por quantos. Melina parece ter-se dado conta de meu desconforto.

- Quer que eu ponha lençol novo?

- Não precisa. Tudo bem. – Ela encolheu os ombros e voltou a pentear os cabelos pretos e compridos. Tinha olhos bonitos, apesar da expressão de cansaço no rosto. Resolvi me deitar.

Conversa com Melina

Ela estirou-se na cama, com as costas para cima após tirar o penhoar e sem se preocupar em cobrir o corpo. Virou a cabeça para o lado da parede. – Quer que eu apague a luz? – perguntei.

- Não precisa.

- Posso fumar um cigarro?

- Hum, hum – moveu a cabeça e sequer abriu a boca. Peguei o cigarro no bolso do paletó e apalpei as calças procurando o isqueiro. Não o encontrei.

- Me empresta um fósforo? Ela levantou o corpo a contragosto e estendeu-se até o criado-mudo. Passou a caixa de uma mão para a outra e ofereceu-a. Eu a peguei agradecendo, acendi o cigarro e estiquei o braço para devolver os fósforos, mas ela já estava novamente estirada, na mesma posição anterior. Coloquei a caixa no chão.

Já estava no fim do cigarro; notei que ela esta-

va longe de dormir, embora não movesse um músculo.

- Onde você arrumou esse nome?

- O quê? – Ela quase deu um salto na cama e olhou na minha direção sem entender.

- O seu nome. Onde você arranjou? – insisti.

- Que é que tem com ele? – perguntou rispidamente, passando uma das mãos nos cabelos.

- É bonito – falei fazendo média.

- Foi o Vieira que deu – respondeu um pouco menos agressiva e voltou a virar para o outro lado.

- Nome de artista de cinema.

- Não sabia. – Ela estendeu a mão até o penhoar procurando um cigarro, um pouco conformada com a minha insistência em conversar, um pouco por perceber que era cedo para dormir. Peguei a caixa de fósforos e, erguendo o corpo, acendi o cigarro. Ela me olhava, espantada com a gentileza e perguntando-se sobre minhas segundas intenções.

- Teve uma outra menina com esse nome aqui – continuou. – Por isso o Vieira me chama de Melina 2.

Abriu a boca puxando a fumaça. Deu para ver nesse momento que lhe faltava um dente. Entre os visíveis, já que não podia ver o fundo da cavidade. Os que via, entretanto, tinham uma aparência horrível. – Você tem que idade?

- Dezenove.

Diabo. Talvez não tivesse nem a dentição completa, ainda. Cuidava das mãos e dos pés, cujas unhas estavam irrepreensivelmente pintadas; usava um estoque de maquilagem no rosto e cílios postiços – que, aliás, não tirava para dormir – mas não tratava dos dentes.

- Você está precisando ir ao dentista – observei. Ela não pareceu se ofender.

- Eu fui no Dr. Pedro. Ele disse que precisa arrancar tudo e botar dentadura – falou e arreganhou os lábios para mostrar melhor a putrefação dentária. – Só que agora eu não posso. Se tirar, não posso me virar por uns tempos.

- Mas com a dentadura vai faturar muito mais – eu completei, tentando sensibilizar sua vaidade estritamente profissional. Ela me olhou puxando uma baforada e aparentemente convencida pela minha argumentação. Apagou o cigarro e me deu as costas.

- Boa noite – falei, apagando a luz.

- Até amanhã.

Ela ficou acordada um bom tempo, a ponto de eu ter imaginado que talvez estivéssemos participando de um concurso de resistência: mudos e quietos, mas acordados. Dormiu finalmente, o que eu pude perceber pelo seu ronco. Comecei a pensar que me deixava envolver pela idéia de fuga e que por um momento fantasiara a possibilidade de investir num ramo repugnan-

te. Não por toda a vida, mas o tempo necessário para que as coisas esfriassem. Seria desconhecer minhas limitações morais. Vieira ou qualquer outro desses são pessoas amorais. Não têm escrúpulos e apenas desconfiam vagamente que não os têm. Meu negócio de diplomas, ao contrário, era uma atitude – estúpida, se se quiser, mas atitude. Talvez fosse tudo a mesma coisa, mas não para mim e não naquele instante. Em Sofia, me impressionava a beleza dos dentes; em Melina sua decomposição. Seus dentes eram sua morte e aquela alcova de bordel, um caixão. Queria minha vida, nem que fosse nas mãos da polícia. Não iria me deixar deteriorar. Saí pé-ante-pé para não acordá-la, medida inútil visto que já dormia profundamente.

84

Talvez Melina tivesse escolhido ser puta – eu não gostaria de divergir de uma autoridade como Vieira no assunto – mas não devia deixar que apodrecessem os dentes. Para falar a verdade, não acredito que tivesse escolhido nem mesmo o açougueiro que, sem olhar duas vezes, resolvera instalar a dentadura em sua boca. Sequer pudera escolher a data da operação, já que ela lhe impediria de “se virar por uns tempos”. A margem de manobra era pequena. Para ela ou para mim. Esperaria pelos tiras em casa. Tentei ser discreto ao entrar no meu prédio, mas o porteiro da noite estava acordado como nun-

ca antes. Cumprimentei-o de forma habitual; ele respondeu olhando-me com um misto de respeito e desconfiança. Ou os tiras já tinham passado por lá – e nesse caso ele não me disse nada – ou já vira minha fotografia estampada no jornal. Eu que me preparasse.

O que fazia o encanto do pequeno apartamento era, a meu ver, o corredor de entrada. Quem chegasse, não via o cômodo, apenas o corredor, onde ficavam o fogareiro e os apetrechos de cozinha. Gostava de entrar e fazer um café. A kitinete seria um lugar agradável, não fosse a porta de separação entre o cômodo e o corredor, que os vizinhos insistiam em deixar aberta, provocando um bate-bate noturno cada vez que soprava uma brisa. Certas noites acordava com a sensação de estar no meio de uma guerra, devido à semelhança entre o ruído das portas batendo e o estampido de tiros. Na minha atividade, o sobressalto era duplo, como se há de compreender.

No lado esquerdo do cômodo ficavam a poltrona e o abajur alto – duas das raras heranças de família. No lado esquerdo, uma estante com livros (em bem menor quantidade hoje do que há anos), discos e objetos, cujo principal papel consistia em estabelecer uma separação com a metade social da sala.

Me esborrachei na poltrona e abri o jornal, curioso por saber o que de fato se passara.

Resumo: Miguel Kobayashi tirou o corpo fora dizendo que não sabia a natureza dos serviços que executava, simplesmente os fazia para um senhor que se dizia representante de uma Faculdade. Declarou o mesmo a respeito dos selos e blocos de papel timbrado. O filho da puta não era bobo, como eu pensei, mas se fazia de bobo. No aperto, em vez de revelar o semi-inocente que de fato era (seria? – eu começava a duvidar), se fizera passar por vítima das circunstâncias, descarregando toda a culpa em minhas costas. Não era hora para cultivar ressentimentos. Os jornais me davam, naquele momento, uma notoriedade tão vasta quanto indesejada. O porteiro como cara de buldogue a essa altura já estaria telefonando para a polícia, esquecido das gordas propinas que eu costumava lhe dar. Não tinha nada a fazer senão esperar, aproveitando o tempo que me restava com a leitura de um livro. Escolhi ao acaso (emprego a palavra já duvidando dela) “A Invenção de Morel”, de Adolfo Bioy Casares, e comecei a correr os olhos por algumas frases que reproduzo aproximadamente na ordem caótica em que as li:

“Viver em uma ilha habitada por fantasmas artificiais era o mais insuportável dos pesadelos; estar apaixonado por uma dessas imagens era

ainda pior do que estar apaixonado por um fantasma.”

...

“não quero me ocupar de meus companheiros da ilha, parece-me que lhes é muito fácil, com efeito, transformarem-se em obsessões.”

...

“ali se manifestavam os perigos da criação, a dificuldade que existe em carregar consigo, com equilíbrio e simultaneamente, diversas consciências.”

...

“Mas esta mulher me deu uma esperança
Devo temer as esperanças.”

...

“Toda essa higiene de nada esperar é talvez um pouco ridícula. Nada a esperar da vida, para não arriscá-la; se passar por morto para não morrer. Isto me pareceu de repente uma letargia assustadora e inquietante.”

São frases que lera alguns anos antes e que anotara, impressionado pela precisão do raciocínio, a beleza do encadeamento, o rigor delirante da formulação. Não pensava então que pudessem se aplicar a mim em tantos níveis. Meu destino tomara a forma de um pesadelo, onde todos os elementos – em si inofensivos – se conjugavam para produzir a opressão: o niilismo, o reencontro com Sofia, este modo de vida absurdo a pon-

to de parecer (ou de ser) artificial, a recusa de viver gerando uma outra vida, o súbito surgimento da esperança em um quadro onde a desesperança representava uma maneira de equilíbrio. Em criança, sonhava que estava no portão de casa e via ciganos surgirem no fim da rua para me roubar. Dava as costas para a rua e me preparava para entrar. Subitamente, minhas pernas ficavam pesadas, lentas, até se tornar impossível qualquer movimento, ao mesmo tempo em que crescia a certeza de que seria apanhado. Era este o meu sentimento, agora, acrescentado do consolo de que a prisão criava uma justificativa para a ausência de Sofia. Preso, não precisava ter esperanças, imaginar que ela um dia compreenderia que estávamos unidos pela mesma preguiça de viver, que disfarçávamos sob o nome mais pomposo do niilismo e pela imensa coragem que dotava o ser imaginário que fazíamos viver em nós – arbitrário e, no entanto tão real quanto nós. Tinha apenas de esperar.

Prefácio do Meio

O leitor compreenderá que, devido à circunstância de estar preso, o narrador se ausente temporariamente da narrativa. Minha prisão não tendo nada de poética, essa peculiar maneira de rejeitar os homens tendo resultado em uma série exaustiva de interrogatórios animalescos, acredito ser mais conveniente só retornar à cena quando o acaso – o mesmo imenso acaso que me aproximou de Sofia – justificar novamente minha aparição.

Fora, a vida seguia. E, para não privar a história de continuação por mera falta de autor, reconstituí da melhor maneira possível os acontecimentos que se deram durante minha ausência. Da melhor maneira possível, eu digo, e quase já me arrependo: aos depoimentos recolhidos junto aos personagens, tomei a liberdade de acrescentar fatos ou detalhes imaginários, de suprimir passagens que a eles poderiam parecer essenciais, mas que não julgo parte importante da história (aos detentos, como se sabe, pouco resta além da capacidade de fantasiar situações e engendrar detalhes).

Tendo chegado como estranho a essa república de estudantes, aos poucos percebi que meu destino misturava-se ao dos demais frequentadores, integrava-se ao dessas meninas que envelheciam sem crescer, que colecionavam objetos, di-

plomas, namorados, roupas, frustrações, sem que nada disso constituísse um passado. Eram, no máximo, um parêntese do qual o tempo parecia uma dimensão excluída.

Em nossa breve existência comum formamos, ainda assim, uma história: divergências e identidades.

Uma história que, provisoriamente, tem seqüência depois de eu ter deixado a casa. Mais precisamente, no carro em que Maurício levou Renata para almoçar na casa de sua mãe.

5. De Ir e Vir

Renata ficou cutucando; Maurício evitou o assunto até que ela o abordasse diretamente:

- O que você estuda, afinal?

- Que que te importa isso?

- Nada, sei lá...

Enfiou a cara no vidro, ofendida. Fazia sol e a luz acentuava a mudança na paisagem, à medida que se aproximavam da Penha. Renata não conhecia São Paulo direito e se impressionava com as sucessivas alterações: das casas imponentes dos Jardins até a Zona Leste, tinha a impressão de percorrer muitas cidades, mas, sobretudo, de assistir a uma degeneração programada da paisagem. À medida que o carro avançava, a cor verde e os espaços amplos davam lugar à fuligem que se acumulava nas paredes frontais das casas que, progressivamente, se comprimiam. O traçado razoavelmente inteligível das ruas dava lugar a uma sucessão de trevos e entroncamentos construídos uns sobre os outros. Agora, mesmo quando passavam por área verde, não era uma natural euforia que ela evocava, mas o esquecimento a que são relegadas as regiões mais pobres.

- Que que você está querendo? – perguntou Maurício depois de algum tempo? – Cagar na minha cabeça que nem a outra? Não sou cara de muito estudo. Sou de trabalho...

Comecei garoto, fui subindo... Cheguei a gerente operacional. E tem outra: vou subir mais ainda. Você ainda vai me ver gerente... assistente de diretoria... Se Deus quiser, até vice-presidente...

- Acabou o discurso? – ela voltou-se, ainda magoada.

- Acabei. E daí?

- Daí que eu tenho o maior respeito.

- Escuta: eu estou com as costas doendo de dormir no chão, não estou a fim de muito papo, não.

A história que tinham vendido aos outros no pátio da casa tinha um pequeno óbice: ser completamente falsa. Maurício e Renata não tinham dormido juntos na noite anterior. Renata havia levado Maurício para o quarto e montado uma espécie de peça, a fim de se livrar da persecutória agressividade de Sofia e das provocações, bem-intencionadas e desastrosas, de Adriana quanto a suas dificuldades em manter relações com pessoas de outro sexo. O fato se passara na noite anterior, enquanto eu dormia, e Maurício concordou com as representações mais ou menos pelos mesmos motivos. Os dois decidiram dormir no quarto de Renata, mas enquanto esta ficou em sua cama, Maurício amargou o chão duro a noite inteira. A farsa continuara no pátio e tudo estaria muito bem, não fosse a necessidade de continuar mantem-

do as aparências de um romance que estava longe de existir.

- Onde eu vou te deixar, hein? – perguntou Maurício, após um silêncio.

- Em lugar nenhum. Nós vamos continuar juntos.

- Escuta... Você por acaso é maluca,é?

- Não sou! Você agora é meu namorado.

- Namorado o catso!

- Pras meninas, é.

- Escuta, garota, você acha que eu não tenho mais o que fazer, é?

- Você é outro que está na mão.

- Ah, vai se fuder, vai. Olha bem pra minha cara.

- Não adianta se fazer de cafajeste. Você é bem educado.

93

Macarrão à Bolonhesa

Se Renata tinha horror de ser tocada por algum homem (resultado, conforme explicação de Adriana, dos avanços violentos que sofrera ainda na adolescência de um cavaleiro de meia-idade, tido até ali como muito bem-educado), também sabia encantar as pessoas, quando queria. Pelo menos essa simpática dona Elvira, que fez questão de servir-lhe o almoço assim que chegaram à casa onde morava Maurício. E ainda se desculpava:

- Se o Maurício tivesse avisado, eu tinha prepa-

rado um almocinho melhor.

- Imagina – rebateu Renata. – Está ótimo. Eu morro de saudade de uma comida assim. A senhora sabe na república como é, todo mundo estudante, ninguém tem tempo pra cozinhar direito.

- É... Mas da próxima vez que você não dormir em casa, me avisa, né Mauricinho?

Mauricinho resmungou que sim do outro lado.

Renata não se abalou: - É que o telefone lá de casa quebrou e...

- Não precisa me explicar – cortou a senhora. - Vocês são jovens, precisam se divertir. E eu só posso ficar contente do Mauricinho sair com uma menina tão distinta como você. É que mãe... Viúva... A gente mora sozinha e fica preocupada... Imaginando coisas.

Maurício aproveitou a deixa, no ato: - Olha, pra me desculpar, depois do almoço eu vou levar a Renata pra casa e consertar aquela janela engripada, tá?

Pegou na mão da mãe, que já concordava com a cabeça, quando Renata interveio: - Você não prometeu me levar no cinema hoje?

Maurício esbugalhou os olhos, perplexo: - Cinema?

Dona Elvira resolveu a situação, compreensiva:

-

Vai, filho. Não precisa se preocupar comigo... Se vocês combinaram...

- Bobagem, mãe... A gente tem a vida pela frente...

- A vida passa correndo, filho...

Penha / Pinheiros

- A velha gostou de você, vou te dizer: é a primeira vez que isso acontece. Ela é ultraciumenta. Maurício falava dirigindo o carro, com uma ponta de orgulho da mãe. E não houve brigas, por uns tempos, até Renata perceber que estava sendo levada para casa.

- Pô! Com que cara eu vou aparecer pras meninas?

- Com a tua. Diz que eu te dei o fora, que eu sou um filho da puta.

- E tem lógica? Elas vão sacar na hora. Vão perceber que a gente nunca dormiu juntos.

- Por quê?

- Vai ficar na cara que eu inventei essa história. Aí é que vão me pegar pelo pé, mesmo.

- Vire-se.

- Canalha!

- Ah, isso aí é verdade.

E nesse tom cordial chegaram em frente à casa em Pinheiros, com Maurício só faltando empurrar Renata porta a fora e Renata irredutível em sua crença: -Você não vai fazer isso comigo. Não acredito

Adriana bateu com os dedos no vidro do carro

pegando os dois de surpresa. Maurício deu um pulo, pensando que ia ser assaltado, antes de ver o rosto sorridente da menina do outro lado:

- Opa. Como é que vão?

- Tudo bem – respondeu Renata, olhando firme para a amiga – Que roupa é essa?

Adriana deu uma volta sobre si mesma: - A Sofia me emprestou. Bonita?

Renata fez um ar de desaprovação: - Não faz teu gênero. – De fato, personagem e vestuário não pareciam andar lado a lado e não um dentro do outro, mas isso era o que menos a incomodava no momento. As roupas de Sofia pelo menos a faziam esquecer da vida provisória que levava com sua miserável bolsa de estudos.

96 - Escuta – prosseguiu Adriana? – Vocês não me dão uma carona até um cinema?

- Legal – respondeu Renata no ato. – A gente também estava a fim de ir, né Maurício?

Maurício não teve tempo de responder; Adriana entrou no carro de um salto.

- Olha, diz que está passando um filme genial no Bexiga. Vocês topam?

- Topa, Maurício?

Maurício abaixou a crista e ligou o carro com cara de poucos amigos: - Topo... Topo...

O carro arrancou cantando os pneus. Maurício guiava sem saber para onde, ainda inconformado:

- Onde é esse cinema, hein?

Inútil fazer cara de poucos amigos. Para Adriana, ele agora era o namorado de Renata e ponto.

- E o Rubinho? A gente vai encontrar no cinema? – Renata quebrou o silêncio dentro do carro.

- Não quero nem saber. – Adriana ergueu os ombros no banco de trás, enquanto tentava se olhar no espelho retrovisor.

- Ele te deu o fora? – insistiu Renata, para quem as mulheres eram invariavelmente as rejeitadas.

- Não... Sei lá... Resolvi sair sozinha... Quer dizer, a Sofia é que falou a verdade: do que vale eu ficar esperando que ele apareça, quando quiser e se quiser... Vou é pôr a cara no mundo. Renata virou a cabeça para frente; Maurício dirigia, alheio à conversa.

- Você não me deixa sair sozinha por aí, né?

- Ah... – Maurício despertou com o cutucão que levou no alto da barriga. – Vou, claro.

- Vai? – Renata indignou-se.

- Eu acho que mulher tem de ter sua liberdade – sentenciou Maurício irrefletidamente.

- Pois eu não quero liberdade. Eu quero ser sua Deu um abraço em Maurício, que quase perde a direção e vai em cima de uma Brasília que vinha em sentido contrário. Adriana assistiu à cena da amiga.

- Renata – falou por fim – quem garante que a felicidade não está me esperando nesse cinema?

Sofia e Rubinho - A Sedução

98 Sofia preparou o terreno meticulosamente: convenceu Adriana a sair, emprestou o vestido, ajudou-a a pentear-se. Só faltou empurrar a amiga para fora de casa. Restava agora esperar a chegada de Rubinho. Ele viria, certo como dois e dois são quatro, mas tinha de ser logo, caso contrário Adriana voltaria. Sofia tomou banho e permaneceu negligentemente com o roupão de banho e um livro nas mãos, fingindo que estudava. Fingindo, pois embora tentasse sinceramente se concentrar na leitura, não chegava a reter nada do que via escrito. Estava excitada demais com a perspectiva de trair Adriana. Porque para ela o amor precisava se revestir de uma certa perversidade para acontecer. Maurício era otário demais para satisfazê-la. O mesmo se passava com Rubinho. Mas não era ele, com a beleza de seu corpo e a cabeça repleta de idéias bombásticas. O que importava, e sim o risco de ser pega em flagrante, a hipótese de trair Adriana, de cometer uma vilania e seduzir um garoto afinal de contas indefeso – essas coisas a deixavam atormentada de prazer.

Correu até a porta quando tocou a campainha, mas como sempre, Vivian se adiantara (pensava, de cada um que batia, que seria o professor Rocha). E já teria despachado o rapaz sem ceri-

mônia, não fosse Sofia descer depressa as escadas.

- A Adriana saiu, mas volta logo – foi dizendo. Rubinho não gostou daquela história:

- Saiu com quem? – perguntou desconfiado.

- Sozinha, ué..

- Não disse aonde...

- Não! – interrompeu Sofia. – Só falou que ia sair um pouco...

- Vaca...

Rubinho percebia a namorada escapar de suas mãos e sentia, de algum modo, que a recente amizade de Adriana com Sofia se interpunha entre eles. A cabeça de Rubinho era uma massa confusa onde o amor se confundia com a dominação do outro, uma espécie de “prêt-à-porter” afetivo a um tempo ingênuo e perverso, segundo o qual duas pessoas podem passar juntas a vida inteira em mundos completamente estanques.

Sofia segurou Rubinho pelo braço, quando ele já se preparava para sair.

- Espera que logo ela volta... Toma um café.

Rubinho estranhou

Por que Sofia levava a bandeja com café e as xícaras para o quarto?

E por que essa súbita gentileza com ele?

Não entendia mais nada. Seu sistema de crenças – uma rígida organização de entes abstratos, dominados e dominadores, poetas e bur-

gueses, vítimas e carrascos – não assimilava matizes, nem dava lugar ao inesperado.

Sofia costumava passar da palavra grandiloqüente ao gesto subitamente econômico, da afirmação à destrutividade, do sarcasmo à carícia. Introduzia na ordem uma espécie de barbárie que, se a tornava misteriosa a meus olhos, levava Rubinho a compor dela uma imagem opaca, incompreensível. “Elitista”, como definiu certa vez, e, no entanto atraente.

Sofia depositou a bandeja na mesa e abriu a garrafa de vodca. Misturou a bebida ao café.

- Quer?

Ofereceu a mistura a Rubinho, que aceitou. Ele provou o café com vodca e, não fosse sua força de vontade, teria cuspidado tudo em cima da mesa.

- Que tal?

- Estranho – respondeu pálido.

- Só se tiver gostado – Rubinho afetou modéstia.

- Não é tão simples. Você tem inveja da minha geração. Acha que nós somos melhores.

- Isso mesmo.

- Você se acha melhor do que os seus colegas...

- Nem todos – cortou Rubinho.

- Nem todos – concordou Sofia –, mas a idéia geral é essa.

Um pouco diferente: eu não sou melhor. Os outros são piores.

- E por quê?

- Porque se entregaram ao consumismo. Porque consomem a moda do mês, o rock do mês, o livro da semana.

- Não seria meio chato se eles fossem iguais à minha geração?

- Pode ser. Mas a questão é outra: como é que os meios de comunicação atuam hoje e induzem as pessoas à alienação.

- O que é alienação? – Aceitar. Não ter resposta para nada. Não sonhar.

O café já havia acabado e Sofia se contentava em consumir a vodca. Ficou um instante em silêncio, após a última resposta de Rubens. Depois, abriu um sorriso.

- Se você pensa assim, então escolheu o modelo errado. A minha geração – fez uma pausa longa -... Eu não quero me repetir... – fez outra pausa – a minha geração tinha resposta para tudo, mas não sabia nem quais eram as perguntas.

- Ok. Não vou discutir. Eu não estava lá. Mas vocês batalharam.

Não foi só na política. A liberação sexual, vocês que conseguiram.

Sofia fez uma espécie de careta. Teria podido descambar para a amargura. Liberação sexual, nesse sentido, para ela, significava a liberdade de Leal produzir um filho em seu ventre e bater-lhe com a porta na cara em seguida. As expressões têm, por vezes, um sentido imediato

demais para serem sentidas abstratamente. Meio sem querer, meio para alterar o curso dos acontecimentos, lançou mão do “Zaratustra” e escolheu uma passagem para recitar em voz alta. “Amo Aquele cuja alma se esbanja, que não quer gratidão e que não devolve: pois ele sempre dá e não quer poupar-se.

Amo Aquele que se envergonha quando o dado cai em seu favor, e que então pergunta: ‘Sou um jogador desleal?’- pois quer ir ao fundo. Amo Aquele que lança à frente de seus atos palavras de ouro e sempre cumpre ainda mais do que promete: pois ele quer ir ao fundo.

Amo Aquele que justifica os futuros e redime os passados: pois ele quer ir ao fundo pelos presentes.”

102

O trecho estava grifado no livro, lido e relido, e ainda assim sua enunciação parecia ter um poder mágico. Rubinho se admirava com a beleza das palavras, não importa o sentido que tivessem. Ou melhor: era o som da voz de Sofia, manifestando-se por uma vez sem ansiedade ou ressentimento, o que criava no ambiente uma textura diferente da conversa anterior.

Sofia declamou o trecho aproximando-se pouco a pouco de Rubinho, de maneira que, quando acabou de pronunciar a última frase, estava com o rosto a não mais de um palmo de Rubinho.

Fechou o livro e olhou para o rapaz fixamente. Não esperava uma palavra sobre o livro, mas sobre ela; e ele se dava conta disso.

- É coisa muito séria – falou Rubinho um instante depois.

- O livro?

- Você.

Disse isso e levou as mãos aos ombros de Sofia, que começou a acariciar sem jeito. Ela não protestou, o que ele encarou como sinal verde para descer as mãos até os seios, mexendo delicadamente em suas bordas. Abaixou o rosto, abriu devagar a saída de banho de Sofia e já estava se preparando para tocar com a boca o seio da menina, quando ela ergueu o joelho com violência, acertando Rubinho no meio das pernas bem na altura do sexo. Ele saltou para trás e saiu pulando e gritando de dor.

- Pô! Que filha da puta! Que puta! – alinhavou uma seqüência de palavrões, e saiu pulando num pé só, que nem saci.

- Se não estava a fim era só dizer. Nem precisava ser sacana.

- Eu, sacana?! Tua menina vira as costas, você logo vai metendo a mão na amiga dela e eu é que sou sacana.

Olhou em tom de desafio para Rubinho, que já não se contorcia; apenas movia a cabeça de um lado para outro, em parte reconhecendo o erro, em parte querendo dizer que ela não compre-

endera a natureza de seus sentimentos. Era, em uma palavra, a presa com que sonhava Sofia.

- Galãzinho de matinê.

- Rubinho deu meia-volta e caminhou para a porta, levando a mão à maçaneta. Só então percebeu que estava trancada. Ia girar a chave, mas resolveu fazer uma pergunta, antes de sair.

- Você vai contar pra Adriana?

- Não sei...Talvez...

- Não conta, faz favor. As coisas já estão meio complicadas.

- Eu acredito.

Ela avançou com firmeza na direção da porta e tirou a chave, impedindo a saída de Rubinho. Com a outra mão, apalpou o braço dele.

104 - Engraçado... Você é muito mais forte do que eu... – e sorriu.

- Não tem raiva de mim?

Mais do que intimidado, ele fez que não, em parte movendo a cabeça, em parte exalando um ruído ininteligível.

- E é isso que queria fazer revolução. Você é um merda tão grande quanto o Brasil. Eu chuto, fica calado; eu piso em cima, fica calado; eu xingo, mete o rabo entre as pernas. – Agora berrava, revoltada com ele, com o seu passado, com a mania de ir até o fundo que a tornava uma permanente solitária.

- Você não é capaz nem de satisfazer uma mulher!

- Pô! Também não precisa humilhar... – Rubinho protestou, ainda encolhido.

- O cacete... – e Sofia passava da indignação ao jogo sem que ele se desse conta.

- Você é muito mais forte do que eu. Podia até me excitar, se soubesse.

Disse isso e segurou com força os braços dele, levando-os até seu ombro, junto ao pescoço.

- Agora segura aqui – e continuava com suas mãos sobre as dele.

- Me deixa ir embora, Sofia.

- Me segura. Aperta.

E pressionava as mãos de Rubinho contra seu pescoço.

- Aperta, vai. Isso não te excita?

Ele se esforçava por obedecê-la, sem sucesso.

- Não. Isso não me excita.

- Vai. Aperta como homem, seu bosta.

O sangue começou a subir ao rosto de Rubinho.

- Bosta é a mãe.

- Você é um banana.

- Sofia, brincadeira tem limite, porra!

- Ba-na-na!

Ela separou bem as sílabas; percebeu que Rubinho começava a reagir. Repetiu outra vez a palavra: - Ba-na-na - bem pausadamente, para que cada sílaba o machucasse. Com raiva, muito raiva, ele começou a pressionar o pescoço de Sofia, que primeiro ficou com o rosto vermelho; em seguida passou a fazer carrancas horrendas.

Estava sufocando e Rubens não conseguia mais controlar a força de suas mãos. O corpo de Sofia começou a vergar. Ela sufocava e Rubinho já não sabia se parava ou continuava, se a estrangulava ou acariciava, se era movido por ódio ou por desejo.

Em alguns segundos, viu Sofia se esparramar a seus pés. Soltou-a por fim. Sofia respirou demoradamente, sem tirar os olhos dele. Respiradas curtas, a princípio, em seguida mais largas e profundas. Segurou as calças de Rubinho, fechando as mãos com força.

- Era isso que você queria?

Ela não fez que sim nem que não. Encostou a cabeça nas pernas dele, mostrando-lhe a nuca.

106 - Então passa a chave que eu preciso ir andando.

Ela fez um sinal negativo com a cabeça e começou a levantar, apoiando-se no corpo de Rubinho. Encostou a cabeça em seu peito e, com uma das mãos, abriu o roupão de banho. Rubinho arregalou os olhos: o seio de Sofia, que ele tentara há pouco pôr para fora, agora aparecia ostensivamente.

Colocou uma das pernas sobre a cadeira e deixou que o roupão se abrisse também naquela parte, deixando à mostra uma de suas coxas. Depois, ajeitou os cabelos desgrenhados com uma das mãos. Rubinho resolveu arriscar mais uma vez e, abaixando-se, abriu completamente

o roupão de Sofia, cravando as duas mãos com força, muita força, mas já sem raiva, nos seios dela.

Nessa tarde, Rubinho ficou conhecendo poucas e boas sobre o amor.

Sangue de Pantera

Renata tinha interesse pessoal no filme. Identificava-se a Simone Simon em “Sangue de Pantera”; como ela, possuía a elegância e a sensualidade dos felinos, mas uma feminilidade que não conseguia aflorar, pela simples impossibilidade de se entregar a um homem e concretizar a felicidade que sonhava.

Adriana interessava-se pelo comportamento humano, pelas múltiplas variantes que fazem uma pessoa prisioneira de desejos incontrolláveis sentir-se paralisada no momento de realizá-los e agir na direção simetricamente inversa.

Quando Simone Simon, incapaz de tocar o homem a quem ama, vai ao encontro de um outro, mesmo conhecendo a fatalidade de que é vítima, Adriana e Renata ficaram de cabelo em pé ao verem a bela mulher transformar-se em pantera e estraçalhar sua vítima.

Maurício bocejava o queixo apoiado no braço, a cabeça pendendo para o lado.

Adriana rompeu o silêncio falando com entusiasmo: - Que filme bárbaro! Como ele consegue

entender uma mulher! – Renata aprovou com a cabeça, Maurício continuou andando, passos firmes, as duas mãos no bolso. Adriana puxou conversa com ele: - Você não achou, Maurício?

Ele tirou uma das mãos do bolso sem alterar a expressão, coçou o queixo, fez um sinal, indicando que achara mais ou menos.

- Não curtiu muito? – insistiu Adriana, que a essa altura estava decidida a tornar Maurício parte de sua vida e da pequena comunidade que habitava a república.

Ele pensou por um instante, procurando um argumento forte, e fulminou com a expressão vazia: - Vou ser franco com vocês. Não gosto muito de filme branco e preto.

108 Adriana pigarreou, virou-se para Renata, que olhou para outro lado, e tudo teria ficado muito mal, não fosse o próprio Maurício ter piorado a situação: - Com licença, falou com delicadeza. – Tenho que ir ao mictório um minuto.

As meninas ficaram olhando Maurício desaparecer na porta “Homens”. Adriana lançou um olhar perscrutante para Renata.

- Como é que ele pôde te entender – perguntou intrigada – se não sacou nada desse filme?

- Ah, Adriana, é diferente. – e Renata não tinha muito como argumentar. Estava insegura demais para pensar numa resposta convincente.

- Eu vi você nesse filme.

- Eu?

- Não é? É muito difícil um homem te compreender, pegar teu ponto fraco... Pra te sacar precisa sacar pacas de mulher... Que nem esse filme.

- Não sou tão complicada assim. Renata desviou o olhar para a porta do toalete. A essa altura, o melhor seria que Maurício viesse logo em seu auxílio. Como isso não acontecesse, tratou de evitar qualquer devassa de Adriana, descrevendo Maurício. Isto é, um suposto Maurício. O Maurício é experiente. Tem esse jeitão, mas é superlegal comigo.

- Delicado? – Super – Renata deixou escapar um sorriso franco que, se não dizia a verdade sobre suas relações com Maurício, ao menos exprimia o que sonhava.

Que bom. – Adriana abraçou-se a Renata no meio do minguaado saguão, de tal modo que uns rapazes que entravam para a próxima sessão pararam para assistir à cena.

- Você curte ele? – perguntou Adriana ao pé do ouvido de Renata. Esta confirmou que sim com a cabeça. Adriana desfez o abraço e se afastou:

- Isso é o que interessa. – a felicidade de Renata, chegando por uma via tão inesperada, mostrava a Adriana como a vida pode ser imprevisível. – Sabe – completou Adriana -, talvez um dia eu encontre um amor como você.

- Por quê? – espantou-se Renata. – O Rubinho não serve?

- Ah! Só pra matar o tempo.
- Então por que você namora ele?
- Porque ele pega no meu pé. Só por isso. – Olhou para o relógio um pouco nervosa. Automaticamente, as duas se voltaram para a porta do toalete masculino. – Mas tudo bem. Uma hora aparece.

Maurício surgiu no fundo do saguão, ajeitando as calças na cintura, meio sem jeito ao dar com as meninas olhando para ele.

- Bom, gente. Vamos andando? Tenho de voltar pra casa que minha mãe está esperando.

- Ah, vai – retalhou Renata. – Deixa de ser chato. Vamos tomar alguma coisa. – E se enlaçou ostensivamente no pescoço de Maurício.

110 Adriana desviou o olhar para não penetrar demasiado na intimidade do casal. Só quando Maurício, com delicadeza safou-se de Renata é que criou coragem: - Eu também estava mais a fim de ir, Renata. O Rubinho deve estar me esperando.

O Fim de um Sonho é um Sonho

Rubinho rolou pelo colchão, esfalfado, afastando-se de Sofia. Tinham transado três vezes e tudo o que queria agora era descanso. Ela se levantou, pulando sobre o corpo de Rubens para chegar ao chão e acendeu um cigarro. Rubinho re-

pousava a cabeça sobre um dos braços, com ar de tristeza. Sofia puxou uma tragada do cigarro com força e foi até a ponta da cama, buscar uma toalha. A voz de Rubinho se fez ouvir, a princípio baixa:

- Isso não está direito.

- O que não está direito? – perguntou Sofia se enrolando na toalha.

- Você, transando com o namorado da amiga. Sofia deu as costas e dirigiu-se até a porta do quarto.

- Eu vou tomar um banho.

- Você também não vai tomar banho?

Sofia perguntou abrindo a porta pouco depois, enxugando seu corpo e com os cabelos ainda respingando água. Rubinho estava nu no meio do quarto, examinando os livros.

- Ficou maluca? – Fechou o livro que tinha nas mãos e respondeu no ato: - Se a Adriana me encontrar com cara de banho logo vai perceber que a gente andou trepando.

Sofia começou a enxugar a cabeça: - Bom, se você acha melhor ela te encontrar com cheiro de outra mulher, é problema teu.

- Merda! – Rubinho fez um gesto raivoso enquanto praguejava. Levou um segundo e dirigiu-se até perto de Sofia: - Você não se acha meio degenerada, não?

- Completamente!

Não era o que esperava ouvir, ao menos não com tamanha clareza.

Hesitou um pouco antes de fazer a pergunta que parecia perturba-lo.

- Você por acaso toma precaução?

- Precaução, como? – Sofia parou de se enxugar e olhou-o como uma espécie de marciano

- Precaução... Pílula...

- Não.

- E não tem medo de ficar grávida? – Rubinho empalideceu diante da ameaça que pesava sobre seus ombros, maior e mais definitiva do que o modesto adultério – digamos assim – que acabara de praticar. Sofia passou a toalha sobre a barriga com suavidade, como se fizesse uma carícia no próprio corpo. Depois, colocou a mão direita de Rubinho no local e ordenou-lhe que fizesse o mesmo movimento, lento, suave, circular.

- Eu já estou grávida.

Rubinho deu um salto para trás, apavorado:

- Mas não fui eu!

- Acho que hoje é meu dia fértil. – Disse isso como quem não dá importância ao fato, jogou a toalha sobre a cama e começou a vasculhar os cabides à procura de uma roupa. – Escuta, já está na hora de se vestir.

Rubinho começou a andar de um lado para outro pelo quarto, uma das mãos no pescoço. De repente, parou diante do criado-mudo e pegou

um cigarro. Acendeu-o, mas logo à primeira tragada foi sufocado por um ataque de tosse. Sofia tirou o cigarro de suas mãos mais do que depressa e esperou que recuperasse a respiração.

- Que que te aconteceu, hein?

Rubinho ainda tinha os olhos vermelhos e alguma dificuldade para articular as palavras.

- Eu estava pensando... Como é que a gente vai contar pra Adriana?

- Contar o quê?

- Que a gente está transando!

Sofia foi até a cadeira onde Rubinho tinha deixado as roupas e começou a atira-las na direção do rapaz: calça, cueca, camisa, meias.

- Você pirou, cara.

Ele largou a calça e a camisa, que conseguira segurar, e foi até Sofia.

- Bom, se você quer ter um filho comigo, eu assumo.

E segurou-a pelas cadeiras com suavidade: - Você é difícil de entender... Mas é legal... Nunca aconteceu nada tão legal na minha vida. É diferente da Adriana... Você tem experiência...

Queria dizer com isso que ela o curara da ejaculação precoce. E dissera, de resto, mais ou menos aquilo que Sofia – na estranha competição que estabelecera com a amiga – queria ouvir. Feito o que, afastou-se de Rubinho e começou a se vestir.

- Rubinho... Eu mal te conheço. Hoje não aconteceu nada, aqui.

- Então... quer dizer que...

- Quer dizer que tua namorada está chegando. Rubinho arregalou os olhos.

- Não ouviu o barulho do carro parando? Anda, se arruma.

Maurício não desligou o carro. Ficou com as mãos no volante disposto a não descer, não importam quais e quantos fossem os apelos. Como Adriana e Renata permanecessem estáticas, à espera de que ele resolvesse desligar o motor, após alguns segundos, virou-se para trás abrindo um sorriso e dando a mão a Adriana.

114 - Até mais, então – disse – Foi uma tarde agradável. Muito obrigado por tudo.

Virou o rosto para frente, na direção de Renata, e aplicou-lhe um beijo na bochecha.

- Tchau, então. A gente se vê.

- Tchau – respondeu Renata, meio desenxabida. Adriana, no banco de trás, estava boquiaberta, sem entender por que Maurício despachava sua amiga sem mais nem aquela. Temia agora, que Maurício estivesse se aproveitando da “carência afetiva” (o termo técnico que usara tantas vezes) de Renata. Há muito via Renata se esquivar de qualquer relação com o outro sexo e não estava disposta a – de sua parte – permitir que o egoísmo machista de Maurício botasse tudo a perder.

Essas idéias ocorreram muito rapidamente por sua cabeça, antes que, esticando o braço, desligasse a chave do contato.

- Não está muito certo isso – falou atropelando os próprios gestos. – Vocês mal começaram a namorar.

- E daí? – rebateu Renata imediatamente, em parte preocupada com a possibilidade de ver se prolongar sua convivência com Maurício, em parte tentando descobrir qual o procedimento certo para um namoro que começara.

- Daí que eu nunca vi lua-de-mel mais curta.

Maurício começou a se enfezar: - Olha aqui, garota, eu tenho de trabalhar amanhã cedo. Que papo é esse?

- Eu também acho – Renata deu uma força. – Se o Maurício tem que ir embora, deixa ir.

Adriana olhou desconfiada para Maurício: —Não estou gostando dessa história. – E voltou-se para Renata.

- Eu já estou vendo: você se debulhando por aí e ele aparecendo quando bem entender.

- Adriana! – Renata falou com energia. – Quer parar de se meter? Por que você não cuida da sua vida, hein? Tem sempre de viver os meus problemas por procuração.

- Ah, eu?

- Isso mesmo. O Maurício tem que ir porque ele trabalha amanhã cedo.

- São nove horas da noite, nem isso – retrucou Adriana.

- Se ele quiser dormir cedo, é problema dele. Vai cuidar do teu namorado, que nem trabalha e só vai na faculdade pra paquerar.

- Ficou maluca?

- Maluca o quê. Tem o maior problema de afirmação.

- Tem nada.

- Quer saber mesmo? Até eu ele já tentou agarrar. Não contei pra não te chatear.

Mauricio que assistia meio atônito à cena, ergueu os dois braços, preparando-se para apartar as bofetadas que, previa, não tardariam. Afastou Adriana para o fundo do carro, enquanto impedia que Renata avançasse para o banco de trás. A discussão ainda durou alguns instantes.

- Quer saber do que mais? Eu acho esse Rubinho um bobo.

- Isso é problema meu.

- Ah, tudo bem, teus problemas são teus problemas. Então não se mete na minha vida, também.

- Querem ficar quietas as duas? – Maurício bradou pondo ponto final à discussão. Seguiu-se um demorado silêncio, tempo do rapaz respirar profundamente e voltar-se para Renata.

- Se você achar melhor, eu fico.

Renata baixou a cabeça: agora que Maurício se oferecera, dizer que não, que ele podia ir embora, seria dar uma bandeira enorme na cara

de Adriana e essa alegria ela não estava disposta a conceder à amiga.

- Tudo bem – falou com um desânimo que passou por emoção.

- Fica. Come alguma coisa com a gente.

Sofia e os Homens

Graças à discussão, Rubinho teve tempo de se vestir, enquanto Sofia tratava de pelo menos pôr um pouco de ordem no quarto, cobrindo o lençol com um cobertor.

Sofia não queria ser descoberta: não que lhe importasse grandemente o destino de suas relações com Adriana e, muito menos com Rubinho. Mas gostava que seus crimes fossem perfeitos. Ter um homem – Rubinho ou qualquer outro – dentro de seu corpo não a excitava. Mas sentir a proximidade do perigo e escapar, isso sim era uma emoção de verdade. Poderia ter trepado com Maurício na noite anterior. Poderia, até, ter tirado prazer do ato de dar prazer a um homem que não queria nada exceto isso: divertir-se um pouco. Ao contrário, preferia leva-lo até um motel, ficar nua na frente dele, permitir que ele tentasse excita-la de todas as formas, antes de afastá-lo de si empurrando o ombro do rapaz com a planta do pé e jogando de encontro a um dos milhares de espelhos

do quarto. Naquele momento, Maurício sentiu-se amedrontado, ela percebeu pelo seu olhar de espanto. Sofia riu, pois Maurício, duas vezes mais forte e mais alto do que ela, tinha medo. E isso era tudo que não desejava: alguém com medo não seria capaz de ameaçá-la, nem de interessá-la.

Rubinho não se sentia prensado entre duas mulheres, mas entre dois mundos conflitantes. No de Sofia, o prazer derivava do caos, do inusitado nas atitudes, da segurança nos gestos. Ela o dominava e, contra todas suas expectativas, tinha a impressão de que daí nascia a satisfação que experimentava. Com Adriana, ao contrário, sentia-se seguro e executava um jogo conveniente. Suas relações eram marcadas por uma espécie de mútua lassitude, mascarada pelas afinidades intelectuais que os unia. Não sentia o sexo como prazer, mas como dever. Mais do que dever, como convenção que justificava a palavra transa, ou namoro, ou qualquer outra que servisse para definir as relações que entretinham.

Com Sofia descobrira há um tempo a fugacidade e a intensidade do amor: ponte tensa que por um instante aproxima dois destinos e no momento seguinte parece ter sido um produto de imaginação. Assim, pelo menos, Sofia enxergava as coisas. E Rubinho já se tomava por seu dis-

cípulo. Sofria, ao mesmo tempo, por constatar que não só suas relações com Adriana como a maneira – confortável – como as encarava rolavam ribanceira abaixo. Imaginava o sofrimento de Adriana quando fosse lhe comunicar que, entre eles, tudo estava terminado. Imaginava, enquanto ouvia os passos de Adriana subindo pelo corredor e chamando seu nome. Imaginava, enquanto ouvia a porta do lado se abrir e em seguida fechar-se sem que ninguém aparecesse.

Adriana bateu, finalmente, no quarto de Sofia, que atendeu à porta ainda arrumando os cabelos.

- Oi. – Adriana lançou um olhar por trás dos ombros de Sofia e logo descobriu Rubinho sentado junto à mesa de trabalho. – Você aqui?

- Eu estava te esperando.

- Não ouviu eu te chamar?

- Claro que não. Por onde você andou?

- Você não vinha, eu saí.

Rubinho levantou-se com um gesto decidido, indo na direção da porta: - Vamos sair. A Sofia deve estar querendo estudar. Eu já atrapalhei demais.

- Por mim pode ficar – Sofia interveio sem convicção.

Rubinho arrastou a namorada para fora do quarto. Adriana não parecia desconfiar de nada:

confiava cegamente no seu poder de sedução sobre Rubinho.

Entraram no quarto e fecharam a porta por trás de si. Adriana chegou junto de Rubinho, jogando os braços por trás de seu pescoço e enlaçando-o num abraço.

- Saudades de você... Beijou-o e constatou que sua boca tinha cheiro de cigarro.

- A Sofia fuma tanto que até passou pra tua boca. O gosto da boca de Sofia ainda estava na boca de Rubinho, que tratou de afastá-la com energia. Pensou em falar as coisas que lhe tinham ocorrido à cabeça. Não em contar a história com Sofia; não pretendia magoar Adriana, Ficou em silêncio um instante, pensando por onde começar.

Só então notou as roupas extravagantes que Adriana vestia.

- Que diabo de roupa é essa?

Adriana percebeu que estava sendo observada e recuou um passo, fazendo uma espécie de meia-volta e se exibindo para Rubens.

- Gostou? A Sofia me emprestou.

- Roupa de puta!

- É finíssima! – protestou Adriana.

- O que fica bem nela não fica bem em você. Será que dá pra entender?

- Que importância tem?

- Não faz teu gênero.

- Você está é com ciúmes. – Adriana encerrou a

discussão sem perceber que tinha mais razão do que poderia imaginar. A visão de Adriana com as roupas de Sofia lhe fizera pensar que, por vezes, as pessoas podem se afastar umas das outras menos por uma decisão unilateral do que por mútuo e silencioso consentimento. Isso transformava todo o quadro e obrigava-o a protelar decisões. Assim como pudera tão bem pôr os cornos em Adriana, ela poderia ter feito o mesmo com ele. Nesta tarde ou em qualquer outra. Na realidade ou na imaginação. Em definitivo, não amava Adriana. Em definitivo, queria procurar o amor que Sofia lhe mostrara, com Sofia mesmo ou qualquer outra. Em definitivo, não queria perder o afeto seguro de Adriana. Tinham-lhe acontecido muitas experiências e agora todas elas se embaralhavam: monotonia e aventura, ciúme e traição, solidão e delícia. Sentia-se paralisado.

121

- Está na mesa! O grito de Renata, vindo do pé da escada, ajudava Rubinho a postergar sua decisão. Tinha um buraco no estômago, mas não fome.

- Come com a gente? – perguntou Adriana chegando junto dele outra vez. – Depois, se quiser, você me faz assim, olha. – E colocou as mãos do rapaz em seus seios.

Entre tantas dúvidas, essa era a única certeza

que Rubinho podia ter: não faria isso. Não aquela noite. Não depois do que passara com Sofia.

Picadinho de Maurício

Certas manhãs, alguém acorda surpreso com tudo o que fez e pensou durante anos. A maturação é um processo imperceptível, onde se capta aos trambolhões duas maneiras distintas de ver as coisas. Mas percebe-se com muito mais dificuldade a lenta e penosa passagem que leva de uma maneira ver as coisas a outra, àquela que sempre aparenta ser definitiva.

122

Em Maurício, parecia haver essa passagem, mas nenhuma maturação. Daí, o espanto com que se submetia ao horrível picadinho que as meninas lhe serviam – herança do almoço feito por Vivian. Entendeu o entusiasmo de Renata pela comida simples que a mãe servira no almoço e sentiu pena pela indigência em que viviam as moças.

- A comida ficou um lixo, não ficou? – perguntou Renata, com medo.

- Não, não. Dá pra comer bem – respondeu Maurício ciscando.

- Foi a Vivian que fez – interveio Adriana em defesa da amiga. – A Renata cozinha melhor.

- Que que há? Não gostou do rango? A voz às costas de Adriana era de Vivian. Voz arrastada

que nem seu andar, incerta como o movimento de seus olhos. Não esperou resposta e deu a volta, postando-se atrás de Maurício e apalpando-lhe os bolsos do paletó.

- Tá com o tabaco? Maurício fez cara de não estar entendendo.

- Tem um cigarro? – traduziu Renata.

- Ah! – puxou do paletó a cigarreira com suas iniciais gravadas e ofereceu um cigarro a Vivian. Ela se serviu de três e, sem agradecer, foi acender um deles no fogão. Maurício olhou para o relógio, aflito. Com Vivian ali, não tinham assunto e sem assunto logo lhe ocorria pensar num meio de desaparecer. Renata percebeu que ele pensava em escapulir e tirou-lhe a cigarreira das mãos.

- É bonita.

- Minha mãe que me deu.

Vivian passou pela mesa, fez meia-volta e dirigiu-se a Maurício puxando uma longa tragada.

- Como é, meu? Foi muito duro quebrar o cabaço? – e fez um gesto, fechando as mãos e movendo os dois cotovelos para fora.

- Cabaço é a mãe – xingou Renata sem dar tempo de qualquer reação a Maurício.

Vivian virou-se sem se importar e caminhou na direção de seu quarto. Renata segurou no paletó e fechou a mão com força. Ele olhou o relógio novamente, desta vez atentando para a

hora: dez e cinco. Tinha perdido os “Gols da Rodada” pela TV – sua paixão dominical. Não chegaria em casa a tempo.

- Vocês não têm televisão aqui? – perguntou olhando para as duas.

- No meu quarto tem uma – respondeu Renata.

O Jogo do Pijama

Isso era mais do que a felicidade: Biro-Biro, aos 45 minutos do segundo tempo salvara o Corinthians da derrota iminente. Deu um salto e voltou-se para trás:

- Viu isso? – topou com Renata seminua, colocando uma camisola branca, que a deixava com os ombros e metade das pernas para fora. Considerou que ela não era nada de jogar fora e no fundo era até uma pena que não estivesse a fim dele.

- Não vi – disse ela, terminando de trocar a roupa. Enquanto falava, a roupa cobria seu rosto. Maurício apagou o cigarro, levantou-se e olhou para ela demoradamente. Renata fez de conta que não viu; estava muito furiosa com as liberdades que Maurício começava a tomar e muito lisonjeada pela maneira como a encarava. Na confusão, optou pela cautela:

- Que é que você tá olhando, hein?

Colocou depressa um robe de chambre sobre o corpo: - Nunca viu? Maurício desviou o olhar e

coçou a nuca. Tinha olhado naquela direção inadvertidamente:

- Eu não entendo – disse após algum tempo – como é que uma garota como você, bonita desse jeito, pode ter problema sexual.

Ela fechou a cara e começou a mexer no armário: - Eu não tenho problema nenhum. Eu só não quero. Não tenho vontade de transar, será que é tão difícil de entender?

O assunto lhe era desagradável porque significava, automaticamente, conceder ao interlocutor – fosse ele quem fosse – uma espécie de poder sobre si. Maurício notou a angústia no rosto de Renata, tentou mudar de assunto.

- Tem razão – disse por fim. – Ninguém tem nada com isso. Levantou o rosto. Mal teve tempo para erguer os braços e segurar o cobertor e o lençol que Renata atirou em sua direção. Ela tirou o robe de chambre e caminhou até a cama.

- Ah, não!Essa não!

Jogou no chão os apetrechos de dormir e olhou desesperado para a moça.

- Outra vez? Pensa que eu tenho costas de madeira?

Hoje eu durmo na cama. Você fica aí!

Apontou enfaticamente para o chão, onde jaziam cobertor e lençol. Renata levantou sem dizer uma palavra, foi até onde estava a trouxa no chão e começou a ordenar as coisas. Entrou

na cama improvisada sem despregar os olhos de Maurício.

- Pode me emprestar alguma coisa pra servir de travesseiro? Falou com a cabeça apoiada nos braços. Maurício olhou para um lado e outro, meio sem jeito, acabou pegando o travesseiro que havia na cama e levou-o até ela.

- Fica com você.

Renata puxou o travesseiro com raiva e o transferiu para debaixo de sua cabeça.

Maurício estava agachado, olhando-a; já não tinha a menor certeza de estar fazendo o que devia. Até um minuto atrás, lhe parecia ridículo contentar-se com o chão duro para satisfazer um capricho da menina (além do que, Deus sabe as dores que lhe ficaram nas costas). Agora, com ela deitada no chão, achava a situação ainda mais incômoda.

- Não é isso que você queria? – disse Renata com rudeza.

- Táí! A cama é tua.

E virou-se para o outro lado, dando-lhe as costas.

- Me faz um favor – concluiu. – Quando dormir, apaga a luz.

Maurício desligou a televisão e foi até a cama. Tirou o paletó, depois a gravata. Viu a bomba contra asma no criado-mudo. Chamou por Renata em voz baixa.

- Você não vai precisar disso à noite?

- Se precisar eu levanto – ela respondeu, voltando-se para olhar o objeto que ele lhe mostrava.

- Olha, se quiser, fica na tua cama.

- Aqui está bom.

Ele tirou os sapatos, que guardou sob a cama. Deitou sem tirar a calça. Apagou a luz.

- Boa noite.

- Boa noite.

Alguns minutos de silêncio (e corpos se remexendo de lá para cá) depois, Renata chamou por ele em voz baixa.

- Que que é?

- Está dormindo?

- Não.

- Eu também não.

- Então boa noite.

- Fiquei pensando. Será que não é chato pra você dormir de calça?

- Que é que tem? Ela já está toda amarrotada mesmo.

- Eu tenho uma calça de pijama. É meio pequena, mas se não te incomodar...

Ele acendeu a luz do abajur. Renata foi até o armário e remexeu as gavetas, saindo dali com uma calça de pijama.

- Experimenta.

Jogou-a na direção do rapaz e voltou a deitar-se, virada para o lado oposto ao que ele estava. Maurício trocou sua calça pela de pijama. Um

pijama bem menor do que ele, de maneira que quase metade das canelas ficava para fora.

- Que tal? – perguntou Renata vendo-o de pé.

- Tudo bem – ele respondeu desconsolado.

Renata observava a cena: Maurício de cabeça baixa, olhando para as próprias pernas. Sentiu que poderia ter rido, mas não o fez. As calças do pijama eram femininas pelo corte e cômicas pelo tamanho. Estranhamente, não queria rir, também não tinha medo, ao contrário do que acontecia quase sempre quando próxima de um homem. Ao contrário da noite passada, quando passou duas horas encolhida, temendo que a qualquer instante ele se lançasse sobre ela.

Maurício sentou na cama, pensando em sua triste condição. O azar pensou, foi ter encontrado Sofia na rua e resolvido abordá-la. Quando ela, simpaticamente, lhe deu o endereço e marcaram um encontro, imaginou por um instante – iludido pelas roupas e jóias que Sofia usava – ter abordado uma verdadeira dama. Sentiu-se orgulhoso por agradar alguém de uma categoria social tão superior. Fizera um papel triste e à sua vergonha acrescentara a participação nessa farsa deprimente. Ou antes, para acobertar sua precária situação e o golpe que recebera, consentiu em acobertar a precária situação de Renata. Agora, estava lá, com essa estranha calça de pijama a ocupar-lhe as pernas até pouco abaixo do joelho, incômodo a que se somava a cer-

teza de ter cometido uma grosseria com Renata, ao obrigá-la a deitar-se no chão. Faltava-lhe determinação e descarregava em cima da moça. Faltava-lhe determinação que, no trabalho, sempre teve. Apagou a luz sem sentir nenhum sono. A voz de Renata, delicada, o surpreendeu.

- Sabe que você é bacana?

- Que é que eu tenho de bacana?

- Sei lá... Quebrou meu galho...

Ele acendeu a luz, furioso.

- Escuta, não precisa me gozar. Eu sei que sou um otário, que estou aqui que nem bobo. Mas não precisa...

Ela cortou a arenga: - Eu não to te gozando. – Ele percebeu em seu rosto algo que podia identificar como sinceridade. – Acho que você é o primeiro amigo homem que eu tenho.

Maurício não respondeu. Do que ela falou, só retivera a palavra amigo, que ao mesmo tempo não desqualificava sua condição de otário e fazia dele um assexuado. Apagou a luz e virou para o canto. Depois, revirou-se pra lá e pra cá. Pensou em pedir um sonífero a Renata, mas temia o estado em que estaria pela manhã, quando Adriana viesse bater à porta.

- Maurício... – era novamente a voz de Renata, sussurrante. Ele fingiu que estava dormindo: já tinha papeado demais por hoje e não pretendia prolongar ao infinito sua agonia. Renata revirou-se em cima do cobertor outra vez, pro-

curando encontrar uma posição para o corpo, e voltou a chamar por Maurício. Uma segunda vez ele não respondeu.

Renata levantou tentando não fazer barulho e, tateando no escuro, foi até a cama. Afastou os pés de Maurício para o canto com delicadeza, para que não acordasse. Instalou o travesseiro no lado oposto à cabeceira e escorregou em silêncio dentro do lençol, para não importuná-lo. Esticou as pernas e sentiu que seus pés roçavam nas costas dele. Sentia o calor do corpo de Maurício, e não era desagradável a sensação. Dormiu em seguida um sono repousante.

6. Ratos e Homens

Sofia percebeu a presença de Rubinho assim que deixou a sala de aula. Ele lia um quadro de avisos na outra extremidade do corredor. Ela aproveitou a saída dos outros alunos e procurou um atalho, descendo por uma escada próxima à porta. Ganhou o exterior e desceu a ladeira em direção aos barracos da Psicologia.

Entrou no prédio central procurando por Adriana; localizou-a em um dos laboratórios e bateu no vidro com a ponta das unhas. Adriana, que permanecia absorvida pelas reações de uma cobaia, levantou a cabeça interrompendo o trabalho.

- Visita inesperada – disse com um sorriso sincero. – Entra. Escancarou a porta, dando passagem a Sofia. O laboratório era uma sala com pilhas e pilhas de caixas dispostas em fileiras e ocupadas por cobaias. Sofia não se incomodou com o ruído dos ratos se movendo, mas com o cheiro azedo que exalavam.

- Como é que vocês agüentam esse cheiro?

- A gente acostuma.

Sofia pensou em acender um cigarro, mas desistiu: em vez de espantar o cheiro, apenas teria a impressão de engoli-lo. Andou de um lado para outro, com ar de quem investiga o ambiente, mas na verdade espantada com a sucessão de caixas rigorosamente iguais, ocupadas

por cobaias também iguais. Como uma biblioteca – pensou – que em vez de ter muitos livros tivesse muitas vezes o mesmo livro. Adriana parece ter adivinhado o pensamento de Sofia.

- Cada um distingue o seu rato. É só se habituar.

- E o que você faz aqui? – perguntou Sofia.

- Olha. – Adriana se aproximou da caixa onde estava a sua cobaia. Acionou uma alavanca duas vezes. Imediatamente o rato passou para o outro lado da caixa, ficando numa das extremidades. Adriana adaptou então uma pequena vasilha de água à caixa, dando de beber ao bicho. Retirou-a em seguida. Após alguns segundos, o rato voltou ao canto onde se encontrava a princípio e pisou duas vezes sobre a plataforma, voltando em seguida ao local onde obtivera água pela primeira vez.

- Entendeu? – perguntou Adriana.

- Nada.

- Você ensina a cobaia a pisar na alavanca duas vezes. Depois de repetir o gesto muitas vezes, ela entende que, para ganhar água, precisa pisar duas vezes na plataforma. Se pisar três vezes ganha comida.

- E se você não der água?

- Logo ela pisa de novo duas vezes na plataforma.

- E se você não der água de novo?

- Se ela repetir muitas vezes o gesto de não ganhar água, pára de pisar.

Vai tentar encontrar outro sinal. Isso se chama reação ambiental.

- Condicionamento?

- Isso.

- Legal – Sofia olhou em volta. – Eu gosto de fazer isso também. Só que com gente.

Adriana sorriu amarelo. Respeitava demais Sofia para não se sentir humilhada caso ela achasse tudo aquilo estapafúrdio, e desejava que ela admirasse o que fazia. Concebia a amizade como um assunto de cúmplices e suas pesquisas eram um pouco o que tinha a oferecer.

- Às vezes eu não te entendo. Parece que usa a cabeça para se mutilar – Adriana sondou o rosto de Sofia, tentando adivinhar seus pensamentos. Ou, mais ainda, restabelecer o percurso que levava Sofia de líder estudantil a esse individualismo crônico de hoje. Mas se perguntando também como esse conjunto de idéias e atos que não conseguia entender podiam a um tempo ser encantadores e negar praticamente tudo o que ela, Adriana, pensava sobre as coisas.

- A que horas você sai?

Sofia mudou subitamente o rumo da conversa, mesmo porque o tom confessional para onde escorregavam não lhe parecia muito apropriado ao local, e, sobretudo ao cheiro do local.

- Lá pelas três.

-Não quer fazer umas compras hoje?

Adriana passou a mão pelo avental branco e

olhou para os anéis que Sofia tinha nos dedos.
- Com que dinheiro? O máximo que eu compro é na liquidação do Mappin.

Sofia se empertigou: - Meu método é mais econômico: eu roubo.

Adriana olhou-a de alto a baixo, atônita, apontando suas roupas com o dedo indicador: - Por isso, então...

Sofia abriu um sorriso e confirmou com a cabeça: - Por isso... Te espero às três?

- Eu não sei roubar.

- Eu também não sabia. Aprendi. – Sofia deu meia-volta e caminhou até a porta.

- Te espero às três?

- Três e meia eu chego em casa. – Adriana falou sem muita convicção.

- Cuidado para não enlouquecer o rato.

Fez um aceno de mão e fechou a porta atrás de si. Aspirou o ar gostoso, sem cheiro, que vinha do corredor, e começou a atravessá-lo com passadas largas. Estava quase na saída, quando deparou com Rubinho parado na porta. Ele se postou à sua frente, fechando a passagem com o corpo e abrindo um sorriso.

- Vamos almoçar?

Sofia parou à sua frente, tirou o braço dele da porta e passou.

- A Adriana está te esperando – fez um sinal com a mão apontando para o interior do prédio.

Ele abaixou a cabeça, com um gesto de negação: - Não tenho o que falar com ela.

- Como é que você me encontrou aqui? – perguntou Sofia num tom baixo, mas severo.

- Alguém te viu saindo do prédio de Humanas e vindo nessa direção.

- Você devia estudar pra tira. – Sofia deu as costas e foi segura pelo braço. Soltou-se com um gesto violento.

- Não gosto de gente no meu pé, garoto.

- Sei lá... Foi tão legal ontem... Achei que a gente tinha de levar um papo – ele andava sempre um passo atrás e agora usava um tom suplicante.

- Ontem foi ontem. Esquece!

135

Vivian – Humilhada e Ofendida

Vivian estava terminando de comer a sobremesa quando Sofia entrou na cozinha e depositou os livros que carregava no armário ao lado ao lado do fogão. Vivian, de cara amarrada, não deu nem bom dia.

- Que que há?

- Estou puta da vida! – explodiu Vivian. – Sabe o que aquela putinha me disse?

- Que putinha?

- A Renata, quem mais? Disse que nesse fim de semana ela ia numa terapia, mas não teve dinheiro pra pagar.

- E daí?

Não dá pra entender? Ela fica me jogando na cara que não tem dinheiro para terapia porque precisa ajudar com a minha parte no aluguel.

- Quando foi isso?

- Agora! Almoçou aqui. Acabou de sair. – Vivian tremia de indignação. O sangue tinha lhe subido ao rosto, quando falava as veias do pescoço saltavam. Empurrou o prato com meia fatia de goiabada para longe de si.

- Se pudesse, ela me despejava, essa chickens. Sofia não tinha partido a tomar na história. Mal e mal conhecia Renata, cuja caretice tomava como afronta pessoal. Conhecia Vivian desde os tempos da Faculdade e partilhava comigo seu desprezo pelo carreirismo desenfreado a que se dedicava. Ao mesmo tempo, o fracasso de Vivian – essa ânsia de se realizar abrindo caminho a qualquer custo – a comovia. Ao contrário das outras – e de Renata em particular – não lhe causava ojeriza o fato de Vivian ficar dias e dias trancada no quarto puxando fumo e esperando uma proposta de trabalho cair do céu.

Vivian levantou e levou seu prato até a pia; Sofia pegou talheres limpos no armário e trouxe até a mesa. Vivian acendeu o fogo para as duas panelas que estavam no fogão e foi até a porta que dava para o corredor.

- Vou sair. Estou precisando de ar.

- OK – respondeu Sofia, indiferente.

- Me faz um favor? Se o Rocha telefonar ou aparecer, pega o recado, pergunta onde ele está, diz que lá pelas cinco eu estou de volta.

- Tudo bem. Só que eu vou sair mais ou menos às quatro.

- Então às quatro eu estou de volta.

- Escuta, Vivian – ponderou Sofia, que perto de Vivian se fazia de equilibrada.

- Eu não tenho nada com isso, mas você não acha que esse Rocha está te enrolando não?

Vivian contraiu o rosto, como se quisesse evitar a idéia:

- Você não conhece o Rocha. Ele é um cara maravilhoso.

Ficou exilado em Paris nove anos, jogou a vida fora pelas idéias que tinha. Perdeu o cargo no Rio de Janeiro... Uma puta cabeça... Agora está lá na Paraíba...

- Tudo bem – cortou Sofia. – Eu cuido de tudo.

O Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera, é uma espécie de sarcófago pictórico situado na parte traseira do pavilhão da Bienal. O visitante que, de fora, observa aquele prédio reto e elegante mal pode imaginar que ele abrigue uma sala onde Picasso, Bracques, Volpis ficam eternamente entregues às moscas. Impossível olhar um quadro e experimentar outra sensação que não de abandono. Isso ia bem com o estado de espírito de Vivian.

Talvez por esse motivo, ela foi se distanciando dos lugares mais freqüentados do Parque e caminhando sem perceber, naquela direção. Fazia sol e ela colocou uns óculos escuros para proteger a vista e, quem sabe, não ser reconhecida. Usava uma blusa coloridíssima e uma saia larga, que ficava dançando quando andava. Passou pelo prédio redondo do Museu da Aviação, chegou até a entrada da Bienal. Deteve-se por um instante em frente à vidraça: a porta estava fechada e as paredes completamente vazias. Colou o rosto no vidro e lá permaneceu durante alguns minutos, antes de contornar o prédio, seguindo na direção do MAC. Subiu pesadamente a rampa de acesso ao museu.

138

O interior do prédio não contrariou as expectativas: próximos à porta, dois funcionários conversavam em voz baixa sobre o jogo de futebol do domingo.

Sem um único visitante, o museu fazia pensar em abandono; como Vivian, tornava-se francamente desolado. Ela passou pelos quadros sem olhá-los e foi se colocar na extremidade oposta, em frente à enorme janela que dá para o Parque, contemplando há um tempo o movimento na região próxima do lago e dos pavilhões ocupados pela Prefeitura e a cidade de São Paulo ao longe. Nenhuma das coisas a interessava. Ruía e sequer se dava conta de sua decomposição.

A vista da cidade, daquele ponto, é nebulosa mesmo nos dias luminosos. Uma espécie de cortina se coloca entre o observador e a vista. Tudo o que se enxerga é um bloco de edifícios que se estende desde os Jardins até o espigão da Paulista. Nenhum deles, daquela distância, dá a impressão de abrigar qualquer espécie de vida. É uma São Paulo sólida, diferente de quando se observa de perto. Parece congrega edifícios eternos, não um amontoado de construções que sobem e se demolem numa sucessão contínua e mais ou menos obsessiva de destruições e reconstruções. Essa harmonia, ainda que ilusória, agradava a Vivian. Ajudava a esquecer a humilhação de ser – mulher feita – cobrada por uma menina.

139

Para melhor se certificar do esquecimento, tirou da bolsa um saquinho de coca, jogou um tanto num pedaço de vidro que trazia em um dos bolsos e tratou de alinhar o pó com a ajuda de uma nota de dinheiro. Enrolou a nota em seguida, formando um canudo fino e longo e levou-o ao nariz, abaixando ligeiramente a cabeça para aspirar. Nesse momento, ouviu passos se aproximando. Puxou o pó atabalhoadamente para dentro do nariz, de tal modo que uma boa parte foi parar no chão.

Virou-se, levando a mão direita à altura do rosto e colocando o indicador à altura do nariz, enquanto com os demais dedos fechados,

amarrotava a nota. Pensou em manter-se imóvel, virada para o lado de fora, mas não resistiu à curiosidade e voltou-se na tentativa de identificar a origem dos passos. Deu um pulo para trás, instintivamente: o homem negro e enorme, com um metro e oitenta de altura, um conjunto claro, sem gravata na camisa branca, óculos escuros, caminhava com firmeza na sua direção.

Vivian conteve um grito. O homem, sem interromper o andar, tirou os óculos e abriu os braços. Vivian pensou que estava muito mal e começava a ter alucinações. O homem não tinha o ar ameaçador, caminhava devagar e agora esboçava um sorriso desconcertado.

- 140
- Não me reconhece? – perguntou parando a uns três metros dela. - A barba – balbuciou ela. – Você não tinha barba?
 - Cortei – ele sorriu.
 - Não é possível! Rocha! Precipitou-se até ele, sufocando-o com o abraço.
 - Pensei que você não viesse mais – disse por fim, recostando a cabeça no peito de Rocha.
 - Não deu pra sair antes.
 - Eu precisava tanto...

Ela ficou alguns instantes imóvel. Lembrava-se que, quando vinha a São Paulo, Rocha passava pelo MAC ao chegar.

Mas não admitia que o estivesse procurando: imaginar uma maravilhosa coincidência a ale-

grava e pressagiava o fim de suas amarguras.

- Onde você está hospedado? – perguntou.

- Em lugar nenhum, por enquanto.

- Fica comigo?

- Não vou atrapalhar?

- De jeito nenhum.

Ao passarem pela portaria, Rocha pegou sua mala e deixou uma generosa gorjeta para o funcionário.

Adriana e Sofia - Em Ação

Adriana chegou se desculpando pelo atraso – já eram mais de quatro horas – e pondo a culpa no trânsito.

- Tudo bem – disse Sofia -, mas é melhor a gente sair logo. É melhor expropriar durante o dia.

- Por quê?

- Quanto mais acintosa você for, menos vão desconfiar.

Adriana coçou a cabeça e fez uma careta.

- Não é melhor você ir sozinha, hein? Acho que não vou ter jeito.

- Eu te ajudo. Vem.

- Ah, Sofia... – Adriana fez muxoxo com os lábios.

- Eu vou ter medo na hora.

Sofia não respondeu. Recuou dois passos e passou a inspecionar as roupas da amiga: calça jeans, blusa branca com um ligeiro colete grená

onde listas brancas formavam figuras em forma de losango, sandálias.

- Muito cara de estudante – concluiu depois de algum tempo.

- Que que tem de errado? Indagou Adriana sem entender a objeção.

- Não inspira confiança. Veste uma saia. Pode ser simples. Bota sapato. E uma capa de chuva, se tiver.

- Serve guarda-chuva?

- Não. Então veste um paletó. Traz uma bolsa grande. E, se der, põe um colarzinho.

- Tá.

142

Adriana não quis entrar no Mappin: tinha medo da vigilância nos grandes magazines. Sofia resolveu levá-la a uma butique. Mas Adriana tinha medo da ação num espaço restrito, onde qualquer movimento pode ser observado pelos balconistas. Sugeriu uma loja média:

- Acho que vou me sentir mais à vontade.

Sofia torceu o nariz, Nos grandes magazines, a segurança resolve qualquer problema que apareça; nas butiques, os donos são quase sempre pequenos comerciantes a quem todo tipo de escândalo resulta em perda de tempo e prejuízo para os negócios. Preferia freqüentar butiques, onde as balconistas só pedem para verificar a bolsa quando têm absoluta certeza do furto – e nunca têm.

Os magazines, se te pegam, levam para uma sala isolada, onde os seguranças fazem revistas exemplares. A experiência demonstrava que raramente recorriam à polícia, preferindo usar de discreta persuasão, obrigando a vítima a pagar pelos objetos suprimidos – à vista e em dinheiro. Por isso, Sofia só ia aos magazines buscar objetos mais pesados – roupas de cama, toalhas de mesa, etc...

Seja como for, as lojas médias lhe pareciam a pior opção: em termos de segurança, situam-se numa zona intermediária que não comporta nem o assustado pudor das boutiques, nem o frio profissionalismo dos magazines. Contratam como olheiros desempregados eventuais, amadores que levam a sério sua função, mas não têm a menor habilidade para resolver em silêncio os casos que porventura apareçam. Existem apenas para intimidar os clientes, mas gostam de mostrar serviço. E isso, Sofia temia.

143

Adriana tinha a respeito de roubos opiniões tão firmes quanto falsas. Imaginava, por exemplo, que se comprasse um produto e ao mesmo tempo expropriasse um outro, seria indultada pela caixa que eventualmente descobrisse a fraude. Ou que o furto de um objeto de pouco valor seria mais facilmente perdoado do que o de um colar de pérolas ou de um vestido de noite. Sofia não lutava contra esse conjunto de cren-

ças. Sabia que nesse tipo de ação o fundamental é aquele que a pratica sentir-se seguro, e conformava-se às exigências de Adriana. Desceram a rua Augusta à procura da loja que ela julgava ideal. Terminaram por encontrá-la nas proximidades da alameda Lorena.

- Essa! - afirmou Adriana com segurança na voz e pânico nos olhos. Sua mão estava molhada e Sofia, para transmitir confiança, segurou-a com força.

Durante os anos que passara freqüentando butiques, supermercados e magazines, Sofia desenvolvera uma sofisticada técnica de olhar o ambiente com rapidez e precisão. Distinguia instantaneamente clientes verdadeiros dos olheiros. Por isso, durante a "ação" – nome que dera às suas incursões – permitia-se o luxo de escolher sob medida os produtos.

Uma vez, levou um par de sapatos de tamanho maior do que seus pés, dias depois voltou à loja trazendo o par errado e trocou-o por outro, do tamanho certo. Com Adriana, agia de forma diversa: ao ver que ela tinha nas mãos um produto que lhe agradava, após investigar o ambiente lançava um olhar discreto para a menina, acompanhado de um rápido balançar de cabeça. Obedecendo à sinalização, Adriana soltava o fecho da bolsa e atirava para dentro a mercadoria: um sutiã, duas calcinhas, um lenço de pescoço, uma camiseta com mangas compridas

e inscrições em inglês. Não era pouco para uma iniciante. Adriana foi se tranquilizando à medida que notou a habilidade de Sofia em ocupar os locais exatos, indicar as seções para onde deveriam se dirigir. Além do que, durante a ação, seu porte parecia tornar-se mais altivo. Impunha confiança aos balconistas, graças ao ar de estudado desdém com que examinava os produtos. No mais, nada melhor do que o êxito para nos certificar de nossas virtudes. Quando Adriana concluía uma operação, Sofia balançava a cabeça aprovando seu comportamento. A expedição criou um laço forte entre as duas. Mais do que amigas, agora eram secretamente cúmplices. Adriana sentia prazer, mas um prazer transverso. Como uma imagem que se refletisse em muitos espelhos antes de chegar, deformada, aos olhos que a contemplam. Um gosto de pecado, que já não se contenta de existir, mas exige ser renovado a cada instante para que não se transforme em ausência. Ao saírem, com agilidade ela tirou o lenço que adornava o pescoço de um manequim e colocou-o no interior de seu casaco.

145

Um sonho de Adriana

“Estou perto de casa. A um quarteirão no máximo. A casa é a mesma, a nossa. A rua também é a mesma. Mas a cidade é qualquer cidade. Não é São Paulo, senão eu saberia como chegar.”

Eu dou voltas. Quanto mais ando, mais a paisagem se modifica. As casas vão ficando vermelhas. Há umas senhoras gordas e sorridentes nas portas. Mas existe maldade em seus sorrisos. Eu pergunto a direção de casa. Elas indicam, e quando me olham ficam ainda mais cruéis. Eu sigo a direção que elas apontam e volto para o mesmo lugar de que saí”.

Adriana contou o sonho assim que sentaram à mesa da casa de chá para tomar alguma coisa. Uísque para Sofia, Campari para Adriana. Logo que o garçom saiu de perto, Sofia colocou a mão sobre a dela e sorriu:

- A primeira vez já passou.

O rosto de Adriana estava tranqüilo e ela começou a contar o sonho da noite passada sem mais nem menos. Quando terminou havia um homem com óculos escuros atrás dela.

- Posso olhar sua bolsa? – pediu.

Sofia levantou mais que depressa, puxando a sua bolsa e preparando-se para abri-la.

- Não a sua – corrigiu o homem. – A dela.

7. Depois da Queda

Adriana colocou as mãos no rosto, abaixou-o e chorou convulsivamente, contendo o ruído dos soluços. Já não lhe importava a presença da gerente, dos guardas, dos investigadores ou do delegado que estava sentado à sua frente numa mesa pomposa. Havia notado, ao chegar, a miserável pompa das delegacias, que desde a arquitetura parece ter por função aproximar os dois pólos de uma hierarquia fechada – autoridade e desordem –, suprimindo todos os intermediários capazes de interferir no andamento das coisas. A Delegacia existe como uma simplicidade brutal de termos: lei e contravenção defrontam-se num estágio a um tempo primitivo e abstrato: os personagens – sejam eles réus ou delegados – representam uma ordenação ideal das coisas, ao mesmo tempo em que criam, através de gestos e olhares, um conjunto de imagens terrivelmente precisas, como se cada movimento deixasse no ar um traço, de que outro personagem se apropria em seguida para dar seqüência à pantomima.

Adriana podia não perceber exatamente isso naquele momento, ou não com essas palavras. Estava aterrorizada e não despregava os olhos do delegado, acompanhando o movimento de sua mão esquerda, que ia do monte de papéis que tinha na mesa para o lóbulo da orelha di-

reita, acariciando-a enquanto ouvia os motivos do queixoso ou as justificativas do réu. Nesse momento, o anel vermelho que adornava um dos dedos se salientava, e aparecia a unha do dedo mindinho, arredondada e ligeiramente mais longa do que as outras. O lado esquerdo da boca do delegado se contorcia num ligeiro, mas insistente tique, que agitava seus bigodes. Isso a deixava aterrorizada. Mais do que pela lei, sentia-se condenada por esse acúmulo de sinais que continham tudo o que poderia desprezar em um homem. Seu olhar cruzaria com o dela, cedo ou tarde, e há certas coisas – como desprezo e indiferença – que o olhar não consegue esconder. Por isso, procurava embaçar os olhos com lágrimas: se era culpada, que fosse por seu crime, não pela diferença que a separava irremediavelmente do delegado.

- Dr. Parenti – a voz do investigador sobressaiu-se de repente - essas duas roubaram umas coisas numa loja de roupas.

Parenti era conhecido mesmo entre seus colegas pelos métodos brutais que empregava. Mas, tão bem como empregava o pau-de-arara, sabia amedrontar suas vítimas com um estudado ritual.

- Levantou as fichas?

- Nada!

- Por que vocês fizeram isso?

Sofia olhou em silêncio para ele, que tinha a atenção voltada para Adriana.

- Pára de chorar e me olhar! – berrou.

Ela estremeceu toda e levantou levemente o rosto, obedecendo. As lágrimas formavam uma cortina sobre seus olhos, o que desconcertava Parenti, que tinha o hábito de olhar fixamente para sua vítimas, enquanto coçava a orelha.

- Ela não fez nada – adiantou-se Sofia.

- Cala a boca! – gritou Parenti sem desviar o olhar de Adriana.

- Fiz sim! – falou de repente Adriana. – Eu peguei aquelas coisas. Sofia suspirou, e pôs as mãos na cabeça.

O investigador pegou os objetos e colocou sobre a mesa do delegado, que olhou suas vítimas e fez um ligeiro movimento com os lábios. A fragilidade de Adriana, a maneira dócil como se entregava, roubavam a Parenti o prazer do interrogatório. Por intuição ou medo – por ambos provavelmente – comportava-se como amadora e isso para Parenti era pior do que o desprezo ou a afronta.

- Onde você mora, filha? – perguntou adocicando subitamente o tom de voz.

Adriana abaixou a cabeça e declarou o endereço com voz neutra.

- E você? – voltou-se para Sofia com olhar aquilino.

- Nós moramos na mesma casa.

Ele voltou-se outra vez para Adriana: - E seu pai?

- Em Marília. No interior.

O delegado acendeu um charuto, fixando a atenção na chama do fósforo. Deu duas baforadas para confirmar que o fogo tinha passado ao tabaco e olhou a sala.

- Quem é a queixosa?

O investigador apontou a senhora quarentona que até agora tinha permanecido em silêncio.

- A senhora aí, chega mais perto.

A mulher deu dois passos à frente.

- Minha senhora, o Vladimir vai ligar para o pai da garota... – virou o rosto na direção de Adriana fazendo uma pausa estudada. – Teu pai tem telefone, menina?

Adriana fez que sim com a cabeça. Ele voltou a encarar a senhora.

150 - Se ele concordar em pagar a despesa, a senhora retira a queixa? Um ligeiro movimento de contrariedade atravessou o rosto da mulher.

- Essa gente precisa de corretivo, doutor. Dê um exemplo. Toda semana some coisa da loja. Toda semana! E o tempo que eu fiquei aqui? Quem vai me pagar isso?

Parenti coçou a cabeça, deu uma baforada no charuto.

- Se a senhora acha mesmo, eu posso indiciar...

Leon – Volta à Cena

Quando entrei na sala, empurrado por um gorila, Adriana estava começando a ter outro ata-

que de choro. Pensei estar sonhando quando vi Sofia, atônita, acompanhando meus movimentos.

- Está aqui o homem, doutor – falou o gorila.

- Quem mandou vir até aqui? – perguntou o delegado subindo o tom. – Senta lá... – e apontou um banco vazio, no canto. O gorila me puxou pelos braços.

- Ponce de Leon... – Parenti pronunciou meu nome acendendo o charuto que se havia apagado e riu gostosamente. Desde o nome, tinha em mãos um caso mais saboroso do que um prosaico furto de calcinhas e sutiãs. Tudo o que queria agora era se livrar das meninas e dedicar-se à minha acareação com Miguel, motivo que me trouxera a sua delegacia.

- Dona... - falou pausadamente – a menina não tem antecedentes... Isso pra mim é molecagem... Coisa de estudante. Se a senhora concordar em retirar a queixa e o pai da garota pagar a despesa... Acho que seria melhor retirar a queixa e eu livro as duas.

- Isso eu não vou fazer – gritou a mulher, que não pretendia se ver reduzida a figurante na história. – É uma questão de princípio.

Parenti mordeu o charuto com raiva e olhou em minha direção.

- Olha, minha senhora – começou num tom explicativo - se não fizer como eu digo, vai gastar muito mais tempo. O seu e o meu também.

- Voltou a me olhar de relance, passando agora do calmo ao raivoso. - Acontece que eu tenho de cuidar desse sujeito e não vou ficar perdendo tempo com besteira! – falou a última frase quase aos berros e me apontando com o dedo indicador.

A dona fez pé firme: - Eu mantenho a queixa. Ele balançou a cabeça desconsolado, enterrou o charuto no cinzeiro.

- Muito bem. Vladimir, acompanha a senhora aqui até a loja e vê se está tudo em ordem: INPS, ICM, ISS...

A mulher cortou a enumeração, subitamente aflita:

- Precisa tudo isso pra dar queixa?

- Claro! – Parenti olhou cinicamente para ela.

- Então é melhor esquecer... Balbuciou. – Isso vai dar muito trabalho.

- É o que eu também acho. Vladimir, dispensa as moças.

Adriana levantou antes de Sofia e precipitou-se para o delegado com a mão estendida. Parenti não se dignou a estender a sua.

- Some! – falou. E vê se não aparece mais aqui.

- Nunca mais – e ela ameaçou recomeçar com o choro.

- Pára com isso, saco!

Sofia já não escutava o diálogo. Estava de pé, olhando para mim assombrada.

Adriana passou à sua frente sem se deter.

- Evaristo Ponce de Leon! – emendou Parenti, saboreando cada sílaba. Tinha diante de si um caso de verdade, desses onde poderia exercer a energia e a porrada.

- Chega aqui, chega.

Eu me levantei. Sofia deteve-se ao passar por mim.

- Barra pesada? – perguntou.

- Eu livro a cara – respondi sem convicção.

- Precisa de alguma coisa? Sussurrou. – Advogado?

- Cigarro.

- Ponce de Leon! Aqui! - berrou o delegado.

- Eu estraguei tudo, não foi? – Adriana perguntou encabulada com o próprio fracasso.

- Isso acontece – começou Sofia reticente, fazendo sinal para o ônibus que chegava.

- Ei, esse não serve pra gente – alertou Adriana.

- Eu não vou pra casa agora. Vou dar um pulo na cidade, ver se acho alguém capaz de tirar o Leon da sinuca – disse Sofia já colocando o pé no degrau do ônibus.

- Vai me deixar sozinha? Agora? – Adriana insistiu. O ônibus engatou primeira e foi embora.

O escritório de Wanderley Leal ficava na rua São Bento e seriam seis horas, um pouco mais, quando Sofia entrou na ante-sala, com passos largos,

passou pelo homem sentado numa poltrona e perguntou à secretária por ele.

- Vou ver se pode atender a senhora – disse a moça resabiada.

- Pode sim! – rebateu Sofia. O senhor da poltrona arregalou os olhos e mexeu no chapéu nervosamente. A secretária mostrou o rosto para Leal, na ante-sala. Ele fez um gesto de mão, dizendo-lhe que entrasse, sem interromper a conversa ao telefone.

Sofia jogou o corpo na poltrona ao lado do homem com chapéu sobre a perna, tirou um cigarro e pediu fogo.

- Eu não fumo, senhora – disse o homem respeitosamente.

154 - Merda! – Sofia bradou. O homem remexeu na cadeira e procurou uma revista onde pudesse esconder a cara.

A mocinha voltou dali a dois minutos, dizendo a Sofia para entrar.

Leal recebeu-a de pé, fumando uma cigarrilha com piteira. Sofia sentou-se na poltrona do advogado e acendeu finalmente o cigarro, com um isqueiro que havia sobre a mesa.

- Eu estou precisando beber alguma coisa – comentou.

- Isso aqui não é botequim – Leal não fez nenhum esforço para esconder a ira.

Sofia olhou em torno: - Até podia ser.

Ficava mais próprio pra você.

Leal foi até a poltrona, por trás da garota, e inclinou o assento para frente, obrigando Sofia a levantar:

- Escuta, eu falei mil vezes que você tinha de tomar precauções. Não levou a sério. Agora, agüenta. O filho é seu. Resolve o problema como puder.

- O filho não é meu – recomeçou Sofia, já de pé e procurando outro lugar onde sentar.

- É teu também. Isso é que é a merda. Não quero esse filho se houver um por cento de chance de ele herdar a tua imbecilidade.

Leal não respondeu, o que deixou Sofia à vontade para sentar na mesa do escritório e ficar com as pernas balançando no ar.

- E sabe do que mais? – continuou. Enfia o teu dinheiro no rabo. Eu dou um jeito, mas não vou botar filho teu no mundo nem morta.

Ele afrouxou o laço da gravata, desconfortável:

- Veio aqui pra dizer isso?

- Não.

- Então qual é o papo?

- Lembra do Leon?

- Aquele babaca que vivia recitando Schopenhauer que nem papagaio? – Leal distendeu-se com a lembrança.

- Foi em cana.

- Vou mandar rezar uma missa.

- Ok. Faz isso e depois vai na 84ª Delegacia ver

se livra a cara dele – prosseguiu Sofia sem ligar para a gracinha.

- Eu vou chamar o hospício – bradou levando as mãos à cabeça. – Não sou advogado criminal, sou um falencista, nem sei o que o cara fez.

- Se vira. Pra alguma coisa você tem que servir.

- Escuta, gatinha, é melhor se mandar ou eu vou ter que te pôr daqui pra fora.

Sofia pegou o cinzeiro de cristal que havia sobre a mesa e fez mira no quadro pregado na parede em que Leal ostentava com orgulho seu diploma da São Francisco:

- Só saio depois de arrebentar tudo aqui – e permaneceu imóvel, com o bote armado.

Leal respirou fundo, abaixou os braços e entregou os pontos:

- Qual é o problema?

- Ele não tem advogado. E também não quer um. Coçou a cabeça antes de continuar:

- Quer é se destruir. Não acho isso muito direito.

- Em que rolo ele se meteu?

- Ainda não sei – prosseguiu Sofia largando o cinzeiro sobre a mesa - mas pela cara dos tiras deve ser pesado.

Leal olhou para o relógio.

- Vou ver se encontro um colega que entenda melhor dessa área. Eu passo na delegacia depois do expediente.

- Você é um anjo – completou Sofia, saltando

da mesa e pondo-se na ponta dos pés para beijá-lo. Aproximou-se bem e, segurando Leal pela nuca com as duas mãos, mordeu-lhe com gosto a bochecha. Ele fez força para não gritar.

- O legal é que sempre se pode contar com você
- falou Sofia, largando-o.

8. Na Masmorra

Em alguns dias na masmorra de Parenti, percebi que a tortura pôde de ter algo de grandioso para quem acredita que, contrariando as leis, possa modificar a ordem das coisas e, com ela, as justificações da vida. Eu, ao contrário, ao confessar minhas modestas contravenções, tinha a sensação de enunciar palavras que transitavam apenas entre mim e o delegado. Serviam para abrandar o sadismo de Parenti, que me deixava sossegado por algumas horas. Não o satisfaziam, em todo caso, e, para completar, meus delitos eram muito inferiores à publicidade que a imprensa deu ao caso, o que absolutamente não o agradava.

159

Parenti era, um pouco, a encarnação da estupidez policial. Com a camisa abrindo na barriga, entre os botões, não chegava a contentar seu ódio nem mesmo quando chutando minhas costelas, obrigava-me a declarações gratuitas a respeito de minha condição.

- Repita: *"Eu sou vagabundo"*.

- Eu sou vagabundo.

Parenti prolongava as sessões, embora percebesse que o caso que tinha nas mãos era infinitamente menos importante do que poderia desejar. Notava, contudo, que à medida que o tempo passava eu me decompunha, e isso o deliciava. Conseguiu que eu delatasse Kobayashi

e lhe atribuisse funções que absolutamente nunca tivera.

O que fiz com prazer: o maldito oriental me fodera, agora eu fodia com ele. No precário universo do cárcere, esse estúpido toma-lá-dá-cá acabava me mantendo ligado a alguma coisa. A infâmia, a dor, o ódio, eu descobria, eram capazes de me conservar vivo como, em outras circunstâncias, a perspectiva da felicidade ou a certeza de permanecer íntegro o fariam.

Parenti não interrompia as sessões. Mandava me dar um choque e dizia sorrindo:

- Fala.

- Fala o quê?

- Fala, seu merda!

É possível que a tortura comece realmente aí: quando você não tem mais nada a dizer. Eu teria confessado não importa qual crime, se apenas soubesse do que me acusar. Estupro, assassinato, assalto, o que fosse.

- Lenocínio... Eu exploro o lenocínio.

Foi a única coisa que me ocorreu para interromper momentaneamente que fosse, a tortura: dizer que explorava prostitutas junto com Vieira. Estava acabado e me sentia um porco: Vieira me oferecera abrigo na noite anterior à minha prisão, se mostrara meu amigo e eu o delatava miseravelmente. Me sentia podre. A indústria policial me vencera, afinal.

Mas não ainda. Não de todo. Teria de suportar algumas horas depois uma humilhação suplementar. Acontece que Vieira pagava proteção a um outro delegado, por acaso superior a Parenti. Sua prisão causou um enorme rebuliço e quase Parenti acabou suspenso. Daí por diante, passei a apanhar por apanhar. O delegado não queria saber mais nada de mim. Me enchia de choques sem qualquer motivo.

As humilhantes sessões de pau-de-arara só tiveram fim quando Leal, usando não sei de que artimanhas legais, conseguiu quebrar minha incomunicabilidade.

Parenti mesmo me deu a notícia, sem nenhuma contrariedade. Ele via a chegada de Leal com alívio. De agora em diante, eu estava sob o controle da Justiça. Sem ter noção do tipo de poder que possuía, a intervenção de forças judiciais servia para balizá-lo. Até esse instante, poderia ter-me matado, se quisesse – já o fizera nos bons tempos do Esquadrão da Morte – mas nem podia mais saber o que havia de falso ou verdadeiro nas confissões que me arrancava à tapa. Em contrapartida, me havia trazido ao universo bestial que habitava. Dali por diante, a presença de Leal para ele chegava a ser um alívio.

Quanto a mim, Leal tinha o inconveniente de acrescentar, às torpes humilhações da prisão, a de me fazê-lo ver como um salvador. A meu lado, sozinhos, ainda se deu ao luxo de passar

um sabão, explicando que eu deveria tê-lo procurado, me escondido, retardando a prisão e evitando o flagrante. Posava de bom rapaz enquanto me explicava que tentaria relaxar o flagrante, para que eu pudesse responder ao processo em liberdade. Levaria algum tempo, talvez, mas Parenti já não poderia fazer comigo o que bem entendesse. Seja como for, o melhor era eu ficar calado.

Sofia – Um Exame de Consciência

162

A sucessão de episódios nos últimos dias representava para Sofia o final de um certo que acreditava estar iludindo há muito tempo. Fechada em seu quarto, via minha prisão como o fato central dessa série de acontecimentos. Podia contemplar os objetos que acumulara em anos de furtos mais ou menos ousados: isso não diminuía a pesada sensação de infantilidade que seus atos tinham quando comparados aos meus. Nem mesmo a aura de malditismo que alimentava a respeito de si própria se mantinha mais de pé.

Pior, percebia-se menos dotada do que qualquer das colegas a quem julgava poder ensinar sobre a vida. Nada tinha, a rigor, além de uma coleção de miseráveis bolsas que lhe permitiam manter a condição de eterna estudante. Percebia-se, pela primeira vez, marginal até mesmo

em relação aos colegas de outros tempos que, bem ou mal, haviam encaminhado suas vidas para alguma direção. Havia organizado um modo de vida que se baseava na chance de seduzir as pessoas e convertê-las em duplos dóceis à sua vontade. De uma hora para outra, também isso lhe parecia sem sentido.

Já não se preocupava com Rubinho: despachou-o nas vezes em que ele telefonou, pedindo para marcar um encontro. Também a incomodava pouco o fato de Adriana agora manter em relação a ela uma prudente distância, ou ainda que Rocha se eternizasse na casa. E Sofia simplesmente não suportava.

Rocha e Adriana – De Cama e Mesa

163

Adriana não era propriamente uma santa. A estripulia da loja lhe custara caro, mas talvez a tivesse repetido – e sentiu-se tentada a isso – se alguma meditação não a levasse a concluir que a atração pelas atitudes da amiga era proporcional à insatisfação que a vida, até agora lhe oferecia.

Ao lado de Rocha, contudo, conversando após o jantar, intuía que as coisas poderiam ser diferentes. A segurança que ele tinha ao discorrer sobre um assunto, seus cabelos grisalhos nas têmporas, o fato de conhecer um pouco de seu passado e suas idéias (estas últimas por artigos

que, irregularmente, publicava na imprensa do Sul) – tudo isso a distanciava do mundo estéril de estudantes presumidos e garotões que pretendiam a todo custo impressioná-la com idéias sacadas do último livro que haviam folheado.

Numa quinta-feira, em torno da mesa de jantar, Vivian insistiu com Rocha para que fossem a um bar. Mas ele e Adriana preferiram ficar. Apesar do calor.

Fragmento de diálogo.

Adriana: - Você não acredita que uma luta por mudanças conseqüentes na sociedade deve ser conduzida visando ao conjunto da população?

Rocha: - Eu não acredito que mudanças conseqüentes possam se operar enquanto houver supremacias localizadas. Por exemplo, a ditadura dos brancos sobre os negros.

Adriana: - Então você assume a luta do negro na medida em descrê das doutrinas tradicionais?

Rocha: - Como se pode falar em doutrinas quando as novelas de televisão mostram o negro sempre como marginal ou subalterno?

Adriana: - E é possível executar a passagem da luta setorial à luta geral?

Rocha: - Plenamente. Se você considerar que na verdade o que existem são inúmeras minorias esmagadas que, somadas, compõem uma imensa maioria. Não são mais as doutrinas tradicionais que me interessam, mas as lutas específi-

cas. O direito do negro à plena cidadania; o direito da mulher à liberdade. Você, por exemplo, sente-se uma mulher livre?

Adriana: - Completamente.

Adriana penteou os cabelos com as mãos e sorriu com o canto dos lábios. Olhou de soslaio para Vivian, que pestanejava, tentando manter-se acordada e não compreendia que, muito mais do que livre, Adriana queria dizer que se sentia, naquele momento, disponível.

Rocha compreendeu.

- Quer que eu te faça um café? – ela perguntou, tentando desviar seus olhos do olhar persistente de Rocha. Ele concordou com um aceno de cabeça demorado e um sorriso.

- Quer também, Vivian?

- Não. Eu vou dormir – respondeu Vivian, aparentemente acordando e apoiando as duas mãos na mesa para levantar-se.

- Te espero no quarto – completou na direção de Rocha.

Adriana já conhecia o gosto de Rocha: café forte e quente, servido em xícaras escaldadas. Colocou a água para ferver e pegou no armário o pacote de café. Ele levantou, colocando-se por trás dela e observando seus gestos.

- Sabe que você é muito inteligente? – perguntou.

- Eu?

- Você. Se quiser passar uns tempos no Norte,

acho que vai abrir vaga na Psicologia ainda este ano... Eu posso batalhar por você.

Rocha agora estava muito próximo e ela teve vontade de ser agarrada por ele.

- Acho que ainda não tenho condição.

Falou para ganhar tempo. A água estava fervendo. Desligou o fogo e começou a passá-la pelo coador de papel.

- Bobagem... Disse Rocha, também ganhando tempo.

Esperou que ela colocasse a panela na pia e segurou-a com firmeza pelos quadris.

- E a Vivian? – perguntou Adriana.

- Eu não pertenço a ela, nem ela a mim. O amor só pode existir como um exercício de liberdade.

166 – Trouxe seu rosto até o dela: - Além do mais, você é muito gostosinha. Adriana sorriu. Rocha abraçou-a, decidido e apalpou os seios da garota.

- Vamos subir? – perguntou.

- Dá um tempo. A Vivian ainda nem dormiu.

Ela soltou-se com delicadeza e colocou açúcar na xícara antes de servir o café.

- Tem pra mim também?

Os dois voltaram-se assustados para a porta da cozinha. Não tinham ouvido os passos de Sofia descendo a escada.

- Tem café pra mim? – Sofia olhou para um e para outro, repetindo a pergunta. Tinha estado fechada no quarto, batendo à máquina o tem-

po todo e não comera nada até aquela hora.

- Tem... – Adriana respondeu reticente, apressando-se em pegar mais uma xícara; Rocha se afastou, prudente.

- A tese está andando? – Adriana perguntou para encobrir o silêncio.

- Bosta nenhuma – Sofia tinha o rosto ligeiramente avermelhado, os olhos congestionados e se sentia intrusa.

- Escrevo e jogo no lixo. Escrevo e jogo no lixo.

- Sabe o que te atrapalha? Muita autocrítica – Adriana levou o café sem açúcar até Sofia.

- Pode ser. Eu não sei tapar o sol com a peneira.- E olhou para Rocha. – Tem gente que vive fazendo isso e vai longe.

Ele entendeu a indireta e afundou o rosto na xícara.

- Ai, você é tão negativa, Sofia – falou Adriana.

- Sabe que às vezes isso me faz mal? Tudo com você é tão sem saída, sem futuro. Tem hora que me enche o saco, pra falar francamente. Será que você não podia ser um pouco que nem o Rocha?

Sofia abaixou a cabeça por um tempo, como se tivesse dormido subitamente. Levantou-a de repente.

- É difícil ser como o Rocha. Não é qualquer um que consegue explorar uma raça inteira.

Rocha engasgou no café e se pôs a tossir. Adriana tomou as dores:

- Eu ia ficar chateada se você não estivesse bê-

bada. Sofia levantou sem dizer nada e foi até a porta.

- O café estava jóia – disse sem se deter.

Subiu os degraus com passos pesados. Já refeito, Rocha balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

- Cabeça de branco é doente. Adriana aproximou-se dele.

- Não liga pra ela. É assim mesmo.

Afastou-se assustada ao ouvir um ruído de fechadura, vindo do corredor. Mas não era Vivian e sim Renata, que estava chegando da rua.

- Oi.

- Oi.- Os dois responderam ao mesmo tempo.

Renata estampava o mesmo sorriso desde a segunda-feira. Durante toda a semana, saía do trabalho e, após fazer um lanche, ia para o cinema. Assistia ao filme - qualquer um – e voltava para casa, mentindo que havia jantado ou passeado, ou ido ao cinema com Maurício.

- Por que o Maurício não dá mais as caras, hein? Perguntou Adriana.

- Tem de trabalhar cedinho – Renata tinha a resposta na ponta da língua. – Está batalhando um cargo de gerente...

Adriana estava muito pouco preocupada no momento com as atribuições amorosas de Renata e disposta a arrumar atribuições para si mesma. Cortou as explicações da amiga:

- Aquele livro do Octávio Ianni que eu te em-

prestei está aí no teu quarto?

- Já te devolvi há mais de dois meses.

- Então está lá em cima – completou Adriana.

- É que eu queria mostrar pro Rocha.

Arrastou o professor para o quarto com a desculpa de mostrar-lhe o livro. Falaram dois minutos dos problemas econômicos do Brasil, da luta dos bóias-frias e da questão ecológica.

Quando ele desceu para o quarto de Vivian já eram mais de quatro da manhã.

Onze horas passadas, Adriana desceu para o café. Encontrou Vivian sentada no sofá do corredor e teve ímpetos de fazer meia-volta na escada, esconder o rosto de felicidade e a gostosa vergonha de passar a perna na amiga. Afetou, em vez disso, um ar de indiferença ao cumprimentá-la e seguiu para a cozinha.

- O Rocha ainda não acordou.

Vivian surgiu na porta da cozinha quando Adriana estava passando manteiga no pão e não conseguiu evitar o incômodo de vê-la frente a frente.

- Até agora? – Adriana perguntou, lívida.

Vivian avançou dois passos e sentou-se à mesa.

- Você também acordou tarde.

- A gente ficou batendo papo à noite. Esqueci da hora...

Vivian acendeu um cigarro. Adriana não reclamou, embora detestasse cheiro de cigarro quando comia. Enfiou a cara no café com leite.

- Papo comprido... Vivian soltou uma longa bafurada.

- Ele tem uma conversa ótima, - Adriana ergueu a cabeça, sem conseguir disfarçar o entusiasmo. Vivian desviou o olhar e deu outra tragada no cigarro:

- É... Ele tem uma boa conversa. - levantou sem dar explicações.

Adriana olhou para o relógio aflita, enquanto Vivian saía para o corredor. Adriana deu mais duas mordidas na fatia de pão, tentando comê-lo o mais depressa possível.

Apesar da fome, o alimento ficava pulando de um lado para outro na boca, sem passar pela garganta. Empurrou a segunda mordida, o café com leite, pegou os livros e levantou-se. Queria sair da casa o mais depressa possível. Percebera a desconfiança de Vivian e sabia que era impossível evitar os problemas, queria ao menos adiá-los até o momento em que se sentisse mais forte. Tinha medo de que essa desconfiança viesse a nublar prematuramente sua felicidade. Tinha medo de não ser para Rocha nada além de uma aventura passageira. Tinha medo mesmo de imaginar que tudo poderia acabar ainda hoje. Longe da casa, pelo menos evitaria pensar nesses problemas. Estava no corredor quando Vivian saiu do quarto enrolando um baseado e tomou-lhe a frente.

9. Um dia de Cão

Naquela tarde, Renata escapou mais cedo do emprego.

Desceu do metrô na estação Bresser e caminhou apressada até a agência bancária. Ao chegar, viu o guarda abrindo a porta para que alguns funcionários saíssem e pensou que perdera seu tempo: eram 6 e 15 e o expediente, pelo que sabia, termina às 6. Atravessou a rua colocando os óculos escuros que emprestara de Adriana e vasculhou o interior da agência pela vidraça. Maurício estava sentado na mesa que tinha a plaqueta com seu nome e examinava as gavetas. Os poucos funcionários que ainda não tinham ido embora guardavam máquinas e fechavam gavetas.

Renata bateu com os dedos na porta fechada para chamar a atenção do vigia, que abriu uma fresta, colocando apenas a cabeça para fora:

- Expediente encerrado, mocinha.
- Eu sei. – Renata não se apertou e tirou os óculos escuros para não amedrontar o guarda. – Quería falar com meu marido.
- Quem é seu marido?
- O Maurício, gerente operacional.

O guarda franziu a testa: - Marido? – perguntou atordoado.

- Por quê? Não pode ser? – insistiu Renata, sem confiança na lorota.

- Nunca soube que ele era casado – comentou o homem encolhendo os ombros. Para surpresa da menina, foi logo abrindo a porta e fazendo uma discreta mesura. – Queira entrar, minha senhora.

Ela chegou por trás de Maurício, depois de atravessar toda a agência.

- Oi Maurício.

Ele pulou na cadeira ao ouvir aquela voz que lhe parecia sair de um pesadelo e voltou-se na direção de Renata.

- Você?! – tinha os olhos escancarados.

Renata não deu de si: - Quer jantar comigo hoje? Maurício fechou a gaveta com força, sem despregar o olho dela. Quase amassou um dedo.

- Quem te passou meu endereço? – perguntou, hostil.

- Tua mãe, quem mais?

Ele desviou o corpo para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa e esfregando o rosto nas mãos.

- Bosta! – reclamou entre dentes. Renata se colocou à frente.

- Quer jantar comigo ou não quer? Estou oferecendo.

- Você não vai largar do meu pé mesmo, não é? – falou ele rearmando a carapaça.

- Tudo bem, Maurício... Tá certo... Só queria co-

memorar o fim do nosso namoro.

Maurício – que nesse tempo tentava organizar alguns papéis soltos sobre a mesa – teve um sobressalto: - Que namoro? Nunca teve namoro nenhum.

- Pras meninas, teve!

Ele olhava abismado. Quanto mais alimentasse essa farsa, mais ela se voltaria contra ele, para infernizar sua vida.

Melhor, portanto, acabar logo com tudo. A mágoa seria menor.

- Além disso, eu tenho mais o que fazer hoje.

- Outra garota?

- Outra, como?

Ela enrubesceu com a pergunta devolvida.

- Outra... Que não eu – balbuciou.

Por um instante, Maurício teve pena. Pensou em explicar que nunca houve nada, absolutamente nada, entre eles, mas concluiu que também isso era ridículo. Não, não queria fazer mais papel de bobo diante dela.

- É isso aí... - afirmou definitivo, fazendo um ar de mistério - e vê se não me estropa a vida que ela trabalha aqui comigo. – Estufou o peito e sorriu com o canto dos lábios: - Subordinada...

Renata olhou para os lados, como se procurasse identificar entre as moças aquela com quem Maurício sairia.

- Tudo bem – disse por fim. – Eu só queria te agradecer. Você me quebrou um galhão.

- Não tem de quê – Maurício agradeceu entre sincero e sarcástico. – Se eu te ajudei, me sinto recompensado. Ela colocou os óculos escuros no rosto.

- Agora é só chegar assim em casa. Fingir que chorei um pouco. Dizer que você me usou. Que é um safado.

- É isso aí – concluiu Maurício, insensível.

- Você tem cabeça.

Estendeu a mão para se despedir, no instante em que Marilda – uma jovem escriturária com os cabelos cortados rentes e unhas escandalosamente vermelhas – chegou junto à mesa. Pediu desculpas convencionais a Renata pela interrupção e virou o rosto na direção de Maurício, passando a mão pelos cabelos.

- Estou te esperando tá?

- Tudo bem – Maurício tentava encontrar um tom profissional para as palavras e suava copiosamente.

- Vou em um minuto. É só terminar um negócio e já estou saindo.

Marilda se preparou para sair. Usava sandálias com saltos finos e altos e a toda hora observava Renata com o rabo dos olhos.

- Não vai apresentar? – perguntou Renata.

Maurício enrubesceu. Marilda voltou-se para ela, dando meia-volta em cima das sandálias.

- Essa é a Renata... Apenas começou a frase, Renata estendeu a mão prontamente. Marilda

ergueu a sua, um pouco atônita.

- Prazer. Marilda.

- Prazer. Eu sou a noiva do Maurício.

Maurício puxou um lenço para enxugar a testa. Seus olhos focalizavam Marilda, a despeito do esforço que fazia para dirigi-los em qualquer outra direção.

- Você nunca falou que tinha uma noiva! – O sincero espanto na voz de Marilda não impedia que o tom se tornasse subitamente áspero.

- E não tenho! – Maurício falou quase chorando, substituindo pela ênfase o argumento que inutilmente tentava encontrar, de sua inocência.

- É que eu cheguei do interior hoje. De surpresa – Renata mentiu lançando um sorriso discreto na direção de Marilda.

- Ah, entendi – atalhou Marilda sem entender.

- Na verdade nós somos primos – Maurício tentou consertar.

- De segundo grau – emendou Renata.

- É isso aí – confirmou o rapaz, esfregando as mãos uma na outra. – E a titia, como é que vai?

- Meio preocupada porque você não escreve. Afinal, o casamento é daqui três meses e você parou de dar notícias.

- Bom - interrompeu Marilda - vocês me dão licença, eu tenho de ir andando.

- Me espera só um pouquinho – suplicou Maurício-, a gente conversa já já.

- Eu estou de saída – fulminou Marilda, olhando para o relógio. – Me lembrei que tenho de jantar com a mamãe hoje. Maurício passou o lenço ensopado pelos cabelos, enquanto Marilda se afastava fazendo um barulho agudo com o salto dos sapatos.

Renata não parava de encarar Maurício:

- Não faz essa cara – disse penalizada. – Ela tinha mesmo que jantar com a mãe.

- Que mãe? – ele quase berrou. – Ela é órfã desde os dez anos de idade.

- Além do mais ela não serve pra você – Renata sorriu com o canto dos lábios ao falar – É muito vulgar.

176 Talvez ela fosse de fato louca, pensou Maurício. Louca ou não, era preciso fechar a porta às ilusões que se formavam em sua cabeça. Imaginou que talvez nada daquilo fosse uma farsa montada para enganar as amigas da república. Que ela de fato poderia se sentir conquistada por ele. Por um segundo, experimentou indisfarçável orgulho por conquistá-la. Mas – conhecia Saint Exupéry – você é responsável por aquilo que cativa. E não tinha a menor vontade de se responsabilizar por essa moça até simpática, mas cuja sanidade mental era digna de ser posta em dúvida. Melhor ceifar de uma vez as ilusões.

- Renata – disse em tom severo, brandindo o indicador no rosto dela -, eu sei muito bem o

que me serve. E não é você.

Observou o efeito: o semblante de Renata tornou-se sombrio. Ela abaixou o rosto, como se olhasse para os pés de Maurício. Ele cruzou os braços, esperando a resposta – ela sempre tinha uma engatilhada. Inutilmente. Ele pensou que assim estava melhor. Deveria ter sido como era – franco e rude – desde o início.

Teria evitado mal-entendidos e a esta hora estaria saindo com Marilda.

- Ela é tão vulgar! – comentou por fim Renata, falando de si para si, como se não quisesse ser escutada.

- E eu, então? – aproveitou Maurício. Sou mais que vulgar.

Sou um cafajeste. Não mereço você. Agora vou te levar pra tua casa, bonitinha e bem quietinha. Entendeu?

- Eu sei de um restaurante bem bonzinho... – ela começou, erguendo os olhos afinal.

- Pra casa!!!

O grito de Maurício ecoou na agência.

10. O Fantasma da Liberdade

Vivian gostava de encostar a pele na de Rocha; de apertar-se nele e deixar que o pé corresse pelas pernas do homem. Depois, sentir a boca dele na sua, mordendo-lhe os lábios com suavidade, e em seguida baixando até o pescoço. Ali, a mordida era forte.

E esse era o momento em que passava para as mãos do homem, em que ele assumia o controle do jogo. Vivian se arrepiava, antecipando o prazer de ser penetrada. Soltava os braços e abria as pernas, para permitir que ele apertasse suas coxas, puxando-a para si e ocupando todos os espaços de seu corpo.

Nas mãos de Rocha, sabia o que era ser possuída, mais do que nunca e mais do que com qualquer outro. A distância ajudava. Os longos períodos em que não se encontravam abriam um abismo gostoso, acrescentando a cada novo reencontro os prazeres do inédito e do desconhecido. Rocha era de certa maneira um estranho com quem Vivian realizava a fantasia de dar-se a qualquer um, mantendo intacta, ao mesmo tempo, a certeza de que a fantasia não escaparia a seu controle.

Por tudo isso – e sem falar da identidade intelectual que os aproximava – ela sentiu com mais amargor a distância que Rocha lhe impunha aquele dia, desde que acordou, meio-dia passa-

do. Vivian serviu-lhe café na cama e ficou por perto lendo jornal.

- Foi bom o papo ontem? – perguntou de repente.

- Que papo? – Rocha parecia despertar novamente.

- Com a Adriana. Vocês ficaram conversando até de madrugada...

Ele pousou a xícara de café com leite na bandeja e abriu um largo sorriso:

- Conversando, não. Trepando.

Vivian recuou, surpresa com a resposta. Depois sorriu também, procurando o cigarro.

- Ela me falou que vocês ficaram conversando.

- Porque é reprimida.

180 - Deixa de coisa, Rocha. – A voz de Vivian ganhou um tom mais alto, enquanto acendia o cigarro. – Eu conheço a Adriana.

Ela tem namorado. Não ia ficar galinhando por aí. Rocha afastou a bandeja para o lado da cama e levantou.

- Vou tomar um banho.

Vivian aproximou-se dele, pendurando-se em seu pescoço.

- Fala! Você está só brincando comigo.

Rocha afastou-a de si com as duas mãos.

- Meu Deus, como é que você consegue ser tão caipira?

Nós ficamos juntos, eu sou um homem, ela uma mulher, fizemos amor. Que é que tem de mais?

- Então ela me mentiu?

- Mentiu.

- Filho da puta!

Vivian tentou socá-lo, mas foi interrompida por Rocha, que segurou seus dois punhos no ar e baixou-os.

- O que você pensa que é de mim, hein? Dona? Será que não pode ser civilizada? Pensa que eu sou seu escravo?

Por causa da cor da minha pele?

Ele falava com crescente agressividade. Vivian não tentou resistir. Ainda tinha os braços presos pelas mãos dele, mas, ainda que não fosse assim, sentia-os pesados demais para esboçar um gesto. Deixava-se ficar, mansamente, com os olhos vazios. Recuou alguns passos, quando ele a soltou.

- E por quê? O que que eu não te dava que você precisava procurar em outra? – perguntou humilhada.

Ele abriu os braços desanimado. Fez menção de falar alguma coisa, mas calou-se. Melhor dizer nada e não prolongar o melodrama. Abaixou-se e pegou a toalha em sua mala.

- Vou tomar um banho. Depois, se quiser, você me expulsa. Se é essa a idéia que tem de liberdade, é melhor eu ir embora.

Vivian não reagiu:

- Faz o que achar melhor.

Depois do banho, Rocha vestiu uma bata ver-

melha com ornamentos dourados. Lembrança de uma viagem ao Senegal, realizada durante o exílio. Lembrança, segundo ele, do orgulho negro, evocado nesse traje de príncipe que recebera como presente de um professor local. Foi até Vivian, que estava sentada na cama, fumando um enorme cigarro de maconha, e beijou-a na testa.

- Não vai me mandar embora?

Vivian levantou os ombros, afetando indiferença.

- Eu sei que você entende o que é liberdade – completou ele com um sorriso. Voltou-se, indo até a porta. Interrompeu-se ao ouvir a voz de Vivian.

182 - Não apronta comigo, cara. Pelo amor de Deus. Ele acenou com a mão e olhou para o relógio. Tinha uma entrevista num programa feminino da televisão.

Cara a Cara

Vivian ergueu-se com dificuldade ao ouvir a porta da frente se abrir. Arrastou-se até o corredor e olhou para todos os lados. Ninguém. Apenas o ruído de Sofia batendo à máquina, chegando abafado até o andar térreo. Ainda assim, adivinhava a presença de Adriana na casa. Berrou o nome da rival. Não houve resposta e Vivian achou que estava enlouquecendo, às cus-

tas de pensar, toda a tarde, na possibilidade de Rocha ter-lhe dito a verdade.

Sim, restava-lhe um pouco de lucidez para perceber que enlouquecia, que alucinara a chegada de Adriana. Ainda era cedo, as horas é que não corriam mais como nos últimos dias. Voltaram a se escoar lentamente. Esperava Adriana apenas para não admitir que, novamente, não esperava por nada. Fez meia-volta e decidiu voltar para o quarto.

- Me chamou?

A voz de Adriana veio do andar de cima. Ela apareceu no parapeito da escada, saindo do quarto. Ao ver Vivian no corredor de baixo, desmanchou o sorriso e desceu as escadas, sem saber por que exatamente atendia ao chamado da outra.

- Queria alguma coisa? - falou chegando perto de Vivian, observando seu ar sonolento, os cabelos desgrenhados, as sardas que poderiam ser um atributo gracioso caso não se encontrassem num rosto tão desleixado.

Vivian escutou-a, odiando sua voz. Olhava direito nos olhos de Adriana, mas era como se nada enxergasse.

- Você transou com ele, ontem?

- Que besteira... - Adriana baixou o olhar e caminhou até a cozinha, seguida por Vivian.

- Ele disse que vocês transaram.

- Estava a fim de te encher o saco, não vê logo?

– Enfiou o rosto na geladeira: - Não tinha um pêssego, aqui?

Vivian continuou encostada no batente da porta; Adriana se conformou em comer uma maçã.

- Ele disse que vocês transaram – repetiu.

- Escuta - explodiu Adriana -, eu não tenho nada a ver com o que ele disse. Eu sei o que eu fiz. Nós ficamos batendo papo ontem à noite. Se não gostou vai tirar satisfação com ele.

- Então chega de bater papo de madrugada, está entendido?

- Ah, não! Essa não! – Adriana mordeu a maçã com raiva e agitou as mãos. – Esta casa é tão minha quanto sua. Aqui dentro eu faço o que achar melhor.

Está entendido?

184

Novas Confidências de Adriana

Adriana bateu com a mão fechada na porta do quarto de Sofia, que imediatamente parou de datilografar.

- Entra.

Adriana puxou uma cadeira assim que entrou no quarto, mas não teve coragem de sentar.

- Te atrapalho? – perguntou.

- Não. – Sofia afastou-se da mesa levando consigo a garrafa de bebida. – É bom. Eu descanso.

- Você quase não tem aparecido – comentou Adriana sentando finalmente.

- Eu quero pôr um fim nisso. – Apontou a mesa lotada de livros, páginas escritas, anotações, fichas, rascunhos desprezados e depois amassados.

Passou a mão pelos cabelos. Tinha a expressão pesada e a sensação de dizer mais do que dizia: queria, enfim, sentir-se viva, abandonar a condição sempre provisória, que se perpetuava há anos. Dizer, simplesmente: a tese, aquilo que escrevia febrilmente nos últimos dias, era menos a tentativa de pensar um problema do que de conhecer seus limites e investigar cuidadosamente aquilo que era - para o melhor e para o pior – e que a diferenciava de não importa quem mais.

Adriana olhava-a demoradamente. Como se agora entre as duas houvesse uma barreira, criada – em parte – na desastrada incursão que acabara na delegacia. Mas isso não explicava tudo. Também ela não sentia necessidade do afeto e do reconhecimento da outra. Mas queria partilhar seu segredo, contar que conhecera um homem de verdade, afirmar-se diante da outra. Hesitava, percebendo a distância de Sofia a quem via como espectadora, não como confidente. Procurava ganhar tempo, comentando ora os estudos, oras as roupas de Sofia.

- E então?

- Então, o quê?

- O que você veio me dizer?

Sofia lançou-se para frente, os olhos muito abertos, como quem avança para a presa.

- Eu transei o Rocha esta noite – a frase de Adriana saiu rápida, como se tivesse necessidade de, confessando, lançar-se num vôo cego, incapaz de prever os desdobramentos de sua confissão.

Sofia recuou na cadeira, desviando o olhar para a garrafa de vodca:

- E daí?

Parecia fazer séculos que, estudadamente, traíra Adriana, roubando-lhe o amor de Rubinho. Ainda assim, sentia-se diminuída pela revelação e a recebia com frieza: como se seu costume de tudo ordenar, de controlar todos os acontecimentos, dispondo-os conforme a hierarquia mais conveniente, sofresse um novo golpe.

- Gamei por ele – falou Adriana sorrindo.

- Ótimo... – Sofia comentou distraída, acendeu um cigarro e permaneceu em silêncio, olhando para as paredes. Adriana passou a mão nos cabelos sem jeito.

- Foi isso que eu vim contar...

A frase de Adriana ficou solta.

Cantadas Literárias

Vivian não convidou Adriana para jantar. Sozinha com Rocha poderiam conversar sobre a tarde que passou, a entrevista na televisão, as pes-

soas que ele encontrara. Recompôr, enfim, os cacos da amizade perdida, recriar o ambiente de felicidade em que vivera por alguns dias. Desde que ele voltara, à tardinha, não tinham mais falado em Adriana ou na noite anterior. Como se tudo não tivesse passado de uma brincadeira com que Rocha procurava aferir a extensão dos sentimentos de Vivian por ele. Por isso ela ficou apreensiva quando o telefone tocou, no momento em que trazia o arroz para a mesa. Eram frágeis os pontos em que se apoiava, de maneira que qualquer interrupção poria a operação a perder. Justamente por isso, queria ter jantado fora. Ele é que alegou estar precisando descansar.

- Não vai atender? Rocha perguntou.

Ela ergueu os ombros, deixou a panela sobre a mesa e foi até o corredor. Era Rubinho, perguntando por Adriana.

- Adriana!

Vivian berrou junto à escada e voltou para a cozinha. Pegou a travessa com o picadinho no fogão e levou até a mesa. Ergueu os olhos na direção de Rocha. Adriana desceu as escadas correndo.

- Se serve - disse Vivian.

- Alô - Adriana atendeu.

- Esse picadinho está com uma cara ótima – Rocha encheu os pulmões sentindo o cheiro e esfregou as mãos.

- Feito pra você – Vivian comentou, sentando-se e tentando adivinhar o pensamento do companheiro.

- Ah, Rubinho... – a voz de Adriana ao telefone chegava até eles. - Não fiz nada o dia inteiro. Quero estudar um pouco à noite.

- Por que será que ela está despachando o namorado? - perguntou Vivian olhando friamente para ele, que ergueu os ombros, afetando indiferença.

- Aparece aqui amanhã pra tomar sol.

Adriana não se despediu. Colocou o fone no gancho e acenou para Rocha do corredor, preparando-se para subir as escadas.

Ele retribuiu ao aceno:

- Não quer jantar com a gente?

Adriana chegou até a porta da cozinha com um andar estudado.

- Obrigada. Já comi alguma coisa antes de você chegar.

- Senta – insistiu. – Vamos conversar um pouco.

- Só um pouco. – Adriana olhou para o relógio – Tenho prova na segunda. Se não for bem, acabo ficando nesse crédito.

- Qual? – perguntou Rocha à menina que já se acomodava em uma das cadeiras.

- Experimental.

- Skinner?

- Hum, hum –

Adriana confirmou balançando a cabeça e agi-

tando com os dedos a ponta dos cabelos.

- Bobagem – sentenciou Rocha.

Vivian colocou as duas mãos sobre a mesa, tamborilou nervosamente com os dedos.

- É melhor comer, se não vai esfriar – disse.

- O seu também – observou Rocha.

- Eu não estou com muita fome hoje – completou Vivian que tentava imaginar como era a chama de uma vela depois de ter sido soprada.

Porque Vivian sentia-se assim, agora: como a forma de uma chama soprada que é impensável.

- Eu estou atrapalhando... - Adriana olhou o rosto sombrio de Vivian e pensou em sair. Rocha segurou-a pela mão:

- De jeito nenhum. - E voltou-se para Vivan: - Você acha que ela está atrapalhando?

Vivian balançou a cabeça negativamente e levantou-se:

- Você faz o café depois, Adriana? Eu acho que vou descansar um pouco.

Adriana olhou apreensiva para a amiga. Queria sair. Teria saído, não fosse a intervenção de Rocha. Temia por Vivian.

- Acho que ela soube de nós – disse, assim que ouviu a porta do quarto de Vivian se fechar. Estava passada.

- Claro que soube. Eu contei.

Adriana arregalou os olhos:

- Contou? Ela é minha amiga, será que dá pra entender?

Sussurrava para não berrar de indignação. Rocha abriu uma risada gostosa, apontando Adriana com o dedo indicador.

- Culpa! - sentenciou. - O fim da liberdade é a culpa. - Olhou-a fundo e segurou suas mãos. – A liberdade começa pelo corpo. – Acariciou as mãos de Adriana, abrindo-as e encostando seus dedos nos dela, deixando-os correr em seguida pelos braços. Adriana não entendia mais o significado, tão lido, pensado, discutido, de liberdade. Simplesmente não queria escapar.

- No fundo você viveu um tempo melhor – ela falou, para mudar de assunto.

- É verdade – ele concordou. – Os erros, os sofrimentos, a tortura, o exílio, foram o limbo, mas também a glória do meu tempo. E isso vocês, de agora, não tiveram.

Adriana escutava absorta. Ela ergueu o rosto, absorto por sua vez nas próprias recordações, e silenciou.

- Eu vejo pelos meus colegas – falou Adriana tentando chamar a atenção do homem para si. – Eles me parecem um pouco vazios. A maioria não tem um ideal coletivo.

Rocha pareceu despertar do transe:

- É isso aí. Fizeram do país uma grande danceteria para as pessoas se afundarem no rock e no consumo e não colocarem mais nada em questão. O governo militar deu aos jovens uma espécie particular de liberdade.

É o que Sartre chama de liberdade da indiferença. Mas ao mesmo tempo tirou deles a liberdade do não. E o homem é o ser pelo qual o não veio ao mundo. A negatividade é que nos constitui, pois é a possibilidade de estabelecer um recuo em relação ao objeto e, ao mesmo tempo, de nos afirmarmos como subjetividade. Voltou a olhar direto para Adriana:

- Já leu Sartre?

Ela apertou os lábios e balançou a mão direita de um lado para outro.

- Só um pouco. Um livro. Não conheço como você.

Não tinha prestado muita atenção ao discurso do professor e fora apanhada de surpresa pela pergunta.

- É um autor fascinante – ele pontificou. – Você tem o livro aí?

- Tenho. Eu emprestei para a Renata. Se ela deixou o quarto dela destrancado...

- Como é que se chama?

- Acho que é "O Existencialismo é um Humanismo".

- Ah, uma edição portuguesa...

- É isso.

A erudição do professor a impressionava. Fazia com que se lembrasse das conversas com Sofia. Rocha era tão interessante quanto Sofia, mas não escandia aquele pessimismo que Adriana atribuía menos a uma forma de ver as coisas do

que ao consumo excessivo e continuado de bebidas.

- Vem, vamos ver se a porta ficou aberta.

Levantou-se e passou ao corredor, seguida por Rocha. Colocou a mão na maçaneta e girou-a. Sim, a porta estava aberta.

Um Breve Adeus

Maurício não aceitou que Renata pagasse a conta do restaurante, em hipótese alguma.

- Eu convidei, eu pago – insistiu Renata.

- Nem pense! – ele estrilou e pegou o talão de cheques que Renata colocara sobre a mesa. –

Eu ganho mais que você e não tenho que pagar os estudos.

- Eu não pago. Estudo na USP.

- Mas tem as despesas.

- E você tem sua mãe pra ajudar. Além do mais, esse dinheiro eu guardei pra isso mesmo.

Maurício colocou o talão de cheques de Renata no bolso do paletó e puxou o seu, com um gesto seco.

- Não quero discussão. Mulher comigo não paga!

- Ao menos como compensação – tentou argumentar Renata. - Estraguei o teu programa.

Maurício fez cara azeda e tirou a caneta do bolso:

- Vamos fazer uma coisa: você não me deve nada, nem eu. Estamos quites.

Ela concordou com a cabeça. Maurício assinou o cheque e acendeu um cigarro.

- Isqueiro bonito – comentou Renata.

- Presente da minha mãe.

- Uma raridade. Não se fabrica mais.

- É... – Maurício não se comoveu com o elogio – Vamos. Eu vou te levar.

O carro chegou embalado e parou de repente, quase jogando Renata com a cara no vidro.

- Bem... Aqui estamos...

Maurício falou sem olhá-la como se recitasse um discurso estudado e decorado:

- Minha parte eu já fiz. Agora é só botar os óculos... Fingir que chorou um pouco... Que eu te dei o fora...

Renata fez beijo, abaixou o rosto e pegou um par de óculos escuros dentro da bolsa.

-... E não se esquece de me chamar de canalha para as tuas amigas... Pode dizer que eu sou brega, também.

Ela colocou os óculos no rosto:

- Você foi legal comigo.

Maurício puxou um cigarro do maço que tinha sobre o painel.

- Se você quiser – continuou Renata – eu ligo para o banco na segunda-feira e explico para aquela garota que a gente nunca teve nada.

Maurício voltou-se para ela alarmado:

- Melhor não fazer nada, tá bom?

Ela concordou. Serviu-se de um cigarro, acen-

deu-o com o isqueiro de Maurício e, distraidamente, jogou-o em sua bolsa. Em seguida, encostou a cabeça no vidro lateral, puxando a fumaça e expelindo-a sem tragar.

- Estamos combinados, então? – falou Maurício com impaciência.

- Estamos.

Renata abriu a porta com um gesto brusco e saiu rapidamente. Maurício continuou imóvel, um pouco surpreso com a reação decidida de Renata.

Melhor assim, pensou, sem dramas. No fundo, porém, não sabia dizer por quê, sentiu que as coisas terminassem desse jeito, e que Renata tivesse evitado dar-lhe um beijo de despedida.

194 Adriana teve tempo de se recompor ao escutar os passos no corredor. Levantou apressada da cama onde estava abraçada com Rocha e, de um salto, foi até a estante de livros de Renata. O professor mal conseguiu erguer o corpo, até o momento em que Renata, colocando a cabeça no interior do quarto, perguntou quem estava lá.

- A gente – Adriana deu um salto para trás, aparecendo para a amiga. - Eu estava procurando aquele livro do Sartre que te emprestei. Queria mostrar pro Rocha.

Renata entrou e pôs a bolsa na guarda de uma cadeira. Rocha levantou e fez uma mesura em sua direção.

Renata percebeu a cama amarfanhada e começou a bater com a mão na colcha:

- Está aí mesmo – disse, mostrando a estante.

- Se importa da gente levar? – perguntou Adriana pegando o livro.

- Claro que não. O livro é teu – Renata respondeu secamente.

Não lhe importava que Adriana entrasse em seu quarto, mas não engolia a presença de Rocha, com aquela bata ridícula.

Adriana localizou o livro, voltou-se com o volume na mão e só então atentou para os óculos escuros de Renata.

- Ei! Que que houve? Andou chorando?

Renata surpreendeu-se com a pergunta. Tinha colocado os óculos para fazer sua cena, mas acabara esquecendo de ambos, cena e óculos.

- Hein? – perguntou sem entender direito.

- Os óculos. Andou chorando?

Renata balançou a cabeça em sinal positivo: - Um pouco. Adriana passou a mão nos cabelos desgrehados, ajeitando-os.

- O Maurício, é?

Renata sentou na cama com as mãos juntas, entre as pernas.

- Não. Ele não tem nada a ver.

Adriana andou de um lado para o outro, impaciente:

- Por que você não se abre um pouco, hein? Cadê ele?

Renata ergueu os ombros e tirou os óculos escuros.

- Sei lá. Que me importa?

- Como, sei lá? Vocês não saíram juntos, hoje? Amanhã é sábado. Ele não vai trabalhar.

Renata levantou, encarou Adriana e começou a berrar:

- Será que não pode me deixar em paz, porra? Meta-se com a sua vida.

Fez uma pausa. Adriana não estava acostumada a ouvir palavrões. Não de Renata.

- Ele acabou de me largar. Não vem mais aqui.

Adriana abriu a boca. Renata jogou-se na cama, a barriga para baixo, o rosto virado contra a parede. Adriana aproximou-se e acariciou seus cabelos.

- Tudo bem... Isso acontece.

Não sabia o que dizer ou, pior, sabia que não existe muito a dizer nessas situações.

- Me deixa sozinha um pouco? – pediu Renata.

- Tudo bem. – Adriana escorregou as mãos pela cabeça da amiga num último consolo e franziu o cenho. Puxou Rocha pela mão e encostou a porta do quarto ao sair.

Adriana abriu o livro ao acaso. As margens, muito largas, abrigavam observações escritas com letras maiúsculas:

O HOMEM É O QUE ELE FAZ.

Dizia a margem da página à esquerda;

O HOMEM NÃO É MAIS QUE SUA VIDA

Respondia a página à direita.

Ela correu o dedo sobre a frase da esquerda.

Ele passou o braço em torno de seus quadris.

Adriana sorriu. Começaram a subir a escada.

Amor e Tremor

Agora só a falta de ar incomodava Renata. Ela pegou a bomba em sua bolsa, sacudiu e levou-a até a boca. Aspirou com força, inclinando a cabeça totalmente para trás. Em seguida, arqueou o corpo para frente e tossiu durante alguns segundos. Aos poucos, foi cessando a sensação de afogamento. Caminhou até o armário, abriu a porta. Olhou-se no espelho ao pegar a roupa de dormir, e continuou a olhar-se enquanto tirava a saia e, depois, a blusa.

Os cabelos estavam desgrenhados, resultado da súbita crise de asma, mas sentia-se bem: sua farsa terminara, não tinha mais que prestar contas a Adriana ou a ninguém. Gostava de olhar seu corpo nu, quando estava sozinha. De sentir-se bonita para ninguém, para si mesma. Demorou para escolher entre a camisola comprida e a camiseta que costumava usar nas noites quentes. Essa era uma noite quente, mas enquanto escolhia estava livre para se olhar sem se deixar constranger com a própria vaidade. Por fim ves-

tiu uma calcinha e a camiseta amarela com o desenho de um coração vermelho gravado em cima. Ligou a televisão para ver as notícias do dia e abriu a cama. Gostava de assistir televisão deitada, com uma leve coberta nas mais quentes. Adriana chamava isso de “o seu casulo”. Talvez fosse. Renata, em todo caso, preferia o casulo às paixões em que via Adriana se meter dia após dia. Para não falar de Sofia, seus incontáveis homens, ou de Vivian e suas infinitas dores. Não ter dores, isso lhe parecia o essencial. Felicidade era igual à ausência de dor. E um dia poderia ser amada, claro, mas mansamente. Poderia ser amada porque sabia se conservar bonita, graças à dança e à ginástica.

198

Renata deu um pulo ao ver a imagem: o homem na tela colocava o braço sobre o rosto para se proteger da luz jogada sobre ele. A câmera se aproximou tentando vasculhar sua expressão, mas nesse instante ele abaixou a cabeça, enfiando o rosto entre os dois braços. Quando o microfone da repórter aproximou-se, só foi possível ver sua boca movendo-se com ferocidade. O som foi cortado.

Renata chegou mais perto da televisão, como se assim pudesse ver melhor. A câmera, no entanto, permanecia imóvel enquanto o homem, de costas, perdia-se no fundo de um corredor.

“O réu, dizia a voz da repórter, acusado em diversos casos de fraude e falsificação deverá responder ao processo em liberdade, já que é primário”.

Ela não se lembrava do meu nome. Para Renata eu era simplesmente “o amigo da Sofia”. Pensou em correr até o quarto de Adriana e avisá-la de que eu, esse perigo para a ordem pública, estava à solta. Mas Adriana estava com Rocha e não seria conveniente subir. Poderia falar com Sofia, mas não sabia com que palavras introduzir o assunto. De mais a mais, também não tinha enorme apreço pelo modo de ser de Sofia. Havia por fim, Vivian, mas com esta não tinha motivo algum para falar. Temia que eu aparecesse a qualquer instante, embora não tivesse nenhuma explicação para essa crença. Talvez por eu ter permanecido tanto tempo na casa, há alguns dias. Ou porque se espantasse com o contraste entre minha atitude, tão passiva que ela mal me notara, quando estive na casa e minha “cara de demônio” (assim ela descreveu a situação tempos depois) na televisão. Gostaria, agora, de sentir uma crise de falta de ar, qualquer coisa que aliviasse o pânico. Mas a asma vem quando quer. Rodou pelo quarto sem atentar para as demais notícias, adiando a decisão de subir ao quarto de Adriana. Com Adriana, sim, estaria protegida.

E no fundo, não lhe desagradava interromper o prazer que a amiga poderia estar experimentando na companhia de Rocha. O medo era mais forte e justificava tudo, até isso. Era unir o pânico ao agradável. Mas isso, Renata não queria admitir. Tomou uma decisão: trancar a porta.

Quem atendeu a campainha foi Vivian, que abriu a janela da frente sem tomar qualquer precaução:

- Oi.

- A Renata está? - Maurício enfiou a cara janela adentro.

- Deve estar no quarto dela. Espera um pouco. Saiu de seu quarto e destrancou a porta da frente. Maurício recuou intimidado ao chegar perto das olheiras de Vivian. Tentou fixar seu olhar no dela, mas ela tinha os olhos baços, o rosto macerado.

E não parecia se importar com o horror que ele pudesse estar experimentando ao vê-la.

- Você conhece o caminho – ela disse com indiferença.

Pensou primeiro em fingir que não estava. Mas como, com a televisão ligada e fazendo barulho? Se desse um grito pedindo socorro, talvez alguém viesse em seu auxílio. O mais certo, porém, é que o tarado (pois a essa altura Renata associava meu crime a todas as demais taras do

mundo, em particular, as sexuais) perdesse a cabeça e, antes de chegar socorro, a agredisse. Por fim, bem poderia ser Adriana, querendo pedir alguma coisa emprestada ou reclamar de algo que esquecera.

- Quem é? – respondeu às batidas na porta timidamente.

- Eu – respondeu a voz do outro lado.

- Eu quem? – perguntou apavorada.

- Eu, quem mais?! – respondeu Mauricio do outro lado.

Renata abriu uma fresta da porta, ainda desconfiada.

- Espera um minuto.

Bateu a porta na cara de Maurício. Ele puxou um cigarro do bolso e levou até a boca. Ela reapareceu um instante depois, vestindo um penhoar.

- Que que foi?

- Meu isqueiro.

- Que isqueiro?

- O isqueiro. O da minha mãe. – Maurício tirou o cigarro da boca e agitou-o na mão.

- Sei. Que é que tem?

Maurício fechou o cigarro dentro da mão em forma de punho e apoiou-se numa mesa, tentando conter a raiva.

- Não vem se fazer de inocente comigo, garota. Você pegou meu isqueiro pra me obrigar a voltar aqui. Acha que eu tenho cara de otário?

- Claro que não – nessa altura ela já preferia que eu tivesse chegado, e não Maurício.

- Então vai devolvendo o isqueiro.

- Que isqueiro meu Deu?

Maurício esmurrou a mesa e apertou os dentes.

- Lembra que você acendeu um cigarro no carro?

- Hum, hum

- Então. Foi o último cigarro que a gente acendeu.

Ela colocou as mãos nas cadeiras.

- Ué, foi você que acendeu pra mim.

- Não fui eu, não. Você pegou o isqueiro no painel do carro e acendeu o cigarro.

202

- Você já procurou no restaurante?

- No restaurante, no carro, revirei minha roupa. Isso só pode ser tramóia tua.

- Ah, é? Então é isso que você pensa de mim?

- Claro que é.

- Pois então pode revirar as minhas coisas e ver se encontra.

- Com licença.

Maurício foi até a bolsa, abriu-a e virou todo o conteúdo sobre a cama. Espalhou as coisas com as mãos até descobrir, no meio delas, o isqueiro-presente-de-mamãe, que elevou triunfante. Depois, lembrou-se do cigarro, acendeu-o e aspirou a fumaça com satisfação. Renata apagou a televisão e só então Maurício se deu conta de

que havia outro ruído no quarto além do produzido pela discussão entre os dois.

- Já estava quase na Penha quando dei pela falta – falou aliviado.

- Desculpa. Eu juro que não tinha percebido – Renata pegou um pires no armário e levou até ele. – Põe a cinza aqui.

Maurício agradeceu com um gesto de cabeça. Ela sentou ao seu lado. O penhoar se entreabriu, mostrando as pernas de Renata. Elas lhe pareceram mais atraentes agora, aparecendo sem querer. Não pôde evitar olhá-las. Renata percebeu e se ajeitou, fechando a fenda com um gesto.

- Você podia ter comprado uma caixa de fósforos. Eu te devolvia amanhã.

Ele sorriu:

- Acho que eu fumo por causa desse isqueiro.

Voltou a olhar de relance para as pernas de Renata, que agora estavam cobertas.

- Desculpe – falou conciliatório -, acho que você não fez por querer.

- Claro que não! – Renata levantou-se indignada.

- Sei lá. Você é cheia de truques – jogou a cinza no pires.

Os dois ficaram em silêncio por um instante. Maurício mantinha a cabeça voltada na direção do prato. Não queria voltar-se na direção de Renata e se sentir tentado a olhar outra vez para

as pernas dela, na esperança de que o penhoar tivesse se aberto.

- Deixa só acabar esse cigarro eu já vou indo.

Renata coçou a cabeça.

- Eu ia te pedir uma coisa, mas não queria te grilar...

- O que é? Maurício perguntou, já aflito.

- Se você podia ficar aqui, hoje.

Maurício apertou o cigarro contra o pires com raiva:

- Ah, não! Essa não! Então você bolou tudo outra vez?

- Não bolei nada.

- Claro que foi.

- Não foi! – ela ergueu a voz. Depois fez uma pausa:

- Se quiser, pergunta pra Adriana. Eu disse que já acabei com você. É que eu estou com medo.

- Essa é boa. Medo do quê?

- Lembra aquele amigo da Sofia que estava aqui outro dia? Um meio esquisito...

- E daí? - Foi preso.

- Parabéns. Não me admira. E do que você está com medo?

- Ele foi solto.

- Olha, gatinha, me desculpe, mas essa de hoje foi fraca. Com licença que eu acordo cedo amanhã. Se ele aparecer você tranca a porta do quarto bem trancadinha e pronto. Tchau.

Saiu batendo a porta e chegou até a entrada

com passos largos. Destravou a tranca. Ficou imóvel durante algum tempo. Fez meia-volta em seguida e voltou até o quarto de Renata. Ela virou-se assustada, quando ele entrou. Estava sem o penhoar e, só com uma camiseta e calcinha sobre o corpo, pareceu a Maurício muito, muito bonita. Não pôde evitar olhá-la de alto a baixo, detendo-se por um segundo nos seios, que essa roupa tornava salientes.

- Acho melhor você fechar a porta da frente – disse, refazendo-se.

Ela concordou com um gesto de cabeça e começou a vestir o penhoar.

- Escuta, não precisa vestir nada. Vem logo fechar a porta, vai. Eu já vi mulher pelada, antes. Aliás, muito mais pelada que você.

- Você não se incomoda nada comigo, não é? – ela perguntou ressentida.

- Nadinha. E só estou te avisando... Se quiser deixar a porta aberta, por mim tudo bem – encostou-se ao batente, com impaciência.

Renata amarrou o cinto do penhoar e tirou os cabelos da testa com um movimento brusco de cabeça.

- Vamos.

Maurício não se mexeu. Permaneceu boquiaberto.

- Ei... Você está com lágrimas nos olhos.

- Deve ser porque eu estou chorando.

Esfregou os olhos com a mão e caminhou até ele.

- Vamos? – Chorando por quê?

- Bobagem.

Evitou olhá-lo, ou porque seus olhos a mostrariam frágil, ou porque já estava frágil o bastante e era assim mesmo que queria ser vista.

- Está tudo bem? – perguntou Maurício, mudando o tom.

Ela balançou a cabeça: sim.

- Quer que eu fique mais um pouco?

Balançou a cabeça: não.

E levou a mão ao peito de Maurício, empurrando-o para fora.

- Vai. Não quero mais atrapalhar a tua vida.

- Você não está atrapalhando... – balbuciou.

- Eu é que tenho esse jeito... meio estouradão...

206 Ela retirou a mão e ergueu a cabeça. Não sabia o que pensar, mas tinha muito que pensar. Sentira confiança em Maurício, ainda que ele não lhe desse qualquer motivo para isso. Correrá atrás dele todos esses dias apenas porque lhe pareceu um tipo suficientemente ingênuo para participar de sua história. Mas gostou quando ele viu suas pernas. E quando, ao voltar, inesperadamente, ele a surpreendeu sem o penhoar. Gostou, por fim, quando, com um gesto irrefletido, encostou a mão em seu peito, menos para empurrá-lo do que para saber o que sentiria. Ele podia ser um canalha, certamente era – e ao menos sua maneira de pensar sobre os homens não mudara – mas se ele agora tivesse o

atreuimento de beijá-la, não reagiria. Não tomaria a iniciativa – embora atirasse o corpo quase imperceptivelmente à frente, mas também não fugiria. Sentia-se incapaz de recuar, como antes, de voltar para o casulo, e isso é o que dizia com os olhos que não despregava de Maurício, ao mesmo tempo em que torcia para que ele, intimidado, recuasse.

Maurício segurou-a pelos quadris e no instante seguinte tomou conta de sua boca, encostando-lhe os lábios fortemente, e depois introduzindo com delicadeza a língua dentro dela, penetrando a boca, o corpo, a pele. Renata já não era mais dela e pensou que talvez já nem fosse ela: seria o que ele quisesse, como ele quisesse.

11. O Inimigo Público

Os temores de Renata a meu respeito não eram, devo dizer, completamente infundados. Ao sair da delegacia me sentia humilhado demais pela intervenção de Wanderley Leal, arrasado pelos dias estafantes que me proporcionara o delegado Parenti, aviltado por confissões que implicavam até mesmo clientes como co-autores de meus crimes. Me arrependia dos momentos em que abrira a boca para Parenti me deixar sossegado por algumas horas. A delação, contudo, só revigorava sua convicção de que sempre existe um crime a mais para ser confessado.

De resto, a vaidade de Parenti associada à crença de que o estudo é, em si, um crime, o fizeram anunciar a alguns jornalistas meu grau de instrução, provocando um alarde desproporcional em torno de minha modesta ficha criminal. Ao deixar a delegacia, estava igualmente irritado com a pequena multidão de repórteres que se viam no direito de jogar luzes no meu rosto e enfiar microfones na minha boca, fazendo perguntas idiotas. Meu caso, que num primeiro momento não interessou senão aos noticiários sensacionalistas, ganhara novas dimensões: o paradoxo entre crime e saber – embora já muito explorado – se atualizava e eu passara a interessar à imprensa séria, à televisão, ao rádio, ao diabo enfim.

Uma revista de grande tiragem deu-se ao trabalho de inspecionar meu desempenho escolar que - por gentileza e conveniência - lhe pareceu bastante satisfatório, a ponto de terem dado o título boçal de "Um gênio no crime".

Soube desses fatos através de Leal, após termos deixado a delegacia às pressas, ao fim do lamentável flash que Renata presenciara e durante o qual usei alguns palavrões para me ver livre do desagradável confronto.

Saímos apressadamente no carro de Leal, que durante a viagem mostrou a revista que me qualificava de "gênio".

- Não sei por que gênio - comentou sem disfarçar a inveja.

- Nem eu - respondi para encerrar o assunto. E atirei a revista no banco traseiro, com um pouco de orgulho.

Meu infortúnio infelizmente não terminou aí. Durante toda a viagem, Leal tentou me convencer da necessidade de manter boas relações com a imprensa e de explicar a eles que o caso fora inflado de modo artificial. Uma conversa melosa que ouvi sem dizer nada: não havia por que me explicar. Ou antes, tinha perdido o fio da meada e já nem sabia a que atribuir a série de decisões que me levaram à maior parte dos atos, criminosos ou não, que pratiquei.

Ao chegarmos ao apartamento, encontrei sentado no sofá da sala um sujeito moreno e circunspeto que Leal me apresentou como sendo “o grande repórter fulano de tal”. Virei para Leal e soltei um palavrão. Ele correu até o bar e pegou uma garrafa de uísque.

- Você está nervoso – disse servindo uma dose. – É importante que você conte o que passou na delegacia. Que se explique. É bom para a nossa causa.

- Enfia a nossa causa no rabo.

- Você é mesmo uma besta quadrada – e me estendeu raivoso o copo com bebida.

O repórter tinha cruzado as pernas e aberto os braços, apoiando-se na guarda do sofá. Mantinha-se imóvel, com um ligeiro sorriso nos lábios. Tinha sido esperto o bastante para evitar o corre-corre na delegacia, arranjando com Leal uma entrevista exclusiva. Agora, percebia muito bem que não ia arrancar matéria alguma, exceto do arranca-rabo que eu estava tendo com o advogado. Seja como for, eu intuía que Leal havia negociado a entrevista em troca da publicação de seu nome nos jornais. Essa era a “nossa causa” a que se referia.

Larguei o copo sobre a televisão e me dirigi ao repórter.

- Se você quer escrever alguma coisa – disse, escreva que o meu advogado é um picareta.

- Disso eu sei – falou o repórter quase sem me-

xer a boca. Leal deu um salto do outro lado da sala, furioso:

- O quê? Agora está querendo me difamar?

Caminhou na minha direção com o punho fechado. O repórter se levantou com inesperada agilidade – eu supunha que nunca fosse mover-se – e colocou-se entre nós dois pedindo calma. Leal recuou alguns passos.

- Eu sei por que você não me suporta - disse acendendo um cigarro.

- É por isso mesmo - falei, voltando-me para o repórter famoso:

- Me empresta uns mil?

212

Estava tonto demais para sair vagando por aí e deprimido demais para encarar meu apartamento. Tomei o táxi e pedi que me deixasse em frente à casa das meninas. A luz estava acesa no quarto de Sofia e o carro de Maurício estacionado à porta.

Durante meu infortúnio, pensava continuamente que meu único interesse era estar na rua e partilhar o leito de Sofia. Agora, temia descobri-la com outro homem. Andava de um lado para outro, olhando de tempos em tempos para a janela, verificando se o fio de luz crescia ou se apagava de vez.

Ela estava com alguém – idéia que coloquei na cabeça desde o primeiro instante e para a qual procurava sinais confirmatórios em qualquer

coisa, como o fato de a veneziana permanecer fechada. Restava saber de que maneira as coisas evoluiriam. Se tivesse coragem de bater à porta, talvez interrompesse a festa ainda em suas preliminares. A idéia me satisfazia. Ao mesmo tempo, me aterrorizava pensar – e isso me perseguira no passado durante alguns anos – que o próximo homem poderia ser o que ela procurava (a idéia de que procurava alguém, devo admitir, eu é que lhe atribuía), e que liquidaria definitivamente com minhas esperanças.

Por outro lado, os terrores que invadem a quem ama podem ser tão infundados quanto infinitos. Talvez existam para alimentar o terror maior que consiste em estar sob o domínio do ser amado. Bater na porta seria interromper um possível encontro amoroso e incorrer no desprezo e na ira de Sofia. Significaria perder em definitivo até mesmo a distante amizade que me concedia: essa beirada de afeto que, se não poderia nunca me contentar, neste preciso momento, ao menos me dava vida.

Eu não bateria na porta e, para essa decisão puramente negativa, inventava qualquer desculpa: desde a hora imprópria até o horror que causaria nas outras moças. Nenhuma explicação me fazia sentir menos covarde.

Minha audácia tão presente em atos a que não dava importância, se recolhia face ao objeto de

meu desejo: eu nunca teria coragem de entrar. A noite estava quente. Sentei junto a uma árvore e fiquei olhando para a casa. A luz no quarto de Vivian também permanecia acesa, mas isso não me importava.

Seriam umas duas horas da manhã quando Sofia desligou a luz. Alguns minutos depois, percebi o vulto de Vivian se movendo. Colocou uma música fúnebre na vitrola e saiu. Dois minutos depois, entrou e fechou a porta. Apagou a luz do teto e acendeu uma outra, muito fraca, que iluminava apenas um ponto do cômodo.

Sua inconstância me trouxe a certeza de que se tratava de uma vela. Não dei importância: era uma maluquice como outra qualquer de Vivian. Um costume aprendido em alguma tribo de índios ou vila da periferia que andara pesquisando. Mais do que observar, ela costumava assimilar os hábitos culturais que estudava, de modo que seu comportamento tinha se tornado uma coletânea de achados e perdidos culturais organizados conforme suas conveniências e compondo uma forma particular de sincretismo. Nada lhe restara do judaísmo, exceto a certeza da errância, a sensação de estar pisando um solo sempre estrangeiro e hostil.

Adormeci encostado na árvore. Quando despertei, o sol já estava aparecendo, o dia tinha a cor violenta da primeira aurora.

Acordei estonteado pela luz, confundindo o tri-

nado dos passarinhos e os latidos dos cachorros das redondezas com os sons informes emitidos por uma mulher. A regularidade dos sons, entre os quais podia-se adivinhar uma respiração intensa, me fez pensar em Sofia. Pior, em Sofia gozando apaixonadamente e confirmando todos os meus temores. A voz de mulher se alterava com o som abafado vindo menos da boca do que dos pulmões de um homem.

Aos poucos, os grunhidos pareciam transformar-se em monossílabos, como se a pessoa estivesse aprendendo a sonoridade das palavras, seu canto, e da repetição desse canto começasse a descobrir-lhes o sentido. Os ruídos eram acompanhados por pancadas secas, semelhantes a atabaques que dessem ritmo a essa cantoria atroz.

- Canalha! – disse uma voz de mulher, assim que cessaram as pancadas.

Não sei dizer quanto tempo levou essa evolução do grunhido à fala. Alguns segundos, seguramente, que a urgência em decodificar sua natureza e origem me levaram a crer longuíssimos. A voz, no entanto, embora alterada pela emoção, era nitidamente de Vivian. Levantei-me apressado e, após uma inútil e despropositada tentativa de abrir a veneziana, quebrei com um soco o vidro da porta de entrada e destranquei-a. Vivian continuou repetindo a mesma palavra – “canalha” - durante algum tempo.

Não cheguei a tempo de impedir o crime. O corpo do professor Messias Rocha da Silva estava inerte no chão, virado de bruços, com a cabeça voltada para a saída e os olhos ainda abertos. Vivian permanecia imóvel, ajoelhada sobre o corpo do homem e segurando uma faca de cozinha. Respirava com a boca aberta e aparente dificuldade, como se lhe faltasse fôlego.

Não era uma cena bonita, tanto mais que o sangue de Rocha se espalhava por suas roupas, atingia os cabelos de Vivian, escorria pelo chão e estava borrifado por pelo menos duas paredes do quarto. Meu primeiro (e estúpido) pensamento foi que daria muito trabalho para limpar a sanguieira. Não sei, até hoje, explicar porque essa idéia me ocorreu.

216

Logo em seguida, percebi que uma vela acesa por Vivian (e ela havia, aparentemente, consumido várias naquela noite) tinha caído da mesa em que se encontrava e atingido as cobertas, que começavam a pegar fogo. Dei um pulo naquela direção e consegui abafar o fogo, um pouco com as minhas mãos, um pouco usando peças de roupa e as partes da cobertura ainda não atingidas. Quando terminei, ergui o rosto e dei com Renata e Maurício, boquiabertos junto à porta. Percebi então que minha mão sangrava. Dava para escutar o ruído de Adriana descendo as escadas de dois em dois degraus. Maurício tentou segurá-la e impedir que visse a cena, sem

êxito. Ela abriu caminho sentindo a catástrofe. Ao deparar com os corpos de Vivian e Messias imóveis no meio da sangueira, levou as mãos à cabeça e começou a andar de um lado para outro, recitando a mesma frase:

- O que eu fui fazer... O que eu fui fazer...

Sofia desceu por último. Tinha a expressão assustada e deslocava-se vagarosamente pela escada, como alguém que evitasse chegar à cena que temia encontrar. Abriu os braços para acolher Adriana, ao chegar, mas esta a evitou com um gesto brusco.

Fora, o dia amanhecia azul. Completamente azul.

Maurício tomou as providências. Às 10 horas da manhã o japonês do Instituto Médico Legal autorizou a remoção do corpo de Rocha para o necrotério. Nenhum de nós sabia o endereço de algum parente a quem comunicar o ocorrido. Sofia sugeriu que o corpo deveria ficar na geladeira do IML, até amanhã, quando ela mesma se encarregaria de ligar para a universidade onde Rocha trabalhava.

- Depois eles se viram.

Ninguém se opôs à idéia.

Com Vivian as coisas foram mais complicadas, em certo sentido mais simples. Estávamos todos aliviados por não ter se suicidado e nem mesmo feito qualquer tentativa.

Colocou-se em um canto do quarto e não falou mais até que chegasse a ambulância solicitada pelos policiais, a não ser quando pediu a Sofia que lhe trouxesse um café.

Assim que chegou a ambulância, o médico ordenou aos dois PMs que a vigiavam que se afastassem. O enfermeiro e o chofer da ambulância a seguraram pelos dois braços, enquanto o médico preparou sua veia para dar uma injeção de sedativos. Apenas aí Vivian se agitou.

- Calma – contemporizou o médico. – Você vai se sentir melhor.

Ela não demorou muito em transitar do torpor ao sono, apenas o tempo do médico prescrever uma pílula calmante para Adriana.

218 Ele ordenou que o corpo fosse colocado na maca.

- Ela está em estado de choque – explicou o doutor sem que ninguém perguntasse nada. Todos se entreolharam, espantados com a evidência da explicação. O médico olhou um a um, supondo que nossa reação a suas palavras fosse de admiração e não de perplexidade.

- É melhor para ela – completou dando-nos as costas com um ar compungidamente profissional.

A ambulância ainda era visível – sirenes tocando a toda – quando vimos Rubinho, calção de banho embaixo do braço, destacar-se da pequena multidão que se formara diante da casa.

- Ei, que que houve? – perguntou a Sofia.
Sofia continuou seguindo a ambulância sem lhe dar atenção. Adriana enterrou-se nos braços do rapaz e encostou a cabeça em seu ombro. Não chorava. Não falava. E ele não estava entendendo nada.

Prefácio do Fim

A justiça foi branda; condenou-se a apenas quatro anos de cadeia, em vários processos por estelionato e por lesar a boa fé pública. Cumpri três meses e doze dias. Acredito que, com bom comportamento e alguns recursos legais, dentro de mais três ou quatro meses esteja solto. Sofia tem me visitado regularmente. Contou que Renata e Maurício namoravam firme quando alguém descobriu que ele tinha engravidado uma colega do banco e, apertado por todos os lados, precisou casar apressadamente. Mas continua a encontrar Renata com regularidade.

219

Adriana reatou com Rubinho, ainda sob efeito dos últimos acontecimentos, mas quinze dias depois começou a sair com um brasileiro que conheceu no Pirandello. Nos últimos tempos, parecia bastante angustiada. O brasileiro estava para voltar aos Estados Unidos e começava, discretamente, a desembaraçar-se dela. Adriana pensava em reatar com Rubinho.

Leal, meu diligente advogado, está noivo. A moça tem pele alva, maneiras delicadas, nariz um pouco adunco, mas gracioso, é filha de um diretor de banco. Sofia esteve no Consulado de Israel e conseguiu comunicar-se com os pais de Vivian. O cônsul prometeu empenhar-se para que ela seja defendida por um bom advogado. Após o julgamento - e os júris costumam ser compreensivos nesses casos - seria providenciada uma passagem para que ela encontre os familiares.

A república desmanchou-se, embora nenhuma decisão tenha sido tomada nesse sentido. Renata, primeiro, depois Adriana manifestaram o desejo de mudar-se. Sofia, que teve um aborto espontâneo dois dias após a morte de Rocha, alugou um quarto em uma pensão, onde o barulho da guitarra de um vizinho não permite que se concentre nos estudos. Na última vez que me visitou parecia abatida.

- Ainda está a fim de mim? - perguntou.

- Por quê?

Ela franziu a testa e acendeu um cigarro:

- Depois que você sair, a gente podia ir viver em Xavantina.

Eu ri. Diz uma lenda que aquele lugar será preservado quando a guerra vier. Tenho minhas dúvidas. Sofia, além do mais sempre me pareceu alguém que esperava por uma guerra, uma convulsão.

- Você naquele fim de mundo? Não consigo imaginar.

Apagou o cigarro com um gesto brusco e abaixou o olhar.

Meu companheiro de cela, um jogador que quebrou a cabeça do adversário com um taco de sinuca, é entusiasta da idéia. Acha que abandonar a civilização é uma boa, permite reencontrar um homem natural que julga perdido nas grandes cidades. Seu raciocínio não me comove. Na cadeia, estamos isolados da compreensão do mundo, tendemos a organizar nossos pensamentos a partir de um ponto de vista limitado.

Disse-lhe isso apontando uma das paredes de nossa cela.

Ao entardecer, o sol bate e se estilhaça de encontro às barras da pequena jaula. Por um momento, a luz intensa torna mais claro o marrom da parede. Se estivéssemos fora, poderíamos ter a ilusão de que o pôr-do-sol é um espetáculo que existe para nós.

Aqui, nem mesmo a fantasia de que esta força se encontra sob nosso controle podemos alimentar. A paisagem à nossa frente – diante da qual permanecemos em silêncio todos os dias, até que se desfaça – nós a contemplamos perfeitamente cientes de que está fora de nosso alcance. Ela

mostra, mais que tudo, a impossibilidade de, aqui de dentro, compreender qualquer coisa. Esse pôr-do-sol incompleto, evanescente, disse-lhe eu um dia, lembrava a ociosidade de discussões que levávamos adiante apenas para tornar suportáveis os dias infinitos na cadeia.

- Não sei. Talvez eles botem a gente aqui para pensar, para compreender porque agiu errado – ele disse.

- Eu não penso em porra nenhuma – respondi irado.

- Nem na tua dona?

- Não.

- Você é um bosta, mesmo – comentou sem esconder o desprezo - Não faz quase vinte anos que está a fim dela? Agora que ela quer, você não quer. Um bosta do seu tipo não devia existir.

Esmagou uma barata que andava pela parede e, inadvertidamente, entrou na faixa iluminada pelo sol.

- Faz três noites que essa filha da puta passeia pelo meu corpo.

- Tem mais cem como ela por aqui.

Não meu deu atenção. Olhava com fascínio para a barata morta.

- Você vai com a dona, afinal?

- Vou.

Durante meu julgamento, Wanderley Leal sustentou com a desfaçatez habitual que a série

de delitos que eu praticara era decorrente de uma forma particular de insânia e que o mais justo seria as autoridades me entregarem a familiares que se ocupassem de me dar atendimento psiquiátrico. O juiz preferiu me remeter para trás das grades sem dar atenção ao argumento. Com efeito, não me vejo mais insano do que ninguém, Adriana ou Renata, Sofia ou o juiz, Leal ou Parenti. Vistos daqui, esses personagens com sonhos e funções tão diferentes parecem enormemente semelhantes; seja como for, seus desejos raramente encontram seus destinos. Por que eu deveria ser diferente? Se a existência é tão possível quanto a não existência, se mesmo eu sou apenas o sonho de um outro – que não conheço, que podem ser muitos – esta vida que passei à espera de Sofia confunde-se com outra, agora possível em que estejamos juntos. Ao sair daqui, seguirei Sofia para o fim do mundo. Estar longe, e fora, e excluído, tem sido meu persistente pesadelo. A ele permaneceré fiel.

Casa de Meninas

Roteiro Cinematográfico

Inácio Araújo

*Para João César de Oliveira Costa
(em memória)*

Para Francisco Inácio.

Personagens:

SOFIA - Pós-graduanda em Filosofia, cerca de 30 anos. Personalidade forte, envolvente, inteligente. Esteve envolvida no passado com política, atualmente se mostra bastante cética em relação a este tipo de atuação. Cleptomaniaca, passa boa parte de seu tempo roubando boutiques finas. Afetivamente instável.

ADRIANA - Estudante de Psicologia (experimental), vinte e poucos anos. Ainda imatura, vive as questões políticas de forma mitológica (ao inverso de Sofia) e acredita desmesuradamente na ação. Lê muito. Namora Rubinho, romance em crise no momento em que se desencadeia a ação.

229

MAURÍCIO - 28 anos, uma promissora carreira como burocrata do setor bancário. Deixa-se enredar por Sofia - mulher muito mais inteligente do que ele - e sofre, pelo seu convencionalismo, uma série de humilhações impostas por Sofia. Homem comum, distingue-se bastante dos demais personagens que freqüentam a casa.

RENATA - Cerca de 20 anos, problemática: aproxima-se com dificuldade das outras moças (só tem ligação maior com Adriana). É quase

impossível seu relacionamento com os homens, a quem teme. Para escapar da “marcação” de suas companheiras de república, simula um romance com Maurício.

MARINA - Cerca de 30 anos, um pouco mais. Temperamento oposto ao de Sofia: é fechada e misteriosa. Prepara tese em Antropologia, mas seu grande problema é estar desempregada, à espera de trabalho como professora universitária. Teve um namorado morto em circunstâncias misteriosas. Muito apegada a Genilson Rocha, cuja chegada aguarda com ansiedade.

230 GENILSON ROCHA - 45 anos, professor universitário, negro. No passado teve ligações políticas que o levaram a perder o cargo e um auto-exílio. Atualmente leciona em Faculdade no Nordeste. Tem muito prestígio, é quase um mito.

LEON - Antigo estudante de Filosofia, contemporâneo de Sofia, a quem admirava e amava. Aparentemente um homem bem comportado, que teria abandonado seus princípios em troca de uma existência burguesa.

RUBINHO - Estudante de vinte e poucos anos, namorado de Adriana. Dedicar-se à poesia,

embora sem o menor talento. Maníaco por política, critica Sofia severamente, acreditando que ela renegou antigas crenças. A exemplo de Adriana, muito imaturo. Acredita saber tudo e ter todos os problemas resolvidos.

Mãe de Maurício
Vendedor de Butique
Dona de Burique
Delegado
Advogado de Leon
Pracinha da Aeronáutica
Policial 1 (Vladimir)
Policial 2 (Carvalho)

1. SÃO PAULO - BAIRRO DE PINHEIROS / DIA

Algumas cenas da cidade de São Paulo, em particular do bairro de Pinheiros. Imagens das grandes ruas comerciais, o movimento de pessoas, o mercado.

Os prédios - a seqüência de prédios vistos em profundidade - a agitação das ruas comerciais; os edifícios comerciais, tomados por enormes cartazes, anunciando o nome das firmas; as lojas de móveis, atulhadas de produtos de gosto duvidoso, tão duvidoso quanto os luminosos que anunciam seus nomes.

Os outdoors publicitários ajudando a compor essa paisagem de mau gosto, mas não desprovida de encanto.

Um travelling pela Rua Teodoro Sampaio, principal corredor comercial do bairro. Os prédios de apartamentos e seus habitantes; os colégios e os colegiais. Sobretudo, a luz de São Paulo em dia de claridade. A poluição; o ar enevoado; canos de escapamento de ônibus; duas ou três imagens de edifícios vistos em contra-plongée.

Essas imagens devem se articular com as dos letreiros por uma espécie de choque. Enquanto os letreiros dão conta de uma vibração que está nas ruas, aqui a seqüência de vida parece normal, como se se tratasse de dois universos autônomos.

O último dos planos de rua é uma panorâmica que desce de um edifício e vem encontrar, em plano aproximado, uma exuberante jovem: Sofia. Ela tem cerca de 30 anos, e não se veste como estudante. Aliás, destoa da enorme maioria da população, prima pelo bom gosto. Paradoxalmente, isso torna sua imagem demasiado marcante. Usa roupas elegantes e uma bela capa sobre elas. Tem uma grande bolsa consigo.

Corta para frente de uma boutique. Sofia entra no enquadramento, detém-se, observa a vitrine, entra.

2. BUTIQUE 1 / INTERIOR / DIA

Na cabine onde se experimenta roupas, Sofia está cercada de vestidos. Fuma cigarrilha, o que a faz mais extravagante. Escolhendo um dos vestidos, coloca sua mão dentro dele afim de localizar o lacre magnético usado para impedir roubos. Encontra-o. Detalhe do lacre sendo arrancado por Sofia.

Ela o deposita cuidadosamente num cinzeiro de pé alto. Ainda assim, não consegue evitar um pequeno ruído ao contato do lacre com o metal do cinzeiro.

Olha para fora, visivelmente tensa e, sem mais esperar, coloca o vestido sob o braço, por dentro da capa que está vestindo. Recolhe os demais vestidos e sai da cabine.

Fora da cabine, a Vendedora espera por Sofia. Ela sai, trazendo os outros vestidos. Encontra-se com Vendedora, e, imediatamente, entrega os vestidos. Parece transfigurada: segura e plenamente confiante. Sorri para Vendedora, despachando-a.

SOFIA

Obrigada ... Nenhum desses ficou bem em mim...

VENDEDORA (gentil)

Na semana que vem chegam outros modelos. Sofia desvia-se da vendedora que está à sua frente.

SOFIA (preparando a retirada)

Eu volto...

Sofia dá alguns passos em direção à porta, mas logo é alcançada por Vendedora, que a retém pelo braço com sobriedade. Sofia se volta rapidamente, surpresa, com um amplo gesto de cabeça. Plano de Vendedora, que sorri amarelo.

VENDEDORA (olho na bolsa de Sofia)

Moça ...

SOFIA (fingindo segurança)

Algum problema ?

Vendedora dá a impressão de ficar apreensiva, mas logo volta a sorrir.

VENDEDORA

É que o gerente deu ordens pra não deixar ninguém entrar na cabine com bolsa... Sacola...

Sofia sorri aliviada e, com movimento de rosto, faz sinal de compreender. Mais do que depressa, abre a bolsa, expondo o interior para Vendedora.

Plano da Vendedora encabulada.

Plano da bolsa aberta, a mão da Vendedora mal toca os objetos que há no interior.

Plano da Vendedora passeando os olhos ultrarápido pela bolsa, em seguida erguendo-os na direção de Sofia, ao mesmo tempo em que coloca as duas mãos no rosto, com extremo desconforto.

VENDEDORA

A senhora desculpa... É que tem tido muito roubo na loja... É tão chato fazer isso.
Sofia fecha a bolsa, sorrindo com a falta de jeito da outra.

SOFIA

É... Eu entendo...

VENDEDORA

Mas claro que não uma pessoa como a senhora... A senhora ficou muito chateada?

SOFIA (sincera)

De jeito nenhum!
Sofia fala e apressa-se em sair, abrindo a porta.

VENDEDORA

Volta na semana que vem. Segunda-feira já deve chegar os modelos da nova coleção...

SOFIA

Não precisa ficar nervosa, querida... Eu vou voltar!
Sofia acena para a Vendedora e ganha a rua.

3 - RUA DE PINHEIROS / EXTERIOR / DIA

Sofia caminha rapidamente por uma rua movimentada de Pinheiros, próxima à Teodoro Sampaio. Procura se afastar o mais rápido possível da boutique.

4. CASA DE CHÁ / INTERIOR / DIA

Sofia entra rapidamente na casa de chá. Pan acompanha seus movimentos até que parece se decidir por uma mesa, ali colocando suas coisas (ela cuida para que seja um local pouco freqüentado). Pan prossegue, até encontrar Leon em primeiro plano. Percebe-se que olha com atenção para Sofia.

Em off, ouve-se voz de garçon.

GARÇON (off)

Pois não...

Corte para a mesa, onde Sofia está sendo atendida por garçon. Ponto de vista de Leon.

236

SOFIA

Traz uma vodka e um bolo de chocolate.

GARÇON

A vodka... Com gelo?

SOFIA

Pura...

Ela termina de se acomodar durante a ação. Olha discretamente para os lados. Sente-se segura.

Plano quase frontal de Sofia. Ela abre a grande bolsa e tira de lá um livro de Filosofia, O Ser e o Nada, colocando-o sobre a mesa. Olha novamente para os lados, tem uma maneira escorregadia de olhar, como que se certificando

de que ninguém a observa. Em seguida abaixa o olhar, levanta ligeiramente um dos braços e, com a outra mão, tira o vestido roubado que estava sob a capa. A princípio, lentamente. Depois, com um gesto repentino, enfia-o na bolsa. Nesse exato momento, uma mão masculina lhe toca o ombro. Ela se volta, sobressaltada. Junto a ela, de pé, está Leon. Ele tem cerca de 35 anos, bem vestido (terno e gravata) aparência agradável. Ele a encara, sorrindo.

LEON

Lembra de mim?

Sofia desmonta. Leva a mão à cabeça e volta-se para frente.

Leon acompanha seu movimento e vai se postar à frente de Sofia.

SOFIA

Putz... Que susto!

LEON (Já sentado)

Posso sentar?

SOFIA (dando de ombros e gesticulando)

Tá...

LEON

Ainda não lembrou de mim? (ele aponta o livro que ela colocou sobre a mesa) Estudamos juntos... Na Filosofia...

Ela olha aturdida, sem reconhecer.

LEON (abrindo os braços)

Não é possível... O Leon...

SOFIA (rindo ao ouvir o nome e recordando)
Evaristo Ponce de Leon... Como é que eu pude esquecer! Mudou a cara, não mudou o olhar!
Garçon aparece com a bebida e o bolo

SOFIA

Louco de pedra... Especialidade: Schoppenhauer.
Leon aponta a bebida que Garçon acaba de pôr na mesa e pergunta.

LEON

Que que é isso ?

GARÇON

238 Vodka

LEON (decidido)

Me traz uma laranjada!
Garçon sai. Sofia reinicia o papo.

SOFIA

Você vivia citando uma frase... Como é que era?

LEON (rememora com alegria)

A não existência do mundo é tão possível como sua existência.

SOFIA (entre um gole e outro estuda-o)
Você tá com a cara diferente...
Leon passa as mãos pelo rosto.

LEON

Tirei a barba...

SOFIA

Ficou melhor assim...

LEON

Você continuou na Faculdade?

SOFIA

Tou na pós-graduação...

LEON

Eu não tive saco... Ninguém ensina os outros a pensar... Depois, meu negócio sempre foi experimentar... Cair na vida...

O Garçon traz a laranjada pedida. Sofia, que está terminando de tomar a vodka, entrega o copo.

239

SOFIA

Traz outra.

O Garçon faz uma mesura e sai. Sofia volta-se para Leon e emenda.

SOFIA

Desgosto...

LEON (apontando para o copo)

Você já bebia assim?

SOFIA (faz gesto negativo com a cabeça,
enquanto fala)

Eu era muito cu-de-ferro. (ele sorri amarelo com a expressão). E você? Virou o rei da laranjada?

Leon coloca a mão no fígado.

LEON

O fígado...

Sofia aproveita a deixa e dá um grande gole na laranja dele. Pega a mão esquerda de Leon e examina.

SOFIA

E daí?

LEON

Pois é... Casei... Separei...

Sofia solta a mão dele e vai comer um pedaço de bolo. Levanta os olhos, estudando-o.

SOFIA

240 Do que você vive, hein?

LEON (dando de ombros)

Negócios...

SOFIA

Negócios? Não tinha mais nada pra fazer com teu talento? Qual é a tua? Ficar rico?

LEON

Vou vivendo...

SOFIA

Vivendo...Vegetando e pensando que tá vivo, como qualquer babaca! Lei e ordem! Lei e ordem!

Faz um sinal de "banana" com os braços.

Leon sorri, coloca os cotovelos sobre mesa e cruza as mãos, com ar de desânimo.

LEON

Se você quiser ver as coisas assim...

SOFIA

Você era um cara provocador...

LEON

Provocante?

SOFIA (ri com ele)

Eu não achava. Anarquista demais pro meu gosto.

LEON (pensativo)

Engraçado... Eu queria te impressionar com aquele jeito...

SOFIA (olhando-o agudamente)

... Parece que as coisas viraram... (e faz um gesto, invertendo dois dedos da mão - o indicador e o polegar - 180 graus - para enfatizar o que diz e deixar claro que os dois inverteram posições)... Você todo arrumadinho e eu...

Ela parece que vai indicar a bolsa onde está o vestido roubado que Leon flagrou-a escondendo. Leon corta.

LEON

Engraçado... Você ficou muito mais bonita. Sofia ri percebendo a cantada e já um pouco embriagada.

Abaixa o corpo no banco e levanta a perna ao lado da mesa, decidida.

SOFIA

Uau !!!

LEON

'Tou falando sério... Naquele tempo eu era meio apaixonado por você, mas não te via como mulher.

Sofia apoia a cabeça no cotovelo, num gesto de desafio.

SOFIA

E agora?

242 Leon nada responde, mas olha de um modo que acredita ser sedutor. Sofia desvia o olhar dele após algum tempo e volta a beber.

SOFIA

Hoje não... Tenho que estudar... Senão vão cortar minha bolsa.

LEON (irônico)

Que bem comportada, hein ? ... Você só gostava de se meter com cara mixo... Continua igual? Sofia olha-o aborrecida e faz um gesto de "bye, bye" com a mão.

SOFIA

Leon... Me deixa sozinha, vai !

5- RUA DE PINHEIROS / EXTERIOR / DIA

Travelling acompanha Sofia e Leon, que caminham pela rua. Sofia vem com a capa no ombro, às vezes coloca um pé na guia e o outro no leito da rua. Leon vem um pouco atrás, mãos nos bolsos, caminhando de maneira displicente. Traçado irregular ao caminhar, às vezes chutando um objeto.

LEON

Sabe... Eu sempre acreditei em você... Da turma você era a única intelectual de verdade. Sofia sorri desdenhosa e faz um gesto exagerado de agradecimento.

SOFIA

243

Merci...

LEON

É sério... Os outros só faziam gênero... Sofia dá um passo na direção da rua, como quem fosse atravessá-la, e se aproxima da câmera.

SOFIA

A vida não vai me levar aonde ela quiser. Não eu. Sabe, às vezes eu pensava em você, que estava em algum outro lugar, mas que era como eu... Um companheiro... No fim...

LEON

E você acha que é você quem faz o teu destino?!

SOFIA

Eu pelo menos tento.

LEON (após uma pausa)

Uma época, eu fui morar no Mato Grosso, em Xavantina. Sem luz, sem televisão, sem jornal... Fora da civilização. Era um grupo de doze. No fim de um ano, só sobrei eu. Aí eu peguei a mochila e voltei. E, no trem, percebi que a ordem é uma coisa muito forte, muito antiga, e que eu sou muito só e muito fraco.

SOFIA (olhando-o detidamente)

Você virou um puta conformista, Leon:

LEON (sorri)

244 Pode ser. Mas se alguém quiser voltar pra Xavantina comigo... O sonho continua por lá. Diz isso enquanto pousa, quase temeroso, a mão direita no cabelo de Sofia.

SOFIA (tirando a mão dele com um gesto brusco)

Cai na real, Leon! Vai cuidar da lojinha e procura uma moça bem prendada pra fazer tua comidinha.

Passa a caminhar um pouco à frente dele, cabeça ligeiramente para baixo.

SOFIA (falando baixo)

Pena que você não é mais aquele desvairado...

LEON (sem ter escutado direito)

Como é que é?

SOFIA (parando de andar)
Esquece... Qualquer hora eu te ligo.
Sofia deixa-o parado e sai andando com rapidez.

LEON (gritando)
Ei, você não tem meu telefone.

SOFIA
Não precisa. Eu te acho.

6. REPÚBLICA / EXTERIOR E INTERIOR / ENTARDECER, QUASE NOITE.

Plano geral da fachada do sobrado, vendo-se, à distância, os quartos de Sofia (no andar superior) e Marina (no inferior), ambos iluminados. O quarto de Marina é iluminado apenas por um abajur. No de Sofia, ao contrário, a luz é clara e vem do teto. Trata-se de uma rua escura e a frente da casa é, também, pouco iluminada. Tem-se a impressão de relativo abandono. A luz do céu é mais intensa, neste momento de crepúsculo, do que da própria casa (exceto pelo quarto de Sofia). Desde o início do plano ouve-se uma música relativamente tenebrosa.

O plano se abre em geral e a câmera se aproxima lentamente do quarto do andar inferior, o de Marina: vê-se em primeiro plano, junto à janela, uma mesa de estudos. Sobre ela, além de livros e papéis, uma vitrola com um disco em movimento.

Atrás da mesa, pode-se ver a cama e algumas almofadas no chão, sobre as quais, no momento, Marina está recostada: ela tem o ar entorpecido; deduz-se que pode estar fumando um charro. Nas paredes, há ver inúmeros objetos indígenas pendurados (lanças, cocares, etc.) confrontados a alguns posters, ou bem evocando paisagens, ou bem referindo-se a direitos humanos. Marina - estudante de Antropologia - atualmente prepara tese de doutoramento - e estes objetos ela os trouxe de uma tribo do Xingu onde fez pesquisa de campo.

A câmera, após mostrar o quarto, sobe em movimento de grua até o andar superior, penetrando no quarto de Sofia.

246

7. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / ANOITECER

Diante de um espelho, Sofia experimenta o vestido que roubou na seqüência 2. O quarto é visivelmente mais modesto do que seus vestidos, embora bastante amplo. O armário é improvisado, na verdade uma arara onde se encontram penduradas as roupas. Uma estante de livros também foi improvisada (feita com tábuas e tijolos, ocupa uma das paredes inteira). Uma cama bastante simples se encontra no lado oposto à estante. Na estante pequenos quadros misturam-se a posters (um deles de Marlene Dietrich) e anotações escritas e coladas na parede com du-

rex. Tudo denota certo rigor intelectual. Na mesa, livros (alguns abertos) e pilhas de papel. Perto dos livros, sobre a mesa, junto a uma máquina de escrever, uma garrafa de vodka, colocada discretamente.

Contraste entre a futilidade do guarda-roupa (e outros utilitários femininos que se encontram em um pequeno armário colado na parede, e onde também se encontram misturados gêneros alimentícios tais como café e bolacha) e o tom austero do restante, apesar da relativa bagunça. Ouve-se o ruído de alguém batendo à porta. Sofia solta o vestido sobre a cama e vai atender. Abre a porta. Quem entra é Adriana, jovem colega de Sofia - na casa dos 20 anos - que a tudo observa com curiosidade e timidez como se nunca tivesse entrado lá dentro e não tivesse maior intimidade com Sofia.

247

SOFIA

Entra...

ADRIANA

Desculpa te incomodar... eu nem queria...

SOFIA (cortando)

Entra, deixa de coisa.

Adriana entra, a princípio parece pouco à vontade.

ADRIANA (dois ou três passos para dentro,
olhando ainda para tudo)

É que... Eu... 'Tava a fim de fazer um café, mas meu pó acabou. Dá pra emprestar um pouco? O início da frase é hesitante, sem jeito, dando a entender que se sente intimidada; mas seu gesto inequívoco: parece se sentir fascinada por Sofia e o café é um mero pretexto. Sofia nem responde, vai direto até o pequeno armário e pega um pacote de café. A câmera fica com ela.

ADRIANA (off)

'Cê 'tá escrevendo sua tese?

Sofia se volta, confirmando com a cabeça.

Plano de Adriana que, sem mexer em nada, braços cruzados, olha curiosa para a mesa de trabalho de Sofia, onde há uma máquina de escrever com papel, livros e os demais objetos descritos acima. Sofia entra em quadro com o pacote de café, que entrega a Adriana.

ADRIANA (mostrando o pacote, já em suas mãos)

Quer tomar também?

SOFIA (quase estranhando a pergunta)

Legal!

(Durante toda esta seqüência ouve-se a mesma música da seqüência 6, que pode ser *Uma Noite em Monte Calvo*).

8. COZINHA / INTERIOR / NOITE

Ouve-se outra música do mesmo autor, que pode

ser No Rol do Rei da Montanha, apenas agora o volume é mais alto.

Adriana passa o café, junto ao fogão. Sofia está sentada numa mesa da cozinha (fórmica). Ficam um tempo em silêncio.

Abruptamente, Sofia se levanta e, sem esconder a irritação, fecha a porta de passagem da cozinha para o corredor do andar térreo.

SOFIA (voltando para junto à mesa)

A outra aí bem que podia se mancar... Escutar essa música mais baixo...

ADRIANA (cortando)

Sobre o que é a tua tese?

SOFIA

Arte e Cristianismo em Nietzsche.

ADRIANA (como se não tivesse ouvido a resposta)

Engraçado... Até hoje falam de você... Do tempo em que era vice-presidente do Centro Acadêmico... Você era combativa...

Sofia dá de ombros.

Adriana acaba de passar o café; coloca-o em xícaras (fala ao mesmo tempo).

ADRIANA (apontando o açúcar)

Muito ou pouco?

SOFIA

Sem açúcar. Pra cortar o porre...

Adriana traz duas xícaras de café até a mesa. Já

fala enquanto vem em direção à mesa, onde em seguida senta-se.

ADRIANA

Desculpa... Mas eu acho esquisito... De repente você larga tudo, se esconde aqui, quase não fala com ninguém e estuda uma coisa tão fora do mundo...

SOFIA (surpresa, quase ofendida)

Fora do mundo?!

ADRIANA

Não... Quer dizer... Pode ter interesse pra você... Mas eu acho que na vida tem tanta coisa prática pra resolver.

250

SOFIA (sempre em cima, cortando)

O que, por exemplo?

ADRIANA

Sei lá... Eu faço Psicologia...

Nesse instante, no áudio, acaba a música. Sofia faz uma expressão de alívio. Adriana não se interrompe. Logo em seguida, começam sons tribais.

ADRIANA

Acho que se entender um pouco mais o que se passa ao nosso lado, com as pessoas, com a sociedade, posso dar uma contribuição pra... Sei lá... Pras coisas melhorarem... O Rubinho também acha isso...

SOFIA

Vai em frente... Se você conseguir entender essa espécie de merda, parabéns...

ADRIANA

É engraçado... Eu não te entendo... Esse teu pessimismo...

Enquanto diz isso, Adriana senta-se. Ao terminar a fala, coloca o cotovelo na mesa e o queixo sobre a mão, como quem procurasse, sinceramente, entender.

ADRIANA

Você não acha que 'tá muito conformista, não?

SOFIA

(colocando-se à altura dela e encarando-a)

Gostei do teu café.

O último plano é fechado (PP) em Sofia. O campo se abre, mostrando Sofia que sai da cozinha na direção do corredor. Um tempo depois, Adriana pega o pó de café e sai atrás dela.

251

9. CORREDOR INFERIOR / ESCADA / INTERIOR / NOITE

Adriana, andando rapidamente, alcança Sofia.

ADRIANA

Ei, esqueceu teu café.

Nesse instante estão frente ao quarto de Marina, de onde vêm os sons tribais.

Sofia volta-se e pega o pacote, que Adriana tem estendido.

ADRIANA

'Brigada...

SOFIA (seguindo caminho)

Desculpa... É que hoje eu 'tou meio de mau humor...

Acaba de dizer isso e vira-se com raiva na direção da porta de Marina.

SOFIA

Saco...

Dizendo isso, desfere forte pontapé na porta do quarto de Marina. Começa subir a escada, seguida por Adriana.

252

SOFIA

Ainda tenho que me arrumar. Vem um coiό sair comigo hoje.

As duas estão no alto da escada. Vê-se todo o corredor inferior da casa, além das escadas. De maneira que, quando elas se encontram prestes a desaparecer, é que Marina entra em quadro abrindo a porta de seu quarto, visivelmente entorpecida, com olheiras e olhando para todos os lados.

MARINA

(sem entender de onde veio o chute)

Ei, qual é, hein?

10. CORREDOR SUPERIOR / INTERIOR / NOITE

Sofia e Adriana ganham o corredor superior e chegam em frente ao quarto de Sofia.

ADRIANA

Vai ver que 'cê tem razão... Teu tempo foi melhor... As pessoas eram mais conscientes...

SOFIA

Eram um bando de babacas, pensavam que sabiam de tudo... E não sabiam de nada... Sofia fala e entra no quarto. A outra permanece na soleira.

11. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / NOITE

253

Plano aberto, dando seqüência à movimentação anterior. Sofia, enquanto fala, começa a tirar a roupa (não é o mesmo vestido da seq.1, mas algo mais confortável, de ficar em casa, tipo bata). Em seguida, veste o vestido que está sobre a cama. Adriana parece um pouco inibida com o à vontade de Sofia.

SOFIA

Ficavam o dia inteiro se culpando porque estavam vivos. Porque não estavam na cadeia. Meu Deus, que saco!

ADRIANA (sempre na soleira)

É... Foi uma geração sofrida.

SOFIA (com raiva)

Geração de babacas... Sabe o que é um bando de gente que se acha melhor que o resto do mundo?

Diz isso indo até a garrafa de vodka e, ao terminar a fala, toma um gole rápido.

ADRIANA

Pelo menos tinham esperança.

SOFIA (sentenciosa, de dedo em riste)

A esperança era a desculpa!

Só então se dá conta de que Adriana permanece parada, encostada à soleira da porta.

SOFIA

Entra...

254

Adriana entra, fechando a porta.

Sofia, já com o novo vestido, dá uma volta sobre si mesma, se exibindo para Adriana e para o espelho.

SOFIA

Que tal?

ADRIANA (se aproximando)

Legal... Meio exuberante, mas bonito...

Sofia se olha no espelho, aperta e ajeita o vestido daqui e dali. Testa um outro ponto para a barra. Adriana não se preocupa com isso. Volta a atacar.

ADRIANA

Desculpa eu te fazer a pergunta, mas ninguém entende onde você arruma dinheiro pra comprar essas roupas...

SOFIA (mostra o novo lugar da barra)
Sabe qual o ponto certo? Aqui.

ADRIANA

É... (e volta ao assunto) O Rubinho até falou que esses caras que saem com você...

SOFIA (cortando e dando mostras de que ouve a arenga)

O Rubinho é esse menino, teu namorado?

ADRIANA

É... Mas ele não tem nada a ver... Falou por falar... De bobeira...

255

SOFIA (perscrutando-a)

Ele é meio bobo, não é não?

Adriana passa a mão pelos cabelos, pouco à vontade.

SOFIA

E você? Pensa o que de mim?

ADRIANA

Nada. Sei lá. Cada um leva a vida como quer... Sofia vai até ela, levando uma escova de cabelo nas mãos, faz uma rápida carícia no rosto de Adriana.

SOFIA (baixo, porém veemente)
O seu namorado... Manda ele se foder... Em meu nome...

12. CORREDOR SUPERIOR / INTERIOR / NOITE

Plano de Rubinho que sai do banheiro, vestindo apenas calça e trazendo um jornal nas mãos. Ouve-se ruído de descarga que acabou de ser puxada. Rubinho caminha na direção do quarto de Adriana. Quando está junto ao batente da porta, vê Adriana saindo do quarto de Sofia. Pan. até Adriana que vem na direção de seu quarto. Rubinho encosta-se na parede, com ar insatisfeito.

256

RUBINHO

Qual é? Me esqueceu aqui?

ADRIANA

'Tava falando com a Sofia.

RUBINHO (desconfiado)

Hum. Falando o quê?

ADRIANA

Ai Rubinho pára de pegar no meu pé.
Diz isso e, resoluta abre caminho na direção de seu quarto, entrando.

13. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

O quarto de Adriana é mais organizado que o de Sofia. Armários, livros e cadernos encontram-se dispostos com mais harmonia. O arranjo é, no geral mais feminino, permitindo-se a presença de alguma planta ou flor. Colorido delicado, pouco chocante, tanto nas cores dos móveis quanto nos quadros e posters da parede. Chama a atenção, em uma das paredes, a presença de um pôster com a foto da própria Adriana. No chão, em um canto, uma balança para controlar o peso. Ela não tem cama, propriamente, mas um colchão ortopédico colocado sobre um tatame.

A ação se abre com Adriana entrando em seu quarto, e seguindo até o armário. Rubinho a segue, prosseguindo a ação da seqüência anterior.

257

RUBINHO

Não é pegar no pé. Não quero é ver você de amizade com a bandidona aí do lado...

ADRIANA

Ah, vai Rubinho... 'Cê nem conhece ela (emen-da, antes que ele possa responder, enquanto escolhe roupa para vestir) Que que nós vamos fazer hoje ?

RUBINHO (aponta a cama)

Vamos ficar aqui.

Rubinho vai até ela, tenta abraçá-la. Ela se livra e volta-se para ele.

ADRIANA

Pô, eu não 'tou a fim, Rubens... Vamos sair... Pegar um teatro... 'Tá passando uma peça do Brecht...

Rubinho se conforma com a rejeição e vai se sentar na cama. Chama-a, sedutor, com os braços estendidos. Ela, pouco a pouco, cede e vem.

RUBINHO

Ah, nem vem... Hoje não tou pra Brecht... 'Tou pra você...

Ela aceita a sedução, vindo até Rubinho e ajoelhando-se junto a ele.

ADRIANA (um pouco angustiada)

Por que você força a barra?

258

RUBINHO (coloca a mão no corpo dela e começa a acariciá-la)

Não confia em mim?

Adriana cede, faz sinal de que sim com a cabeça. Aninha-se entre os braços dele vagarosamente. De repente, ele começa a ficar ausente, desligado do que acontece.

RUBINHO

Com quem ela vai sair hoje?

ADRIANA

(tirando a cabeça do colo dele, meio surpresa)
Ela, quem?

RUBINHO

Tua vizinha (faz um sinal com o dedo apontando o quarto de Sofia).

Adriana recua, levanta-se indignada. Dá de costas para ele e caminha dois ou três passos, passando a mão na nuca e mexendo no cabelo, enquanto fala.

ADRIANA

Rubinho, você é tão preconceituoso... tão machista.

Adriana senta-se em uma cadeira, sempre de costas para Rubinho.

RUBINHO (levanta-se ágil)

Ah, eu? Então não é verdade?

ADRIANA

Você não sabe de nada... Ela é uma mulher fascinante... Tem um desespero naquele jeito dela... Uma verdadeira angústia... Dá um pouco de pena. Mas ela tem muita coragem, também.

RUBINHO (cético)

Sei. É do tipo que resolveu abrir caminho na marra.

Rubinho aproxima-se dela por trás, segura-a pelos cabelos e puxa a cabeça de Adriana para junto dele, enquanto fala.

RUBINHO

O que interessa é a prática... O resto é subjetivismo.

Adriana volta-se para ele, perplexa, livrando os cabelos.

ADRIANA

Você não pode falar nada. Nunca trabalhou...
Tem um puta pai rico...
Ele não se abala. Ajoelha-se junto a ela, coloca a mão em seus ombros.

RUBINHO

É diferente... Eu não ligo pra grana. Não vivo pra ser herdeiro.
Rubinho assume um jeito deliberadamente malandro, desabotoa os botões da blusa de Adriana, arranca-a fora.

ADRIANA

260 Ah, vai, Rubinho, você vive de mesada.

RUBINHO (se irritando)

E é graças a isso que posso militar, panfletar porta de fábrica, enfrentar o sistema, escrever poesia para os operários...

ADRIANA

Nunca vi um puto de um operário lendo o que você escreve. Nenhumzinho.
Rubinho cala-se. Coloca a mão na cintura de Adriana e desabotoa sua calça.

RUBINHO (durante a ação)

Desculpa, eu não 'tou preocupado com isso agora.

Ele começa a baixar o zíper da calça de Adriana.

ADRIANA (afastando-se)

Mas eu 'tou. Então vamos ao teatro, combater a alienação...

Ouve-se alguém bater à porta. Adriana levanta rápido o zíper da calça. Rubinho faz um gesto inconformado.

RUBINHO

Ser que a gente nunca tem sossego nessa casa? Adriana coloca a camisa de Rubinho (tipo camiseta), ao avesso, que se encontrava na guarda da cadeira e vai atender a porta.

RUBINHO

Deixa bater...

261

ADRIANA (enquanto se veste)

Fica tranquilo... já dou um jeito nisso... (e, para a pessoa que bate à porta) Já vai!

Caminha até a porta, tentando se recompor. Abre-a. Dá de cara com Sofia, que já veste outra roupa, nenhuma das anteriores. Está exageradamente retumbante.

SOFIA (Mostrando-se, qual manequim)

Que tal?

ADRIANA

(fazendo-a entrar mais para a luz do quarto)
Deixa eu ver ... tá ótimo.

Sofia vem trazendo a mesma garrafa de bebida já vista anteriormente em seu quarto. Olha para tudo por uns instantes (Rubinho já está semi-estirado no colchão, lendo um livro); depois, perscrutante, para Adriana.

SOFIA

Que cara chateada...

ADRIANA (sem jeito)

Eu?

SOFIA

Que que tem de errado com você, hein?

ADRIANA (despistando)

Nada...

262 Rubinho chama a atenção para si, no fundo do quarto.

RUBINHO

Acho que é porque tem gente demais aqui... Sofia e Adriana voltam-se para ele. Adriana faz cara de quem está furiosa; Sofia tira de letra.

SOFIA

Você 'tava de saída, meu bem?

Rubinho não responde. Enfia a cara no livro. Sofia volta-se para a Adriana.

SOFIA

Atrapalhei alguma coisa?

ADRIANA (mentindo)

Nada...

RUBINHO (sarcástico)

'Magina...

ADRIANA (revoltada)

Quer parar com isso, Rubens? Entra, Sofia.
Sofia entra de vez e ocupa uma cadeira. Rubinho procura comunicar-se com Adriana através do olhar, mas ela finge não perceber nada. Sofia, tão logo se senta, desarma o sorriso que tinha nos lábios. Oferece bebida a Rubinho, olhando-o fixamente.

SOFIA

Quer um pouco?
Rubinho faz um gesto de recusa e volta a ler. Sofia passa a mão no pescoço. Adriana tem as mãos entrelaçadas, agitando-as. Está sem jeito.

263

ADRIANA (procurando assunto)

Que que houve ? Teu amigo não vem?
Sofia finge que não escuta a pergunta. Tira um par de brincos da bolsa e oferece a Adriana.

SOFIA

Trouxe pra você.
Plano de Adriana, que abre um sorriso e vem até Sofia. Pega os brincos da mão da amiga e vai colocando-os, enquanto se dirige até o espelho. Se contempla e pede a opinião de Rubinho.

ADRIANA

Que 'cê acha?

RUBINHO (olhando com desprezo)
Não tem nada a ver com você.
Adriana se contempla no espelho. Feliz.

ADRIANA
Pois eu acho que tem tudo.

RUBINHO (sempre sarcástico)
No estilo cortês...
Sofia entorna um gole de vodka.

SOFIA
O que toda mulher quer ser é uma grande cortesã... Será que um cara sensível como você não percebe isso?
Enquanto discutem, Adriana pega o vestido que havia separado anteriormente e coloca-o sobre as roupas que veste. Em seguida retira a calça jeans.

ADRIANA (para Rubens e sem interromper a ação)
Porque você não mostra tuas poesias para Sofia?

RUBINHO (reticente e subitamente indefeso para Sofia)
Besteira... Escrevo para mim mesmo... Nada sério...

ADRIANA
Deixa de mentira... 'Cê até queria publicar...

Inconformado com a confiança, Rubinho levanta-se preguiçosamente, indo até a escrivaninha. A câmera o acompanha, deixando as duas mulheres em off.

ADRIANA (off)

Que tal?

SOFIA (off)

Só que ainda não é isso... Vai precisar de um vestido diferente... Mais habillée...

Rubinho, que na escrivaninha de Adriana recolheu uma série de papéis com seus escritos, volta e entrega-os a Sofia, quando o diálogo chega ao fim.

SOFIA (em continuação)

...Depois a gente cuida disso...

Sofia recolhe os papéis que Rubinho lhe entrega e levanta-se, indo até a janela e ficando de costas para os dois. Rubinho chama a atenção de Adriana e, através de gestos, põe-se a perguntar se afinal Sofia vai embora ou não. Adriana coloca um dedo sobre os lábios, fazendo sinal para que ele fique quieto.

Ele não obedece e pede-se a executar uma mímica agitada, quase convulsiva. Está nisso, quando Sofia volta-se inesperadamente.

Ele interrompe a gesticulação. Sofia vem até ele e devolve-lhe os originais.

SOFIA

OK.

ADRIANA (ocupada consigo mesma)
Gostou?

SOFIA

É legal... Tem estilo... 'Cê estuda o quê?

RUBINHO (meio ressabiado, meio comprado)
Jornalismo... Mas é só para ganhar a vida... O que eu gosto mesmo...

Buzina de carro, que se ouvia desde o instante, torna-se mais audível. Sofia volta-se, parecendo preocupada.

SOFIA

266 Pronto... É ele...

Pega sua garrafa e vai até a porta, como que conformada. Faz meia-volta para se despedir, abrindo a porta. Já meio fora do quarto, acena um adeus com uma das mãos.

ADRIANA (off)

... E 'brigada pelo brinco...

Sofia faz uma espécie de continência para Adriana e dirige-se a Rubinho.

SOFIA

Et je m'en vais / au vent mauvais / qui m'emporte / deçà, delà / pareille à la feuille morte...

Termina de falar e fecha a porta. A câmera fica em Rubinho e Adriana, ainda olhando para a

porta do quarto. Rubinho volta-se e comenta, com ar superior.

RUBINHO

Baudelaire...

Plano de Adriana, sozinha, pensativa.

ADRIANA

Olha, eu acho essa garota um mistério.

Plano de Rubinho.

RUBINHO

Tem cabeça...

ADRIANA (fazendo expressão de entojão)
... Só porque falou bem das tuas poesias... Até dois minutos 'tava chamando a menina de piranha.

267

Rubinho vem até ela (os dois passam a aparecer no mesmo enquadramento), braços abertos, como que dizendo "que culpa eu tenho de ser bom?". Adriana, num repente, chuta o traseiro de Rubinho, que fica pasmo.

RUBINHO

Pô... Qualé?

ADRIANA

Não percebeu que ela só quis ser gentil?

RUBINHO

'Cê' tá é com ciúme... Nunca conseguiu sacar minha cabeça...

Adriana o encara, meio desapontada. Rubinho puxa-a até a cama. Ela tenta resistir.

RUBINHO (lascivo)

Você é mais gostosa do que ela.

Adriana se aborrece com o comentário. Livra-se de Rubinho e vai até o espelho onde, com ar contrariado, fica estudando maneiras de arranjar o cabelo. Rubinho chega por trás e abraça-a.

RUBINHO

Não fica chateada... Eu te acho mais feminina... Mais sensual...

ADRIANA (livrando-se e encarando)

268 Sabe, Rubens, tem hora que eu acho que não dá mais.

RUBINHO (surpreso)

O que, não dá mais?

ADRIANA (explicando o óbvio)

A gente... Não dá mais certo...

RUBINHO (recua, furioso)

Ela que andou te pondo idéia na sua cabeça...

ADRIANA (bem desanimada)

Ai, Rubinho... 'Cê é tão criança...

RUBINHO

Eu? Você é que deu pra ficar encucada, que nem a nossa amiga aí embaixo.

O último plano é filmado da janela, do lado exterior, de tal modo que, quando Rubinho diz “que nem nossa amiga aí embaixo”, a câmera começa descer em movimento de grua.

14. QUARTO DE RENATA / INTERIOR - EXTERIOR / NOITE

A seqüência se abre com último plano da seqüência anterior. A câmera desce em movimento de grua, mostrando, ao chegar, a janela do quarto de Renata. Esta está próxima à janela. Seu rosto quase não se move, tem os olhos fechados, ligeiros movimentos de corpo. Ouve-se uma música, com a qual seus movimentos estão sintonizados. Logo depois ela se movimenta, distanciando-se. Está com uma malha de balé e dança. O espelho do armário está à mostra, indicando que ela o toma por baliza.

O quarto de Renata é o mais ajeitado de todos, denotando um sentido de organização e um tom decorativo mais acentuado que os demais. Ela estuda Pedagogia e veio da mesma cidade de Adriana. Obviamente, as duas são bastante ligadas. Renata é a mais prática e menos intelectual do grupo. É muito bonita, embora pareça não se dar conta disso. É jovem problemática, de difícil contato; da mesma idade mais ou menos de Adriana aparentemente tem

um problema de ordem sexual, pois se esquivava todas as vezes que surge oportunidade de namoro.

Seu quarto é o único com aparelho de TV (pequeno, portátil). A escrivaninha, os armários, a cama, tudo combina. Os livros da improvisada biblioteca são menos numerosos do que nos outros quartos e ocupam lugar menos proeminente. Na parede, entre outros adornos, uma folhinha com reproduções de pinturas (de alto nível, aliás). Na escrivaninha muita organizada, uma bomba contra asma; um pequeno bolo de papéis anotados e contas a pagar (tipo água, luz, telefone) e uma calculadora eletrônica, além de livros de estudos. No final do plano-seqüência com grua, a câmera penetra ligeiramente no ambiente. Renata, solta no quadro dança livremente e de modo muito bonito, embora, vez por outra, detenha-se e respire fundo, como se tivesse problemas respiratórios.

270

15. CARRO DE MAURÍCIO / INTERIOR - EXTERIOR / NOITE

Plano noturno da rua Teodoro Sampaio, em PV do carro: vê-se região onde predominam os luminosos espalhafatosos.

Corte para interior do carro. Maurício à direção. É um rapaz bem apessoado, do tipo convencio-

nal. Usa terno (ou conjunto esportivo com gravata) e tem jeito de sedutor (ou atitude de sedutor, no momento). Maurício fuma, sem tirar as mãos do volante. Em dado momento, olha para Sofia, que está a seu lado.

Ele sorri discretamente. Sofia, subitamente, arranca o cigarro da mão de Maurício. Fica com o cigarro em suas mãos por um instante, como se fosse fumá-lo. Logo, porém, com um gesto brusco, joga o cigarro pela janela. Maurício tira as mãos do volante e franze o cenho, num gesto discreto de insatisfação, mas logo se recobra.

MAURÍCIO

Pra onde eu te levo?

SOFIA (indiferente)

271

O carro é teu.

MAURÍCIO

Aonde você quer ir?

SOFIA (quase entediada)

Aonde você quiser.

Maurício faz um gesto de satisfação, ao mesmo tempo um pouco encabulado, sem perceber a hostilidade da moça.

Maurício encosta o carro no meio fio e faz a pergunta.

MAURÍCIO

Então vamos pegar a Raposo Tavares ?

Ela concorda com a cabeça e com um ar de desprezo.

MAURÍCIO

Conheço um motel que você vai adorar. Deixa comigo.

Sofia olha para fora, sem responder.

O carro pega uma rua à esquerda e desaparece.

16. REPÚBLICA / QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

O plano filmado da janela retoma o final da seqüência 14.

272 Renata, em determinado momento, se detém totalmente, contorcendo-se e sentindo falta de ar: tosse. Vai até a escrivaninha, onde está a bomba para asma e injeta-a na boca.

Um instante depois, parece aliviada. Deixa a bombinha e encosta-se na escrivaninha. Sua mão vai se recostar justamente sobre um pequeno bolo de papéis anotados e contas a pagar (tipo: luz, água, telefone) e uma calculadora eletrônica. Ela pega as contas e começa a examiná-las, quando o telefone toca. Ela vai na direção da porta, levando as contas consigo.

17. ESCADA E CORREDOR INFERIOR / INTERIOR / NOITE

Renata chega junto ao telefone (que fica mais ou menos em frente ao quarto de Marina), que toca. Atende-o.

RENATA

Alô ?

Ela escuta por um instante.

RENATA (responde)

A Marina? É aqui que ela mora, mas não está, não. (tempo)... Não, ela foi viajar, parece que pro Xingu...

Nesse instante, Marina, seu ar eternamente entorpecido, aparece à porta do quarto.

RENATA (prosseguindo)

... Um lugar assim... Volta daqui a umas três semanas.

Marina percebe que a chamam e tenta chegar ao telefone, mas Renata, mais ágil, diz um "boa noite" e corta a ligação na cara dela.

MARINA

Qual é, hein?

Renata não responde, apenas lhe mostra ostensivamente as contas.

MARINA

Sabe que podia ser o Rocha? Era voz de homem?

RENATA

Quando você pagar os atrasados (refere-se às contas), eu digo.

Renata diz isso dando meia volta e ganhando a escada. Marina, embaixo, resmunga.

MARINA

Fresquinha.

Renata não se volta. Apenas faz um sinal obscuro, compondo um círculo com o indicador e o polegar.

MARINA (falando alto)

Vou sim! E com muito prazer.

18. CORREDOR SUPERIOR / INTERIOR / NOITE

Plano da porta do quarto de Adriana. Ouvem-se as vozes de Rubinho e de Adriana em off. Logo em seguida, Renata entra em quadro. Ao chegar à porta, ela parece decidida a bater, mas - como ouve a conversa - prefere esperar por algum tempo.

RUBINHO (off)

Vem aqui comigo.

ADRIANA (off)

Pára! Por que você não pega suas coisas e vai dormir na sua casa hoje, hein?

RUBINHO (off)

Ih... Sabe qual é o mal? Você e essa menina, a Renata, não perdem mesmo esse jeito de caipira... Gente que desconfia de tudo.

ADRIANA (off)

Que que a Renata tem com isso?

RUBINHO (off)

Nada... Ultra-normal... Só que nem transar ela consegue...

A partir da última fala de Adriana a câmera se desloca em travelling de avanço, na direção do rosto de Adriana, que enrubesce.

RUBINHO (off, em seqüência)

Fica aí jogada... E olha que ela não é de jogar fora, não.

ADRIANA (off, muito irritada)

Ela é traumatizada com o sexo. Sabe o que aconteceu com ela em Marília?...

Nesse instante, Renata, completamente passada, bate à porta do quarto, interrompendo a conversa.

275

19. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

No quarto, em posição mais ou menos central, Adriana e Rubinho escutam o bater na porta e reagem com certo sobressalto (como que adivinhando que pudesse ser Renata). Adriana vai atender a porta.

Adriana abre a porta, dá de cara com Renata.

ADRIANA (sem jeito)

Oi.

RENATA (ar de poucos amigos)

Oi...

Renata vai entrando, de cara amarrada.

ADRIANA

Que que houve ?

RENATA

Olha, eu não agüento mais essa Marina. Faz três meses que ela não bota um tostão na casa.

ADRIANA (aliviada, pois pensava que ela iria se referir a sua indiscrição)

Que bobagem, Renata... O trato é esse: quando uma 'tá a perigo, as outras ajudam.

RENATA

276 É, mas a D. Eudóxia avisou que vai aumentar o aluguel outra vez... A coisa vai pesar... Com o que eu tenho, só vai dar pra pagar o meu.

RUBINHO (que se colocou à distância, mete o bedelho)

Por que você não arruma um coronel? Resolvía o problema de todo mundo.

Renata enrubesce. Adriana fica indignada. Ouve-se um ruído de telefone em off.

ADRIANA (cortante)

Cala a boca, Rubens... (e, voltando-se para Renata) 'Cê quer que eu leve um papo com ela?

RENATA

Pelo menos ela te respeita...

Adriana passa a mão pelos cabelos, como que tem um problema pela frente e procura solução.

ADRIANA

Tudo bem, Renata... A Marina é legal... Aquela viagem pro Xingu é que deixou ela sem grana. O telefone já parou de tocar. Ouve-se a voz de Marina em off, chamando por Adriana.

MARINA (off)

Adriana...

RENATA (com ar de desconfiança)
... Xingu... O que ela ganha vai pra erva.

MARINA (off)

Adriana?

ADRIANA (finalmente escutando)

Dá um tempo.

Diz isso e se encaminha para a porta, que ficou aberta durante toda a seqüência. Ela ganha a saída. Rubinho, ao mesmo tempo, aproxima-se de Renata, sentando-se em uma cadeira e pondo-se a observá-la, com os braços apoiados nas costas da cadeira. Renata sente sua presença e esnoba, indo para outro canto do quarto, onde está a balança.

20. ESCADA E CORREDOR INFERIOR / INTERIOR / NOITE

Adriana desce a escada rapidamente.

ADRIANA

Tou chegando.

Marina, de costas, segura o telefone nas mãos.

MARINA (para Adriana, que chega)

Eu ainda vou esgoelar essa jaraçaca.

Adriana se aproxima e tapa o bocal, tenta pôr panos quentes.

ADRIANA (para Marina)

Calma... (destampa o bocal) Alô...

21. QUARTO DE ADRIANA E CORREDOR SUPERIOR / INTERIOR / NOITE

Continuação da seqüência 19.

278 Detalhe da balança que existe no quarto de Adriana. Pés de Renata entram em quadro e se apoiam nela. O marcador sobe.

Plano de Renata fazendo um ar de descontentamento.

Plano de Rubinho, contemplando-a.

RUBINHO

'Tá um pouco gordinha... Mas eu gosto assim...

Renata sai imediatamente da balança.

RENATA

Alguém pediu tua opinião?

RUBINHO

Sabe que você é muito gostosinha pra ficar aí, desperdiçada?

Ela amarra a cara e vai para o corredor superior, onde fica, parada, olhando de frente para o quarto e, conseqüentemente, para Rubinho, com ar emburrado e braços cruzados.

22. CORREDOR INFERIOR / INTERIOR / NOITE

Adriana ao telefone. Marina um pouco à distância.

ADRIANA

Olha, cara, hoje não dá mesmo... 'Tou com compromisso.

Fala em tom baixo e, volta e meia, olha para cima, com medo de ser escutada.

ADRIANA

279

Nem amanhã... Faz o seguinte, deixa teu telefone. Te ligo outro dia, tá?

Enquanto ela fala, Marina faz uma mímica, levando dois dedos indicadores à cabeça e em seguida apontando para cima, como a perguntar se Adriana vai colocar chifres em Rubinho.

ADRIANA

Pode dizer... 'Tou anotando sim...

Não está anotando nada, evidente.

23. CORREDOR SUPERIOR E ESCADA / INTERIOR / NOITE

Rubinho chega à porta do quarto, considerando Renata de alto a baixo, comparando as estaturas.

RUBINHO

Até que você ia caber em mim.

RENATA

Olha aqui, a Adriana é minha amiga... Eu conto pra ela.

Ouve-se a voz de Adriana falando ao telefone, mas não se distingue o que diz. Pouco antes de Renata terminar a fala, ouve-se o som dos pés de Adriana, que sobe as escadas.

RUBINHO

280 Sem escândalo... (e, falando bem baixo)... Bem que no fundo você queria...

Pan para Adriana que chega ao topo da escada. A câmera recua, acompanhando-a. Ela encontra Rubinho e Renata, próximos um do outro, Rubinho com ar sem jeito, passando a mão nos cabelos; Renata com o mesmo jeito emburrado.

ADRIANA

Que que houve?

RUBINHO

Nada. Quem era?

ADRIANA

Nada. Uma amiga da escola.

RENATA

Eu vou andando. A gente conversa mais tarde. Renata olha de maus bofes para Rubinho e sai. Adriana fica perplexa com a saída da amiga, faz a volta em torno de Rubinho e vai entrando no quarto.

24. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

Ela entra, seguida por Rubinho, que fecha a porta atrás de si.

ADRIANA (enquanto entra)

Que que 'cê aprontou desta vez, hein?

RUBINHO

(cínico, com gesto de quem se exime)

Eu ?

ADRIANA

A menina já é problemática... Você quer piorar a situação?

RUBINHO (ar malandro)

Problemática porque quer...

Adriana ouve o comentário, que parece magoá-la. Suspira desanimada e vai até o colchão, deitando-se aborrecida. Rubinho vem até ela, agacha-se, mexe em seus cabelos. Ela se volta.

ADRIANA

Vai pro inferno... Vai...

Rubinho agora se levanta, puxando a companheira pelos cabelos.

RUBINHO (querendo controlar a situação)
Psst... Não responde assim...

ADRIANA (soltando-se)
Me deixa sozinha, Rubens.
Ele introduz uma das mãos dentro do vestido de Adriana, que cede.

RUBINHO
Pô, Adriana... Eu preciso de você...
Adriana ensaia um ligeiro sorriso.

ADRIANA
Verdade?
282 Ele confirma com a cabeça e a puxa novamente para si (atenção: desde a saída de Sofia, Adriana continua com os brincos). Abre os botões da blusa de Adriana.

ADRIANA
Então apaga a luz...
Rubinho não responde. Contempla-a. Em seguida faz um sinal negativo com o dedo. Ela procura fechar a blusa. Rubinho, com um gesto brusco, arranca-a fora.

RUBINHO (dominando a situação, sussurrante)
De luz acesa, como eu quero... tá?
Ela concorda com a cabeça e vira-se de costas, permanecendo encostada nele.

Rubinho segura seus cabelos e puxa-os com estudada violência.

RUBINHO

E você faz o que eu quiser, não faz?
Adriana concorda com a cabeça.

RUBINHO

Diz "faço".

ADRIANA

Faço.

RUBINHO

Me olha.
Ela obedece. Ele solta os cabelos da moça e segura seus braços.

RUBINHO

Eu transo com quem quiser, não transo?

ADRIANA

Transa.

RUBINHO

Inclusive tua amiguinha?

ADRIANA

Pode.
Rubinho empurra-a sobre a cama. Plano do rosto de Adriana.
Corte para os dois na cama, cada um de um lado.
Clima pesado.

RUBINHO (sentindo o clima)
Que que há?

ADRIANA
Nada... Você não me dá tempo...

RUBINHO
É que você me excita demais (há um tom carinhoso em sua última fala).

25. MOTEL / INTERIOR / NOITE

284 Corte para PP de Sofia, apenas de sutiã e calcinha, sentada numa cama de motel. Ela bebe algo (alcoólico, naturalmente) e tem ar de indiferença que se comunica com a insatisfação de Adriana na seqüência 24. A câmera desce pelo corpo de Sofia, em panorâmica, até alcançar o joelho, onde Maurício, agachado lhe faz carinhos com a boca.

Plano de Sofia, que passa a sorrir.

Plano aberto dos dois, com Maurício na outra extremidade da cama, aos pés de Sofia.

SOFIA (meditando)
Subgerente de banco...
Maurício levanta a cabeça, interrogativo.

SOFIA
Quando é que eu ia pensar que ia cair tanto...
Diz isto sarcástica, impaciente.

MAURÍCIO

Que que tem de errado?
Sofia leva o pé ao rosto de Maurício.

SOFIA

Nada de mais.
E empurra o rosto dele com o pé. Maurício aproveita o movimento e levanta-se, num salto. Fica de pé só de cueca, à frente dela. Encaminha-se em seguida até onde está a pilha com suas roupas e pega um cigarro.

MAURÍCIO

E você? Que que faz?

SOFIA

Picas.
Maurício, que acaba de levar o cigarro à boca e está de costas para a cama, vira-se, assustado, sem entender. Pergunta, quase temeroso.

285

MAURÍCIO

Piranha?!
Plano de Sofia que rí com a pergunta. Maurício volta a se aproximar dela.

MAURÍCIO

Qual é a graça?
Sofia apoia o pé na perna de Maurício.

SOFIA

Eu estudo os homens.

MAURÍCIO

Anatomia?

SOFIA

Filosofia... O nihilismo...

Maurício sobressalta-se e volta a andar como barata tonta, de lá pra cá.

MAURÍCIO

Ah... Já vi tudo... Você deve ser dessas que vivem com a grana do papai e acham que sabem de tudo...

Plano de Sofia, que sorri. Ela se levanta. Vai até uma mesa onde há uma garrafa de uísque e serve-se.

SOFIA

286 Garanto que cê sabe trambicar melhor de que eu.

MAURÍCIO

Sou um cara que veio de baixo... Órfão de pai... E foi no batalho... Noite e dia...

SOFIA (cortando)

Tudo bem... Tudo bem...

Maurício diz sua última fala já perto de Sofia. Depois que ela responde, pega o cigarro dele e serve-se. Ele pega o cigarro de volta na marra.

MAURÍCIO

Tudo bem uma ova. Te convidei pra sair comigo... Aceitou... Agora vem, fica aí... Enchendo a

cara... E nem tá a fim de nada...
Enquanto fala, ele também tenta tirar o copo da mão dela. Ela se desvencilha e vai para o outro canto do quarto. Maurício segue-a com o olhar.

MAURÍCIO

Mulher inteligente... Liberada... hum!

SOFIA (voltando-se para ele, em tom de deboche)

Pois é... Que que 'cê vai dizer no banco, né?

MAURÍCIO (vindo até ela, vermelho de raiva)
Vou dizer que te comi de todos os jeitos...
Ele toca nela, ameaçador.

SOFIA (sem se intimidar)

Que me fez gozar a noite inteira.

MAURÍCIO (desarmado)

Isso aí...

Sofia aproveita a proximidade do rapaz, larga o copo de bebida na mão dele e coloca as duas mãos no rosto de Maurício, fortemente. De modo inesperado beija-o, com ardor. Quando desfazem o beijo, Maurício está perplexo.

MAURÍCIO

Que que há ? Você é louca, é?

SOFIA (sedutora)

De vez em quando...

Maurício, que durante o último diálogo aproveitou para deixar o copo e cigarro em um canto, chega a ela, preparando-se para outro beijo e já acariciando-a. Ela o empurra para trás.

SOFIA

Por hoje chega...

MAURÍCIO (tenta agarrá-la)

Pô... Eu 'tou precisando...

SOFIA (segura)

Não... Hoje foi só pra gente se conhecer. Você acha que eu sou do tipo que vai transando com o primeiro que aparece?

Maurício vira-se de costas, contendo a raiva, leva as mãos ao estômago, ao fim de algum tempo.

288

MAURÍCIO

Eu 'tou com fome...

26.COZINHA DA REPÚBLICA / INTERIOR / NOITE

Marina, sentada à mesa, come alimentos macrobióticos. O fogão, atrás dela, está atulhado de panelas. Renata entra na cozinha, trazendo seus mantimentos. Ignora a presença de Marina. Coloca seus mantimentos na pia e olha para o fogão. Percebe-se sua impaciência. Olha para Marina.

RENATA

Eu precisava usar as panelas.

MARINA (sem olhar para outra)
Sobrou rango... Pega aí...

RENATA
Eu quero a minha comida!

MARINA (largando o garfo, impaciente)
Mas você é fresca, hein? Que que tem de errado com essa comida?

RENATA
Não gosto... Além do mais a gente tem um trato...

MARINA (imitando uma voz enjoada)
Sei... Quem usar a panela tem que lavar... (e, voltando à sua voz) - Vai me desculpar, mas eu não 'tou a fim.
E continua a comer. Renata vem até ela, bravíssima. Coloca as mãos nas cadeiras, em pose de açucareiro.

RENATA
'Cê por acaso pensa que é melhor que as outras, é?

MARINA (dando uma garfada)
'Tá bom esse bife de soja. Pega lá...

Renata se enfeza, vai até o fogão e começa a jogar as sobras no lixo, resmungando.

RENATA
Que saco...

MARINA

Babaca...

RENATA

Babaca... Mas se não fosse eu essa casa virava baderna.

MARINA (sem se alterar)

la ser uma boa... Podia transformar isso aqui num belo bordel... Todo mundo dando... Eu ia fazer o gênero Mata Hari (e faz gestos grandiosos, teatrais, "femme fatale")... A Sofia, dando uma de Zelda Fitzgerald... Só enchendo a cara... A preferida dos artistas incompreendidos... A Adriana, aquela priminha do interior que se perdeu na cidade grande... E madame Renata só lá... Na caixa registradora... (e faz o gesto correspondente).

290

RENATA (volta-se indignada, outra vez com as mãos nas cadeiras).

'Tá querendo dizer o quê?

MARINA

Quero dizer o que eu disse... Seu lugar é mesmo na contabilidade.

RENATA

E daí ? Eu tenho que amar muito um cara pra transar...

MARINA (suspira)

Ai, ai.

RENATA

E você, também, é só onda... Vive sozinha aí pelos cantos... Metida com os teus fantasmas... Marina detém-se, olha para Renata, torna-se subitamente soturna.

RENATA (também se transformando)

Desculpa... Eu não queria te chatear.

MARINA (de si para si)

Nunca mais encontrei ninguém como o Ricardo (agora volta a se dirigir a Renata) - Mas pelo menos eu tento.

Renata, que até aquele momento já tinha lavado as panelas, começando a preparar sua comida, chega junto à outra e tenta reanimá-la, ou simplesmente desculpar-se.

291

RENATA

Esquece, vai...

MARINA (dá de ombro e parece sair do transe em que entrara)

Tudo bem... Não foi você que matou ele.

27. FRENTE DA REPÚBLICA / EXTERIOR / NOITE

O carro de Maurício estaciona. Sofia hesita em sair.

SOFIA

Entra... Vem tomar um café...

MAURÍCIO (ainda contrariado)
Melhor não...

SOFIA
Deixa disso.

MAURÍCIO (olhando para o relógio)
Já 'tá tarde...
Sofia sai, contornando o carro e passando em frente a Maurício. Ela abre a porta para ele.

SOFIA
Vem, pô!

MAURÍCIO
'Cê não percebe que já encheu o saco?

292 SOFIA
Deixa de ser grosso. Vem. Eu quero levar um papo...
Saem na direção da casa.

28. COZINHA DA REPÚBLICA / INTERIOR / NOITE

Plano da cozinha. Agora, Renata come sentada à mesa, enquanto Marina lava os pratos.

MARINA (um tempo depois)
Aquele telefonema, sabe quem podia ser? O Rocha!

RENATA (dá de ombros)
Ah, vai... Faz um mês que 'cê fala nesse Rocha.

Acho que ele nem existe.
Marina olha feio e não responde. Sofia e Maurício chegam à cozinha. Sofia observa o ambiente silencioso.

SOFIA

Que que é? Algum velório?!
As duas olham para ela, mas não respondem.

SOFIA (abrindo espaço para Maurício)
Esse é o Maurício.
As duas outras olham para Maurício, surpresas por ver alguém com paletó e gravata. Maurício estende a mão para Renata, mas Sofia corta a possível atenção de Renata em Maurício.

SOFIA

Renata, não tem comida pro rapaz aqui? Ele 'tá morto de fome.
Renata fuzila-a com o olhar. Maurício suspende a mão, constrangido.

MAURÍCIO (para Sofia)

Sofia... Eu 'tava só brincando...

SOFIA (sai da porta, indo até as panelas, no fogão)
Deixa de coisa. Olha aí, 'tá cheio de comida aqui.

MAURÍCIO

Não precisa se incomodar.
Sofia verifica que a comida ainda está quente, tocando nas panelas.

RENATA

É comida de dieta... hein?

SOFIA (se encaminhando para o armário à procura de pratos e talheres)

É bom pra ele perder uns quilos.

Sofia pega um prato e aponta Marina com o próprio prato.

Maurício parece desambientado.

SOFIA

Olha, essa aí é a Marina. Faz doutoramento em Antropologia... Transa todas...

Maurício sai da porta e vem para dentro, no sentido da pia, onde está Marina. Tem a mão estendida como um coiό, desde que começa a entrar. Ele encontra com Sofia no meio do caminho. Ela se põe entre Maurício e Marina e coloca o prato nas mãos de Maurício, ordenando-lhe que se sirva.

294

SOFIA

Se serve. Tá tudo aí. (volta-se para Marina): - Tem cerveja na geladeira?

MARINA

Tem chá.

Maurício, que está próximo ao fogão, olha estupefato para Marina.

Marina enxuga as mãos e vai até a geladeira. Maurício serve-se constrangido.

Sofia vai se sentar à mesa, perto de Renata. Tira

os sapatos, queixando-se.

SOFIA

Esse sapato estraçalha meu pé.
Maurício chega junto à mesa, com seu prato
quase vazio.

SOFIA

Só isso? 'Cê disse que 'tava morrendo de fome.

MAURÍCIO (sempre constrangido)

Assim 'tá ótimo.

Marina chega por trás de Maurício e coloca um
copo de chá de jasmin à sua frente.
Maurício olha para o copo, assustado, e a seguir
para Sofia.

SOFIA

295

Pode tomar. é de jasmim.
Ele toma um gole, temeroso. Vê-se pelo seu
rosto que acha o gosto estranhíssimo, talvez
péssimo.

MAURÍCIO

Ótimo. (e se afunda na comida, para limpar o
gosto).
Marina vem por trás dele e apalpa-lhe o bolso.
Maurício reage assustado.

MARINA

Tabaco.
Maurício olha alternadamente para Sofia e
Marina.

SOFIA

Dá um cigarro pra ela.

Maurício puxa um cigarro do bolso e oferece a Marina. Puxa o isqueiro, mas ela se afasta.

Enquanto os três continuam sentados à mesa, Marina vai até o fogão (que deve ser tipo magiclick) e acende o cigarro no fogo. Em seguida vai para a pia enxugar e guardar pratos.

RENATA (para Sofia)

'Cê não acha meio falta de educação fumar enquanto o outro janta, Marina?

MARINA (tirando uma baforada)

Acho.

MAURÍCIO (para Renata)

Tudo bem. Não me incomoda.

SOFIA

Claro... O importante é ele comer alguma coisa. Não comeu nada até agora...

Maurício pára de comer, humilhado, percebendo o segundo sentido da frase. Marina, às suas costas, solta uma sonora gargalhada.

MARINA

Deu pra trás na hora H, garotão?

SOFIA (levanta-se, sapatos à mão e sai para o corredor)

É uma longa história.

Diz isso saindo na direção do corredor. Marina

vem com um talher e um pano de prato nas mãos, posta-se à porta que dá para o corredor, com um sorriso irônico nos lábios, olhando fixamente para Maurício.

Maurício afunda-se no prato e come.

MARINA

Engraçado...

Maurício levanta a cabeça, num misto de bronca e não entender o se passa.

MARINA

... O terno...

MAURÍCIO

(quase explodindo, humilhadíssimo)

Porra! Que é que tem de errado comigo que todo mundo resolveu cagar na minha cabeça?

297

RENATA

Eu não acho nada errado. Cada um se veste como quer.

MARINA

Tá certo! Pra um careta tá muito certo.

RENATA (tomando a defesa do rapaz)

Pois eu acho o terno muito alinhado.

Neste momento ouvem-se os passos de Sofia, que volta agora com sua garrafa de vodka na mão.

SOFIA (assobia)

'Tá fazendo o maior sucesso com a garota.

Vai firme.

Diz isso e oferece a bebida, na garrafa mesmo, com um gesto, a Maurício.

Este recusa com ar de poucos amigos. Sofia repete o gesto na direção de Marina, que também recusa.

MARINA

Não 'tou a fim de misturar.

SOFIA (oferece a Renata)

Vai um gole, Renatinha?

RENATA

Não posso beber.

MAURÍCIO

298 'Tá com alguma doença?

RENATA

Asma.

SOFIA (em cima)

Falta de dar.

RENATA (furiosa)

Por que você não se mete com a tua vida?

SOFIA

E não é verdade?

MARINA

Fica aí esperando o maridinho...

SOFIA

Tem medo da vida...

(Esta parte final da seqüência: Marina e Sofia são vistas separadamente, mas ocupando sempre o mesmo lugar, Aproximadamente, sempre em ligeira contra-plongée e debruçadas sobre Renata, de modo a criar o efeito de escárnio).

Renata olha desafiadoramente para Sofia e Marina. Encara a garrafa de vodka à sua frente. Pega-a e, de sopetão, dá um gole gigante. Faz cara feíssima, ao engolir a bebida. Deixa a garrafa, abaixa o rosto por um instante. Volta a olhar fixamente, agora com os olhos vermelhos, mas ar desafiador.

RENATA

Quer saber o que mais? Não tenho medo de nada!

299

MAURÍCIO (procurando e tentando pôr panos
quentes)

Calma... Ninguém quis dizer isso...

RENATA

(volta-se abruptamente para Maurício)
Você! Não 'tá a fim de transar comigo?
Maurício ouve a proposta completamente
aparvalhado. Desvia o olhar para Sofia, que
sorri.

Plano geral, com os quatro em silêncio.

SOFIA (para Maurício)

Como é? Não vai dizer nada?

MAURÍCIO (olha para todos, depois explode)
'Cês são um bando de loucas.
E levanta-se, como quem vai sair. Sofia tranca-
lha a passagem.

SOFIA

Olha... A menina não é de se jogar fora... 'Tá te convidando...

MAURÍCIO

'Tá me achando com cara de quê? Nem conheço ela.

MARINA

Além do mais isso é um serviço público. Higiene. Nem precisa conhecer.

300 Maurício olha, dá meia volta, coloca as mãos na mesa, debruçando-se e dirige-se a Renata.

MAURÍCIO

'Tá mesmo a fim?

RENATA

'Tou.

MAURÍCIO (voltando-se para Sofia)

'Tá nada. Isso aqui é um sanatório.

RENATA

Já falei que 'tou. Fui com a tua cara.

E levanta-se, decidida. Vai até ele, puxa-o pelas mãos.

RENATA

Vem comigo.

Meio arrastado, Maurício sai com Renata, na direção do corredor inferior.

Pan corrige para Sofia e Marina. Sofia sorri.

MARINA

Acho que a gente exagerou. Vai ser outro trauma na cabeça dela.

SOFIA

Um a mais... Um a menos...

29. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Renata e Maurício entram no quarto. Ela deixa-o imediatamente e vai até a escrivaninha. Pega a bomba de ar, leva à boca e dá uma bombada. Maurício, mãos no bolso e sem encontrar posição, observa a operação meio de soslaio, como se se tratasse de algo íntimo.

301

MAURÍCIO

Precisa de ajuda?

Renata, que tem a bomba na boca, responde que não com a cabeça. Solta-a em seguida sobre a escrivaninha. Vai até a cama, abre-a.

Maurício vai até a escrivaninha, onde vê um livro tipo "Psicologia da Atração Sexual". Olha a capa, olha para Renata, que não lhe dá atenção neste momento. Arrisca a pergunta.

MAURÍCIO

Você 'tá mesmo a fim?

Renata acaba de arrumar a cama e olha-o sem dar resposta. Vai até o armário, pega um cobertor, um lençol e joga no chão.

RENATA

Você é capaz de dormir aí?

MAURÍCIO (apontando com o dedo)

Aí?

RENATA (tira a camisola do armário)

Tudo bem. Se não quiser, você vem pra cama, eu fico no chão.

MAURÍCIO

Qual é a sua, hein?

302

RENATA (dá um passo na direção de Maurício e começa a colocar a camisola sobre as roupas)
Pô. Será que você não é capaz de me quebrar um galho?

E, uma vez colocada a camisola, tira as roupas que tinha por baixo.

RENATA

... Não vê que essas aí ficam me enchendo o saco? Eu não quero... Não tenho vontade...

MAURÍCIO (faz com as duas mãos gestos para que se acalme)

Tudo bem... Tudo bem... Fica calma...

Renata já acabou de tirar as roupas que tinha sob a camisola.

Suas formas transparecem muito suavemente sob a camisola. Fala de modo sedutor, sem se dar conta disso.

RENATA (súplice)

Me quebra essa.

MAURÍCIO (conformado)

Vai... Vai... Acho que eu tenho mesmo cara de otário...

Ele começa a tirar o paletó. Renata, impulsivamente, se aproxima dele e, em agradecimento, beija-o no rosto. Maurício reage, discretamente feliz: não desprega os olhos da menina, que após beijá-lo volta até o armário. Ele está parvo. Renata, abre a gaveta do armário e puxa uma peça de roupa.

303

RENATA

Quer uma calça de pijama?

Ele faz um aceno positivo. Ela joga a calça em sua direção.

30. FRENTE DA REPÚBLICA / DIA

Plano de fachada da República. Música. Ligeiro avanço da câmera.

31. REPÚBLICA - PÁTIO INTERNO / EXTERIOR / DIA

A câmera mostra o pátio interno, nos fundos da

república. O avanço da câmera prossegue, lento como na seqüência anterior, cessando pouco depois. Adriana e Rubinho tomam banho de sol.

Rubinho lê o jornal do dia, enquanto Adriana se esfalta em exercícios de ginástica (de tempos em tempos passa a mão no próprio corpo, como para conferir seu estado).

parece vindo da cozinha, com escandalosos óculos escuros, vestindo biquini e uma toalha para colocar no chão (Rubinho e Adriana têm também toalhas e uma pequena cesta com objetos tipo bronzeador. Sofia, ao chegar, passa por ambos, cumprimentando-os. Estende sua toalha um pouco adiante, ao lado da de Rubinho, e se estende no chão. Enquanto ela se acomoda, Rubinho tira os olhos do jornal e fixa-os nela, até que chame sua atenção. Ao fim de certo tempo, Sofia sente-se observada e desvia a atenção para Rubinho.

RUBINHO (querendo sintonizar)

Crise brava hein ?

Fala isso apontando o jornal.

SOFIA

Eu não leio jornal.

RUBINHO

Nunca ? (sinceramente espantado).

SOFIA

Nunca.

RUBINHO

Você fica por fora de tudo... Numa boa???

SOFIA

Fico.

Ao dar a última resposta, Sofia abaixa os óculos escuros ligeiramente.

Em seguida, com um amplo movimento dos ombros, retira a parte superior do biquini.

Plano de Rubinho que olha bestificado para a cena. Ao fundo, Marina, também com trajes de banho e trazendo um tacho com material para depilação, surge à porta da cozinha, que dá para o pátio, e inicia a operação.

SOFIA

(ao ouvir o ruído do tacho sendo colocado no chão, volta-se para onde está Marina e fala em tom sarcástico)

Se enfeitando pro Rocha, é?

MARINA

Vai pro inferno, Sofia.

Marina acomoda-se na soleira. Sofia volta-se pra Rubinho.

SOFIA

Sabe o que o nome Sofia quer dizer? Saber.

E, de maneira a um tempo sedutora e desafiante:

SOFIA

Eu sei até o que as pessoas estão pensando...

Sofia chama-o para perto de si com um movimento de dedos.

Rubinho continua embasbacado.

SOFIA

Sei até o que 'tão querendo...

Plano de Marina passando uma placa de cera na perna.

32. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / DIA

No chão, sobre o cobertor, Maurício acaba de acordar. Levanta a cabeça, dando de cara com Renata que, já levantada, coloca a parte superior do biquini. Ela o vê acordando e se assusta.

306

MAURÍCIO (faz um sinal com a mão)

Oi.

RENATA

Oi. Eu fiz barulho?

Ele boceja e nega. Renata vai abrir a janela.

RENATA (enquanto abre a janela)

Que que 'cê quer de café ?

MAURÍCIO (passando a mão pelas costas doloridas)

Esquece, eu vou me mandar.

Ele vai se levantando.

RENATA (voltando)

'Tá ficando louco? Se você for embora ninguém vai ficar sabendo que dormiu comigo.

MAURÍCIO

(já de pé, com calças de pijama muito menores do que ele, que o torna ridículo)
E eu não dormi mesmo.

RENATA (indo pentear os cabelos)
Pô, cara. Me quebra essa. Que que custa tomar um pouco de sol lá embaixo?

MAURÍCIO

Negativo. 'Tá me achando com cara de bobo, é?
Renata olha de alto a baixo e ri. Maurício começa a vestir a camisa.

RENATA

Você é engraçado.

307

MAURÍCIO

Engraçado, o cacete. Já 'tou de saco cheio de vocês. Essa história de mulher inteligente demais não dá certo. Fica tudo meio maluca... Meio anormal... Enrolando os outros.
Enquanto diz isso, ele vira-se de costas, tira a calça de pijama e veste as cuecas.
Renata aproxima-se dele de um jeito meio afetuoso, como se fosse dizer algo. Mas ele se antecipa.

MAURÍCIO

E, com o perdão da palavra, porque não manda essas tuas amigas à merda?!

RENATA (sem arredar pé)
Me quebra o galho?

MAURÍCIO (vestindo as calças, categórico)
Não.

RENATA (muito decidida)
'Tou pedindo pra me ajudar.
Ele, que estava virado de costas para Renata, vestindo-se, gira sobre seu próprio corpo. Dá um tempo, transforma a expressão de negativa em submissa aceitação.

MAURÍCIO
Tudo bem... Mas só um pouquinho.
Renata lhe dá um beijo no rosto (desta vez mais forte do que o da noite passada). Em seguida, vira-se rapidamente de costas para ele.

RENATA
Amarra a alça?
Maurício permanece embasbacado por um tempo mínimo. Em seguida inicia a operação.

33. PÁTIO INTERNO / EXTERIOR / DIA

Plano se abre com Marina arrancando grande placa de cera de sua perna. A câmera recua, mostrando os demais personagens. Marina fica em fundo, sentada no degrau da porta. Sofia, sempre sem a parte superior do biquíni, conversa com Rubinho. Adriana parece não se dar conta de nada, além de si mesma. Quando o plano se

inicia, Rubinho já está falando, em off.

RUBINHO (off)

Você é inteligente, mas, francamente, não consigo entender tuas colocações... (já entrando em campo) Se a arte não é capaz de mudar nada, pra que ela serve, então?

MARINA (do fundo)

Pra porra nenhuma.

SOFIA (como se não tivesse escutado)

Pode ser um jeito de criar a beleza, não pode?

RUBINHO

Ah, não. Eu, não. Eu não faço poesia pra ninguém ler na cama e depois ir dormir tranquilo. Eu quero que as pessoas acordem no meio da noite, pensando na realidade.

309

SOFIA (cortando o papo)

Passa o bronzeador?

MARINA (outro sobressalto, do fundo)

Nem fala nisso. Ando com uma puta insônia. Enquanto Marina fala, Sofia passa o corpo sobre o de Rubinho, necessariamente roçando os seios nas costas do rapaz...

RUBINHO (entrementes, para Marina)

E o Rocha? Quando é que vem te visitar?

MARINA (dá de ombros com ar enfasiado)

Sei lá...

RUBINHO

Quando ele vier, quero conhecer esse cara (volta-se para Sofia que já pegou o bronzeador e voltou à sua posição inicial). Sabe que ela é amiga do Rocha, aquele professor que morou no exílio?

SOFIA (toma a mão de Rubinho e coloca bronzeador nela)

Eu não preciso sair daqui pra me exilar...

Ela leva a mão de Rubinho até suas costas e faz com que ele passe o bronzeador.

SOFIA

Você não gosta do perigo?

310 Rubinho, atônito, olha para Sofia, depois para Adriana, que faz seus exercícios. Depois, meio incomodado e meio com prazer, começa a passar bronzeador nas costas de Sofia. De leve, suas mãos começam a procurar as axilas de Sofia. Marina observa a movimentação ao fundo.

SOFIA

A arte é perigo.

MARINA

Ei. Isso é arte ou sacanagem?

Ao ver que Marina está ligada no que acontece, Rubinho tira a mão depressinha do corpo de Sofia. Adriana, ao ouvir Marina, também tem a atenção despertada e pára com os exercícios, erguendo o corpo e olhando alternadamente para Sofia e Rubinho.

Tem um ar interrogativo, como se quisesse saber do que, afinal, estavam falando.

Nisso, surgem à porta Renata e Maurício. Ela veste o biquíni (que colocara na seq. 32) e uma toalha. Maurício está de gravata e carrega o paletó às costas.

Sofia vira-se de frente para a cena, recolocando os óculos escuros.

Renata e Maurício param em posição central em relação ao grupo.

Renata abre um sorriso triunfal e cumprimenta a todos.

RENATA

Oi.

SOFIA (encarando Maurício, enquanto Renata estende sua toalha nas proximidades)

311

Parece que não dormiu essa noite.

MAURÍCIO (com jeito de poucos amigos)

Pouco.

ADRIANA (sem enxergar direito, protegendo os olhos do sol com uma das mãos)

O quê? Vai me dizer que...

E aponta o dedo indicador da outra mão, ora para Renata, ora para Maurício. Com um salto, Adriana levanta-se esfuziante, aproximando-se da amiga.

ADRIANA (em voz baixa)

Conseguiu?

Renata confirma com a cabeça. Adriana solta-a e vai até Maurício, que está um pouco atrás de Renata, e cumprimenta-o, estendendo a mão. Fala ao pé do ouvido.

ADRIANA

Parabéns.

Ele agradece, constrangidíssimo, com um gesto de cabeça.

34. REPÚBLICA / PÁTIO INTERNO / EXTERIOR / DIA

Corte direto. Os personagens já se dispõem de outra maneira sob o sol.

312 Marina aparece na porta, vinda da cozinha, colocando um avental.

MARINA

Vou fazer um rango. Quem mais 'tá a fim?

RUBINHO (erguendo-se prontamente)

Eu não! Combinei com o velho. Ele deve 'tar esperando.

MAURÍCIO (que sua por todos os poros e está sentado; Renata também está sentada, apoiada nele)

É... Eu também não.

Renata olha-o, insatisfeita. Sofia inquire.

SOFIA

Como, não?

MAURÍCIO

É... A minha mãe 'tá esperando.

SOFIA

Liga pra ela e desmarca. Onde já se viu interromper a lua-de-mel assim?

RENATA (aproveitando a dica, levanta-se,
enquanto Maurício tendo perdido o apoio,
quase se esborracha)

Que interromper? O Maurício me convidou pra comer na casa dele.

SOFIA

Já?!

Maurício fica sem jeito. Renata estende as mãos para ajudá-lo a levantar.

313

RENATA

Não fica com vergonha.

SOFIA (intrigada)

Como é, convidou ou não convidou?

MAURÍCIO (assumindo)

É isso aí. Convidei.

35. CARRO DE MAURÍCIO E RUAS DE SÃO PAULO / INTERIOR E EXTERIOR / DIA

De início apenas casas e edifícios. Pela mudança de aspecto, percebe-se que o carro sai de regiões ricas e dirige-se para um bairro popular, na zona leste.

Maurício dirige, extremamente irritado. Renata fica com os pés no painel.

RENATA

Que cara é essa? Custa me quebrar um galho? Mais um pouco e pronto... Faz de conta que você me largou.

MAURÍCIO

Coisa mais xarope...

RENATA

Que que 'cê faz, hein?

MAURÍCIO

Como assim?

RENATA

314 Trabalha em quê?

MAURÍCIO

Banco... Sub-gerente...

RENATA

Que barato! (ela ri).

MAURÍCIO

Que que é? Vai cagar na minha cabeça, também? Cada um faz o que pode.

RENATA (parando de rir)

Acho que você ia gostar do meu pai. Ele é gerente.

Maurício olha pra ela com cara de poucos amigos.

36. FRENTE DA CASA DE MAURÍCIO / EXTERIOR / DIA

Plano de um pequeno sobrado, com o carro de Maurício parado à porta.

37. CASA DE MAURÍCIO - SALA / INTERIOR / DIA

Sala da casa. Pequena, arrumada. Iconografia pequeno-burguesa (evitando o demasiado típico). À mesa de jantar estão reunidos mãe de Maurício, Renata e Maurício. Almoço em pleno andamento.

MÃE

Se o Maurício tivesse avisado, eu teria preparado uma coisinha melhor.

RENATA

'Magina. 'Tá ótimo... Eu morro de saudade de uma comida assim. A senhora sabe... Na república todo mundo é estudante... Ninguém tem tempo pra cozinhar direito.

MÃE

Mas você não vai mais me fazer isso, né Mauricinho? Me avisa da próxima vez que não dormir em casa.

MAURÍCIO

É que não deu jeito, mãe...

MÃE (para Renata)

Eu não me incomodo... Acho que vocês são jovens, precisam se divertir... Mas...

MAURÍCIO (cortando)

Olha, mãe, pra me desculpar, depois do almoço eu levo a Renata e venho consertar aquela janela engripada, tá?

RENATA (em cima)

'Cê não me prometeu me levar no cinema?

MAURÍCIO (olhos esbugalhados)

Cinema?

MÃE (colocando a mão sobre a do filho)

Vai, filho... Não precisa se preocupar comigo...
Se vocês combinaram...

316

38. CARRO DE MAURÍCIO / INTERIOR E EXTERIOR / DIA

Plano do automóvel de Maurício, visto do exterior. Passagem em rua de movimento, na zona Norte ou Leste, mas em dia feriado. Corte para interior, com Maurício e Renata.

MAURÍCIO

A velha gostou de você. Vou te dizer: é a primeira vez que isso acontece. Ela é ultra-ciumenta.

RENATA

Ela é super-legal.

MAURÍCIO

A velha? É que 'cê entrou com esses papos de psicologia, deu uma de inteligente...

Plano dos dois. Maurício acende um cigarro que tinha na mão desde o início da seqüência, com seu isqueiro.

RENATA

Que barato, esse isqueiro!

MAURÍCIO

Gostou? Foi presente da velha.

39. COZINHA DA REPÚBLICA / INTERIOR / DIA

317

Adriana vem da mesa para a pia, tirando as louças. Marina levanta-se e prepara a retirada.

MARINA

Deixa eu estudar... Quando o Rocha vier, vai querer saber como anda a tese.

ADRIANA

Rocha, Rocha... Faz seis meses que esse cara prometeu que vinha te ver aqui em São Paulo e nunca deu as caras.

Adriana abre a torneira. Marina se retira, sem esperar nem receber despedidas. Sofia apaga o cigarro que tem nas mãos e ajuda a levar as

louças para a pia, enquanto Adriana começa a lavagem.

ADRIANA

Escuta, 'cê não tá afim de pegar um cinema?

SOFIA (retirando as últimas panelas)
O Rubinho não vem te pegar?

ADRIANA (dando de ombros)

Disse que vinha.

Elas prosseguem na operação. Ouve-se a máquina de escrever, que começa a batucar ao longe, no quarto de Marina. Sofia olha fixamente para Adriana.

SOFIA

318 Você não é uma mulher completa.

ADRIANA (surpresa)

O quê?

SOFIA

Isso que você ouviu.

ADRIANA

Não deu pra sacar.

SOFIA (seguríssima)

Você não me parece uma mulher satisfeita.

ADRIANA (se entregando à lavagem)
Deixa pra lá.

SOFIA

Fala logo o que 'tá sentindo...

ADRIANA (encarando Sofia)
Sei lá, estou de saco cheio...

SOFIA (saboreando a confissão)
O menino aí?

ADRIANA
Tenho que fazer o que ele quer... Quando quer...
Gostar de tudo que ele gosta... Sabe que eu não
tenho mais amiga depois que comecei a sair com
ele?

SOFIA (curiosa)
E na cama? Como ele é, na cama?
Adriana torce o nariz e desvia-se do olhar agudo
de Sofia, passando por ela e preparando-se para
guardar a louça.

319

ADRIANA (de costas junto ao armário)
Vamos ao cinema?

SOFIA (estudada)
Vai você... É melhor eu ficar estudando...

ADRIANA (voltando-se)
É chato, sozinha...

SOFIA (convencendo-a)
É bom ficar sozinha um pouco... Vai...

40. QUARTO DE MARINA / INTERIOR / EXTERI-
OR / DIA

Marina bate à máquina. Pára de repente.

Fica estática por um tempo. De repente, começa a projetar a cabeça com violência contra a máquina. Detém-se em seguida. Pega uma tesoura que há sobre a mesa. Aponta-a contra o pescoço. Tem-se a impressão de que vai se matar. Em seguida, começa a correr a tesoura na pele, na região dos pulmões, deixando um sulco de sangue.

Detém-se em seguida. Olha para o sangue. Espalha-o em suas mãos. A câmera passeia pelo quarto, fazendo um giro de cerca de 180 graus, até chegar à janela. Mostra o lado externo da casa, onde o carro de Maurício está chegando.

320

41.FRENTE DA REPÚBLICA E CARRO DE MAURÍCIO / EXTERIOR / DIA

Maurício detém o carro, onde está com Renata.

MAURÍCIO

Bom... Aqui estamos... Salta!

Adriana prepara-se para sair, desapontada. Maurício parece se sensibilizar.

MAURÍCIO

Escuta, já fiz o que você queria... Mais do que pedia... Agora chega, pô. Não vou perder o meu fim de semana inteiro com você.

O plano em que ele fala começa mais ou menos frontal. A câmera se desloca para a esquerda de Maurício, de modo que se vê não só o casal, como o portão da república, onde Adriana

aparece. Ela vem até o carro, sem ser percebida pelos dois e enfia a cara no vidro do lado onde está Renata, batendo com os dedos.

Ela chega ao mesmo tempo em que Maurício acaba de falar, aproximadamente. Quando ela bate, Renata baixa o vidro.

ADRIANA (animada)

Opa. Como é que vão?

MAURÍCIO E RENATA (em tons diversos)

Tudo bem.

RENATA

Que roupa é essa?

ADRIANA

A Sofia me emprestou. Bonita?

Maurício concorda com a cabeça, Renata desaprova ao mesmo tempo.

RENATA

Não faz teu gênero.

Adriana volta a olhar para dentro, pouco satisfeita com a observação. Parece que vai estrilar, mas muda de idéia, no meio do caminho.

ADRIANA

Ei, 'cês me dão carona até um cinema?

Maurício tenta esboçar uma resposta, fazer cara de que não pode, olha o relógio, mas Renata se antecipa.

RENATA

Legal. A gente também 'tava a fim de ir, né?
E olha para Maurício. E volta para Adriana em seguida.

RENATA

Não quer vir com a gente?

MAURÍCIO (tenta pular fora)

Escuta, eu...

ADRIANA

Uma boa...

Renata abre a porta e levanta o banco. Adriana se lança no banco de trás do automóvel, enquanto Maurício faz caretas de insatisfação para Renata.

322

ADRIANA (ainda estranhando)

Olha, diz que 'tá passando um filme genial na Cinemateca.

RENATA

Eu topo. 'Cê 'tá a fim, Maurício?

MAURÍCIO (ligando o carro, conformado)
Topo... Topo... (e voltando-se para trás) - Aonde que é esse cinema?

42. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / DIA

Sofia bebe goles de vodka e se arruma, no estilo disparatado que a caracteriza. Em dado momento, ouve a campainha tocar. Plano do

rosto de Sofia, atenta.
Sai da imobilidade, segue em direção à porta.
Abre-a.

43. CORREDOR INFERIOR E ESCADA/INTERIOR/ DIA

Sofia desce a escada apressadamente, indo na direção da porta. Passa pelo quarto de Marina, que está com o rosto, apenas, para fora da porta.

MARINA

É comigo?

SOFIA

Não. Comigo.

MARINA

Não é o Rocha chegando?

Sofia já está com a mão na fechadura da porta. Marina entra em seu quarto e some. Sofia abre a porta que dá para o jardim dianteiro. Rubinho entra.

RUBINHO

Oi. A Adriana 'taí?

SOFIA

Saiu.

RUBINHO (decepcionado)

Ah, é?! Eu volto mais tarde, então.

SOFIA (aparentando indiferença)
Fica aí. Eu te faço um café. Ela deve chegar já.

44. CINEMA / INTERIOR / DIA

Vêm-se cenas de um filme clássico em preto e branco. Se possível, Sangue de Pantera. Platéia quase deserta. Renata, Maurício e Adriana estão sentados lado a lado. Renata guarda uma prudente distância de Maurício, que parece estar completamente cheio do filme (e tudo mais). De vez em quando ele volta-se para ela, como a pedir socorro, mas é ignorado.

Adriana está absorta no filme. A câmera se aproxima dela, discretamente.

324

45. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / DIA

A seqüência se abre com o plano dos pés de Rubinho tamborilando no assoalho. A câmera recua, mostrando-o junto à janela, olhando para o exterior. Sofia está sentada à mesa de estudos, onde estão também xícaras e bule de café.

RUBINHO (de costas, falando muito tenso)
É sacanagem o que eu vou te dizer... Mas 'tou te achando mais bacana que a Adriana.

O movimento a esta altura já deve estar completo, com Sofia de costas para a câmera e Rubinho de costas para Sofia. Um tempo de

silêncio. Rubinho vira-se finalmente e começa a andar na direção de Sofia. Ela se levanta.

RUBINHO

Você tem um jeito estranho de olhar...
Ele chega próximo a Sofia.

RUBINHO

Eu sinto que a gente se entende... Saca?
E coloca as mãos nos ombros dela, que se apoia na mesa.

RUBINHO

Sei lá... Você é uma coisa muito séria.
Diz isso, enquanto vem descendo com as mãos pelas costas da garota. Acaricia-a delicadamente. Esboça um sorriso, mais seguro. De repente, Sofia lhe desfere um soco na boca do estômago.
Rubinho sai pulando, se contorcendo todo enquanto reclama.

325

RUBINHO

Pô! Que sacanagem... Se não 'tá a fim é só dizer.
PP de Sofia que o observa sem dizer nada, imóvel.
Plano aberto: Rubinho vai até a porta sem dizer nada. Volta-se.

RUBINHO

Diz pra Adriana me ligar.

SOFIA

Posso contar que você andou me cantando?

RUBINHO

Pelo amor de Deus, não faz isso.

Ela o segura pelo braço ao vê-lo amedrontado.

SOFIA

Engraçado... Você é muito mais forte do que eu. (Rubinho apenas olha, aturdido) Podia até me agradar... Se soubesse.

RUBINHO (pedindo passagem)

Dá licença...

SOFIA (sem abrir caminho)

Eu posso até te ensinar...

326 Leva as mãos do rapaz ao seu ombro. Ele está aturdido.

SOFIA

Segura.

RUBINHO

Me deixa ir...

SOFIA (autoritária)

Segura! Aperta!

O rosto de Rubinho começa a se transformar, deixando transparecer certa agressividade.

Plano das mãos de Rubinho apertando com força os ombros de Sofia.

SOFIA

Aperta, vai. Isso não te excita?

Plano de Rubinho, fazendo força.

SOFIA

Aperta como homem, seu merda.

Plano de Rubinho levando as mãos ao pescoço de Sofia e começando a pressioná-lo. Ela continua desafiante.

SOFIA

Você é um banana.

Ele aperta com força. Sofia começa a se contorcer, sentindo falta de ar. Mas não se entrega.

SOFIA

Ba-na-na.

Ele crava as mãos ainda com mais violência.

327

RUBINHO

Repete agora.

Ela repete a fala, com muito esforço.

SOFIA

Ba-na-na.

Mas logo em seguida cede sob a pressão, caindo aos pés de Rubinho, que finalmente a solta. Sofia permanece um instante com a cabeça baixa, ofegante.

Levanta a cabeça e sorri. Procura se erguer, segurando nas calças de Rubinho, até que fica de joelhos. Encosta a cabeça na calça de Rubinho, por um instante, retirando-a a seguir.

SOFIA

Você bate bem, garoto...

46. CINEMA / INTERIOR / DIA

Cenas finais do filme que está sendo mostrado (no caso de Sangue de Pantera, o momento em que Simone Simon se transforma em bicho).

Plano lateral de Adriana, Maurício e Renata, com Adriana em PP e impressionadíssima.

Plano geral da sala, as luzes se acendem, Maurício logo se levanta e espreguiça. Os gatos pingados começam a se levantar e ir embora. Adriana fica estática por alguns segundos. Levanta, afinal, seguindo Renata e Maurício.

328

46A. SAGUÃO DE CINEMA / INTERIOR / DIA

Maurício, Renata e Adriana chegam ao saguão, saindo da sala.

Adriana logo começa a comentar as excelências do filme.

ADRIANA

Putz, que filme. Que capacidade de mostrar a alma da mulher. Vocês não acham?

Maurício e Renata dão um ou dois passos sem dizer nada. Maurício tem a mão no bolso. Renata olha-o, como se quisesse consultar sua opinião.

MAURÍCIO

Olha, pra falar a verdade... Não curti nada... Filme branco e preto não é comigo...

Adriana, boquiaberta, olha para Renata, que desvia o olhar e baixa a cabeça.

MAURÍCIO

Vão me dar licença. Tenho que ir ao mictório. Plano de bombonière. Câmera se afasta. Renata e Adriana acabam de comprar um chocolate.

ADRIANA

Ele é um pouco grosso, não é não?

RENATA

Tem esse jeitão, mas é super-legal.

ADRIANA

Você curte ele?

RENATA (concordando)

Hum hum...

ADRIANA

Isso é o que interessa.

MAURÍCIO

Bom... Vamos andando...

RENATA

Ih, deixa de ser chato. Vamos tomar alguma coisa.

E ao dizer isso já se enlaça em Maurício, que se vê mais ou menos forçado a corresponder ao

abraço.

ADRIANA

Não. Eu também 'tou mais a fim de ir. O Rubinho deve 'tar me esperando.

48. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR /
ENTARDECER

Rubinho e Sofia após fazer amor. Ele parece um pouco aflito com a situação.

RUBINHO

Você acha isso direito?

SOFIA

O quê?

330

RUBINHO

Você... Transando com o namorado da amiga. Ela não responde. O traz para si.

RUBINHO

Você não se acha meio degenerada?

SOFIA

Completamente.

Ela parece se excitar com a idéia. Junta seu corpo ao de Rubens ainda mais, como se fossem fazer amor novamente.

48A. QUARTO DE SOFIA (continuação da seqüência anterior, com entardecer mais

acentuado).

Corte para um quadro sobre a cama de Sofia. A câmara desce em pan, encontrando Rubens e Sofia. Estão abraçados e nota-se uma grande ternura do rapaz por ela. Após um instante, Rubinho leva sua boca à de Sofia e beija-a com paixão. Ela aceita o carinho, satisfeita. Rubinho começa a desaparecer sob o lençol. Sofia ri, como que sentindo cócegas, faz um gesto largo com a mão, pedindo-lhe que pare.

SOFIA (maternal)

Agora chega.

Rubinho se faz de desentendido e continua. Sofia ergue o corpo com um gesto brusco, desalojando-o.

331

SOFIA (autoritária)

Agora chega, entendeu?

49. FRENTE DA REPÚBLICA / EXTRIOR / NOITE

O carro com Maurício, Adriana e Renata chega. As meninas descem. Maurício permanece impassível - motor do carro ligado - durante a operação. Depois que elas saíram, estica a mão para Adriana.

MAURÍCIO

Até mais ver, então. Muito obrigado por tudo. Foi uma tarde muito agradável.

Adriana solta a mão dele e fala para Renata.

ADRIANA

O que, já vai embora? Que lua-de-mel mais curta.

RENATA

Se ele tem de ir, deixa ir.

MAURÍCIO

É... Sabe como é ... Amanhã é dia de trampo... Tenho de acordar cedo (e, para Renata). Te ligo assim que puder, tá?

ADRIANA

Olha, eu também levanto cedo amanhã. Te acordo.

332 Plano de Maurício, que olha ora para Renata, ora para Adriana.

Plano das duas, junto ao carro.

Maurício, contrafeito, arranca a chave do contato e sai.

50. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / NOITE

A seqüência se abre com plano de dois cigarros acesos e fumados até a metade (um deles com batom, claro), corrigindo para Rubinho, que fala na direção de Sofia (neste momento em off). Ele veste a camisa.

RUBINHO

É diferente transar uma mulher que nem você.

SOFIA (off)

Que que tem eu ?

RUBINHO

Sei lá... Mais aberta... Mais experiente...
Câmera corrige para Sofia, que se arruma em frente ao espelho e ouve o besteiro do outro com irritação.

SOFIA

Ah, é?... Então vê se pára de falar e se arruma que a tua namorada 'tá chegando.

RUBINHO (caindo em si)

A Adriana?

SOFIA

Quem mais?

333

RUBINHO (se apavorando)

'Tô fudido (e cheira a si mesmo, desesperado).
Ela vai sacar só pelo cheiro.

SOFIA

(que se aproximou dele desde o "quem mais")
Anda... Vamos.
Sofia ajuda o aparvalhado Rubinho a abotoar a camisa.

51. ESCADA / CORREDOR SUPERIOR / INTERIOR
/ NOITE

Plano de Adriana terminando de subir a escada e indo para seu quarto, direto. Coloca a mão na

maçaneta, mas verifica que a porta está fechada. Chama por Rubinho, batendo na porta.

ADRIANA

Rubens... Rubens...

Faz uma careta, indicando que não entende o que se passa e vai até o quarto de Sofia, colocando-se frente à porta. Bate com os dedos e, ato contínuo, abre a porta.

ADRIANA

Sofia...

52. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / NOITE

334

PV de Adriana, que entra. Vê-se a porta abrindo e a entrada de Adriana no quadro. No interior do quarto, Rubinho está próximo à guarda da cama, terminando de ajeitar os cabelos com as mãos. Sofia voltou ao espelho e penteia os cabelos.

ADRIANA (sem se interromper)

Sofia... O Rubinho não apareceu até...

Detém-se sem terminar a frase. Dá de cara com Rubinho. Plano de Adriana que, intrigada, olha para aquela cena ambígua, com certo desalinho de Rubinho e Sofia, a cama mal arrumada, os cigarros, o café, etc....

ADRIANA (surpresa, ainda, para Rubinho)
Ué, você aqui?

RUBINHO (fingindo descontentamento)
'Tava te esperando.

ADRIANA

(que não se deu conta do que houve)
Bateram muito papo?

RUBINHO

(mais que depressa, tentando evitar que se
chegue a tocar em assunto crítico)
Vamos sair. A Sofia deve 'tar querendo estudar.
Ele toma Adriana pelo braço e arrasta-a para
fora. Sofia segue a tudo, com o rabo dos olhos.

ADRIANA (para Rubinho)

Calma...

335

RUBINHO

Calma nada. A gente já encheu muito o saco
dela por hoje.
Sempre arrastando-a, leva Adriana na direção
da porta. Adriana fala, enquanto sai.

ADRIANA

Tá legal. A gente se fala mais tarde, Sofia.
Sofia sai do espelho (onde, na verdade, se
escondia). Ouve-se o ruído da porta fechando.
Sofia ainda se olha no espelho por um instante,
e depois para fora (na direção da câmara,
aproximadamente). Sorri, satisfeita com a
própria perversidade.

53. CORREDOR SUPERIOR / INTERIOR / NOITE

Adriana gira a chave, abrindo a porta do quarto. Antes de abrir a porta, joga os braços por trás do pescoço de Rubinho, num delicado e sensual abraço.

ADRIANA

Saudades de você...

RUBINHO

(tirando os braços dela de seu pescoço)
Que diabo de roupa, é essa, hein?
Adriana faz cara feia, abre a porta do quarto, acende a luz e entra.

336

ADRIANA (abrindo a porta)
A Sofia me emprestou.

RUBINHO (ainda na porta, entrando)
Roupa de puta.

54. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

Adriana chega até perto do armário, de costas para Rubinho e para a câmera. Começa a tirar a roupa. Rubinho vai atrás.

RUBINHO

O que fica bem nela não fica bem em você, não dá pra sacar?

ADRIANA (já sem o vestido)
Rubens, vai encontrar tua tchurma, vai...

RUBINHO (se fazendo de vítima)
Ah, então eu levo o cano e de quebra um esporro.

ADRIANA (já totalmente sem roupa)
Não tou te dando esporro. Só quero que pare de me encher o saco.
Ela tira uma toalha de banho do armário. Enrola-se nela. Parece que vai tomar banho. Em vez disso, senta-se na cama, com certo desânimo. Ela bufa e leva as mãos ao rosto. Durante esta ação, cam. se aproxima dela até chegar a PP.

ADRIANA
Vai embora, Rubinho, vai... Eu hoje não 'tou boa...

337

55. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Corte para detalhe da cama de Renata, onde ela atira sua camisola de dormir.

PA de Renata voltando-se e olhando para Maurício.

PP de Maurício, sentado numa cadeira, pernas cruzadas, acompanhando a operação. Renata vai até Maurício e vira-o em 180', para o lado onde está a TV.

RENATA
Será que dá pra virar pro outro lado?

MAURICIO (cínico)
Posso tentar.

RENATA

Eu ajudo.

Vai até a televisão e liga-a. Volta para sua posição inicial (na abertura da seqüência), falando no caminho com Maurício.

RENATA

Agora vê se olha pra lá.

Pan. acompanha-a. Ela começa a tirar a roupa. Contracampo: vê-se agora a imagem da TV ao fundo: Maurício, sentado na cadeira e virado de costas para a câmera; em PP, na lateral do quadro, e também de costas, Renata. Pela sua gesticulação depreende-se que está trocando de roupa.

338

LOCUTOR TV

E nesse instante, em nome de Mefé, a Sobre-mesa Mágica, passamos a apresentar as últimas notícias policiais.

O início da fala do locutor se dá logo que a TV é ligada.

Depois, quando Renata e Maurício estão de costas, este ensaia virar a cabeça para trás, para olhar Renata. Esta percebe a manobra.

RENATA

Viradinho pra televisão.

Maurício se conforma, bufando. O locutor prossegue na apresentação das notícias, enquanto a câmera se aproxima da TV em travelling.

LOCUTOR

A polícia começou a desbaratar hoje uma quadrilha que há meses vem se dedicando à fabricação de diplomas falsos. A prisão do meliante Edelcio Dirabeba, vulgo Perninha. (Na TV aparece a foto do tal Edelcio)

LOCUTOR

... Levou a localizar a gráfica onde eram impressos milhares de diplomas, de diversas faculdades.

Plano dos diplomas, com gráfica ao fundo.

LOCUTOR

O marginal confessou também o nome de seus asseclas, que se encontram foragidos: são eles Miguel Kobayashi e Evaristo Ponce de Leon, este último o cabeça do grupo.

Plano dos dois acusados, com ênfase para Leon, o mesmo rapaz que Sofia encontrara numa das seqüências iniciais.

Plano frontal de Renata, que termina de colocar a camisola, enquanto o Locutor prossegue sua arenga em off.

LOCUTOR (off)

A delegacia de falsificação espera, dentro de pouco tempo, capturar os marginais que se encontram foragidos. Mais cinco assaltos a bancos foram registrados hoje na Capital deixando o saldo trágico de um morto e três feridos.

RENATA (sobrepondo-se à voz do locutor)
Pode desligar...
Maurício vira-se e a vê totalmente vestida. Ele estica o braço e desliga a televisão. Levanta-se, recosta-se na mesinha de TV, com ar de revolta.

MAURÍCIO

Sabe o que eu sou? O maior otário do Brasil...
Diz isso e puxa um cigarro.
Plano de Renata, que agora mexe em uma gaveta e pega produtos de higiene facial. Ela vira-se e o vê com o cigarro na mão.

MAURÍCIO (prossequindo)

Também... Bela hora fui encontrar tua amiga...
Bela merda...

340

RENATA (picada)

Olha, se não 'tá contente, pode ir embora. 'Tou te pedindo pra quebrar um galho... Como amigo... E faz favor, não fuma aqui dentro!
Maurício guarda o cigarro, conformado.

MAURÍCIO

Isso é uma casa de loucas.

RENATA (joga agora o cobertor e um lençol
no chão)

Olha aí! Vai arrumando tua cama.

MAURÍCIO (fulo)

Ah, não. Essa não. Isso já é demais. Outra vez? Pensa que eu tenho costas de madeira? Hoje eu durmo na cama. Você fica aí.

Vem até perto de Renata e, quando fala “você fica aí ” aponta enfaticamente para o cobertor.

RENATA

Que cavalheiro...

MAURÍCIO

Pô... (abrindo os braços).

Agressivamente, Renata vai até o local, abaixa-se e estica o cobertor e o lençol, deitando-se mais ou menos ao mesmo tempo. Maurício observa a cena, primeiro aprovando, mas, ao ver o resultado final, parece um pouco constrangido.

RENATA

Táí! A cama é tua!

341

Maurício um pouco atônito, sem jeito, olhando para Renata.

RENATA

Era isso que você queria?

Ela vira-se para o lado oposto a Maurício, ostensivamente e fala, de costas.

RENATA

Faz um favor... Quando dormir, apague a luz. Fade-out.

56. QUARTO DE RENATA / REPÚBLICA / INTERIOR / NOITE

Fade-in.

Agora Maurício e Renata aparecem deitados na mesma cama, como carta de baralho (cada um com a cabeça para um lado). Há desconforto na posição. Os dois se mexem, tentando se ajeitar. Renata apaga a luz da cabeceira. Acende-a logo a seguir. Quando a luz se acende, ela tem um pé de Maurício bem de frente ao seu rosto. Ela o desvia com as mãos, fazendo expressão de nojo.

Maurício se encolhe daqui e dali, encontrando uma posição razoável. Renata apaga a luz.

RENATA

Boa noite.

342

MAURÍCIO

Boa noite.

Renata volta a acender a luz, um instante depois.

RENATA

Sabe que você é bacana?

MAURÍCIO (surpreso)

Que que eu tenho de bacana?

RENATA

Sei lá... Quebrou meu galho...

MAURÍCIO

Esquece... Apaga a luz...

RENATA (pensativa, de luz acesa)

Acho que você é o primeiro amigo que eu te-

no. Maurício olha-a furibundo.

RENATA

Verdade!

Maurício faz um ar de desconsolo e recosta-se.
Fade-out.

57. CIDADE UNIVERSITÁRIA / EXTERIOR / DIA

Plano geral da Cidade Universitária.
Plano do Instituto de Psicologia, visto do exterior.

58. INSTITUTO DE PSICOLOGIA / INTERIOR / DIA

Plano da caixa de Skinner: uma cobaia executa os movimentos típicos das experiências behavioristas, sendo estimulada e recebendo reforço no sentido de executar uma determinada ação.

Esta ação se fecha com o animal levando um choque e retraindo-se, assustado. No áudio, durante a ação, Adriana explica (em off) como se dá o processo de condicionamento. Terminada a explicação, o campo se abre. Adriana e Sofia encontram-se num laboratório de psicologia experimental, onde dúzias de caixas com cobaias encontram-se empilhadas.

ADRIANA

É isso.

SOFIA

Legal...

Adriana ri. Sofia observa tudo.

SOFIA (prosseguindo)

A que horas você sai?

ADRIANA (consultando o relógio)

Lá pelas três.

SOFIA

Não quer fazer umas compras depois?

ADRIANA

Com quê? O máximo que eu compro é na liquidação do Mappin.

SOFIA

344

Meu método é mais econômico: eu roubo.

Adriana atônita. Olha-a de alto a baixo, aponta com o dedo para suas roupas.

ADRIANA

Por isso...

Sofia ri, confirmando com a cabeça, enquanto se prepara para deixar a sala.

SOFIA (abrindo a porta e preparando-se para sair)

Te espero às três?

ADRIANA (passado o espanto)

Às três.

SOFIA (apreciando o laboratório)

Eu gosto de fazer a mesma coisa que você... Só que com gente.

59. INSTITUTO DE PSICOLOGIA - CORREDOR / INTERIOR / DIA

Plano de Rubinho parado na porta de saída do edifício, encostado no batente, fumando, aparentemente distraído.

Plano de Sofia saindo do Laboratório e encaminhando-se para a saída do edifício. Ela passa por um rapaz que faz observações análogas às de Adriana, mas com um formigueiro. Olha, mas não se detém. Segue. Em determinado momento olha para frente, fixo.

345

Pára de andar de imediato, hesitante. Plano de Rubinho que joga fora o cigarro e posta-se na porta de saída, ostensivamente.

Ele começa em seguida a caminhar até Sofia.

Plano de Sofia que, após a hesitação, recomeça a andar. Os dois se encontram no corredor. Rubinho segura-a pelo braço.

RUBINHO

Vamo' almoçar?

SOFIA (crispando)

A Adriana 'tá te esperando.

RUBINHO (dando de ombros)

Ela me deu o maior fora ontem.

Sofia abre caminho, indo para o exterior,
Rubinho a segue.

60. FRENTE DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA /
EXTERIOR / DIA

Sofia caminha rápido, com Rubinho um pouco
atrás, quase ao seu lado.

RUBINHO

Fiquei te esperando na Filosofia.

SOFIA

E daí?

RUBINHO

Alguém te viu vindo pra cá.

SOFIA (parando)

Você devia estudar pra tira!

RUBINHO

Te incomoda?

SOFIA

Eu não gosto de gente no meu pé.

RUBINHO

Sei lá... Ontem foi tão legal... Achei que a gente
tinha de levar um papo.

SOFIA

Ontem foi ontem... Passou... Dá pra entender?
Todo o diálogo é filmado num único plano, em

travelling, com Sofia de modo geral dando suas réplicas e seguindo; ao contrário, ela se detém quando Rubinho fala.

RUBINHO (desenxavido)

Bom... a gente se vê.

SOFIA

(seguido, com um meio sorriso triunfal)

É isso aí... Deixa que eu te telefono.

Desta vez, Rubinho detém-se definitivamente. Ele hesita sobre a direção a seguir, desconsertado pela conversa. Acaba não indo nem atrás de Sofia e nem na direção que o levaria a Adriana. Toma um terceiro caminho.

61.FRENTE DA REPÚBLICA / EXTERIOR / DIA

347

Câmera alta. Sofia entrando pela parte inferior do quadro, atravessando o jardim que leva à porta de entrada da República. Câ. segue-a em travelling, ao mesmo tempo que executa zum-out.

62.COZINHA / INTERIOR / DIA

Plano da cozinha tomada do corredor. Mesa com dois pratos e sinais de refeição já realizada. Marina está de pé, apoiada na mesa, tomando chá. A câmera executa o mesmo movimento duplo da seqüência anterior.

Marina toma chá e olha na direção da câmara. No áudio, ruído de porta se abrindo e depois passos. A câmara interrompe seu movimento. Sofia entra em quadro, vindo do corredor. Marina nem espera que ela se aproxime: está com a cara emburrada. Sofia nada pergunta, mas detém-se, ainda no corredor.

MARINA (move a cabeça para o quarto de Renata)

A fresquinha aí...

SOFIA

Que que houve?

MARINA

Andou me apresentando a conta outra vez.

348 Sofia entra na direção da cozinha, sem dar resposta. Marina segue-a.

MARINA

Tudo que eu queria era ter um emprego e dar o fora daqui.

SOFIA

Calma, Marina.

MARINA

Calma o catso. Ninguém me quer mais aqui, não é verdade?

SOFIA

Claro que não.

Marina está raivosa, mas percebe-se que está,

sobretudo, alterada: tem os gestos irregulares (ora rápidos, ora lentíssimos), o olhar sempre vago, contrastando com a precisão das palavras. Sofia responde e acende o fogo sob as panelas.

MARINA

É!

SOFIA

Eu converso à noite com a menina, a gente conversa assim.

MARINA

E pára com esse jeito de me acalmar. Eu sou a mais antiga aqui!

Sofia se ocupa com as panelas, sem responder, sentindo a barra.

349

MARINA

E você é outra que não me suporta.

Sofia encara Marina com ar de paciência.

MARINA

É isso mesmo.

Marina faz meia volta e sai, com ar sonambúlico.

MARINA

Eu 'tô sufocando...

Sofia observa a saída de Marina, que veste um roupão.

63. PARQUE DO IBIRAPUERA - MARQUISE /
EXTERIOR / DIA

Plano do Parque do Ibirapuera, com lago e áreas verdes em fundo. Corrige para Marina, que caminha sob a marquise. Tem outras roupas, mas o mesmo ar de ausência misturado à tensão. Caminha sem seguir uma linha reta, procurando observar coisas de um lado e de outro. Alguns homens a observam com atenção. Ela parece não se dar conta.

64. IBIRAPUERA - PROXIMIDADES MUSEU DA AERONÁUTICA / EXTERIOR / DIA

350 Plano do Museu da Aeronáutica. Marina entra em quadro, de costas, seguida pela câmera. Um rapaz, vestido com roupas de praticidade da aeronáutica, entra pouco depois. Tem as mãos no bolso e parece observá-la com atenção. Marina, que conserva atitude idêntica à da seq. anterior, em dado momento parece se sentir observada. Pára. O rapaz também pára. Ela volta-se para ele e começa a andar novamente. Ele tem um raminho de grama entre os dentes e usa óculos escuros. Ele tira os óculos. Tem um ar meio irônico.

PRACINHA

Vai pr'a onde, moça?

Ela se vira, horrorizada e começa a andar, apressando o passo, na direção do edifício da Bienal, na parte posterior, onde fica o MAM. O Pracinha deve transmitir uma sensação de

ameaça, como se fosse abordá-la, pedir documentos etc.

65- FRENTE DO MAM / EXTERIOR / DIA

Marina, passo apressado, em direção ao MAM. O rapaz segue atrás dela, sério.

PRACINHA

Qual é o problema, moça?

Ela aperta o passo ainda mais ao escutá-lo e começa a correr. O rapaz a segue com passos rápidos.

66. RAMPA DO MAM / EXTERIOR / DIA

Marina, alternando corrida e passadas rápidas, ganha a rampa que leva ao Museu. O Pracinha vem na mesma direção.

Vários planos de Marina subindo a rampa: geral, os pés, o rosto. Plano de Marina chegando à porta do Museu, após subir o último lance da rampa e entrando, apressada. Ao passar pela porta, cruza com a moça da portaria, que observa, muito impressionada, a sua passagem. A câmera fica com a moça da portaria, que vira o rosto completamente para seguir com o olhar os movimentos de Marina. As duas mãos do Pracinha entram em quadro e tapam os olhos da moça. Ela tem um sobressalto. Volta-se. À sua frente, está o Pracinha, que abre um sorriso

e tira os óculos. Após se refazer do susto, a moça abraça-o.

PRACINHA

Vamo'. O astral aqui tá baixo.

67. MAM/ INTERIOR / DIA

Marina no interior do Museu. Anda de lá para cá, nervosa, completamente estonteada, por entre os quadros. Pára diante de um deles, que parece apavorá-la. Recua alguns passos e vira-se. Dá de cara com outra figura apavorante. Ela tira da bolsa um par de óculos escuros e o coloca. Plano geral do Museu, impecavelmente vazio.

352 Plano de Marina, que dá alguns passos e se detém. Ouve-se o ruído de mais dois ou três passos e depois o silêncio é completo. Marina caminha novamente e novamente pára. Novamente, ouvem-se alguns passos e depois o silêncio.

PP de Marina muito tensa.

Plano subjetivo: a câmera volta-se para vários lados. Tudo deserto.

Plano de Marina em posição oposta à em que se encontrava anteriormente. Ela dá mais alguns passos. Pára. Agora o ruído de passos não pára e, ao contrário, cresce. Marina começa a correr, procurando um refúgio, de lá para cá. Mas não há refúgio: atrás de uma parede, sempre outra parede com quadros.

Até que em dado momento dá de encontro com um homem negro, vestido de terno, muito sério. O homem se assusta. Marina também e muito mais. O homem pede desculpas. Marina permanece pasma. Os dois se reconhecem e, com grande satisfação, caem nos braços um do outro. Marina tira os óculos e chora abraçada a Rocha, parecendo tirar um enorme peso de si.

MARINA

Porque não me procurou?

ROCHA

Eu liguei do aeroporto. Disseram que você tinha ido pro Xingu... Fui pra um hotel... Marina não contesta. Abaixa o olhar, como que lamentando a atitude de Renata (quando atendeu o telefone), mas logo o ergue na direção de Rocha, cujo rosto passa a acariciar, como se quisesse aferir a realidade da visão que está tendo.

353

MARINA

Fica comigo?

Ele responde positivamente com a cabeça. Saem caminhando, enlaçados pela cintura.

68. RUAS DA CIDADE / EXTERIOR / DIA

Plano de Sofia e Adriana, que caminham lado a lado. Sofia veste-se com elegância (uma roupa cujo motivo sugira enlaçamento, pelo desenho

ou pela forma). Adriana tem uma bolsa consigo. Não se escuta o que dizem, mas presumivelmente, pelos gestos, trata-se de Sofia dar instruções a Adriana.

Chegam em frente a butique 2. Sofia detém Adriana. Passam a olhar a vitrina. Sofia fala, fingindo que observa as roupas expostas.

SOFIA

Tá nervosa?

ADRIANA

Tou tensa.

SOFIA

Ótimo... Gosta daqui?

354

ADRIANA

Acho que sim.

SOFIA

Então vamos.

Prepara-se para sair. Adriana pega-a pelo braço.

ADRIANA

Que que eu peço?

SOFIA

O que te falta.

Caminha resoluta. Entra na loja, seguida por Adriana.

(Durante a seqüência, nota-se a Dona da butique observando o lado de fora)

69. BUTIQUE 2 / INTERIOR / DIA

Interior da butique. Próximos ao balcão, Cliente, Mulher e Dona da butique.

CLIENTE (talão de cheques em punho)
Dia 8, 63 mil. Dia 10, 120 mil, dia 13, 48 mil. Em uma semana mais de duzentos mil, só nessa loja. A Mulher ouve a tudo em silêncio. Dona apenas observa, um pouco constrangida, a discussão... O cliente prossegue.

CLIENTE

... Quer dizer... Você... Acha que eu tenho uma mina de ouro...

MULHER

Foi só esse mês, meu bem...

355

CLIENTE

Ah, quer conferir o mês passado? Vamos conferir.

MULHER

Não faz escândalo, Gilberto.
Durante o diálogo, observa-se que a Dona da butique procura acompanhar com os olhos os movimentos das clientes que acabam de entrar. Enquanto o Cliente prossegue nas queixas, a câmera faz pan., seguindo o olhar de Dona, até local onde Adriana escolhe vestidos.

CLIENTE (off)

Faço escândalo, sim. E tem mais uma coisa: amanhã vou fechar nossa conta. Se quiser comprar roupa vai ter que me pedir. Vamos embora.

Enquanto Cliente se queixa, vê-se Adriana que termina de escolher os vestidos e se dirige para a cabine. A câmara segue até Sofia, que olha outras peças de roupa e disfarça, fazendo tempo. A Dona entra em quadro e fica seguindo seus movimentos.

Sofia olha para ela, ostensivamente. O Cliente já deixou a loja.

DONA

As pessoas querem qualidade, mas não querem gastar.

356

Sofia sorri, concordando, mas nada responde.

DONA

Deseja alguma coisa?

SOFIA

Não... Só estou olhando... Minha amiga foi escolher.

Sofia volta-se. Dona continua perto dela, observando.

DONA (um tempo depois)

A senhora já é nossa cliente, não?

SOFIA (pensativa, como quem tenta recordar)

Não... Creio que não.

DONA

Eu creio que sim.

Sofia volta-se.

Plano de interior da cabine. Há um grande cinzeiro de pé (semelhante ao da primeira boutique visitada por Sofia). Adriana fuma, matando tempo.

Pouco depois, apaga o cigarro. Pega um dos vestidos e arranca com gesto forte o lacre magnético, e joga-o displicentemente no cinzeiro.

Sofia e a Dona da boutique. Há silêncio (o plano do interior da cabine - ou planos, se for o caso - deve ser intercalado com os diálogos entre Sofia e Dona). Pouco depois, ouve-se um ruído vindo de dentro da cabine.

A Dona (PP frontal).

Sofia (idem).

A Dona se encaminha para cabine.

A Dona abre com um gesto brusco a cabine e pilha Adriana no exato momento em que ela está colocando o vestido dentro da bolsa. Adriana interrompe o gesto, aterrorizada. Total imobilidade de Adriana e Dona.

70. DELEGACIA - ESTÚDIO FOTOGRÁFICO / INTERIOR / DIA

Câmera fotográfica em tripé, como flash espoucando.

Plano de Leon, em perfil.

Plano geral do estúdio fotográfico. O fotógrafo faz um gesto a Leon, para que se levante. Ele obedece, indo na direção da porta, seguindo o fotógrafo.

71. DELEGACIA / INTERIOR / DIA

O fotógrafo sai da sala, seguido por Leon. Leon passa à frente do fotógrafo, que fecha a porta. Agora, somente, vê-se que Leon tem as mãos algemadas. Ele atravessa um pequeno corredor, indo até a mesa do Delegado. O plano se abre, de maneira que vê-se todo o ambiente: de costas para a câmera e próximas ao Delegado estão Adriana e Sofia. Adriana tem a cabeça enterrada no colo de Sofia e chora. Sofia está bem próxima a ela, como que para consolá-la. Alguns guardas e investigadores (que desde a saída do estúdio acompanham Leon atentamente) completam o quadro.

Quando Leon chega junto à mesa, Delegado está assinando um papel e faz um sinal, levado pelo guarda. Delegado acaba de assinar o papel que tem à sua frente e olha para Leon.

DELEGADO

(de maus bofes, fumando um charuto)

Quem mandou vir até aqui? Sentado... Lá!
Leon, indefeso, dá meia volta.

DELEGADO (sarcástico)

Ponce de Leon... ah ah ah...

Plano de Sofia que, ao ouvir o nome Ponce de Leon volta-se imediatamente na direção de Leon.

Plano de Leon, indefeso. Delegado prossegue com chacotas.

DELEGADO

Já encontrou a fonte da juventude, meu filho? Leon volta-se para ele, como se fosse responder.

DELEGADO (autoritário)

Senta lá. Já não mandei?

Plano de banco onde se encontra também a Dona da Butique. Leon chega e senta-se.

DELEGADO (off)

359

Dona...

A Dona da butique se levanta ao ser chamada.

DELEGADO

Pode chegar aqui?

Ela vai até perto dele.

DELEGADO (antes ainda dela chegar)

O negócio é o seguinte. O Vladimir aí (e aponta para o investigador em off) falou com o pai da menina por telefone. Ele disse que vai mandar o cheque da despesa... A senhora aceita retirar a queixa?

DONA DA BUTIQUE

Essa gente precisa de um corretivo, doutor... E

o tempo que eu fiquei com a casa fechada? É prejuízo...

Delegado come o charuto, coça a cabeça.

DELEGADO

Minha senhora, a menina não tem antecedente... Isso é molecagem... Coisa de estudante... Se a senhora retirar a queixa, livro as duas...

DONA

Eu não posso... É uma questão de princípios.

DELEGADO

Olha, minha senhora, se não fizer como eu digo, vai perder muito mais tempo... O seu e o meu também (e, passando do aparentemente calmo ao raivoso)... Que faz tempo que eu 'tou atrás desse sujeito (aponta Leon) e não vou ficar me enchendo o saco com besteira.

360

DONA (fazendo pé firme)

Eu mantenho a queixa.

DELEGADO (quase engolindo o charuto)

Muito bem. Vladimir!

Ao dizer Vladimir, um dos investigadores que está escoltando Leon se aproxima.

DELEGADO (prosseguindo)

... Acompanha a senhora aqui, vê se 'tá tudo em ordem com a loja... Imposto de Renda... INPS... ICM...

DONA (cortando, subitamente aflita)
Precisa tudo isso?

DELEGADO (cínico)

... Claro...

DONA

Então é melhor esquecer... Vai dar muito trabalho...

DELEGADO

É o que eu acho. Vladimir...

Delegado faz um sinal ao investigador, que vai até onde estão Sofia e Adriana.

Plano de Vladimir erguendo os braços das moças. Só então se nota que estão algemadas. Ele as libera. As duas se levantam.

Adriana se precipita, aos prantos, até a mesa do Delegado.

ADRIANA (canastrona)

Muito obrigado, doutor...

DELEGADO (indiferente)

Pára de chorar, saco...

ADRIANA

... Meu pai vai me arrebentar...

DELEGADO (ao pé do ouvido)

... Ele nem vai saber de nada!... Some, menina, some...

Adriana olha, entendendo tudo. Estica a mão, parando de chorar, para agradecer. Delegado nem se incomoda, volta a mexer em seus papéis.

DELEGADO

... Vamos ver... Vamos ver...

Plano de Sofia. Adriana passa à sua frente, indo na direção da saída, que fica próxima ao banco de Leon. Elas vão passando por Leon, que não deixa de observar Sofia. Esta também olha para ele.

DELEGADO

Evaristo Ponce de Leon... Que beleza!
Leon se levanta. Sofia está ao seu lado. De-tém-se.

SOFIA

Barra pesada?

LEON

Eu livro a cara.

362

SOFIA

Precisa de alguma coisa?

LEON

Cigarro...

DELEGADO (em off, berrando)

Ponce de Leon! Aqui!

Leon deixa Sofia e vai até o delegado, enquanto Sofia vai encontrar Adriana, que já está do outro lado da divisão. As duas saem, enquanto se ouve o Delegado.

DELEGADO (off)

Fazia tempo que eu queria papear com você...
Uma conversinha amigável...

72. FRENTE DA DELEGACIA / EXTERIOR / DIA

Sofia e Adriana saem. Sofia faz um discreto sinal de "positivo" com os dedos, para Adriana. Esta olha, mas não responde: trêmula.

SOFIA

Vamos tomar um café?

Adriana responde que não com a cabeça.

SOFIA

'Tá bronqueada?

Adriana afirma novamente que não, com a cabeça.

ADRIANA

Te pus em fria, não foi?

363

SOFIA

Besteira. Você nunca foi presa?

Adriana ainda uma vez diz que não com a cabeça.

SOFIA

É uma boa história pra contar pros filhos.

Adriana dá um ligeiro sorriso. Estão em frente a um bar. Sofia detém-se.

SOFIA

Eu preciso comprar cigarro...

Diz meio vagamente, como se não entendesse muito bem o porquê.

Olha para Adriana. Plano de Adriana, que tem olhos avermelhados.

SOFIA

'Cê não tem óculos escuros, hein?

ADRIANA

A Renata pediu emprestado hoje de manhã...

73.FRENTE DE BANCO / EXTERIOR / DIA

Corte para Renata, de costas para a agência bancária onde Maurício trabalha, e voltada para a rua. De costas também para câmera. Ela olha as horas no relógio de pulso. Já é tardinha, quase anoitecer. Ela se vira na direção da câmera e começa a caminhar. Levanta os óculos.

364 Plano de frente do Banco, com Renata chegando próxima ao guarda que está na porta. A tomada é feita a uma razoável distância, de maneira que não se ouve a conversa entre os dois. Apenas percebe-se que, tão logo chega Adriana, o guarda lhe fala alguma coisa, ela retruca; o guarda faz um incisivo movimento com a cabeça, como a dizer "não". Mostra as horas em seu relógio de pulso. Renata diz-lhe mais alguma coisa. O homem então parece entender as coisas diferentemente. Abre a porta para que ela passe. (se forem colocados diálogos, Renata dirá que é noiva de Maurício, para espanto do guarda, que nunca soube que ele era noivo).

74. BANCO / INTERIOR / DIA

Agência bancária em fim de expediente. Pouca gente trabalhando. Fechando gavetas e máquinas, revisando papéis.

Renata atravessa a agência, indo até a mesa de Maurício (onde existe a placa Gerente Operacional). Apóia a mão na mesa, descarregando o peso do corpo sobre ela. Olha os lados. Um instante depois chega Maurício, vindo de trás, distraído, trazendo papéis nas mãos. Quase cai de costas quando dá de cara com Renata.

MAURÍCIO

Você?!

RENATA

Quer jantar comigo hoje?

365

MAURÍCIO (furioso)

Quem te deu o endereço da agência?

RENATA

A tua mãe, quem mais?

MAURÍCIO

Saco!

RENATA

Quer ou não quer? Eu 'tô oferecendo. (coquete ao dizer a segunda frase).

MAURÍCIO

'Cê não vai largar do meu pé, não?

RENATA

Tudo bem... Tá certo... Queria comemorar o fim do nosso namoro.

Maurício, que tenta arrumar os papéis em uma gaveta, tem um sobressalto.

MAURÍCIO

Que namoro? Nunca teve nenhum namoro.

RENATA

Prás meninas teve!

MAURÍCIO (definitivo)

E além disso, tenho mais o que fazer, hoje !

RENATA (ciumenta)

Outra garota?

MAURÍCIO

Outra como?

RENATA

Outra... Não eu...

MAURÍCIO

... É isso aí... E vê se não me estrepa a vida que ela trabalha aqui comigo... (e, se fazendo de importante)... Subordinada...

RENATA

OK, Casanova (um leve ar de desprezo, estudado, ao dizer Casanova)... Eu só queria agradecer...

MAURÍCIO

Não se preocupe... Eu me sinto recompensado... Nesse instante entra em quadro Marilda, funcionária do Banco com quem Maurício combinou de sair.

MARILDA (para Renata)

... Com licença... Maurício, 'tou só te esperando. Maurício faz um sinal de positivo com a cabeça. Marilda prepara-se para sair (ela está com roupas de trabalho, simples, porém nota-se que acabou de maquiar e leva sua bolsa, apenas).

RENATA (emendando)

Não vai apresentar?

MAURÍCIO (entre confuso e furioso)

Essa é Renata... a Marilda...

Renata estende a mão para Marilda, que corresponde.

367

RENATA

Prazer... Eu sou a noiva do Maurício.

Maurício quase cai fulminado. Puxa um lenço e começa a enxugar a testa .

MARILDA (para Maurício, inquisidora)

Você nunca falou que tinha uma noiva...

MAURÍCIO

E não tenho!

RENATA

É que cheguei do interior, hoje, de surpresa...

MARILDA

Ah, entendi... (olha para um, para outro, por fim estende a mão para Renata)... Foi um prazer... (e começa a sair despedindo-se secamente de Maurício) Tchau, Maurício...

MAURÍCIO

Me espera... A gente conversa já já...

MARILDA (seca)

Desculpa, eu 'tou de saída... Me lembrei que vou jantar com a mamãe, hoje.

Maurício fica olhando Marilda se afastar com cara de tacho.

Renata bate com o dedo em seu ombro. Maurício se volta.

368

RENATA

'Tá a fim de jantar?

75. CARRO DE MAURÍCIO/ INTERIOR E EXTERIOR / NOITE

Maurício dirige, emburradíssimo. Renata olha de soslaio para ele.

RENATA

Não faz essa cara, vai. Ela ia jantar com a mãe.

MAURÍCIO

Que mãe? Ela é órfã desde que tinha dez anos de idade.

RENATA

Ela não serve para você... Muito vulgar...

MAURÍCIO (indignado)

Olha aqui, menina... Eu sei muito bem o que serve... E não é você.

Quase ao mesmo tempo que Maurício, Renata repete a mesma fala.

RENATA

E não é você...

E, ao dizer isso, Renata aponta com o dedo indicador para o teto da própria cabeça...

MAURÍCIO (espantado com a coincidência)

É isso aí!... Agora eu vou te levar para tua casa, entendeu?

369

RENATA

Pro restaurante...

MAURÍCIO

Pra casa!!!

O grito ecoa na agência semideserta.

76.REPÚBLICA - CORREDOR INTERIOR, COZINHA, QUARTO DE MARINA / INTERIOR / NOITE

Marina atravessa o corredor, vindo da cozinha, e abre a porta de seu quarto. Marina veste seu roupão apenas, mas está infinitamente mais tranqüila e bonita do que em outras ocasiões.

O cabelo meio desleixado não é sinal de abandono. Ela abre a porta do quarto. Leva um copo de suco natural que dará a Rocha.

77. QUARTO DE MARINA / INTERIOR / NOITE

Marina no quarto, encontrando Rocha estirado na cama, com uma bata africana, ar satisfeito. A cama está desarrumada, assim como o conjunto do quarto, vendo-se jogadas a esmo as roupas que Marina e Rocha usavam em seu último encontro. Agora existe uma valise de Rocha no quarto, sobre uma cadeira. Rocha fuma. Marina olha-o com carinho. Vai até ele e puxa uma baforada de seu cigarro. Depois o beija com intensidade proporcional às suas carências, sendo correspondida por Rocha.

370

MARINA (estirada sobre o corpo de Rocha)
Não agüentava mais te esperar.
Ele sorri, mas logo em seguida fica mais sério.

ROCHA

Precisa ter mais paciência... Aquele emprego que eu 'tava arrumando pra você, no Nordeste, não saiu...

Marina se transforma, desanimando.

ROCHA (passando a mão no rosto dela)
Mas eu 'tou de em cima de um concurso que está para sair.

Ela tira a mão dele do rosto, como se dissesse

que não quer ouvir essa conversa mole de novo. Depois parece se rearmar.

MARINA

Tudo bem... (e, tentando se alegrar novamente) O rango 'tá pronto. 'Tá a fim?

Ele confirma que sim com a cabeça. Marina estira-se sobre o corpo de Rocha.

MARINA

Pelo menos você 'tá aqui, comigo.

Ele joga os braços sobre o corpo de Marina. Ela deixa-se envolver, mas procura se recompor logo em seguida.

MARINA

A comida no fogo... Vai queimar...

371

ROCHA (excitado)

Deixa queimar...

MARINA (secando de vez)

Se a panela fosse minha... Eu deixava. Levanta-se e estende as mãos para Rocha se apoiar.

78. ENTRADA / CORREDOR / COZINHA / EXTERNA E INTERNA / NOITE

Seqüência se abre com Sofia e a seguir Adriana, atravessando a porta de entrada. Sofia acende a luz do corredor de passagem e começa a andar pelo corredor a caminho da cozinha. Sofia traz consigo um pacote de compras.

Travelling de recuo acompanha as duas, entrando pela cozinha e revelando Rocha (de bata) e Marina (sempre de roupão), que fazem um lanche natural (não há de faltar arroz integral). No corredor, Sofia e Adriana conversam.

SOFIA

Comprar é assim... Nem sempre se faz um bom negócio... Não pode é esquentar a cabeça por isso... Uf... 'Tou com a garganta seca.

79. COZINHA / INTERIOR / NOITE

372

Marina e Rocha estão sentados lado a lado, de frente para o corredor. Param de comer ao perceber a presença de Adriana e Sofia. Marina se levanta, faz as apresentações, assim que entram na cozinha.

MARINA

Gente, esse é o Rocha... Rocha..., A Sofia..., Adriana...

Sofia parece esnobar ROCHA: enquanto ele levanta o braço para cumprimentá-la, ela responde apenas com um movimento de cabeça. Adriana, ao contrário, não só é gentil como se mostra hipnotizada pela presença de Rocha. Sofia passa e vai procurar uma garrafa de vodka na geladeira.

MARINA (para Adriana, após os cumprimentos)

'Tão a fim de comer?

ADRIANA

A gente comeu fora, 'brigada.

ROCHA

A gente pode sempre conversar.

Em outro canto, próxima à geladeira, Sofia trata de abrir a garrafa de vodka, acompanhando com intensidade - e muito séria - as atitudes de Adriana.

ADRIANA

Vocês vão querer ficar sozinhos.

ROCHA (olhos fixos em Adriana)

373

Uma mulher inteligente nunca atrapalha. Adriana cria coragem e senta, em frente a Marina.

ADRIANA

Até que enfim o senhor veio... A Marina fala muito do senhor.

ROCHA (se fazendo de modesto)

Que que é isso ?

ADRIANA

O senhor sofreu muito quando foi exilado... Por baixo da mesa, Marina dá um chute em Adriana.

MARINA

É melhor não lembrar essas coisas.
Sofia, que fica atrás delas, bebendo em um copo,
atalha com crueldade.

SOFIA

Foi exilado, não. Se exilou! Voluntariamente!

ROCHA (sem perder o rebolado)

É verdade... Teve gente que sofreu muito mais
do que eu... Não posso me queixar...
Diz a última parte da fala para Marina, as duas
primeiras com a cabeça baixa, meio pensativo.
Plano de Marina, que parece constrangidíssima
- ou até ferida - com a conversa. Vê-se no mesmo
enquadramento, Rocha e Adriana.

374 Corte para Sofia que se aproxima da mesa e
junta-se ao grupo (sem sentar), colocando copos
para todos, isto é, traz três copos. Dá um a
Marina, outro a Rocha. O terceiro é seu mesmo.
Adriana, ela sabe, não bebe.

ADRIANA (durante a ação de Marina)

O senhor teve coragem... Ninguém esquece dis-
so na Faculdade.
Adriana muda de lugar, sentando-se em frente
a Rocha, que está mais atento a ela do que ao
que ela diz.

ROCHA (para Adriana)

Pode me chamar de você...
Recosta-se na cadeira antes de prosseguir...

ROCHA

Eu passei tempos duros... Paguei caro... Mas não vamos falar de mim...

SOFIA (sempre por trás de Marina e Rocha)
É melhor! Até que o senhor arrumou uma boca boa de professor em Paris, não foi? E olha que o senhor deu no pé assim que a coisa estourou. Marina ouve e se irrita.

MARINA

Que que cê queria? Que ele ficasse? Que se imolasse por causa de belos ideais? Que acabasse na mão de algum carnicheiro?
Sofia se manca e pede desculpas, enquanto começa a sair. Pega o pacote de cigarro que deixara sobre a mesa.

375

SOFIA

Eu não quis te chatear... Mas que teve gente que acabou faturando com essa história... Isso teve...
Vai em direção à porta.

SOFIA (prossequindo na arenga e preparando-se para dar o fora)
E que tem gente que agora fatura em cima da ecologia, dos negros, das mulheres, também tem, né Rocha?
Sofia volta-se para Adriana.

SOFIA

Você não vem? Talvez eles queiram ficar sozinhos.

ROCHA (mais que depressa, para Adriana)
De jeito nenhum. Está muito agradável.

ADRIANA

Eu vou ficar mais um pouco...

Sofia faz um gesto de despedida com as mãos, e vai para o corredor, subindo as escadas. Entre os que permanecem, o clima fica pesado.

ADRIANA (tenta recompor a situação com Rocha)

Não liga... Ela é assim mesmo...

MARINA

Uma chata...

ROCHA (antes que Adriana proteste)

376 Ela tem uma parte de razão. Eu não fui o herói que podia ter sido... Fui o que sobreviveu... O que escapou na hora certa...

ADRIANA (interessadíssima em Rocha)

Você fez o que achou certo... Ninguém nunca tem cem por cento de razão...

ROCHA (sorri, meio sedutor, meio reanimado)
Você acha... (e volta-se para Marina) Eu bem que avisei o Ricardo... Mas ele preferiu ficar...

ADRIANA

Objetivamente, ele errou!

MARINA (que apoia a cabeça sobre a mão fechada, junto à mesa)

Uf... Queria tanto arrumar um emprego...

ADRIANA (para Rocha)

Você não pode se culpar pelos outros... Fez a sua parte... Isso é que interessa...

80. FRENTE DA REPÚBLICA / EXTERIOR / NOITE

O carro de Maurício, trazendo Renata consigo, chega à frente da casa. Maurício breca.

MAURÍCIO

Bem, estamos entregues... Minha parte eu já fiz... Agora é só botar os óculos... Fingir que chorou um pouco... Que eu te dei o fora... 'Tá até autorizada a me chamar de canalha.

RENATA

Você foi legal.

Ela diz isso e coloca os óculos escuros. Em seguida, faz menção de abrir a bolsa.

RENATA

A gasolina... Quanto eu devo...
Ele faz cara de que não entende.

RENATA

Te fiz andar de lá pra cá esses dias.

MAURÍCIO

Nada... Esquece...

Renata pega um cigarro no maço que está sobre o painel do automóvel.

RENATA (pegando o isqueiro a seguir)
Pelo menos o jantar foi bom, né?

MAURÍCIO

Hum, hum...

Renata acende o cigarro e, imediatamente, coloca o isqueiro na bolsinha que traz a tiracolo. Maurício, que olha para frente, não percebe o gesto da menina.

RENATA (fumando sem tragar)
Amanhã eu ligo pro Banco e explico pr'aquela menina que a gente nunca teve nada.

MAURÍCIO (voltando-se, alarmado)
Olha, melhor não fazer nada, tá?
Diz isso e leva a mão ao trinco da porta de Renata, para abri-la. Abre. Renata atira o cigarro fora.

378

RENATA

Melhor ficar por aqui, então.

Os dois trocam um aperto de mão sem nada dizer. Ela sai do carro sem dizer palavra, deixando a porta aberta. Maurício fecha a porta, enquanto Renata se encaminha para a casa.

Plano de Maurício que acompanha os movimentos de Renata com o olhar.

Plano de Renata abrindo a porta da casa e entrando.

Plano de Maurício suspirando aliviado, recostando-se no banco.

Retoma a posição normal em seguida.
Plano do painel, com Maurício ligando o rádio e, em seguida, o carro.
Plano geral do carro partindo.

81. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Adriana está junto à mesa de Renata, remexendo papéis e livros, quando Renata entra, postando-se junto à porta. Continua de óculos escuros.

RENATA

Oi.

ADRIANA (meio pega em flagrante)

Oi. Eu 'tava procurando aquele livro do Sartre que te emprestei, pra mostrar pro Rocha.
Renata entra, vindo até Adriana.

379

RENATA

O tal Rocha pintou?

Nesse instante, ela vê Rocha, que, agachado, remexe seus discos. Levanta-se trazendo um, presumivelmente de um cantor ou conjunto que representa a música negra ou com raízes negras (tipo rock ou reggae). Levanta-se entusiasmado, indo para perto das moças.

ROCHA (para o disco, batendo nele com as mãos)

Maravilha... (e, para Renata) Não dá pra escutar?

Renata concorda com a cabeça, meio atônita, voltando-se em seguida para Adriana, como a pedir explicações, e tirando os óculos.

ADRIANA (sacando)

Ele que é o professor Rocha.

Adriana esta entusiasmada. Nesse instante, Marina aparece na soleira da porta, encostando-se.

ROCHA (para Renata, tirando linha)

Prazer...

Renata responde com a cabeça.

MARINA (da porta)

Vamos recolher, Rocha?

380

ADRIANA

Ah, fica mais com a gente (para Rocha, óbvio).

ROCHA (para Marina)

Dá um tempo... Faz séculos que 'tou atrás dessa música.

Ato contínuo, vai até a vitrola colocar o disco.

Renata vê aquilo com muito maus olhos.

ADRIANA (observando Renata)

Di, alguma coisa errada?

RENATA

Nada.

ADRIANA

Como, nada. Que cara mais passada.

A música que começa a tocar se presta tanto a que os casais dançam separadamente como unidos.

RENATA

Nada mesmo.

Rocha começa a ouvir a música e sai balançando o corpo desajeitadamente.

ADRIANA

Vai me dizer que acabou?

Renata nada responde. Rocha dança, indiferentemente ao diálogo. Faz sinal a Marina para que venha dançar com ele. Ela diz que não com a cabeça.

ADRIANA (preocupada)

Que foi desta vez?

Renata nada responde. Bufo, mal-humorada. E depois, quase que abruptamente, entra no improvisado salão, começando a dançar com Rocha. Dá um show, com passos rápidos, ágeis, bonitos, contrastando com o sem-jeito de Rocha que pula pra lá e pra cá.

381

82. CARRO DE MAURÍCIO E RUAS / INTERIOR E EXTERIOR / NOITE

Maurício ouve música no rádio do carro. Parece descontraído. Acompanha os compassos batendo com a mão no volante. Pega um cigarro no painel do carro. Procura o isqueiro.

Não está lá. Começa a consultar os bolsos, batendo neles. Nada. Um farol vermelho. Maurício pára, olha melhor os bolsos de todos os lados. Nada encontra. Faz um gesto de desânimo com a cabeça.

MAURÍCIO (entre dentes)

Filha da puta!

83. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

A dança continua. A seqüência se abre com plano fechado de Renata, que dança de maneira muito sensual uma outra música (att.: esta sim, deve ser para dançar junto ou separado).

382 Rocha, incessantemente tenta se aproximar dela, colar-se a ela, segurá-la.

Ao fundo, junto à porta, Adriana e Marina observam a dança, cada qual emburrada à sua maneira, isto é, Marina muito mais.

Após um tempo, Rocha diminui o ritmo para descansar, puxa um lenço da bata, enxuga o rosto: mais admira os movimentos de Renata do que dança propriamente. Ouve-se um ruído de campainha. O ruído se repete. Renata e Rocha nem parecem escutar. Adriana é que se toca.

ADRIANA (para Marina)

Quem será a essa hora?

Marina dá de ombros, enquanto Adriana sai pelo corredor para verificar.

84. CORREDOR INFERIOR / INTERIOR / NOITE

Corredor, junto à porta de entrada. Adriana entra em quadro e para junto à porta.

ADRIANA

Quem é?

MAURÍCIO (off)

Maurício.

Adriana destranca e abre a porta. Maurício entra, com cara de poucos amigos.

MAURÍCIO

Cadê tua amiga?

Adriana atônita, chega a esboçar um “que que aconteceu?”, mas Maurício, que logo após ter feito a pergunta parece se fixar na música que vem do fundo, nem lhe dá atenção e parte naquela direção. Adriana assombrada.

383

85. CORREDOR E QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Maurício chega junto à porta do quarto de Renata. Ela - que continua a dançar - ensaia um flerte e troca rápidos abraços com Rocha.

Plano de Maurício, aturdido ao ver a desenvoltura de Renata (tanto na dança quanto vis-a-vis de Rocha). No mesmo enquadramento, aparecem Marina - encostada no outro batente da porta, emburradíssima - e Adriana, que

também não vê a cena com bons olhos, pois está a fim de Rocha.

ADRIANA (meio desanimada, para Marina)
Você não dança?

MARINA

Vou descansar.

Marina sai, Adriana segue-a com o olhar. Deixa o copo que tem nas mãos com Maurício e entra na dança. Tenta, visivelmente, chamar a atenção de Rocha, mas é posta sempre de escanteio por Renata, que de tempos em tempos olha para Maurício.

Em dado momento, Rocha chama Adriana para junto de si. Ela abre caminho por trás de Renata e chega junto dele. Rocha abraça-a, mas não se mostra contente: numa passagem de Renata, pega-a pelo cangote e também a abraça. Fica com uma garota em cada braço, dançando com ambas. Fala a Maurício.

ROCHA

Entra na dança, companheiro... Libera o corpo... Em seguida, beija Renata no pescoço, descaradamente. Ela não se queixa. Maurício observa a cena, completamente pasmo.

Adriana - que viu, passada, o beijo de Rocha em Renata - sai do grupo e busca Maurício, puxando-o com as mãos para a roda (que obviamente se tornou apertada).

ADRIANA (a Maurício)

Vem.

Maurício começa a dançar, timidamente. Dá um gole no copo que lhe foi entregue por Adriana - um gole grande - e deixa-o em seguida sobre um móvel. Dança com Adriana, igualmente, quer controlar a Rocha. Tanto que em determinado momento, ela faz Maurício girar, obrigando-o a ficar de costas para Rocha/Renata. Rocha e Renata dançam grudados neste momento. E Rocha, não deixando por menos, começa a beijar o pescoço de Renata, vindo depois para suas orelhas.

Maurício interrompe a dança, aterrado, para contemplar a cena.

Neste instante, Marina passa em frente à porta. Ela se detém.

Plano de Marina contemplando a movimentação e olhando feio para Rocha. Rocha se desatraca de Renata e chama Adriana para perto de si. Adriana atende o chamado e vem até perto de Rocha. Cria-se uma situação em que Renata fica atrás de Rocha e de Adriana, praticamente encurralada pelo casal Rocha/Adriana, dançando solta, mas sem conseguir chegar a Maurício. Plano de Marina na porta, olhando feio para a situação.

MARINA (para Rocha)

Você não vem?

ROCHA

Já, já...

Plano de Marina se afastando, contrariada, na direção de seu quarto. Plano de Rocha. Adriana e Renata, esta última solta, dançando. Maurício fuzila Renata com o olhar.

RENATA

Me traz uma bebida?

Maurício diz que sim com a cabeça e sai para a cozinha, obedecendo.

86. COZINHA / INTERIOR / NOITE

A garrafa de bebida sobre a mesa da cozinha. Maurício entra em quadro, segurando a garrafa com ódio. Serve a bebida em um copo. Volta na direção do quarto.

386

87. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Continuação do 85.

Maurício entra, procurando entregar a bebida a Renata. Esta consegue se esgueirar e vir até ele. Pega a bebida. Maurício tem um jeito constrangido. Ela dá um grande gole.

MAURÍCIO

Bom, eu vou indo...

Renata não lhe dá muita atenção, sai dançando sozinha.

Maurício vai saindo, quando é visto por Rocha, que vai atrás dele, e o segura pelo cangote.

ROCHA

Liberando o corpo, companheiro ... Liberando... Maurício se liberta de Rocha com um jogo de ombros, mas não de Adriana, que o agarra e o força a continuar na dança.

Rocha não se aperta e vai para cima de Renata, segurando-a sensualmente pela cintura.

Adriana força a barra e tenta dar um beijo em Maurício, que a princípio estranha. Depois, cede. Plano de Renata, que vê a cena com maus olhos. Plano de Adriana e Maurício. Terminam o beijo. Adriana sorri para ele. Maurício desvia o olhar para o outro casal.

Topa com o olhar de Renata, cravado nele.

Plano de Adriana e Maurício. Adriana percebe o que se passa com o parceiro e, habilmente, trata de trazê-lo para junto do outro casal. Os quatro se embolam e Adriana promove a troca dos pares. Em dado momento, ela está bem próxima a Renata e fala em seu ouvido, apontando Maurício.

ADRIANA

Ele está louco por você...

E sai dançando com Rocha, enquanto Renata fica com Maurício.

Renata e Maurício olham-se demoradamente, sem dizer nada um ao outro.

88. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Corte direto para mesa do quarto de Renata. Música lenta. Iluminação menos clara. Pela primeira vez, o quarto de Renata está uma completa balbúrdia, com copos, garrafas, objetos no chão, roupa de cama amarfanhada. Resultado da festa que ali se realizou.

Sobre a mesa, a garrafa de bebida, vazia, copos misturando-se aos objetos de estudo e pessoais de Renata. A câmera corrige para o centro do quarto, onde os dois casais dançam agora uma música romântica. Adriana diz alguma coisa ao ouvido de Rocha (ela está pendurada nele, praticamente). Este, animadamente, concorda com a cabeça e ar de satisfação. Os dois param de dançar e saem abraçados do quarto, deixando ali Maurício e Renata.

388

89. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / NOITE

Corte para quarto de Sofia, que escreve (e bebe). Ouve-se o ruído de passos subindo a escada. Ligeiro travelling em direção a Sofia. Ouvem-se cada vez mais nitidamente as vozes de Adriana e Rocha, até que se escuta a porta do quarto de Adriana fechar (obviamente, primeiro ela é aberta em off). Sofia, inquieta, acende um cigarro.

ADRIANA (off)

Chi... Esqueci o livro lá embaixo...

ROCHA

Não esquenta. Eu posso autografar em você...

90. QUARTO DE MARINA / INTERIOR / NOITE

Marina esta sentada no colchão, em posição de ioga, imóvel. A porta está aberta, ouvindo-se o ruído de música que vem do quarto de Renata. Ela tem um ar entorpecido e a tesoura próxima a si. A música cessa subitamente. Marina, com muita tensão no rosto, mas um gesto quase automático, leva a mão à tesoura.

91. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

A porta do quarto está aberta. Renata entra em quadro, trazendo na mão a capa de um disco e o disco. Encosta a porta, com o olho posto em Maurício (off) e quase imperceptivelmente, tranca-a.

Renata volta para o outro lado. Maurício esta de costas para a cena. Renata termina de guardar o disco na capa e joga-o sobre o móvel onde está apoiado Maurício. Observa a bagunça.

RENATA

Uf... Amanhã eu arrumo isso (leva a mão à testa)... Não devia ter bebido tanto.

Maurício vem até ela, sem dizer nada, mas Renata se desvia e atira-se na cama com os braços abertos.

RENATA

Acho que vou dormir direto.
Maurício ergue o rosto e bufa, como a dizer que está com o saco cheio dessa história. Decide-se.

MAURÍCIO

E eu?
Renata vira-se ao escutá-lo. Parece ter o corpo pesado. Olha para o relógio, indolente.

RENATA

Já 'tá tarde... Melhor você ir andando...
Maurício segura-a pelos ombros, enfurecido, como quem vai sacudi-la. Nada diz.

390

RENATA

Tudo bem... Se quiser, pega as coisas no armário e deita aí (aponta para o chão).
Diz isso e volta a se recostar, de costas para Maurício.

MAURÍCIO

Pô... 'Tá me achando com cara de palhaço?

RENATA (virando o rosto)

Amanhã a gente conversa, tá?

MAURÍCIO

Amanhã, a mãe! Ficou me cozinhando a noite inteira agora quer tirar o corpo fora, é?

Ele a ergue, a custo, com energia.

RENATA (durante a ação)

Grosso...

MAURÍCIO

Grosso mesmo...

Ele começa a tirar a camisa. Ela olha o espetáculo atônita e como que desperta. Levanta-se e tenta ganhar a saída. Maurício a segura.

RENATA

Você 'tá bêbado!

Maurício empurra-a de volta com um safanão no peito. Ela cai na cama. Ela termina de tirar a camisa.

RENATA (observando-o com horror)

Eu vou gritar...

MAURÍCIO

Pode gritar.

Ele parte para cima dela, jogando-se na cama e tentando beijá-la. Ela se defende como pode, cravando a mão em seu rosto. Os dois se levantam, continuando a briga. Ela crava a mão no rosto de Maurício com determinação, arranha-lhe a testa (sai sangue). Ela se defende com tal força que, ao fim de um tempo, Maurício parece desanimar. Pede-lhe que largue.

MAURÍCIO

Larga!

Ele afrouxa os gestos. Detém-se. Ela também o solta. Olham-se.

RENATA

Ficou louco, ou o quê?
Maurício recolhe a camisa no chão.

MAURÍCIO

Escuta, quantos anos você tem, hein?
Renata não responde.

RENATA (tempo depois, séria)

Você queria me fazer mal?

92. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

392

Plano de Rocha, em PP com o peito descoberto, voltado para um dos cantos do quarto. Ele tem nas mãos a bata que vestia. Joga-a longe. Adriana entra em quadro e o abraça por trás, levando-o para a cama.

ADRIANA

Não é uma loucura? ... A Marina afinal é minha amiga...

ROCHA

E daí?
Os dois caem na cama, fazendo-se carícias.

ADRIANA

Eu 'tô te roubando dela.

ROCHA

Um homem livre não tem dono.

ADRIANA

Mas eu sou tua, se você quiser.

Diz isso sensualíssima, num momento em que está com o dorso virado pra cima.

Plano do corpo de Adriana, o dorso para cima. Rocha corre sua mão sobre ele de alto a baixo. Em dado momento pára, começa a escrever o próprio nome (Rocha) com a ponta do dedo indicador, nas costas de Adriana.

Adriana se diverte com a brincadeira, ri com prazer, eventualmente pergunta o que ele está fazendo.

Ao final, Rocha sorri, maliciosamente (PP de Rocha).

ROCHA

É... Você pode me roubar... É mais bonita, mais inteligente... Mais gostosa.

Ela absorve a grossura como se nada tivesse acontecido. PP de Adriana enlevada, crava a boca na barriga de Rocha. Plano aberto, mostrando os dois. Reação de muito prazer de Rocha. Um tempo depois, Adriana desfaz a mordida, soltando a cabeça no ar, meio para fora da cama.

ADRIANA

Eu quero te fazer bem...

93. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Plano de Maurício que recoloca a camisa, em 3/
4 de perfil, de maus bofes.
Termina de recolocá-la.

RENATA (off)

Você não ia fazer isso, ia?

MAURÍCIO

Isso o que?

RENATA (off)

Me estuprar.

MAURÍCIO (impaciente)

Sei lá...

Ele leva a mão ao estômago, como quem está
enjoado, e vem na direção de Renata, que está
junto à mesa de estudos.

MAURÍCIO

Você não tem um Sonrisal, aqui, tem?

RENATA (pensativa)

Não... Acho que não...

MAURÍCIO (colocando o paletó)

Não tem Sonrisal?

RENATA

Não! Não ia me estuprar!

MAURÍCIO

Que puta diferença isso faz?

RENATA

Pra mim faz muita.

Ele olha feio para ela. Termina de arrumar o paletó e sai na direção da porta. Ela vai atrás dele e pega a gravata que está no bolso do paletó. Maurício, com raiva, segura a outra ponta.

MAURÍCIO

Dá isso aqui!

RENATA (soltando)

Tudo bem. Só ia dar o laço em você.

Ela sai de quadro. Ele coloca a gravata em torno do pescoço e dá um improvisado laço, sem espelho, e por fora mesmo do colarinho.

MAURÍCIO

Me devolve meu isqueiro.

395

RENATA

Que isqueiro?

MAURÍCIO

O isqueiro. O que você me roubou no carro.

RENATA

Você 'tá biruta, cara.

MAURÍCIO (irritado)

Deixa eu olhar na tua bolsa, então.

Renata pega a bolsa com raiva e atira na direção de Maurício. Ele esvazia a bolsa sobre a mesa com um gesto brusco. Entre mil outros pequenos objetos que caem (pasta, escova de dentes, bomba para asma, pente, etc.) discerne o

pequeno isqueiro. Pega-o. Ergue mostrando-o triunfalmente para Renata.

RENATA (sem jeito)

Não percebi.

MAURÍCIO (incrédulo)

Não percebeu...

RENATA

Só por isso que você voltou?

MAURÍCIO (guarda o isqueiro)

Isso aqui é presente da minha mãe...

RENATA

Eu não ia roubar... Podia ter voltado outro dia.

MAURÍCIO

Outro dia? Você não acha que já chega?

RENATA

Chega de que?

MAURÍCIO (se enfurecendo outra vez)

Olha, pode ser que eu não seja um cara muito cabeça, que nem vocês... Mas não precisava gozar da minha cara. Vocês acham que são donas do mundo porque estudam...

RENATA (cortando, falando mais alto do que ele)

Ninguém aqui 'tá gozando com a tua cara...

Maurício termina de dar o nó na gravata e se vira na posição onde ela está (PM dela).

MAURÍCIO

Tchau... tchau mesmo, amiguinha...
A palavra, a expressão, o gesto: tudo se interrompe. Ele permanece boquiaberto.
Plano de Renata, sem vestido, envergonhadíssima, cobrindo o corpo como pode.
Maurício desfaz a expressão de espanto. Vira-se, move-se, coça a cabeça.

MAURÍCIO

Onde 'cê tá querendo chegar, hein?
Diz isso como quem já não entende nada. As coisas perderam a lógica para ele.

RENATA (sempre intimidada)

Onde você quiser.
Maurício resolutivo vai até o vestido que ela usava (agora jogado sobre a cama) e atira-o na direção de Renata.

397

MAURÍCIO

Toma. Se veste.
Plano de Renata recebendo o vestido e pasma, por sua vez, com a reação de Maurício. Passa do espanto a uma relativa ternura.

RENATA

Eu tinha certeza que você não ia me pegar na marra.
Maurício trinca os dentes e sai resolutivo na direção da porta. Força. Nenhum resultado. Vira-se, aparentemente exausto.

Plano do rosto de Renata, abrindo um meio sorriso, olhar meio voltado para baixo.

Plano do rosto de Maurício, entre cansado e irado.

Plano do detalhe da mão de Renata se abrindo e mostrando a chave.

Plano de Maurício, estupefato.

Plano aberto: Maurício caminha até Renata. Introduce sua mão na mão onde Renata segura a chave. Em vez de retirá-la, as mãos começam a se colar e entrelaçar. Por fim, a chave cai ao chão. Renata recosta a cabeça no ombro de Maurício e começa em seguida, a beijar o seu pescoço apaixonadamente. Pára um tempo depois. Afasta-se um pouco.

398

RENATA

Não sei porque... De você eu não tenho medo. Ela se afasta mais um passo e estende o braço com o qual segura o vestido.

Plano da mão com o vestido. Plano do vestido caindo no chão

94. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

Chão. Detalhe do corpo de Adriana caindo sobre um tapete, seguido pelo rosto de Rocha que morde à altura do ombro, com enorme vigor, meio selvagememente. Ela se contorce de dor e prazer a um só tempo. Geme.

ADRIANA

Você, sim, é homem.

E inverte a posição, passando as unhas com muita força no corpo de Rocha.

95. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Plano fechado no rosto de Renata deitada na cama. O rosto de Maurício entra em quadro, puxando pelas mãos de Renata.

RENATA

Eu te queria.

Percebe-se que começaram a transar.

Corte para panorâmica pelo quarto bastante desarrumado, indo encontrar Maurício e Renata deitados na cama, grudados um no outro, imóveis, calados. Ao fim de um tempo, separam-se. A expressão de Renata se ensombrece.

399

RENATA

Agora você não vai me querer mais.

MAURÍCIO (surpreso)

Por quê?

RENATA

É assim que o homem faz, não é?

MAURÍCIO (dando de ombros)

Sei lá...

RENATA (considerando tudo)

Não faz mal... Foi bom...

MAURÍCIO (acendendo um cigarro)
Foi...

RENATA (dando de ombros)
Toda menina deve te falar isso...

MAURÍCIO
Às vezes... Mas é gostoso quando você fala.
Renata beija-o no corpo e, preparando-se pular
sobre o corpo de Maurício, avisa.

RENATA
Vou tomar um banho...

96. QUARTO DE ADRIANA / INTERIOR / NOITE

400

Depois de uma relação completamente diferente da que Adriana tivera com Rubinho: ardente, esta, terminando com uma grande mordida dada por ela no ombro ou pescoço de Rocha.

Os dois continuam no chão, sobre o tapete. Rocha está virado de barriga para cima. Adriana de lado, voltada para ele e segurando na barriga dele com as mãos...

ADRIANA (quase num sussurro)
Eu nunca tinha sentido assim, antes.

ROCHA (cafajeste em tom ligeiro)
É minha especialidade.

ADRIANA
E pra você? Foi bom?

Ele faz que sim com a cabeça. Ela coloca a cabeça sobre a barriga dele (voltada para ele, invertendo a posição do corpo), sombria.

ADRIANA

E a Marina?

ROCHA

Que que tem ela?

ADRIANA

É apaixonada por você.

ROCHA

Não é por mim... É pelo que eu represento... Porque eu sou pra ela uma espécie de continuação do Ricardo.

401

ADRIANA (objetiva)

Dá na mesma... Agora ela te perdeu... Pra mim... Rocha ao ouvir isso ergue o corpo, obrigando-a a se virar para não bater com a cabeça na parede.

ADRIANA

Espera mais um pouco...

ROCHA (levantando)

Eu acho que você não entendeu... Eu queria uma coisa... Você também queria... A gente transou numa boa... Não quer dizer mais nada... Ele se levanta, procurando sua bata e veste-a. Veste a cueca em seguida. Ela, que fica sentada

no chão por um tempo, levanta-se quando ele diz “não quer dizer mais nada”.

ADRIANA

Nada?

ROCHA

A gente se conheceu melhor... Só isso... Uma boa amizade.

ADRIANA (meio sarcástica)

Colorida...

ROCHA (já vestido, calçando as sandálias)

Colorida... É isso aí.

Rocha passa a abrir o armário de Adriana e fica remexendo as roupas.

402

ROCHA

E não pensa que com Marina é diferente... A minha (aponta o próprio peito) independência vem em primeiro lugar.

Adriana veste um roupão e vem até Rocha, junto ao armário. Fala com tom mais alto, quase suplicante.

ADRIANA

Você não entende o que significa para mim?

Rocha tira o rosto do armário, vira-se para Adriana. Faz um carinho no nariz da menina, usando os dois dedos como se fossem alicate.

ROCHA

Juízo, menina!... O que você quer? Um caso sério com um coroa que mora longe daqui, é casado, pai de dois filhos... E mutuário do BNH... Adriana engole em seco com a informação.

ADRIANA (se recobrando, intimidada)

A... A Marina sabe disso?

Rocha volta a fuçar no armário.

ROCHA

Escuta... Onde é que 'cê tem toalha?... Eu deixei a minha lá embaixo.

ADRIANA (seca, cruzando os braços)

Desce e pega.

Ela diz isso e cruza à frente de Rocha, indo se sentar na cama.

Rocha dá meia volta para falar com ela.

ROCHA

Pra que incomodar a Marina?... Ela deve 'tar dormindo...

ADRIANA (sequíssima)

E por acaso 'cê tá pensando em ficar aqui?

E aponta a própria cama com o dedo.

Rocha vem até junto dela, faz um carinho em sua cabeça, segura seu rosto com as mãos.

ROCHA

Não seria uma boa?

Adriana pensa um instante. Depois acede com

a cabeça, ainda um pouco triste. Em seguida abraça as pernas de Rocha.

ADRIANA

Eu quero...

Logo depois tira a cabeça das pernas de Rocha e fala, objetivamente.

ADRIANA

E a Marina? Como é que a gente faz?

ROCHA (um pouco contrariado)

Tudo bem... Eu desço e falo com ela.

ADRIANA

É melhor... Senão fica um grilo...

404

97. QUARTO DE SOFIA / INTERIOR / NOITE

Luzes apagadas. Plano de um cinzeiro no chão (anteriormente estava sobre a mesa), cheio de pontas apagadas. O braço de Sofia entra em quadro e pinga a cinza. A camera acompanha o braço que sobe, até encontrar seu rosto: Sofia está enterrada nas cobertas, ar tresnoitado. Ligeira aproximação da camera em direção a seu rosto, enquanto tira uma longuíssima baforada de cigarro.

98. CORREDOR SUPERIOR E ESCADA/ INTERIOR/ Noite.

Rocha fecha a porta do quarto de Adriana e segue em direção às escadas. Desce alguns degraus.

Ouve-se ruído de porta se abrindo no andar superior: Rocha olha para cima. É Renata que aparece, corpo molhado, enrolada numa toalha (AT: se banheiro for em frente a quarto de Adriana, quando Rocha sair deve-se ver luz no banheiro). Rocha permanece estático, a contempla-la. Renata desce alguns degraus, passa por ele sem se deter.

RENATA (de passagem)

Oi.

Ele faz um gesto com o braço e uma exagerada mesura, como que a dar-lhe passagem.

99. ESCADAS E CORREDOR INFERIOR / INTERIOR / NOITE

405

Renata passa por Rocha e continua a descer as escadas sem se deter.

Plano do andar elegante de Renata, vista de costas, descendo as escadas (PV de Rocha).

ROCHA

Rocha, você não presta...

Plano tomado do corredor inferior, vendo-se Renata chegar embaixo e entrar em seu quarto, enquanto Rocha recomeça a descer as escadas, vindo na direção do quarto de Marina.

Câmera corrige em pan, acompanhando-o até que chegue à porta do quarto. A porta está aberta. Não se vê Marina.

Rocha entra no quarto pé-ante-pé.

100. QUARTO DE MARINA / INTERIOR / NOITE

Plano de Rocha, boquiaberto. Plano de Marina, sentada ainda em posição de ioga, mas em outro lugar (na cadeira, junto à mesa de estudos). Ela está imóvel. Usa um cobertor sobre o corpo (parece chefe de índio de faroeste) e tem marcas de sangue na testa. Rocha hesita em entrar. Resolve chamá-la pelo nome.

ROCHA

Marina... Marina...

406

Marina não reage. Parece totalmente entorpecida. Rocha chega junto dela, segura-a sacode de modo autoritário. Dá dois tapas em seu rosto.

Marina desvia o olhar para ele, finalmente: olhar de poucos amigos, diga-se.

ROCHA

Que que houve ?

Marina abre o cobertor, deixando aparecer o corpo todo marcado pela tesoura, que permanece na mesa de estudos.

Rocha olha para aquilo assombrado. Passa a mão nas manchas de sangue.

ROCHA

O que foi isso?!

MARINA (sem olhar para ele)
Você sabe!

ROCHA (fazendo-se de desentendido)
A menina? Louquinha... Gente deslumbrada, fica querendo me mostrar o trabalho de escola pedindo conselho... Essas coisas... Como você pode ser tão louca?... Vem comigo... Vou te levar para um médico agora!

MARINA (olhar fixo em algum ponto, nunca nele)
Que nem você fazia antigamente. Vinha visitar o Ricardo (aqui, sim, olha para ele), mas me comia... Filho da puta.

ROCHA
Não houve nada...

MARINA
Ele não foi pego, Rocha... Ele praticamente se entregou... Ele podia fugir, mas ficou... Porque ficando ele sabia que seria morto... Que ficaria livre da gente...

ROCHA
Que besteira, Marina...

MARINA
Essa é a história, Rocha.

ROCHA (levanta-se)
Você 'tá delirando... Vou te levar num hospital... Vem...

Ele estende a mão para ela, que com um gesto rápido pega a tesoura que está sobre a mesa e, deixando cair o cobertor, dá um forte abraço em Rocha. Como se fosse um abraço apaixonado.

Plano dos dois abraçados por algum tempo, como se tivessem dançando.

Plano do rosto de Rocha, com os olhos esbugalhados.

Plano das costas de Rocha, com a tesoura fincada.

Plano dos dois, com Rocha e Marina se separando, Rocha saindo para fora do quarto, cambaleando, com a tesoura grudada nas costas.

408 101. QUARTO DE RENATA / INTERIOR / NOITE

Plano da Renata que se enxuga com a toalha. Maurício está deitado. Ouve-se o berro em off de Rocha, enorme. Renata se enrola e sai correndo.

102. CORREDOR INFERIOR / INTERIOR / NOITE

Plano baixo, mostrando todo o corredor, parte das escadas, a porta do quarto de Renata. Rocha está caído, metade dentro, metade fora do quarto de Marina, estrebuchando. Renata aparece à porta, corre para ver o que aconteceu. Ela coloca as mãos no rosto, em concha.

Pára quando vê Rocha. Marina aparece à porta. Olha para Rocha sem dizer nada. As outras moças, Sofia e Adriana, chegam ao local, vindo pela escada. Maurício aparece em seguida e se posta atrás de Renata.

Plano tomado do alto: o círculo que se fecha em torno de Rocha acaba por tapar praticamente a visão de seu corpo. Renata vira-se para não ver a cena colocando a cabeça nos ombros de Maurício.

Plano de Adriana e Sofia ainda na escada.

SOFIA

É bom tomar alguma providência... Ou vai todo mundo ficar parado?

103. FRENTE DA REPÚBLICA / EXTERIOR / DIA

Corte para a rua na frente da República. Amanhecer. Rubinho desce de um ônibus e, sossegadamente, se endereça para a casa. Olha para frente. Vê uma ambulância e um carro de polícia.

Rocha esta sendo transportado, de maca, para a ambulância, enquanto Marina é colocada, inconsciente, no carro de polícia.

Sofia, Renata, Adriana e Maurício permanecem no local. Vêem-se, também, o Delegado e Vladimir. Poucos passantes.

Ao ver a cena, Rubinho corre para o local.

Adriana o recebe. Está visivelmente traumatizada, usa seus óculos escuros. Renata usa os óculos escuros de Sofia. Todos se vestem improvisadamente.

RUBINHO (preocupado, a Adriana)
Que que houve ?

ADRIANA
Me leva daqui, depois eu te explico.

RUBINHO
Vem comigo...

Os dois se afastam da cena, alguns passos. Ela pára. Enlaça Rubinho pela cintura, apóia a cabeça em seu ombro. Recomeçam a andar.

410 O Delegado sai da casa, trazendo a tesoura na mão (envolta em um lenço) e Vladimir a seu lado. Eles atravessam o jardim, chegam à calçada, onde está o que restou do grupo. Ele passa por Sofia. Pára, olha-a fixamente.

DELEGADO
Vocês me torram o saco, hein?
Sofia nada responde. Ele segue até o carro de polícia. Entra, acompanhado por Vladimir. O carro parte sem acionar a sirene (AT: a ambulância, presume-se, deixou o local assim que Rocha foi colocado lá dentro).
Plano dos três remanescentes (Sofia, Renata, Maurício), vendo o carro se distanciar.

MAURÍCIO (para Sofia)

Quer que eu te deixe em algum lugar?

Sofia responde com a cabeça, negativamente. Renata segura Maurício pelo braço e leva-o para seu carro.

RENATA (para Sofia)

Depois eu devolvo os óculos.

SOFIA

Pode ficar. Eu arrumo outros.

Os dois se afastam, indo para o carro. Sofia se encosta na grade da casa. Olha para os dois lados. Acende um cigarro. A câmera se aproxima de seu rosto.

104. PENITENCIÁRIA / INTERIOR / DIA

411

Sala de visitas da penitenciária, vendo-se a grade que separa o detento do visitante. Leon aparece, trazendo um pacote de cigarros (o mesmo visto anteriormente com Sofia) na mão. Sorri e, com um gesto, agradece a alguém por tê-lo trazido. Senta-se. Só então Sofia aparece em quadro, do outro lado da grade. Leon acende um cigarro. Sofia - que está com outra roupa, não a da seqüência anterior - começa a conversa.

SOFIA

Vai conseguir livrar a cara?

LEON (faz cara otimista)

Vou puxar uns dois anos... Em nove meses 'tou na condicional...

SOFIA

'Tá tudo bem?

LEON

Apanhei que nem cachorro.

SOFIA

Não parece.

LEON

O cara sabe fazer direitinho.

Tempo. Silêncio. Sofia acende um cigarro.

412

LEON

E a tese?

SOFIA (dando de ombros)

Pro ano que vem... Acho... Um tempo maior.

LEON

Eu quero... Acho que quero...

Sofia coloca lentamente as mãos na grade, como se as estivesse colocando no rosto de Leon.

SOFIA

Que caminho comprido para te descobrir, Leon...
A câmara se afasta, deixando os dois personagens praticamente imóveis.
Fade out muito lento.

F I M

fotolito, impressão e acabamento

imprensa**o**ficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 123401
www.imprensaoficial.com.br

Casa de Meninas

Inácio Araújo é um dos mais importantes e reconhecidos críticos de cinema do Brasil, com um longo e notável trabalho no jornal **Folha de São Paulo**. Mas Inácio tem também experiência prática no cinema, onde trabalhou muitos anos como montador e roteirista, e até mesmo como diretor. Nesta edição especial da **Coleção Aplauso**, Inácio apresenta seu romance **Casa de Meninas**, de 1985, escrito originalmente como roteiro para cinema. Você terá uma oportunidade rara: ler duas versões da história de duas personagens, Marina e Renata: o romance literário (influenciado pelos acontecimentos de maio de 68 na França, e pelo escritor Alcântara Machado) e também a inédita adaptação cinematográfica para roteiro (apesar dos esforços de Inácio, nunca filmado).

Irá perceber assim duas linguagens diferentes. Como afirma o autor: *O personagem romanesco tem a personalidade definida por idéias e palavras, enquanto o personagem cinematográfico define-se por seus atos. Daí roteiros serem peças necessariamente incompletas: o que lhes dá vida é um rosto, uma gestualidade, um cenário - coisas que com freqüência passam despercebidas ao espectador, e mesmo ao leitor profissional de roteiros. Já no livro o escritor esmera-se o mais possível em descrever.*

Ler o romance e o roteiro de **Casa de Meninas**, é uma experiência única e esclarecedora.

ISBN 85-7060-257-X



9 788570 460257 2